

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Pedro Paulo Sammarco Antunes

Travestis envelhecem?

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

SÃO PAULO

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Pedro Paulo Sammarco Antunes

Travestis envelhecem?

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

Tese apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para a obtenção do
título de Mestre em Gerontologia pela
Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, sob orientação da Professora
Doutora Elisabeth Frohlich Mercadante

São Paulo
2010

Banca Examinadora

Dedico este trabalho à amiga Laura de Vison (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora **Profª Drª Elisabeth Frohlich Mercadante**, pela confiança em minhas capacidades e por ter me ensinado a ser um pesquisador, com o carinho e dedicação de uma grande amiga e sabedoria de uma acadêmica excelente.

À **Profª Drª Vera Lucia Valsecchi de Almeida** pelo profissionalismo, carinho e exímio cuidado no trato com os alunos, e pela participação fundamental no exame de qualificação que contribuiu para a execução deste estudo com críticas e sugestões que engrandeceram muito o presente trabalho.

À **Profª Drª Maria Helena Villas Boas Concone**, pela valiosa participação no exame de qualificação e pelas especiais contribuições oferecidas a este trabalho.

Ao **Prof. Dr. Juracy Armando Mariano de Almeida**, pelas contribuições acadêmicas durante o processo do mestrado.

Ao **Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, pela oportunidade de realizar este trabalho.

À **CAPES**, pela concessão da bolsa de estudos que possibilitou a conclusão desta pesquisa.

Às **colaboradoras** desta pesquisa por contribuírem com suas histórias de vida para a realização deste trabalho, meu agradecimento especial a todas vocês.

Aos demais **professores, colegas de mestrado e autores consultados** pelo apoio e trocas acadêmicas valiosas.

A todos os **familiares e amigos queridos**, pelas conversas, apoio, carinho, amor e que têm me acompanhado nessa trajetória de batalhas e conquistas. Por fim, a todos que direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho. Meus **profundos agradecimentos!**

“Desde que tudo no mundo é causado pelo concurso das causas e condições, não poderá haver nenhuma distinção básica entre as coisas. As aparentes distinções são criadas pelos pensamentos absurdos e discriminadores dos homens. No firmamento não há a distinção entre o leste e o oeste; os homens criaram, em suas mentes esta distinção e a julgam como verdadeira” (Kyokai, 1982, p. 103).

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – CORPO, CONTROLE E RESISTÊNCIA.....	15
1) Revisão de literatura.....	15
1.1) Relações de saber-poder.....	22
1.2) Sociedade disciplinar.....	28
1.3) Biopoder.....	38
1.4) Biopoder e sexualidade humana.....	46
1.5) Sociedade de controle.....	52
1.6) Subjetividade e resistência.....	60
1.7) Subjetividade e corpo.....	64
CAPÍTULO II – CORPO, GÊNERO SEXUAL E VELHICE.....	71
2) Revisão de literatura.....	71
2.1) Construção do corpo travesti.....	71
2.2) Corpo, gênero sexual e envelhecimento.....	82
CAPÍTULO III – ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	120
CAPÍTULO IV – TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS..	129
4.1) Primeira Entrevistada.....	129
4.2) Segunda Entrevistada.....	169
4.3) Terceira Entrevistada.....	218
4.4) Análise das entrevistas.....	240
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	259
ANEXOS.....	263
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	265

RESUMO

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco **Travestis envelhecem?** São Paulo: Dissertação de mestrado em Gerontologia. Programa de estudos Pós-graduados em Gerontologia; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010

O presente estudo tem o objetivo de conhecer o período do processo de vida, chamado de velhice e envelhecimento daquelas que foram designadas como travestis. Essas denominações foram construídas para organizar o funcionamento social. As ciências biomédicas foram importantes na categorização dessas pessoas. Apropriaram-se dos corpos humanos e determinaram o que é considerado normal, portanto desejável e o que é considerado anormal, logo patológico e indesejável. A intenção é compreender o impacto que tais diagnósticos terão sobre aqueles que são reconhecidos como anormais em relação ao que foi denominado de gênero sexual. Devido ao número quase inexistente de pesquisas sobre envelhecimento e velhice de travestis, fez-se necessário esse estudo, que não pretende esgotar o tema, mas sim iniciar uma importante discussão. Os aspectos de gênero, bem como os de velhice foram relacionados. Percebeu-se que tanto o gênero como a velhice são compostos por atos, que constantemente reiterados, dão a impressão que há uma essência natural de gênero e velhice, inerentes a todos os corpos, manifestando-se ao longo da vida. Foram realizadas três entrevistas abertas com o foco em histórias de vida. Por serem consideradas, desviantes e anormais, travestis já não são vistas como não humanas desde tenra idade. Atravessam a vida como invisíveis e sob muito preconceito. Por causa disso, improvisam suas existências em contextos violentos. Suas expectativas de vida são baixas. As que vivem até a chamada velhice, podem ser consideradas verdadeiras sobreviventes. Acabam servindo de referência e exemplo para as mais jovens. O objetivo principal da pesquisa resultou no levantamento de demandas e necessidades em relação às travestis. Percebe-se que precisam urgentemente de políticas públicas que as reconheçam como humanas desde sempre. Dessa forma chegarão à velhice com dignidade e respeito, já assegurados pelos Direitos Humanos Universais.

Palavras chaves: velhice, envelhecimento, gênero, travesti

ABSTRACT

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco **Travestis envelhecem?** São Paulo: Dissertação de mestrado em Gerontologia. Programa de estudos Pós-graduados em Gerontologia; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010

This study is aimed to understand transgender aging context in Brazil. Aging and transgender are definitions that were created by society to organize its process of functioning. Biological sciences played a very important role concerning those definitions. They created what we call normal and abnormal. Our intention comprehends in getting to know what happens to those who are considered abnormal on gender rules. Because there is almost no study considering what is called transgender aging, this work is socially relevant. Gender and aging are understood to be natural and essential processes. However, they are performed by repeated actions that make us feel that gender and aging are inherent and happens exact the same way to everyone. For being considered deviants, transgender people are not seen as human beings. They end up living in violent environments. Their life expectancy is low. Many of them do not believe to reach old age. They face a lot of prejudice and death threat. Those who get to what we call old age are considered survivals. They become a model to the younger ones of their social group. This research was able to show satisfactorily their demands and needs. To be considered visible, they have to count on public policies to give them existence since their childhood. That way, we believe they will reach what we call old age with respect as dignity, already assured by the Universal Human Rights.

Key words: old age, aging, gender, transgender

INTRODUÇÃO

Este estudo trata do envelhecimento de travestis. Com o aumento da população idosa, as travestis que envelhecem merecem destaque, justamente por ser um segmento populacional que sofre exclusão em qualquer idade. Pouco se sabe sobre esse período da vida delas. Mesmo entre os membros de seu próprio grupo. Será que envelhecem? Se sim, como isso acontece? Optei pelo título dessa dissertação, justamente por ela refletir a pergunta que me foi feita várias vezes.

Muitos se admiram com o fato de alguém estar estudando esse tema, pois consideram que as travestis nem mesmo chegam a envelhecer devido a seu estilo de vida arriscado. Outros acham o tema interessante e ficam se perguntando como será que é envelhecer como travesti, simplesmente pelo fato de raramente terem visto uma idosa. Por fim, outra pequena parcela considera o tema bizarro, digno de asco e chacota.

É bem verdade que o preconceito em relação às travestis vem diminuindo lentamente ao longo dos anos. Os movimentos de lutas pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros vem conquistando espaço. Porém, o preconceito ainda é forte e atua na vida das travestis desde a infância, quando já são chamadas de homossexuais afeminados. As que chegam ao envelhecimento atravessam a vida sendo alvo de ataques constantes.

Nesse caso, o preconceito advém do processo de organização social que estipula o que é considerado normal e o que é considerado anormal. Aqueles que não se enquadram no funcionamento desejado sofrem preconceito. O conhecimento científico em relação àquilo que chamamos de sexualidade foi sendo construído sobre os corpos e ditando como esses deveriam ser.

A sociedade disciplinar que surgia na Europa por volta do século XVIII, tinha como objetivo tornar os corpos dóceis e produtivos, corroborando com a Revolução Industrial. O princípio era vigiar, identificar, classificar, punir e corrigir para extrair lucros.

Os saberes sobre sexualidade vão sendo constituídos pela religião, ciências biomédicas, políticas públicas, leis com o objetivo de disciplinar a espécie humana. A ciência da época encontrava seu financiamento principal nos burgueses capitalistas. Portanto, sua construção levará em conta a moral que rege esse grupo.

A família passa a ser considerada a célula fundamental de funcionamento do sistema socioeconômico que surgia na Europa no século XVIII e se espalhava pelo mundo. A vida será gerida pelas biopolíticas que estipularão regras sobre como se deve viver para atingir a tão sonhada qualidade de vida. Dentre os aspectos abordados por essa política está a definição do que seria uma sexualidade normal e saudável. As práticas sexuais que não atendiam aos padrões eram submetidas à punição e tratamento para que fossem corrigidas e normalizadas. Travestis ainda são consideradas fora do padrão de normalidade, pois infringem as normas de gênero que fundamentam a sociedade.

Após a sociedade disciplinar surge a sociedade de controle. O que importa para essa sociedade é que haja produção, consumo e reprodução. A prescrição é para que os corpos sejam sarados, ágeis, adaptáveis e sempre jovens. Portanto, a travesti idosa significa uma verdadeira resistência diante daquilo que é prescrito socialmente. Pois, além de não serem jovens, não estão de acordo com as normas.

Tanto o gênero como a velhice são performatizados por meio de atos que reiterados transmitem a impressão de que há uma espécie de essência fixa e natural, que se manifesta no corpo de cada um. Esses atos fazem parte do conjunto de

comportamentos padronizados para o gênero e velhice. Eles variam conforme a época e o local.

Nas últimas décadas, os padrões de comportamentos prescritos para o gênero e a velhice vêm sofrendo modificações. Os idosos atuais são estimulados a fazerem o que os jovens fazem. Em nome da chamada qualidade de vida, a sociedade de controle não permite que ninguém envelheça carregando os antigos estigmas de doença e decadência.

Embora haja pressões para se comportar dessa ou daquela forma, cada um vive sua velhice de forma singular. As travestis desde pequenas já enfrentam muitos desafios. Muitas já sofrem preconceito na própria família, depois na escola, alistamento militar e mercado de trabalho. Alegam que vão para a prostituição, pois não puderam estudar e não conseguem ocupação em lugar nenhum.

Reiteram que sem formação escolar, ganham mais reconhecimento comercializando seus corpos do que tentando se encaixar no mercado formal de trabalho. Elas precisam investir maciçamente no *design* e construção de corpos que sejam lucrativos. Nesse campo, enfrentam risco de morte, pois estão em contato com a rotina violenta das noites urbanas. As que conseguem ir para fora do país, juntam dinheiro suficiente para quando voltar, se preparar para a velhice.

É importante lembrar que para as travestis que se prostituem, a velhice chega quando não podem mais trabalhar. Enquanto seus corpos forem considerados atraentes, elas continuam atuando. Não há números oficiais, mas segundo relatos, isso pode acontecer até mais ou menos os quarenta e poucos anos. Esse segmento da população é invisível em toda a sua trajetória existencial. As que chegam à velhice podem ser consideradas verdadeiras sobreviventes. Servem de alerta e reflexão para as mais novas.

Devido à quantidade razoável de pesquisas sobre travestis na infância, adolescência e idade adulta, fez-se necessário investigar o que acontece ao atingirem o chamado envelhecimento (Benedetti, 2005; Kulick, 2008; Pelúcio, 2009; Silva, 2007). Foi encontrado apenas um estudo realizado sobre o assunto, realizado por uma antropóloga da Universidade Federal de Santa Catarina (Siqueira, 2004). Estudar a velhice travesti é procurar saber qual o impacto que as marcas físicas do envelhecimento têm sobre um corpo cuidadosamente construído ao longo da vida para ser sempre jovem e lucrativo.

Para coleta de dados são utilizadas entrevistas abertas com foco nas histórias de vida de cada entrevistada. Acredita-se que conhecendo suas trajetórias de vida, é possível levantar quais são as estratégias de sobrevivência adotadas ao longo do processo. Além disso, é preciso identificar quais são suas necessidades para a elaboração de políticas públicas que as amparem não só na velhice, como em todos os momentos de suas vidas.

O que se sabe é que sendo consideradas ininteligíveis desde pequenas, atravessam a vida inteira como seres invisíveis. A velhice é vista como parte de um processo de uma vida inteira, que no caso delas é considerado inexistente. Cada uma envelhece de uma forma, pois cada uma é de uma forma.

Essa pesquisa tem o foco principal na Gerontologia e, portanto é de caráter interdisciplinar. Busquei dialogar com autores das ciências sociais, biomédicas e filosofia. Os primeiros dois capítulos tratam justamente de como o controle foi se apropriando dos corpos individuais para posteriormente se apropriar do corpo da espécie. Tanto a sexualidade como a velhice foram socialmente construídos em nome desse controle.

O terceiro capítulo discorre sobre a abordagem metodológica utilizada para a realização dessa pesquisa. No quarto capítulo estão transcritas e analisadas as entrevistas, tendo como referência teórica os primeiros dois capítulos. Para terminar, seguem as considerações finais apontando sugestões para pesquisas futuras sobre o tema.

CAPÍTULO I

CORPO, CONTROLE E RESISTÊNCIA

1) Revisão de literatura

A filosofia ensina que devemos nos libertar das aparências e ir além das opiniões e percepções imediatas. Imaginemos então um muro bem alto que separe o mundo externo de uma caverna. Na caverna existe uma fresta por onde passa um feixe de luz exterior. Em seu interior permanecem seres humanos que nasceram e cresceram ali.

Eles ficam de costas para a entrada, acorrentados, sem poder locomover-se, forçados a olhar somente a parede do fundo da caverna, onde são projetadas sombras de outros homens que, além do muro, mantêm acesa uma fogueira. Os prisioneiros julgam que essas sombras sejam a realidade.

Um dos prisioneiros decide abandonar essa condição e fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões. Aos poucos vai se movendo e avança na direção do muro e o escala, com dificuldade enfrenta os obstáculos que encontra e sai da caverna, descobrindo não apenas que as sombras eram feitas por homens como também todo o mundo e a natureza.

No mito da caverna, o filósofo grego Platão (428 a. C. – 348 a. C.) faz a seguinte analogia: a caverna é o mundo das aparências, as sombras equivalem àquilo que percebemos, já os grilhões são nossos preconceitos e opiniões. Portanto o prisioneiro que se liberta representa o filósofo e a luz do sol a realidade. O instrumento que quebra os grilhões representa a filosofia.

Esse mito é uma metáfora da condição humana perante o mundo, no que diz respeito à importância do conhecimento filosófico e da educação como forma de superar a ignorância, isto é, a passagem gradativa do senso comum, enquanto visão de mundo e explicação da realidade, para o conhecimento filosófico, que é racional, sistemático e organizado. (Chauí, 2003; Nicola, 2005).

Em geral, não costumamos questionar nossas crenças, pois elas nos parecem naturais. Algumas vezes acreditamos que algo ocorre quando na verdade não ocorre. Quando observamos o sol, por exemplo, temos a impressão de que é ele que gira em torno da Terra. Quando questionamos e buscamos um conhecimento específico sobre o assunto, percebemos que é a Terra que gira em torno do sol. Portanto é necessário adquirir uma atitude filosófica diante dos fatos e abandonar o senso comum. A filosofia serve para não aceitarmos tudo de imediato como se fosse natural.

É natural, por exemplo, pensarmos que alguém que nasce com um pênis, logo será chamado de menino e vai se identificar com outros meninos, quando crescer vai se vestir e se comportar como um homem. Por que isso nos parece tão natural e inquestionável? Afinal, o que é ser menino? O que é se comportar como homem? O que significa ter pênis? O que significa se identificar com os outros meninos?

Ao filosofar, colocamos o mundo entre parênteses, questionando nossos “pré-conceitos”. Uma atitude filosófica implica fazermos as seguintes perguntas ao objeto a ser estudado: o que é? Como é? Por que é? Para que é? A primeira busca encontrar uma definição para o objeto do estudo. A segunda busca a estrutura de relações e o funcionamento do objeto em questão. A terceira busca encontrar a origem e as causas da existência de nosso objeto. Por fim, a quarta pergunta, nos remete à finalidade do nosso objeto (Chauí, 2005).

Sobre o envelhecimento de travestis, por exemplo, a filosofia perguntaria: o que é uma travesti? O que é o envelhecimento? O que é o processo de envelhecimento de travestis? Como é o processo de envelhecimento de travestis? Por que ocorre o processo de envelhecimento de travestis? Para que ocorre o processo de envelhecimento de travestis?

No entanto, parece natural perguntar sobre as causas daquilo que é considerado anormal em qualquer campo de estudo. Porém, certa minoria de pesquisadores se pergunta sobre as causas daquilo que é considerado normal. Poucos se ocupam em saber como foi o processo de construção da “normalidade”? Por que será que certos fenômenos e manifestações são considerados normais? Quais são os critérios que definem o que é “normal”? Aquilo que é considerado normal muitas vezes é hierarquizado, naturalizado e essencializado, portanto é automaticamente livre de questionamentos sobre sua constituição.

A filosofia não é um conjunto de opiniões e sim um sistema reflexivo de idéias fundamentadas em teorias críticas a cerca de conhecimentos e práticas sobre si mesma e das chamadas ciências humanas, exatas e biológicas. Em plena sociedade grega antiga, Protágoras (481 a.C. - 420 a.C.), Górgias (483 a.C. - 376 a.C.), e Isócrates (436 a.C.- 338 a.C.) estavam entre os primeiros filósofos sofistas conhecidos.

Esses últimos se compunham de grupos de mestres que viajavam de cidade em cidade realizando aparições públicas (discursos, etc.) para atrair estudantes, de quem cobravam taxas para oferecer-lhes educação. O foco central de seus ensinamentos concentrava-se no *logos* ou discurso, com ênfase em estratégias de argumentação. Os sofistas alegavam que podiam “melhorar” seus discípulos, ou, em outras palavras, que a virtude poderia ser ensinada.

Diversos sofistas questionaram a sabedoria recebida dos deuses e a supremacia da cultura grega (uma idéia absoluta na época). Argumentavam, por exemplo, que as práticas culturais existiam em função de convenções ou *nomos*, e que a moralidade ou imoralidade de um ato não poderia ser julgada fora do contexto cultural em que aquele ocorreu.

A conhecida frase “o homem é a medida de todas as coisas” surgiu dos ensinamentos sofistas. Uma das mais famosas doutrinas sofistas é a teoria do contra-argumento. Para eles todo e qualquer argumento poderia ser contraposto por outro e a efetividade de um argumento estava na verossimilhança (aparência de verdadeiro, mas não necessariamente verdadeiro) perante uma platéia (Bornheim, 1994; Nicola, 2005).

Já os céticos, representado principalmente pelo filósofo grego Pirro de Élis (360 a.C. - 275 a.C.) seguia uma linha de raciocínio parecida com os sofistas. Os princípios de sua obra são expressos, em primeiro lugar, pela palavra *acatalepsia*, que define a impossibilidade de se conhecer a própria natureza das coisas. Para ele qualquer afirmação pode ser contraditada por argumentos igualmente válidos. Ou seja, a cada afirmação pode-se contrapor outra contraditória, mas com base igualmente coerente. Qualquer que seja a opinião de alguém, a opinião contrária é tão inteligente e competente para julgar quanto à primeira.

Em segundo lugar, é necessário preservar uma atitude de suspensão intelectual. Ou seja, nenhuma afirmação pode ser considerada melhor que outra. Em terceiro lugar, estes resultados são aplicados na vida em geral.

Sobre a realidade, podemos apenas responder que não sabemos nada. Sabemos apenas de sua aparência, mas somos ignorantes quanto a sua substância íntima. O mesmo objeto aparece diferentemente a diferentes pessoas, e assim é impossível saber

qual aparição é a correta. Não podemos ter certeza de nada, mesmo as afirmações mais triviais (Chauí, 2003; Nicola, 2005).

Portanto, o tema a ser abordado nessa dissertação, o envelhecimento das travestis, será discutido a partir de um determinado ponto de vista em contraposição a outro determinado ponto de vista, o qual, por sua vez, resultará especificamente, em um terceiro e determinado ponto de vista. Para isso, pretendo partir das chamadas ciências biológicas, representadas principalmente pela psiquiatria, psicologia, e ciências da sexualidade fazendo um contraponto com as chamadas ciências humanas, representadas principalmente pela sociologia, antropologia e filosofia.

É importante lembrar que não é meu objetivo esgotar o tema e nem encontrar “a verdade”. Há muitas formas e muitos ângulos a serem abordados sobre o assunto. Essa é apenas uma e não a única. Ou seja, conforme afirmam os cétricos e sofistas, dificilmente conseguiremos abordar uma questão, contemplando ao mesmo tempo, a totalidade de seus múltiplos aspectos. É fundamental que procuremos delimitar o contexto em que determinada questão estiver sendo abordada. Passado esses esclarecimentos, podemos dar prosseguimento à dissertação.

Para entendermos em que contexto está a travesti que envelhece, é importante conhecer, mesmo que brevemente, como se objetivam as instituições sociais, nas quais estão inseridas, se constroem. A sociedade é um produto humano que se objetiva e age sobre o homem. O que ocorre é um processo de instituição, exteriorização e interiorização. Esse último se dá através da apropriação sem crítica. Já na internalização, o sujeito se apropria de algo criticamente.

Nossa sociedade é construída por nós e pelo outro por meio da intersubjetividade. O homem é ao mesmo tempo produto e produtor do social. A cultura envolve as crenças do ser humano. Não nascemos “humanos”; somos “humanizáveis”.

O processo de objetivação social se dá através dos atos que se tornam hábitos que, por sua vez, criam padrões que se institucionalizam, tornando-se legítimos. Criamos algo que ao mesmo tempo nos cria, a sociedade. Portanto, essa dissertação se focará em dois aspectos que foram institucionalizados pela sociedade: a sexualidade e o envelhecimento humano, representado aqui pelo envelhecimento de travestis, conforme já mencionado.

A ideologia existe porque nós a reconhecemos. Determinadas ações são desejadas por todos. As crenças dão subsídios às instituições, prescrevendo papéis. As legitimações são justificadas nas instituições. Criada uma realidade objetiva, há mecanismos para mantê-la. Caso haja um rebelde que não se submeta à norma estabelecida, haverá a tentativa de aplicação terapêutica, com o objetivo de tratar para corrigir.

Se não for possível corrigir, restará a prisão ou até mesmo o aniquilamento. Como exemplo, podemos citar a inquisição religiosa que levaram muitos a perderem suas vidas em praça pública. Geralmente os condenados eram enforcados ou queimados para servir de “exemplo” para que não houvesse qualquer tipo de transgressão às normas estabelecidas. A exclusão social se dá através da eleição de um grupo como “bode expiatório” dos homossexuais (Berger e Luckmann, 2006).

As travestis, por exemplo, são excluídas e por vezes aniquiladas da sociedade, pois não se enquadram as normas de gênero estabelecidas. São submetidas a tratamento para serem corrigidas. Já as travestis em processo de envelhecimento, sofrem dupla estigmatização, a de estar envelhecendo, e a de estar envelhecendo como travesti.

A instituição é uma produção lingüística de primeira ordem, pois é uma fala (discurso) do que é. A legitimação é uma produção lingüística de segunda ordem na medida em que “fala” porque é. Através da linguagem e da socialização, incorporam-se

as instituições. Uma instituição é um conjunto de significados articulados. A sociedade está sempre lidando com conflitos de interesse e, frente a isso, as decisões são tomadas. As ideologias são jogos de poder.

A sociedade moderna é marcada, a um só tempo, pelo individualismo e pelo pluralismo. O sentido é constituído subjetivamente e objetivado intersubjetivamente. As instituições dão sentido a tudo. Se antes eram as instituições religiosas, atualmente são as financeiras (Berger e Luckmann, 2004 e 2006).

Já para Goffman (1989), ocupamos um lugar na sociedade e desempenhamos papéis; uma platéia vai nos observar e avaliar. Os atributos considerados “imorais” e “patológicos” servirão para estigmatizar. Nas políticas de identidade, o especialista diz para o grupo como ele deve agir. No caso das travestis em processo de envelhecimento, por exemplo, as ciências médicas e psicológicas (psiquiatria e psicologia) irão categorizá-la e discipliná-las de acordo com uma determinada forma específica, que veremos mais adiante.

Por meio das ciências da sexualidade, foi institucionalizado um padrão de comportamento. Isso ocorreu por volta do final do século XVIII, na Europa Ocidental. O principal especialista encarregado dessa tarefa foi a psiquiatria, como ramo de especialidade da medicina.

É como se houvesse uma espécie de essência/verdade que estivesse latente e oculta, pronta para ser descoberta, em cada organismo de cada ser humano. Os discursos médicos foram tão naturalizados, que é como se “a sexualidade humana” fosse uma espécie de composto natural aderido ao corpo biológico da espécie. Poucos questionam, pois ela parece ser óbvia e estruturante.

Foi então definido, que cabem somente as ciências biológicas, representadas aqui principalmente pelas ciências biomédicas, a tarefa exclusiva de descobrir e revelar

aquilo que estava encoberto. Ou seja, é como se a única verdade estivesse apenas no que os saberes da medicina colocam como tal.

Conforme vimos inicialmente, através do pensamento filosófico da escola sofista e cética, a verdade se constrói de muitas maneiras. Isso depende das complexas relações de poder que a produzem e do ângulo que cada questão é abordada ao ser construída dessa ou daquela forma. Não estou querendo dizer com isso que a sexualidade não exista. Apenas quero colocar que ela não é naturalmente dada. Ela foi e está sendo construída a cada dia. É tão sólida quanto uma rocha, pois se materializa e organiza a vida das pessoas. Os sexos não são opostos, eles foram construídos socialmente dessa forma, como forma de organizar o funcionamento social.

1.1) Relações de saber-poder

Segundo Geertz (1989) o homem tem necessidade de se organizar e criar regras para o contexto em que vive. Caso contrário, sua vida seria um caos. Isso é a cultura. Não há natureza por si só. Ela é imediatamente mediada pela cultura. O olhar antropológico se volta para a diversidade das culturas. É difícil traçar uma linha entre o que é natural, universal, constante no homem, e o que é convencional, local e variável. A antropologia se preocupa em compreender quais são os traços culturais essenciais à existência humana e quais aqueles que são apenas adventícios, periféricos e ornamentais.

Alguns aspectos parecem ser universais. Todas as sociedades, a fim de persistirem, precisam reproduzir seus membros ou alocar bens e serviços. O que resulta em alguma forma de família ou troca de produtos. Todas parecem ter algum tipo de religião. Psicologicamente, os indivíduos recorrem às necessidades básicas como o

crescimento pessoal por meio das instituições educacionais. Biologicamente há o metabolismo e a saúde. Culturalmente, os hábitos alimentares e os processos de cura.

Para compreender o homem é preciso procurar relações sistemáticas entre fenômenos diversos. É importante que fatores biológicos, sociológicos e culturais possam ser tratados como variáveis dentro dos sistemas unitários de análise. A cultura é vista não apenas como padrões complexos de comportamentos e sim como um conjunto de mecanismos de controle para governar o comportamento. Comparando com as ciências da computação, os padrões culturais seriam os programas (*softwares*) a serem instalados. Já os corpos humanos seriam as máquinas (*hardwares*), onde esses programas (*softwares*) seriam instalados por meio das relações sociais.

O ser humano depende de mecanismos de controle para ordenar seu comportamento, pois se não fossem esses sistemas organizados de símbolos significantes, seu comportamento seria virtualmente ingovernável. Ou seja, um simples caos de atos sem sentido e explosões emocionais. Sua experiência não teria nenhuma forma ou sentido. A cultura não é apenas um ornamento ou totalidade acumulada de tais padrões. Ela é a principal base essencial de sua especificidade. O que nos interessa nessa dissertação é saber qual é o resultado do impacto da cultura brasileira sobre os corpos das chamadas travestis idosas.

Cada sociedade constrói seu regime e verdade, fazendo com que seus indivíduos mostrem uns aos outros e a si mesmos quem são. Isso ocorre por meio da produção e do funcionamento de discursos convenientes a determinada época e local (Foucault *apud* Mansano, 2007).

Travestilidade e envelhecimento são duas categorias que foram naturalizadas e construídas ao longo dos tempos, conforme as necessidades de organização da sociedade. Ao nos referirmos a elas, temos a sensação de que sempre existiram da

forma como as conhecemos. Porém, o conjunto de conhecimento que as definiram, tal como as conhecemos começou a se formar com o advento da sociedade disciplinar, por volta do século XVIII, no continente europeu.

Cada enunciado a respeito daquilo que seria uma travesti idosa acaba criando a própria travesti idosa, ou seja, o enunciado sobre determinado objeto cria o próprio objeto do saber. A travesti idosa não existe como uma espécie de substância posta e natural que será descoberta por determinado cientista. Nesse caso não haverá uma descoberta, mas apenas uma definição, reprodução e disseminação de saberes que já existem sobre a travesti idosa. Falar não é ver necessariamente o que acontece. O enunciado nem sempre reflete o mundo real, mesmo porque a realidade também é construída por meio de enunciados daqueles que os emitem. A questão sempre é abordada e definida conforme o ponto de vista teórico adotado.

É interessante perceber que aquilo que é dito, emite determinado efeito de “verdade” que não existe fora de determinada relação de poder. Não há discurso isento de qualquer relação de poder que o produz. Para isso é preciso compreender o regime de “verdade” de uma determinada época. Portanto, nenhuma “verdade” é neutra, soberana e imutável (Foucault, 2008a).

Depois desses esclarecimentos, vamos tentar compreender como essas “verdades” foram produzidas ao longo dos tempos. A partir do século XVI, na Europa, a ciência passou a se preocupar em observar, descrever, catalogar e classificar os seres vivos. Já por volta do século XVIII, a grande preocupação era o estudo da vida como um todo. Por volta do século XIX surge o ramo da ciência especializado em estudar esse assunto: a biologia. Uma das formas de exercer controle é por meio da sistematização e especificação do conhecimento (Foucault, 1993).

Essa preocupação em controlar se justificava, porque a produção de conhecimento não estava desassociada do seu contexto sociocultural e histórico. Na Europa Ocidental daquela época, havia grande êxodo rural por causa do capitalismo burguês e da Revolução Industrial. Por razões sociais e econômicas, as cidades estavam recebendo um grande número de pessoas muito rapidamente.

Era necessário um conhecimento e ordenamento dessas populações para que elas se adequassem ao novo sistema político e econômico que surgia: o capitalismo industrial, agora incorporado ao capitalismo comercial. O processo de urbanização gerou pressão, anonimato e a criação dos chamados “desviantes” que não se adequavam às normas reguladoras do funcionamento social capitalista e urbano. Assim, por exemplo, o desempregado passou a ser patologizado de “vagabundo” e a prostituta de “compulsiva sexual”, ou seja, em geral, aquele que não fosse economicamente produtivo e biologicamente reprodutivo, era considerado “anormal”.

O conceito de desvio consolidou-se com o de degeneração hereditária no meio médico e criminológico como algo anormal, incapacitante e de origem biológica. Seus maiores teóricos foram o médico italiano Cesare Lombroso (1835 - 1909), ligado aos estudos criminológicos, e o psiquiatra e sexólogo alemão Richard von Krafft-Ebing (1840 - 1902). A idéia de eugenia (do grego *eu*, “bem”, *genia*, “nascido”) vai sendo instaurada no contexto sociocultural. O termo foi cunhado pelo cientista inglês Francis Galton (1822 - 1911) que definiu eugenia como o estudo dos agentes sob o controle social que podem “melhorar” ou “empobrecer” as qualidades raciais das futuras gerações física e mentalmente.

Acreditava-se que qualquer “defeito” em questão estava localizado no código genético do indivíduo e não nos processos socioculturais e históricos que o produziram. Questões sociais eram justificadas por meio do determinismo biológico. Para o

sociólogo canadense Erving Goffman (1922 - 1982) era importante modificar a perspectiva hegemônica sobre o desvio e passar a focar os normais e as regras de normalidade socialmente prescritas. Para esse teórico, o conceito de desvio se tratava da diferença entre as normas sociais estabelecidas e aquilo que estava sendo analisado. Caso não houvesse o “perfeito enquadramento” ao padrão, o sujeito seria considerado um desviado.

A partir do conceito de eugenia e degeneração hereditária, foi sendo incentivada a segregação de grupos considerados anormais, desviantes e inferiores. Esse processo contribuiu para desembocar na eugenia nazista e no holocausto da segunda guerra mundial (1939 - 1945). O objetivo era eliminar aqueles que eram considerados marginais em vez de eliminar o processo de marginalização. Travestis idosas, por exemplo, ainda são consideradas desviantes e marginais, por isso vistas como alvo de “extermínio” em nome da “purificação social” que atende a conceitos eugênicos (Miskolci, 2005).

Diversos tipos de comportamento e formas de ser sempre existiram, porém nunca tinham sido problematizados. Por meio das relações de poder e comando, as pessoas controlavam e eram controladas por um complexo conjunto de forças. Tratava-se de uma produção coletiva, na qual cada indivíduo comparecia como co-produtor. Da mesma forma que as pessoas pertenciam a um dispositivo, elas também resistiam, contribuía, reproduziam e transformavam esse aparato.

Para o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) o que interessava saber era como tal poder de categorização era exercido. Quais eram seus mecanismos? Quais eram as tecnologias e dispositivos que incidiam sobre a vida das pessoas? Como ocorriam as relações de poder? Como tais relações poderiam ser interceptadas? Qual o efeito que elas produzem? (Foucault, 2007).

Quando Foucault fala em dispositivo, refere-se a determinada maneira de dispor, ordenar e posicionar estrategicamente sujeitos e equipamentos. Formas específicas de saber são produzidas e por sua vez subsidiam programas institucionais, regras de conduta e os diversos procedimentos de normalização. São redes de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos.

Fazem parte desses elementos discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, filantrópicas o dito e o não dito. O dispositivo estabelece a natureza do nexos que pode existir entre esses elementos. Além de participarem na produção de subjetividades, eles podem ser acionados em qualquer lugar, por qualquer pessoa e a qualquer momento (Castro, 2009; Mansano, 2007).

Por exemplo, tanto o idoso como a travesti são resultados de relações de poder entre esses elementos que acabaram produzindo os sujeitos como os conhecemos na atualidade. Procurar entender o processo de produção desses sujeitos é um de nossos desafios.

O dispositivo disciplinar uniformiza, universaliza, homogeniza e controla. É uma relação de poder. O conceito de indivíduo acaba sendo uma fabricação do poder disciplinar que o toma como uma unidade evidente. Para isso ele necessita ser criado para que atenda a uma demanda, voltada para determinado fim.

O indivíduo é atravessado por relações de forças que o produzem. Os corpos estão impregnados pelo poder disciplinar. É importante lembrar que podemos entender aqui a palavra corpo como sendo todos os corpos materiais (todas as estruturas físicas orgânicas e inorgânicas), e os corpos imateriais (todos os pensamentos, ações, idéias, linguagens, normas, políticas, leis, sentimentos e subjetividades). Travesti e idoso, por exemplo, são corpos socialmente construídos e originários do poder disciplinar.

As relações de poder engendram novas formas de saberes. Criam verdades que reforçam as relações existentes. Há um primado das relações de poder sobre o saber. Depois o próprio saber acaba reforçando as relações de poder que o produziu. O efeito é atingir a vida das pessoas nos mínimos detalhes ditando como elas devem proceder no seu cotidiano.

O objetivo é massificá-las para determinado propósito: controle, consumo, produção e acúmulo de riquezas. Trata-se de uma espécie de seqüestro que se apropria do tempo, do corpo, do comportamento com o objetivo de extrair mais saberes. Esses por sua vez servirão de sustentação para a manutenção e o aperfeiçoamento do exercício do poder sobre esses mesmos sujeitos. Com o conhecimento do seu mecanismo de manipulação, torna-se possível interceptar seu exercício. Controle e resistência se dão ao mesmo tempo.

O poder não está em ninguém que o exerce. Ele não se localiza em um só lugar. É múltiplo, móvel e descentralizado. As instituições são apenas pontos terminais do poder e fundadas por ele. O discurso funda e produz o objeto em questão. O poder não tem uma forma específica, ele cria formas. A travesti idosa, por exemplo, é uma forma criada pelas relações de poder, especialmente pelo poder médico (Foucault, 2007 e 2008b).

1.2) Sociedade disciplinar

Foucault começa descrevendo de que forma o poder era exercido em determinadas situações históricas. Em uma delas, por meio de exames, eram combinadas técnicas de hierarquia que vigiavam e sanções que normalizam. O exame

ainda servia para qualificar, registrar e armazenar. Escalas de normalidade e anormalidade são criadas e baseadas nos dados coletados.

Para explicar esse contexto, Foucault cita um exemplo ocorrido na Europa. Na situação de epidemias e pestes tudo era vigiado. Isso aconteceu, por exemplo, durante a peste negra no século XIV, que foi responsável pela mortalidade de cerca de um terço da população mundial da época. O objetivo era ordenar e evitar as misturas. O poder disciplinar faz ver. Nada pode ficar obscuro. O procedimento era o de localizar, identificar, catalogar, individualizar e separar os corpos “pestilentos” dos corpos “saudáveis”.

O indivíduo considerado doente não é naturalmente dado. A doença é o resultado de um conjunto de enunciados do poder disciplinar que a define como tal. Isso também acontece com as chamadas travestis idosas. São consideradas doentes pelo código internacional de doenças.

Voltando ao caso da peste, os corpos identificados como infectados seriam tratados e “corrigidos” para serem, novamente considerados “normais” e “saudáveis”. Na situação de peste tudo era controlado e governado. Já na situação de lepra, por exemplo, os corpos eram identificados e isolados. O objetivo era que eles fossem eliminados, pois na época não havia terapêutica eficaz contra a lepra. Nesse caso há o sonho de uma sociedade pura.

A partir da Revolução Industrial ocorrida na Europa ocidental, não era mais interessante tratar aqueles que eram considerados anormais como se fossem “leprosos”. Era mais rentável financeiramente tratá-los como “pestilentos”. Dessa forma seriam incluídos ao sistema e receberiam tratamento. Se fossem excluídos e eliminados provocariam diminuição no número de consumidores em potencial. Isso não era

interessante ao capitalismo burguês industrial que se afirmava como sistema econômico hegemônico mundial.

A travesti idosa, por exemplo, é considerada uma anormal pela sociedade e recebe o tratamento, pois se encontra em situação de “pestilenta”. Dessa forma, é incluída pelo sistema social quando recebe um diagnóstico médico, denominado de “transtorno de identidade de gênero”. Tal diagnóstico pressupõe certa terapêutica a ser adotada, assim como na situação de peste, acima citada. Por vezes a travesti idosa será tratada como uma “leprosa”. Aí será excluída da sociedade pelo outro ou por si mesma. Tal exclusão pode ocorrer através do isolamento ou até mesmo de atitudes preconceituosas de violência sutil ou direta.

Conforme visto, mudanças sociais ocorridas na Europa nos séculos XVIII e XIX levaram a alterações no jogo de poder, que foi sendo gradativamente substituído pelo que Foucault denomina de sociedades disciplinares, as quais atingiram o seu apogeu no século XX. A passagem de uma forma de dominação a outra ocorreu quando a economia do poder percebeu ser mais eficaz e rentável vigiar, ao invés de punir (Foucault, 2007).

A existência de mecanismos disciplinares é anterior ao período que Foucault denominou como sociedade disciplinar, mas antes existiam de forma isolada, fragmentada. O padrão de visibilidade das sociedades disciplinares projetou-se no interior dos prédios das instituições, que passaram a ser construídos para permitir o controle interno.

Na sociedade disciplinar os espaços são disciplinados através das instituições que fazem parte e organizavam as relações de poder na sociedade. Escolas, universidades, hospitais, fábricas, clubes, orfanatos, quartéis, prisões, edifícios públicos são alguns exemplos de instituições disciplinadoras. Os corpos são dispostos em

espaços fechados e transpassados pela física dos poderes. São submetidos à ótica, mecânica e fisiologia do poder. Suas existências e comportamentos são microscopicamente esquadrihados e qualificados.

O objetivo inicial da sociedade disciplinar era extrair desses corpos obediência, doçura, resignação, produtividade e lucratividade para o sistema capitalista industrial que se definia como sistema econômico vigente. Era preciso seguir um conjunto de normas que estabeleciam uma série de medidas bastante precisas. Tinham como objetivo estabelecer uma seqüência determinada do comportamento e adestramento dos corpos. Foram instituídos diversos procedimentos normalizadores do comportamento.

Foucault inicia seus estudos sobre sociedade disciplinar por meio de um modelo prisional ideal proposto pelo filósofo inglês Jeremy Bentham (1748 – 1832) em 1785 que foi chamado de panóptico. Como fonte de inspiração na tentativa de um controle total, o panóptico tem suas raízes no esquema de quarentena que era empregado no século XVII. Em caso de epidemia, a exemplo da peste negra citada acima, a cidade era fechada e todos os animais errantes (cachorros, gatos e outros) eram mortos.

As pessoas eram trancadas em suas casas e proibidas de sair sob pena de morte. Dividia-se a cidade em quarteirões que eram guardados por um intendente. Cada rua estava sob a vigilância de um síndico que vinha pessoalmente trancar todas as casas. Ele tinha uma lista de nomes de todos os moradores de cada uma das casas da vila, assim como o prefeito. A comida era entregue por roldanas.

Havia corpo de guarda nas portas da prefeitura e em todas as ruas. Todos eram obrigados, diariamente, a aparecer na janela e informar seu estado de saúde ao síndico e prestar informações sobre os doentes e os mortos. Qualquer sonegação de informação era sumariamente penalizada com a morte. Os registros dessa vigilância, realizada em bases permanentes, subiam a hierarquia de autoridades da comunidade.

Preparados pelos síndicos chegavam até o prefeito, depois de passar pelos níveis intermediários da burocracia local. Máximo controle que, entretanto, não era exercido predominantemente de modo visual em todos os momentos. Não visava a controlar todas as ações dos encarcerados, senão primordialmente sua circulação, o que exigia significativa alocação de recursos para sua manutenção.

O ponto-chave no avanço imaginado por Bentham era exatamente possibilitar total controle visual e, se possível auditivo, a ser exercido sobre indivíduos presos a um espaço perfeitamente delimitado. O conceito do desenho arquitetônico do panóptico permite a um vigilante observar todos os prisioneiros sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. Ou seja, quem é vigiado, adquire o olhar de quem vigia, pois a partir disso começa a se vigiar. No *design* proposto por Bentham, os custos seriam menores em relação às demais prisões da época. Isso se explica, pois esse novo sistema prisional contaria com menos empregados, destinados a vigiar os presos.

Para Bentham, é a consciência permanente, por parte do indivíduo controlado, do seu estado de visibilidade contínua que garante a eficiência, mais que o simples funcionamento do poder. É fundamental saber-se vigiado, mesmo na impossibilidade de determinar o momento e o autor da vigilância. Esta é simbolizada pela onipresença inafastável e inverificável da torre central.

O termo *panoptismo*, como foi denominado posteriormente, aplica-se também ao sistema de vigilância de outros tipos de instituições que surgiam na época. Nelas, haveria uma torre de observação localizada no pátio central não só da prisão, como também do manicômio, escola, hospital, quartel e fábrica. Aquele que estivesse sobre esta torre, poderia observar todos os presos da cadeia (ou os funcionários, loucos, estudantes, etc), tendo-os sob seu controle.

A estrutura da prisão incorpora uma torre de vigilância no centro de um edifício anular que está dividido em celas. Cada uma destas celas compreende uma superfície tal que permite ter duas janelas: uma exterior para que a luz possa entrar e outra interior dirigida para a torre de vigilância. Os ocupantes das celas se encontrariam isolados uns de outros por paredes e sujeitos ao escrutínio coletivo e individual de um vigilante na torre que permaneceria oculto. Para isso, Bentham não só imaginou persianas e venezianas nas janelas da torre de observação, mas também conexões labirínticas entre as salas da torre para evitar clarões de luz ou ruído que pudessem delatar a presença de um observador.

O tríplice aspecto do *panoptismo*: vigilância, controle e correção, fundamentam as relações de poder em nossa sociedade. Câmeras de vigilância que vigiavam apenas presidiários, agora estão presentes em estabelecimentos comerciais, universidades, igrejas, ruas, parques e diversos outros lugares. Tornaram-se parte da paisagem, em nome da segurança de todos.

O termo *panoptismo* é utilizado na obra *Vigiar e Punir – história da violência nas prisões* do filósofo francês Michel Foucault que foi publicada originalmente em 1975, para tratar da sociedade disciplinar, e pelos teóricos das novas tecnologias para designar o possível controle exercido pelos meios de comunicação sobre seus usuários. (Barton e Barton, 1993; Foucault, 2007)

Traçando um paralelo entre o modelo de panoptismo proposto por Bentham e as instituições sociais que surgiam na Europa a partir do século XVIII, Foucault esclarece que para que a sociedade disciplinar funcionasse eficazmente, os corpos precisavam ser discriminados para que o poder fosse exercido de forma minuciosa. Tal discriminação era feita por meio da vigilância do corpo no espaço e no tempo. A observação,

descrição, anotação, classificação, categorização e localização do corpo, possibilitavam que eles fossem controlados.

Na lógica do funcionamento da sociedade disciplinar é preciso institucionalizar para disciplinar e incluir. A inclusão ocorre com objetivo de controlar. Incluir as minorias (pestilentos) seja ela qual for, é uma estratégia de controle sobre os “excluídos”, como acontece com as travestis.

Justamente por ter sido transformado em indivíduo que a pessoa fará parte de um coletivo específico que estará sobre o controle de uma instituição e de um saber que a comanda. É aí, por exemplo, que o coletivo de travestis idosas receberá uma classificação e o tratamento de uma instituição hospitalar.

Para isso é preciso que haja um especialista, no caso o psiquiatra, responsável por tal terapêutica. As especialidades existem para categorizar e disciplinar em relação a uma norma estabelecida. É criada para controlar aquilo que foi denominado de travesti, por exemplo, foi a sexualidade humana. O ramo da medicina criado para controlar aquilo que foi denominado de velhice foi a geriatria. Ambas derivam da biologia, medicina e psiquiatria (Castro, 2009; Foucault, 2008).

As práticas sexuais que não estivessem de acordo com a norma da procriação e de gênero foram sendo observadas, descritas e catalogadas. A travesti, por exemplo, é o resultado de um híbrido entre duas categorias psiquiátricas que surgiram: o homossexual e o hermafrodita. O primeiro foi considerado anormal, pois sua prática sexual não está de acordo com as normas de procriação de novos consumidores/produtores. Já o segundo, além de não estar de acordo com as normas de procriação, não está de acordo com as normas de gênero. Tais normas foram convencionadas, com o objetivo de atender a um determinado tipo de organização

econômica e social adotada. Essas por sua vez respondem à determinada proposta de funcionamento social.

A norma, nesse caso, nos faz acreditar que é como se houvera uma espécie de “essência” de gênero coerente e natural que estaria dentro de cada um de nós. Tal coerência se dá entre o sexo biológico e o gênero identificado. Logo cabe ao sujeito, apenas manifestar essa “essência” coerente ao longo da vida. Lembrando que de acordo com essa lógica, homens manifestam a “essência masculina”. Já as mulheres, manifestam a “essência feminina”. Com base nessa forma de pensar, a travesti idosa é considerada uma resistente inexistente, pois manifesta outra “essência”, uma “essência incoerente”. Para sociedade, a travesti idosa simplesmente não é possível de existir.

O gênero é produzido e convencionado de acordo com as necessidades sociais de organização em uma determinada cultura e época. Ele nada mais é do que um conjunto de enunciados que determinam um padrão de comportamento construído socialmente. No caso da nossa sociedade temos aquilo que foi denominado de gênero masculino e aquilo que foi denominado de gênero feminino.

Com a velhice acontece o mesmo. Ela nada mais é do que um conjunto de enunciados que determina uma série de comportamentos padrões e esperados para esse segmento da população. Tal padronização em relação à velhice varia conforme o local e a época em questão.

Por razões econômicas e sociais esse segmento da população vem recebendo muita atenção ultimamente. O idoso passou a ser categorizado e classificado, pois além de seu número estar aumentado, ele não é avaliado como produtivo pela sociedade atual. Outro aspecto considerado motivo de categorização, é o fato dele também não se reproduzir. A reprodução contribui para o aumento da população de novos consumidores e geradores de riquezas. Assim como as travestis, os idosos também

foram transformados em “pestilentos”. A sociedade tenta “tratá-los” para que eles continuem consumindo e produzindo. Diversos produtos comerciais estão sendo criados especificamente para esse segmento da população.

Apesar de todos os esforços para adequar e integrar aquele que é considerado idoso, ele ainda é estigmatizado como gerador de despesa por conta da aposentadoria, por exemplo. Quanto maior o número de idosos, maior o orçamento previdenciário. Considerando que a taxa de natalidade e de mortalidade estão diminuindo no Brasil, o número de idosos está aumentando. Além disso, o idoso não se encaixa nos modelos padronizados de sujeitos idealizados pela sociedade de controle. Não são considerados ágeis, rápidos, vorazes, competitivos, independentes e produtivos. Por não serem considerados assim, serão tratados para que se tornem assim.

Na sociedade de controle, a qual todos nós estamos inseridos, caracteriza-se pela volatilidade, competitividade, individualidade, rapidez, mudança e por ser facilmente modulável e ajustável aos sistemas de poder que a controlam. Existe preconceito contra aqueles que não são moldáveis, rápidos e flexíveis. O idoso geralmente costuma sofrer o estigma daquele que é lento, rígido, sistemático, metódico, dependente e inflexível.

O corpo idealizado produzido pela sociedade de controle é o corpo sarado, magro, “bonito”, independente, sempre jovem e “saudável”. O corpo produzido pela sociedade disciplinar é o corpo dócil e obediente. Estamos vivendo exatamente a fusão entre a sociedade disciplinar com a sociedade de controle.

Após a categorização dos corpos em travesti e idoso, por exemplo, será feita a tentativa de disciplinar tais corpos para que esses correspondam às normas vigentes. Elas estão principalmente voltadas para os fluxos de funcionamento mercadológicos e sociais estabelecidos.

Para que isso ocorra de maneira eficaz, uma terapêutica é configurada para tratar e corrigir tais corpos considerados inadequados. De maneira geral, o idoso será pressionado a tentar se adequar aquele que é considerado o modelo ideal pela sociedade de controle: o jovem sarado, bonito, ágil, produtivo, flexível, independente e consumista. Já a travesti idosa irá tentar se adequar a mulher jovem, sarada, bonita, ágil, independente, flexível, consumista e produtiva.

Definir o que é a velhice da travesti acaba sendo um mecanismo de poder, pois traz consigo um repertório de padrões que a configura como tal. Ou seja, toda produção de saber tem o poder de criar formas. Ele está relacionado a uma estrutura de poder. Cria modelos normatizadores de como se “deve” viver. Está de acordo com aquilo que é definido como sendo “normal” e desejado. Ser travesti e idosa não é considerado “normal” e desejado.

Com a crise das instituições de confinamento, como prisão, hospital, fábrica escola e família, são discutidas reformas nesses sistemas. É preciso pensar outras formas de controle que contemplem a diversidade de situações que vem surgindo desde a última metade do século XX (Deleuze, 1992).

O que tem ocorrido é uma grande produção e disseminação de conhecimentos pelas diversas áreas do saber para um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Elas também estão convocadas a participar do processo de reforma das instituições. O indivíduo sai da condição de obediente e dócil, passando a assumir a condição de “cidadão” ativo e responsável. Isso se dá por meio de uma rede ampla e complexa de controle, em que controla e ao mesmo tempo é controlado.

Na sociedade de controle, a noção de identidade se fragmenta. A pessoa continua sendo consumidora fora da loja, estudante fora da escola e funcionária fora da empresa. Com o advento dos computadores portáteis, *internet* e celular: loja, escola e empresa

estão em todo o lugar, em todas as horas do dia. O funcionário continua conectado a ela e sendo “forçado” a trabalhar mesmo em dias de folga. O estudante continua a estudar, mesmo fora da instituição escolar. O consumidor continua consumindo, quando acessa endereços eletrônicos de lojas do mundo inteiro, a qualquer hora e lugar. Os produtos serão sempre entregues em seu domicílio, mediante o pagamento de uma taxa extra, facilitando ainda mais o consumo voraz (Mansano, 2007).

1.3) Biopoder

Outra forma de controle a ser exercida é por meio de um dispositivo que foi o biopoder. A sociedade disciplinar se preocupava com o controle individual dos corpos. Já a política do biopoder se ocupa com o controle do corpo da espécie.

Entre os séculos XVII e XIX, consolidou-se na Europa Ocidental o processo pelo qual os padres e os representantes religiosos ficavam responsáveis por organizar e gerenciar o mundo privado e individual. Enquanto isso, a ordem pública agora era organizada e gerenciada por cientistas. Tanto o corpo individual como o corpo “espécie humana” serviram de base para a manutenção do estado burguês industrial que surgia.

Os soberanos das nações não mais causavam a morte e sim a manutenção, controle e o gerenciamento da vida. As biopolíticas irão estabelecer a ponte entre o cotidiano das pessoas e o saber científico por meio dos chamados especialistas do corpo (Leite Junior, 2008).

Na passagem da sociedade de soberania para a sociedade disciplinar surge a idéia de que é preciso defender a sociedade. Não mais de um povo contra outro povo distinto, ou mesmo de uma etnia contra outra etnia. A questão se dá pela criação da

noção de um único grupo mais homogêneo, identificado como sociedade. Ela como um todo deve controlar e evitar todo o tipo de “degeneração própria”. Há certa ambição para que esta sociedade se mantenha em constante processo de “purificação”.

Isso servirá como uma das dimensões fundamentais da normatização social. A noção moderna de racismo, por exemplo, surge como discurso de base para auxiliar o Estado e as instituições sociais na vigilância e eliminação daqueles que são considerados divergentes sociais e “inimigos internos” que ameaçam o funcionamento “ideal” da sociedade (Foucault, 2000).

É justamente nessa época que surgem os conceitos biológicos de “espécie humana” e “população”. Depois de criados tais conceitos, esse dispositivo de poder vai incidir sobre a coletividade, controlando justamente aquilo que criou: a espécie humana e a chamada população. Vai gerir a vida aumentando a potência dos corpos, para que esses produzam e consumam ainda mais. Ainda promove a diminuição dos riscos de morte, prometendo uma espécie de juventude eterna e saudável para sempre.

A biopolítica foi um elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo. Serviu para assegurar a inserção controlada dos corpos no aparato produtivo e para ajustar os fenômenos populacionais ao processo consumista. O investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças são indispensáveis para atingir seu objetivo (Foucault, 2008d e 1993).

O biopoder é composto de tecnologias de segurança com o objetivo de evitar os riscos de morte, doenças, o aleatório, modificando o destino biológico da espécie. É uma política que propõe o exorcismo da morte, a promoção da saúde e a boa qualidade de uma vida longa. Aquilo que envolver qualquer risco de morte será considerado resistência ao biopoder.

Portanto, será combatido e eliminado através de maciço investimento em políticas públicas de saúde e prevenção de patologias, através de constantes exames médicos e laboratoriais. Tais estratégias procurarão capturar o máximo de corpos possíveis, movimentando altas cifras financeiras em remédios, cosmética, produtos, serviços e tratamentos de saúde. Padrões de saúde física e mental são estabelecidos com o objetivo de serem seguidos obsessivamente. Aquele que não se adequar sofrerá pressões por parte da indústria de remédios para que se adéque.

Assim, por exemplo, todos deverão estar sempre felizes. A felicidade foi considerada algo esperado, bom e saudável. Caso haja qualquer tipo de alteração de humor, por mínima que seja, será imediatamente capturada pelos mecanismos normalizadores e normalizadores do biopoder. A quantidade de sintomas psiquiátricos, que formam as síndromes e transtornos psiquiátricos, além de aumentarem de tempos em tempos, já conta com o seu respectivo antídoto: o remédio normalizador. A indústria farmacêutica movimenta altas cifras financeiras no mundo inteiro em nome da a “qualidade de vida” ideal. Todos acabam sendo alvo de controle. As travestis idosas geralmente são capturadas pela indústria da beleza, estética, moda e saúde.

Os veículos midiáticos participarão ativamente na disseminação de modos de vida considerados adequados para atingir a “qualidade de vida” adequada. Esse termo está associado a um repertório padronizado de comportamentos desenvolvidos em nome do bem-estar, segurança e vida longa com “qualidade”. A indústria da saúde, maior beneficiada, movimenta bilhões de dólares anualmente no mundo inteiro. A gestão da vida se transforma em um negócio altamente lucrativo. Não basta os cuidados básicos com a saúde, agora é preciso investir em programas de prevenção e estética dos corpos. Travestis idosas serão obrigadas a se manter sempre jovens, belas e saudáveis, caso isso não aconteça, o preconceito já sofrido, será ainda maior.

Várias áreas e profissões se beneficiam economicamente dessa política. A mídia ajuda na disseminação das biopolíticas de forma maciça. Os meios de comunicação estão todos interligados, facilitando assim, o controle maior das pessoas. Especialistas de diversos setores do conhecimento, especialmente da área da moda, saúde e estética irão recomendar como se deve agir, comer, dormir, exercitar, relaxar, trabalhar, namorar, vestir, viajar, planejar, investir, comprar, interagir, rezar, sentir e viver para atingir tal qualidade.

Graças à biopolítica, por exemplo, a população idosa, está sendo estimulada e controlada a viver em maior número, melhor e por mais tempo. A velhice está recebendo atenção enquanto coletivo. É considerado estatisticamente o período do processo de vida onde a saúde e a longevidade se tornam mais ameaçadas pela morte: a maior inimiga do biopoder. Por conta disso o idoso acaba sofrendo investimento significativo de biopoder, para que sua vida seja mais longa e saudável.

Aquilo que é considerado doença, além de ser inimiga do biopoder, traz prejuízo financeiro que são mostrados nos diversos meios de comunicação, acompanhados sistematicamente de estudos estatísticos, referentes ao tema. O biopoder manipula as pessoas através do medo que elas têm da decrepitude e da morte. Ele lida com o nosso instinto de preservação que no geral é bem forte. Velhice, inutilidade, dependência, decrepitude, doença e morte são diretamente associadas por crenças populares.

Para que o fracasso do biopoder seja evitado, é necessário o mapeamento da vida em seus mínimos detalhes, evitando assim, tudo aquilo que é considerado arriscado, aleatório e ameaçador. As ciências relacionadas à estatística, por exemplo, se desenvolvem justamente no século XIX. A estatística utiliza as teorias probabilísticas para explicar a frequência de fenômenos e para possibilitar a previsão desses fenômenos no futuro. Consiste no estudo dos riscos.

As estatísticas de morte sempre serão mostradas com uma solução para evitá-las. Morrer representa escapar completamente das biopolíticas. Aquilo que escapa a tais domínios deverá ser identificado, nomeado, pesquisado, disciplinado e corrigido através de uma terapêutica adotada. As pesquisas são impulsionadas e subsidiadas diante daquilo que foge ao controle. É preciso conhecer os detalhes para poder controlar e evitar melhor os riscos. Variáveis se tornam objeto de estudo. Uma vez estudadas e conhecidas serão facilmente dominadas e corrigidas. Foucault define que o dispositivo de biopoder foi inspirado no poder pastoral (Castro, 2009; Mansano, 2007).

Nesse tipo de poder, o pastor assegura a salvação de cada uma de suas ovelhas. Ele zela pelo seu rebanho com devotamento. É estabelecido entre ele e cada membro do seu rebanho uma relação de dependência. O rebanho não pode viver sem o pastor, pois esse provê todas as suas necessidades. O objetivo é suprir em cada indivíduo qualquer tipo de vontade própria. Se alguém agir por vontade própria, será considerado um resistente.

A governabilidade no ocidente é pastoral. Governar é ser pastor de um rebanho. O poder pastoral foi incorporado ao poder estatal. É um mecanismo que controla a população em movimento. Qual será o efeito desse tipo de poder? Que tipo de pessoa está sendo produzida? O Estado toma para si a gerência da vida como estratégia de poder. No poder pastoral muito benefício é recebido a custo de muita obediência dispensada.

Ele assegura como as pessoas devem viver. As controla em seus mínimos detalhes. Uma das normas que ditam e regulam como as pessoas devem viver em nossa sociedade, por exemplo, são as normas de gênero. A travesti idosa não está de acordo com as normas de gênero. Elas desorganizam a ordem vista como lógica. Aquilo que é considerado natural precede aquilo que é considerado normal. Portanto, modificar um

corpo, “naturalmente” dado, o “desnaturaliza”, se tornando um corpo “anormal”. Por isso, travestis idosas são consideradas “ovelhas” rebeldes e resistentes desse rebanho, chamado de espécie humana (Castro, 2009; Foucault, 1993).

Dois cuidados são fundamentais para que o controle do Estado aconteça: cuidar das pessoas e dos bens. Para isso é preciso vigiar como os homens vivem e produzem as riquezas estatais. A vigilância assegura vigor estatal e zela por aquilo que é considerado público. O controle do Estado é garantido por meio de suas inúmeras instituições. O ser humano acaba sendo estimulado a ser ativo e produtivo, porém controlado pelo Estado. As políticas públicas governamentais são formas de controlar a vida das pessoas em seus mínimos detalhes. Quanto mais presente, mais as pessoas acabam necessitando delas, tornando-se cada vez mais dependentes e obedientes.

Com o advento da estatística, são criadas as curvas de normalidade que acabam estabelecendo índices daquilo que é considerado normal e anormal, para diversos aspectos da vida, dentre eles a sexualidade humana. A estatística é aplicada da seguinte forma: primeiro é convencionada uma norma, depois se analisa através de dados estatísticos se determinado dado está dentro da norma ou não. A norma geralmente se dá através da mensuração de determinado coletivo no tempo e no espaço. Ela é móvel, pois varia de acordo com aquilo que está sendo medido.

Podemos, por exemplo, comparar a de expectativa de vida do brasileiro na atualidade com a de 1980. Perceberemos que ela varia conforme a região do país em questão, embora haja uma média nacional. Toda média estatística, sobre qualquer assunto, acaba se tornando um dispositivo de poder, pois seu objetivo é colocar todos no mesmo padrão de normalidade. Aqueles que estiverem fora do padrão serão considerados anormais. Todo tipo de padronização é opressor, pois fatalmente nem todos responderão ao que está sendo padronizado (Foucault, 2008c).

Padrões corporais para cada gênero sexual são estabelecidos. Através deles são instituídas as “verdades sobre si”. O que é considerado ambigüidade, é eliminado a partir de variadas formas de controle corporal. Portanto, para esse estudo, no qual só há duas possibilidades completamente aceitas socialmente. Ou as pessoas são classificadas como sendo homens, ou são classificadas como sendo mulheres. Serão aceitas ainda mais, se forem jovens, saradas e belas.

Aquilo que é considerado o padrão normal para homens é:

pênis = menino = homem = identidade de gênero masculina = nome social idêntico ao nome do registro civil = comportamentos considerados culturalmente masculinos = desejo sexual exclusivo por mulheres = ativo sexualmente = fecundador = preferencialmente pai = perpetuador da espécie = bem resolvido psicologicamente e emocionalmente = culto = informado = jovem = sarado = belo = branco = postura exclusivamente ativa diante da vida = produtivo = provedor = independente financeiramente = competitivo = consumista = normal = saudável = correto = não resistente às normas de gênero = inteligível socialmente = existência reconhecida = visível.

Para as mulheres o padrão considerado normal é:

vagina = menina = mulher = identidade de gênero feminina = nome social idêntico ao nome do registro civil = comportamentos considerados culturalmente femininos = desejo sexual exclusivo por homens = passiva sexualmente = preferencialmente mãe = fecundada = geradora = parideira = cuidadora = perpetuadora da espécie = bem resolvida psicologicamente e emocionalmente = culta = informada = jovem = sarada = bela = branca = postura preferencialmente passiva diante da vida = produtiva = preferencialmente independente financeiramente = competitiva =

consumista = normal = saudável = correto = não resistente às normas de gênero = inteligível socialmente = existência reconhecida = visível.

Já a travesti idosa se encontra na seguinte situação perante a sociedade:

pênis = menino = homem = identidade de gênero masculina e feminina = nome social diferente do nome do registro civil = comportamento considerado culturalmente masculino e feminino = desejo sexual exclusivo por homens, mulheres ou ambos = não geradora de descendentes = preferencialmente passiva sexualmente = mal resolvida psicologicamente e emocionalmente = preferencialmente ignorante = idosa = flácida = feia = postura ativa e passiva diante da vida = improdutiva = não competitiva = anormal = patológico = errado = resistente às normas de gênero = não inteligível socialmente = existência não reconhecida = invisível.

Conforme observado no modelo acima, além de não estar de acordo com as normas de gênero impostas, a travesti idosa apresenta características consideradas anormais em diversos aspectos como a não perpetuação biológica da espécie, situação financeira e faixa etária inadequadas, se comparada com aquilo que ela “deveria” ser. O nível cultural passa a ser indiferente, embora seja preferível que ela seja inculta e obediente às normas já estabelecidas. A consequência é a exclusão e o preconceito.

Não só a travesti idosa, como qualquer pessoa que não se enquadrar em “todos” os itens padronizados, referente ao seu respectivo sexo biológico, será considerada um tanto “anormal” pelos demais membros da sociedade. A idéia de normalidade não é imposta. Seu poder se estabelece através da sedução do indivíduo prometendo saúde, felicidade, longevidade e beleza. Tais promessas aprisionam pessoas em um dispositivo de eterno exame e correção. Dessa forma, o ideal de normalidade se sofisticava, ficando cada vez mais inalcançável e frustrante. Aqueles que tiverem maiores condições

socioeconômicas, poderão consumir mais tecnologia para estar mais próximo do conceito inatingível de normalidade.

1.4) Biopoder e a sexualidade humana

A natureza do poder não é necessariamente repressiva. O poder produz sujeitos dóceis e obedientes. Por meio de especificações ocorridas dentro da ciência, com o objetivo de aumentar ainda mais o conhecimento e o controle sobre a vida das pessoas, a sexualidade surge como especialidade das ciências psicológicas (medicina, psiquiatria e psicologia). Mas por quê?

Os dispositivos de poder incidem sobre dois aspectos fundamentais ao mesmo tempo: o corpo físico de cada um e o corpo da espécie humana como um todo. Dessa forma o controle pode ser exercido de maneira mais ampla. O objetivo é disciplinar o corpo e a vida de acordo com o sistema de valor burguês capitalista e industrial. Produção de corpos dóceis, obedientes, produtivos e consumistas. Tal dispositivo está diretamente ligado ao corpo das travestis idosas.

O que nos interessa é analisar os discursos sobre a sexualidade. Qual é o tipo de “verdade” que a ciência produz quando define o que é a sexualidade? Qual é o componente de poder que está contido nessa “verdade”? Quais os efeitos de poder que se produzem através da oficialização dessas “verdades”? A normatização e regulamentação da vida parece ser uma desses efeitos. As políticas de regramento da vida sexual estipulam o que é “normal” e o que é “anormal” de acordo com certo padrão estabelecido por diversos interesses de comando.

Toda e qualquer definição sobre qualquer assunto ou objeto é feita com o objetivo de torná-lo conhecido. Ela se baseia na construção teórica daquele que a

define. Ao definir algo, a própria definição já limita e controla aquilo que está sendo definido. Isso ocorre, pois as palavras que definem o que é isto ou aquilo criam regras padronizadas de como tal objeto “deve” ser ou não ser. Nomear algo é tentar controlar o que está sendo nomeado por meio de definições.

No entanto, a realidade vai além de qualquer tentativa de definição conceitual. O objeto escapa às palavras que tentam defini-lo como sendo desse ou daquele jeito. Quando algo não se enquadra em determinado conceito, outras definições imediatamente se encarregarão de capturar aquilo que escapa à definição padrão. Dessa forma, tudo está sobre o controle das definições de determinado saber que se transforma em poder.

Geralmente elas tentarão classificar e dividir os conceitos em dois aspectos distintos: aquilo que é considerado normal e aquilo que é considerado anormal. Normal está associado ao correto e anormal ao incorreto. Isso também ocorre com o que foi de sexualidade humana. Ela varia conforme a época e o local em questão. Atualmente, ou há homens ou mulheres. Travestis não se encaixam na definição daquilo que é considerado homem, nem naquilo que é considerado mulher (Castro, 2009).

Nos meios religiosos e científicos defendeu-se por muito tempo que o sexo era algo reprimido. Isso ocorreu principalmente após o estabelecimento do cristianismo como religião principal no continente europeu na idade média. Qual o sentido em dizer que o sexo é reprimido? Qual é a relação de poder que isso produz? A estratégia principal do poder é reprimir? Liberar o sexo é contrariar o poder? Qualquer intervenção no sentido de prevenir algo, aciona um dispositivo de controle sobre esse algo. Tentar evitar a manifestação do sexo provoca o controle do próprio sexo. Portanto, dizer que o sexo é reprimido aciona dispositivos de controle sobre a vida sexual das pessoas.

Enquadrar as travestis idosas em classificações psiquiátricas, por exemplo, sugere que o controle haja sobre as próprias travestis. Elas são impedidas de se manifestar, pois já receberam uma classificação, que as torna passíveis de tratamento e correção (Foucault, 1993).

Depois do quarto concílio de Latrão, ocorrido no século XIII, a confissão torna-se obrigatória pela igreja católica. O confissionário é criado dentro da própria igreja. Aquele que confessa incita o especialista que ouve e classifica. Foucault ainda diz que o método psicanalítico de tratamento clínico criado pelo médico alemão Sigmund Freud (1856 - 1939), se inspirou também na confissão religiosa. Para Foucault, o psicanalista tem a função de ouvir, interpretar, categorizar e disciplinar, de acordo com as normas sociais vigentes, aquele que fala.

Para Foucault a confissão vai além do ato de enunciar para o outro suas culpas e pecados. Ela também se interioriza como prática de penitência e do exame de consciência. Estabelece-se como uma relação de saber-poder que funda subjetividades. Na época, o confissionário era um dos únicos lugares institucionais onde o discurso individual encontrava acolhimento. A medicina e a psicanálise seriam seus herdeiros.

O interrogatório e a confissão são formas em que o saber e o poder psiquiátrico se articulam. A psicanálise se inscreveria na linhagem confessional, ao constituir um sujeito sujeitado ao saber do outro. Analista mostra “a verdade” ao analisado. É como se a subjetividade de cada um fosse subjugada à sua própria sexualidade.

Em outros termos, a vida sexual da pessoa dizia “a verdade última” sobre quem ela era de fato. Sua subjetividade estava sendo manifestada por meio de desejos, fantasias e ações sexuais. Subjetividade (mente) e corporalidade (corpo) encontram na sexualidade sua conexão. Entre os anos de 1860 e 1870 houve certa multiplicação de discursos médicos que buscavam comprovar que os comportamentos sexuais e todos os

demais tinham sua origem na biologia (Foucault *apud* Bento, 2008; Castro, 2009; Foucault *apud* Pelúcio, 2009).

Quando o filósofo francês Rene Descartes (1596 - 1650) estabeleceu de forma clássica a divisão entre corpo (físico e mortal) e alma (espiritual e imortal) no pensamento filosófico, resgatou idéias do filósofo grego Platão (428 a.C. - 348 a. C.). Não é por acaso que tal forma de pensar acabou facilitando o controle maior do todo, através das partes “identificadas”: corpo e alma.

De acordo com os preceitos religiosos cristãos, era entendido que a carne passa refletir a alma ou subjetividade da pessoa. Eles acreditam que ali se encontra o espírito ou mente que por sua vez expressam a “identidade real” do sujeito. Portanto, aquilo que era considerado pecado se manifestava na carne em forma de desejos. Através da prática da confissão, os desejos consumados e até mesmo imaginados eram revelados. Em manuais de confissão, o desejo vai sendo mapeado e estudado para ser mais bem controlado.

A vida sexual das pessoas passa a ser exposta através das confissões. O sexo era revelado e liberado. Era pregado que através da liberação das fantasias e atos sexuais, por meio do confessor, a alma iria se libertar do pecado. A igreja provocou a confissão. O sexo foi transformado em algo poderoso. A sexualidade era estimulada. Os desejos foram categorizados em pecado e não pecado. Com a liberação daquilo que foi denominado de sexualidade, tornou-se possível construir um padrão de certo e errado, normal e anormal em relação a isso.

Com o passar do tempo, já por volta do século XIX, o tipo de atividade sexual que era considerada pecaminosa e anormal, começa a ser controlada e incorporada pelas ciências biológicas, representadas principalmente pela medicina e psiquiatria. Manuais médicos foram sendo escritos contendo a forma “normal” e “anormal” de

como a recém “criada” sexualidade “deveria” ser praticada. Além de ser controlada pela igreja, agora ela passa a ser controlada pela medicina e justiça. Quanto mais liberada ela se tornava, mais visível, categorizada e disciplinada.

Os manuais eram baseados em padrões de normalidade. Tal padrão era submetido à moral religiosa, social, jurídica, médica, burguesa e europeia do século XIX. Até essa época, o discurso religioso era praticamente responsável por mapear e organizar a disciplina do corpo. De acordo com tal discurso, o sexo deveria ser exclusivamente heterossexual, monogâmico, dentro do casamento e para fins reprodutivos.

Todas as práticas sexuais que não atendessem a esse propósito eram consideradas anormais e passíveis de tratamento e correção. As práticas sexuais foram sendo detalhadas para serem facilmente controladas. Como exemplo disso, em 1886 surge na Alemanha o primeiro estudo médico na área chamado *Psychopathia Sexualis*. É considerada uma obra científica clássica, que influencia diagnósticos referentes à sexualidade humana até os dias atuais. Foi escrita pelo médico alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902). Nenhuma prática imaginada poderia ficar fora de tal mecanismo de visibilidade, classificação e controle. Para isso, os relatos eram realizados de forma minuciosa e com riqueza de detalhes. Cada nuance considerado anormal sofreria imediatamente categorização e patologização.

Os mecanismos de controle se apropriam daquilo que agrupava o maior número de pessoas possível. Um simples comportamento, a atividade sexual, que era exercido no cotidiano por grande número de indivíduos, agora passa a sofrer categorização e disciplina. Tal feito ocorreu por meio do crivo da própria sociedade burguesa, que por sinal, financiava as atividades científicas. A partir de então, as ciências biológicas, juntamente com a justiça e a religião, ditavam como a atividade sexual “deveria” ser

praticada. Aqueles que não a praticassem da forma considerada correta, sofreriam punição e tratamento.

É justamente o que ocorre com as travestis idosas, por exemplo. São punidas pelo preconceito e recebem tratamento para se adequarem às normas de gênero impostas. Quem não é servo dos modelos impostos pode ter a chance de criar e reinventar a própria vida. Contudo, essa é uma tarefa difícil, pois os modelos são bastante opressivos. Quem se submete tem maior chance de ser aceito socialmente. Quem não se submete é automaticamente excluído.

Conforme vemos então, a sexualidade acabou sendo produzida através de conexões entre vários discursos e dispositivos de poder. Entre os principais vistos estão igreja, sistema político e jurídico, medicina, psicologia, pedagogia, economia, família e outras instituições sociais de forma geral.

Dessa forma, a sociedade disciplinar e as biopolíticas, da qual a sexualidade humana faz parte, vão configurando por meio da anatomopolítica individualizante e a biopolítica massificante o que vai ser denominado de sociedade do controle.

O falar de si inaugurou o espaço de reconhecimento e captura. Da culpa e pecado o sexo passa a ser considerado normal ou patológico. A profusão de discursos normatiza o sexo. O Ocidente dessa forma acaba inaugurando a ciência da sexualidade humana. É um saber que se constitui engendrado por relações de poder que regulam a vida. Por fim, acaba sendo um conjunto de saberes que objetiva e subjuga o sujeito. O corpo não pertence ao sujeito e sim às instituições que o definem como, por exemplo: a igreja, a família, o Estado, as ciências biomédicas, químicas, físicas e humanas, a filosofia e demais setores da sociedade.

Em relação ao gênero sexual, comportamentos e vestimentas são constantemente reiterados pelo sujeito no sentido de confirmar o que se espera

culturalmente do seu corpo. Dessa maneira, o mecanismo de controle é reforçado e realimentado. Porém, onde há controle, há resistência. Travestis idosas vêm reiterando normas de gênero que se materializam em seus corpos, desde a adolescência. Ao mesmo tempo resistem a essas mesmas normas, quando efetuam alterações que partem de corpos biologicamente masculinos (Castro, 2009; Foucault, 1993; Leite Junior, 2006).

1.5) Sociedade de controle

Diversos veículos de comunicação, câmeras de vigilância, mapeamento e rastreamento por satélites, sistemas de segurança, alerta contra atentados terroristas, registros de dados, senhas de acesso, procedimentos burocráticos, códigos, monitoramento de doenças, perfis de comportamento, exames preventivos, escalas de medições, tabelas, gráficos, índices estatísticos, ditadura do relógio, enfim, tudo faz parte da sociedade de controle. O poder nessa sociedade é massificador, pois atua no corpo da espécie, diminuindo o risco de doença, mortalidade, aumentando assim, a longevidade. Índices estatísticos e demografias são estabelecidos. Comportamentos são tabulados e organizados em gráficos e “padrões de normalidade”.

Na sociedade capitalista industrial era preciso extrair forças produtivas dos corpos por meio da sociedade disciplinar. Na atualidade, já estamos vivenciando a sociedade de controle, que surge a partir do século XX. Mecanismos da sociedade disciplinar foram integrados a sociedade de controle, aumentando ainda mais o seu nível de sofisticação e precisão de domínio. Não há mais a necessidade da disciplina nos espaços confinados. Com a *internet*, por exemplo, o controle é exercido eficazmente a todo tempo, em todo lugar e por qualquer pessoa.

Foucault dizia que o poder não mais emanaria de um monarca ou de um governante. Afirmava que ele será constituído de uma rede fina, diferenciada e contínua. Nessa rede várias instituições iriam se alternar com ares de observação e neutralidade, como a justiça, a polícia e a medicina. O poder está pulverizado, disseminado e interconectado. Tanto ele, como a punição são introjetados por quem é controlado. Assim, aquele que é controlado passa a controlar, alternando de posição com aquele que controla (Foucault *apud* Mansano, 2007).

A vigilância é colocada justamente sobre aqueles que atrapalham o fluxo considerado importante para o funcionamento da ordem social estabelecida pela sociedade de controle. A travesti idosa, por exemplo, é acusada de colocar em risco o fluxo considerado correto. Sua forma de ser e de viver não estão de acordo com os valores e regras estabelecidos para aquilo que foi considerado um “bom” funcionamento social. São acusadas de estarem em desacordo com as normas de gênero, valores familiares, sociais, religiosos, políticos e econômicos. Por isso são visadas, vigiadas, detectadas, classificadas, excluídas e tratadas.

Na sociedade disciplinar tudo é moldado em lugares próprios e cada um recebe uma função. O poder do chefe da fábrica funciona dentro de um determinado espaço físico. Já na sociedade de controle, não há um espaço físico definido no qual o poder é exercido. Os corpos são capturados a céu aberto. Não há mais a necessidade de um espaço fechado para disciplinar. O indivíduo é continuamente controlado onde quer que esteja. Trata-se de práticas de controle que atentam para o corpo do outro, para sua aparência e conduta. Travestis idosas são vigiadas e controladas quando apontadas pelo outro que a discrimina.

Na sociedade disciplinar havia começo, meio e fim para o controle. Na sociedade de controle, nada acaba. O indivíduo precisa sempre se atualizar. O processo

de avaliação é contínuo. Todos são estimulados a consumir tanto bens materiais como bens não materiais, como estilos de vida, relações humanas, lazer, auto-ajuda, conhecimento e principalmente informação atualizada sobre tudo.

No imaginário cultural, é como se o produto consumido agregasse valores que dissesse algo sobre aquele que o consome. Com o consumo de certo produto, a pessoa deseja transmitir valores, condição financeira, filosofia de vida, valores religiosos, cultura, intelecto, estilos de ser, ideologias, evolução profissional, mesmo que seja apenas uma aparência de si. A indústria da propaganda investe no produto e no mercado. Ela produz imagens e enunciados que são retirados do cotidiano dos próprios consumidores e devolvidos a eles em forma de peças publicitárias que são associadas a determinado produto (Mansano, 2007).

Por meio de pesquisas, as empresas de publicidade têm acesso ao mundo interno do cliente. O consumidor não percebe que ele mesmo ajuda a criar a peça publicitária. As informações são coletadas e traduzidas em produtos e *slogans* publicitários. O *marketing* se propõe a vender o desejo do cliente que é simbolizado no produto. Ele acaba consumindo sistemas de subjetividades e representações. Dentre eles está a crença de que adquirindo certo produto, vai encontrar afeto, sucesso, bem-estar e felicidade. A televisão vende imagens e desejos que serão consumidos em forma de produtos.

O mercado nos submete ao controle-estimulação. Para Foucault nossos corpos não estão mais sujeitos ao controle-repressão que é típico da sociedade disciplinar. Agora somos encorajados a ficar nu, porém teremos que apresentar um corpo sarado, bronzeado, magro e jovem. A diferença que existe entre as expectativas idealizadas de corpo e a realidade possível de ser atingida gera frustração. Os ideais são aperfeiçoados e sofisticados para que sejam cada vez mais inatingíveis. Dessa forma a pessoa

continuará consumindo na tentativa de atingir as metas impostas (Foucault *apud* Mansano, 2007).

Esse mecanismo de controle e consumo estará implicado diretamente no envelhecimento de travestis. Porém, o discurso de verdade sobre quem o sujeito é se voltará para a aparência física. É como se o corpo revelasse quem a pessoa é. Uma vez exposto a olhares externos é largamente submetido a avaliações e vigilância. O culto ao corpo considerado belo, que é definido pela indústria da moda e da saúde, é cada vez mais crescente.

Cada vez mais o número de pessoas de diferentes classes sociais e faixas etárias aderem a tal prática de embelezamento do corpo. A intervenção é realizada desde estruturas microscópicas até estruturas macroscópicas. Da biologia molecular à ecologia, o controle total da vida está sendo assegurado. Atualmente já contamos com a nanotecnologia que está associada a diversas áreas de pesquisa (como a medicina, eletrônica, ciência da computação, física, química, biologia e engenharia dos materiais) e produção na escala nano (escala atômica). O princípio básico é a construção de estruturas e novos materiais a partir dos átomos (os tijolos básicos da natureza). O objetivo principal não é chegar a um controle preciso e individual dos átomos, mas elaborar estruturas estáveis.

Políticas preventivas de saúde em nome do bem estar e da beleza são desenvolvidas e disseminadas em alta escala, gerando altos lucros. A busca obsessiva pela estética perfeita, que envolve investimento financeiro e disciplina é apresentada ao público como sinônimo de amor próprio e aumento da auto-estima. Porém, a proliferação de produtos de beleza se tornou um mercado altamente promissor e lucrativo. O sujeito é estimulado pela propaganda a sentir prazer ao cuidar do próprio

corpo. Pois à medida que isso é feito, ele é impelido a acreditar que qualidades espirituais da sua alma estão sendo automaticamente desenvolvidas e aprimoradas.

O mercado que explora o corpo associa valores subjetivos a valores estéticos quando desenvolve e dissemina a seguinte mensagem: a beleza externa aparente em músculos bem torneados e definidos, nada mais é do que o reflexo direto da existência de uma beleza interna correspondente. Influenciados por Platão, tendemos a pensar que se é considerado belo, é automaticamente bom. Entretanto, sabemos que muitas vezes, as aparências são apenas aparências. A associação feita pela propaganda entre o cuidado com o corpo e a sexualidade humana, provoca nas pessoas excesso de auto-erotismo, narcisismo, individualismo, competitividade, sensualidade e hedonismo.

Ser hedonista é buscar o prazer como o bem supremo e torná-lo o principal objetivo da vida moral. Em outras palavras, o comportamento animal ou humano é motivado pelo desejo de prazer e evitar o desprazer. Portanto, a energia sexual, quando estimulada, torna-se muito poderosa e principalmente rentável financeiramente. Tal estratégia publicitária movimenta cifras bilionárias, especialmente na indústria do sexo e suas ramificações indiretas. Além disso, o corpo bem cuidado vai receber atenção, elogios e aprovação do outro que está sempre examinado e avaliando se ele se enquadra ou não nas normas impostas (Sant'Anna, 2001).

Por meio dos veículos de comunicação, valores positivos são agregados ao mundo daqueles que conseguem atingir determinado padrão de beleza estabelecido. Dimensões tipicamente humanas como passagem do tempo, velhice, infortúnios, doenças, sofrimento, conflitos e mortes não encontrariam formas de se expressar em um mundo de tamanha beleza. É a propaganda moral-estética da vida prometendo que a melhora de aspectos emocionais acontece à medida que há melhora dos aspectos físicos. As travestis também expressam alto nível de preocupação com o seu visual.

Muitas acabam vivendo da prostituição. Portanto a aparência se torna muito importante. Como será que lidam com isso, quando o corpo começa a sofrer as ações do tempo? (Mansano, 2007).

Na sociedade de controle tudo está em um banco de dados que é voltado para o *marketing* de serviços e produtos. Os primeiros são construídos pelo registro individual de compras, formando assim, o que é chamado de perfil do consumidor. Os grandes controladores são o fluxo financeiro, as empresas e a propaganda. As forças vitais são engolidas e transformadas em *slogan* publicitário com o objetivo de vender e aumentar o lucro das empresas.

Por exemplo, em um determinado local geográfico é criado um parque ambiental que é explorado financeiramente para se transformar em uma espécie de zoológico a céu aberto. Tanto a fauna quanto a flora desse lugar serão “capturados” pelo mecanismo da indústria do turismo. As operadoras de turismo alegarão que tudo será feito em nome da preservação ambiental, não mencionando, no entanto, seus ganhos financeiros.

Catástrofes naturais são transformadas em espetáculo pelos meios de comunicação. Terremotos, enchentes, doenças, adversidades do clima que ameaçam a vida humana e as biopolíticas são transformados em oportunidades para se lucrar com vacinas e medicamentos. Isso aconteceu, por exemplo, com a indústria farmacêutica, diante da pandemia chamada gripe suína (tipo A H1/N1), ocorrida em 2009.

Na sociedade de controle tudo é globalizado, instantâneo, rápido, volátil, moldável e descartável, tendo em vista os interesses em questão. Há preconceito contra quem não tem mobilidade e flexibilidade. Muitas vezes os idosos são estigmatizados como pessoas que não se adequam a sociedade de controle, justamente por não se adaptarem a tanta rapidez.

Na sociedade disciplinar o sujeito é individualizado, identificado e classificado. Na sociedade de controle ele é fragmentado. O que interessa são determinadas competências e aspectos do seu ser que serão requisitados e explorados. Por exemplo, o consumidor, o funcionário, o turista, o pai, o fiel, o torcedor, o atleta e o aposentado. Dependendo do interesse, terão um ou outro aspecto requisitado pelo sistema comercial.

Da condição de indivíduo passa para a condição de endividado na sociedade de controle. Fica atrelado ao sistema financeiro, por meio do seu cartão de crédito. É justamente por sua condição de subjogado pelo endividamento que se torna um cliente preferencial. Os aposentados, por exemplo, são capturados por meio de promoções e oferta de empréstimos, a juros baixos, descontados diretamente de suas aposentadorias.

Nessa sociedade os diversos tipos de informações circulam rapidamente por máquinas acopladas aos corpos físicos das pessoas. Elas podem ser o rádio, televisão, *walkman*, computadores portáteis, celulares, *ipod*, *ipad*, *iphone*, *smart phones*, etc. Altos volumes de dados e saberes são disseminados rapidamente através desses meios de comunicação. Eles definem regras, normas, estilos, padrões, maneiras, formas, conceitos de como se “deve” viver a vida para que cada um seja considerado uma pessoa normal, inserida e feliz. Portanto, será aceita por todo o sistema que a produz e é produzido por ela.

Pela rede mundial de computadores, mais conhecida como *internet*, qualquer um pode ter acesso a esse grande fluxo de informações a partir de qualquer lugar e a qualquer hora. Além disso, esses aparelhos ainda contam com câmeras que podem ser usadas para gravação de imagens, sons e fotos que poderão ser divulgadas como forma de vigilância, fiscalização, monitoramento e controle. Assim, todos podem se vigiar e controlar.

Saberes e regras são incorporados ao cotidiano das pessoas. Baseadas em um conjunto de normas e regras que foram incorporadas as suas vidas, os indivíduos também ditarão ao outro como ele “deve” viver. Caso alguma regra for desrespeitada, seu autor será imediatamente apontado como um desviante. É a sociedade da vigilância onde um vigia e tenta corrigir o outro.

Por exemplo, as comunidades sociais de relacionamentos virtuais na internet tornam-se cada vez mais, verdadeiros instrumentos de vigilância mútua. Programas de comunicação instantânea são criados proporcionando o monitoramento através da fala e imagem da vida de cada um em tempo real. Acontecimentos serão flagrados em qualquer tempo e lugar por câmeras de monitoramento. Suas imagens serão instantaneamente disseminadas para todos que tiverem acesso ao rádio, televisão e a esses aparelhos de comunicação ligados em rede pela internet.

Essa sociedade não pretende apenas controlar os vivos. Ela pretende gerir a morte, por meio dos cuidados paliativos. Além disso, através da tecnociência, pretende-se clonar partes de órgãos de seres humanos que serão usados para substituir os que não funcionarem adequadamente. Interferir na genética através do controle do código genético pode evitar que certas doenças comprometam o fluxo da vida. Garantindo assim, o triunfo das biopolíticas. Imperativos estão sendo disseminados a todo o momento por todos os veículos de comunicação. Eles ditam regras e normas em nome do bem estar e do bem viver.

É interessante pensar como ficam as travestis idosas dentro desse contexto. Como será que elas lidam subjetivamente com todas essas “imposições” sociais? Segundo Félix Guattari a subjetividade é fabricada e moldada justamente no registro social. A sociedade abarca uma multiplicidade de sujeitos, como por exemplo, as

chamadas travestis idosas. As pessoas se constituem por meio de processos de subjetivação imanentes ao social (Guatarri e Rolnik, 2005).

Para Michel Foucault a concepção moderna de pessoa e indivíduo foi artificialmente construída como universal e naturalmente associada com a linguagem (discurso) da moralidade, religiosidade, lei, direito, racionalidade, responsabilidade, sanitarismo e sexualidade. Foucault desconstrói o sujeito produzido na Europa Ocidental pela Idade Moderna por meio da investigação das instituições e normas que o formaram (Lukes *apud* Pelúcio, 2009).

1.6) Subjetividade e resistência

Subjetividades são sempre multicomponenciais. Os elementos que participam nesse processo difundem-se em fluxos que percorrem o meio social. Incorporam-se a diferentes formas de viver que são assumidas pelas pessoas no decorrer da vida. Fluxos de informações, objetos, idéias, valores, afetos e normas que circulam servem como verdadeiras matérias-primas para a construção da subjetividade. A produção do sujeito se opera na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividades (Guatarri e Rolnik, 1996).

A maneira como cada um irá incorporar os elementos que estão disponíveis nesse fluxo que é compartilhado, varia de pessoa para pessoa. Alguns irão se apropriar desses dispositivos modificando seus elementos. Outros irão incorporar os dispositivos sem quase alterá-los. Os acontecimentos que atravessam a vida das pessoas intensificam os afetos e provocam transformações em suas subjetividades. É difícil saber como cada um vai experimentar os acontecimentos.

Cada pessoa experimenta diferentes graus de potência para afetar ou ser afetado. Os graus de potência pertencentes a uma pessoa, não se manifestam da mesma forma, o tempo todo. Elas podem aumentar ou diminuir de acordo com os encontros vividos por seu corpo. O sujeito ao constituir-se, não se restringe a experiência geral de encontro com determinado dado. Ele vai além quando produz sentidos singulares para cada experiência. Nenhuma vivência detém um sentido único e imutável tal como se fosse uma espécie de essência.

A experiência é viva, somente aquele que a experimenta vai estabelecer suas próprias relações entre as idéias e os acontecimentos. Pode, por exemplo, ser tomado mais por algumas sensações do que por outras. Atentar mais a certas idéias do que outras. Envolver-se mais em certas situações do que outras. A maneira como cada um acolhe e problematiza cada uma das experiências vividas pode ser compreendida como a própria produção da subjetividade. Deleuze lembra bem que o dado não é dado ao sujeito. Ele se constitui no próprio dado por meio de suas capacidades de associar, agrupar, selecionar, organizar e atribuir valor. A produção de sentido orienta sua ação no mundo (Deleuze; 2001; Mansano, 2007).

Toda a experiência vivida, por mais autoritária ou restritiva que seja, conta com diferentes graus de participação do sujeito. Ele comparece aos encontros por meio de um corpo afetável, que produz sentidos imprevisíveis perante o que está sendo vivido. Pode não se resumir a uma relação de passividade e obediência apenas. O sujeito participa como co-produtor de sentidos. Introduce graus de tensão e imprevisibilidade nas relações.

Dessa forma, algo sempre irá escapar ao controle, apesar das fortes opressões impostas pelas relações de poder. Nenhuma relação de poder é completamente soberana. Sempre haverá outra relação que se contrapõe. Controle e resistência

aparecem juntos, travando conflitos o tempo todo. É justamente no contato com aquilo que oprime que as possibilidades de resistência vão se desenhando. Não há controle absoluto, pois sempre haverá resistência. Não há resistência absoluta, pois sempre haverá controle. Onde há o poder do Estado (controle), por exemplo, há o poder paralelo do “mundo do crime” (resistência). Segundo Foucault, as relações de poder são móveis. Elas podem se modificar. Não são dadas de uma vez por todas (Mansano, 2007; Foucault, 2008).

Para Deleuze não há um sujeito único e indivisível e sim uma sucessão de composições que se modificam ao longo da vida em consequência dos afetos experimentados a cada encontro do indivíduo com aquilo que o atravessa. Tais encontros introduzem rupturas e transformações. Quanto mais intensivos os encontros, mais decisivos na existência do sujeito.

O filósofo ainda ressalta que a subjetividade é um processo. Para saber algo sobre sua produção, é necessário fazer um inventário dos diversos momentos desse processo. Perguntar pela subjetividade consiste em investigar: quais as forças que ali atuam? Quais os afetos e intensidades são experimentados pelo sujeito? Das conexões vividas, quais aumentam ou diminuem sua potência de ação? Em que medida se desorganiza e se envolve na produção de novos sentidos em relação ao que está vivendo? Para cada experiência de contato, novas respostas serão dadas à essas perguntas (Deleuze *apud* Mansano, 2007).

Para compreender o processo subjetivo, é interessante perceber como cada sujeito se move singularmente entre os dispositivos, acolhendo, recusando, transformando ou às vezes incorporando em suas vidas, sem ao menos percebê-los. A maneira como cada um recorda os dispositivos e os coloca em funcionamento, produz

efeitos nas relações de poder. Por meio do desejo o sujeito se inscreve nos dispositivos. Por vezes ele pode acioná-los, por outras vezes pode tirá-los de circulação.

É justamente através da produção e intensificação do desejo, em relação a determinado dispositivo, que o controle pode ser exercido de forma eficaz. O poder não pode ser repressivo nem negativo, ele deve produzir efeitos positivos naquele que o legitima fazendo funcionar. Por exemplo, em nome do bem estar geral da população, o comportamento das pessoas é rastreado e vigiado por câmeras de segurança pública e privada, nos mais diversos espaços.

Foucault ainda nos lembra que não podemos nos colocar em uma relação onde não haja nenhum dispositivo de poder. No entanto, é possível transformar a situação (Mansano *apud* Foucault, 2007). No mesmo sentido desse pensamento, Deleuze conclui que aquele que se apropria e transforma os dispositivos de controle, deve se apropriar de um conjunto de impossibilidades. Assim ao mesmo tempo, dentro desse contexto, acaba criando algo possível. A resistência pode ser um processo criativo, ao traçar seu caminho entre impossibilidades (Deleuze, 1992).

Aquilo que foi denominado de travesti pode ser compreendido como uma resistência, pois é contra aquilo que foi estabelecido como sendo coerente com as normas de gênero. Através do corpo travestis manifestam seu contra poder em relação a tal norma e poder sobre si mesmas. A travesti atinge o que é considerado envelhecimento ainda resistindo aos ditames de como seu corpo “deveria ser”. Sua vida toda foi sendo marcada pela resistência.

Elas são percebidas como opositoras a estrutura de funcionamento do biopoder, pois interferem nos modelos reprodutivos e de organização familiar. Como já foi dito, a família nuclear burguesa, tal como a conhecemos na atualidade, é considerada protótipo de saúde e a célula fundamental do funcionamento da sociedade capitalista, agora

globalizada. Por hora falemos sobre o corpo e sua importância. É justamente por meio do corpo que a pessoa manifesta sua subjetividade, portanto corpo e subjetividade estão unidos. No entanto, o corpo não foi sempre compreendido dessa forma por algumas correntes filosóficas.

1.7) Subjetividade e corpo

A doutrina do empirismo foi definida explicitamente pela primeira vez pelo filósofo inglês John Locke (1632-1704) no século XVII. Ele argumentou que a mente seria, originalmente, um “quadro em branco” (tábula rasa), sobre o qual é gravado o conhecimento, cuja base é a sensação. Ou seja, todas as pessoas, ao nascer, o fazem sem saber absolutamente sobre nada, sem impressão nenhuma, sem conhecimento algum. Todo o processo do conhecer, do saber e do agir é aprendido pela experiência, pela tentativa e erro. Historicamente, o empirismo se opõe a escola conhecida como racionalismo, segundo a qual defende que o homem nasceria com certas idéias inatas, as quais iriam “aflorando” à consciência e constituiriam as verdades acerca do universo. A partir dessas idéias, o homem poderia entender os fenômenos particulares apresentados pelos sentidos. O conhecimento da verdade, portanto, independeria dos sentidos físicos.

Um dos principais representantes dessa escola é o filósofo francês René Descartes (1596-1650). Ele defendia que o que definia o ser humano eram sua consciência e pensamento. Ele procurava um método seguro para encontrar a verdade. Para isso instituiu o método da dúvida. Deve-se duvidar até dos métodos científicos. É possível alguém duvidar até que está sonhando. Posto que a dúvida seja um pensamento, não se pode duvidar de sermos pensantes. Quem duvida pensa e por isso é

um ser pensante. Logo quem pensa, existe. Descartes chegou à conclusão que a única instância capaz de apreender a verdade era a consciência e a razão. Fez-se então na filosofia, de forma expressiva, a separação entre a mente e o corpo. Sendo a mente considerada o habitat da razão por excelência.

O fato de pensar nos permite afirmar somente como seres pensantes, mas não ainda como indivíduos dotados de corpo. Antes de iniciar a prática da dúvida, a sensação de existir como corpo parecia uma certeza. Porém, até mesmo a existência do corpo foi colocada em dúvida, assim como a percepção. Somente o pensamento, segundo Descartes, não pode deixar de existir. Porque para se duvidar de qualquer coisa, é preciso pensar. Logo, sua célebre frase: “penso, logo existo”.

A partir de então surgiu na filosofia, de forma bem demarcada, uma corrente que privilegiava o corpo e outra que privilegiava a mente. Explicitam-se os dualismos: idealismo *versus* materialismo; racionalismo *versus* empirismo; subjetividade *versus* engrenagem; pensamento *versus* máquina; consciência *versus* físico; espírito *versus* matéria; cógito *versus* objetividade; interioridade *versus* exterioridade.

É certo que a moral definitiva de Descartes não apresenta uma unidade perfeita. Influências estoicas, epicuristas e cristãs estão presentes nela. Mas, na realidade, essa complexidade reflete a própria complexidade da condição humana. Na plano das idéias claras e distintas, Descartes separa claramente as duas substâncias, alma e corpo: a essência da alma é pensar; a do corpo é ser um objeto no espaço. E no entanto, o pensamento (alma) está preso a esse fragmento de extensão (corpo). A alma age sobre o corpo e este age sobre ela. Para Descartes, o ponto de união da alma ao corpo é a glândula pineal, isto é, a epífise.

Alguns filósofos posteriores a Descartes penderam para um lado e outros penderam para o outro, sendo que, para alguns, somos feitos dos dois aspectos. Para o

filósofo holandês Baruch Spinoza (1632 - 1677) no homem não há senão uma entidade, vista interiormente como mente, e exteriormente como matéria (corpo). O que existe na realidade é uma mistura inseparável. A mente e o corpo não agem um sobre o outro, porque não há outro. O processo “mental” e interior corresponde em cada estágio ao processo “material” e externo. A ordem e conexão das idéias é a mesma que a ordem e conexão das coisas.

O corpo não pode determinar que a mente pense; nem pode a mente determinar que o corpo fique em movimento ou em repouso, ou em qualquer outro estado. A decisão da mente e o desejo e determinação do corpo são uma só coisa. Pois não existem dois processos nem duas entidades. Não há senão um processo visto interiormente como pensamento e exteriormente como movimento. (Abbagnano, 2007; Chauí, 2003; Nicola, 2005).

Corroborando com as idéias de Spinoza, o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), defendia que não há separação e sim co-existência. Somos unidade única, duplicidade una e unidade ambígua. O conceito de experiência ainda define que somos consciência entre aquilo que foi denominado de espírito e o que foi denominado de matéria. Para Merleau-Ponty o corpo não é um objeto. Quer se trate do corpo de alguém quer se trate do próprio corpo. O único modo de conhecê-lo é vivenciando seu próprio drama e aquilo que lhe atravessa confundindo-se com ele (Abbagnano, 2007).

No plano pré-reflexivo somos vivência; no plano perceptivo, somos experiência. Ora nos percebemos mais corpo, ora nos percebemos mais mente (conhecida também na filosofia como alma ou espírito). Nosso corpo nos situa, é uma forma de ser e estar no mundo. Percebemos a tudo e a todos. A cultura nos constitui, assim como a constituímos. Nosso corpo nos compõe, assim como subjetivamente, compomos nosso corpo. Não temos como nos separar dele.

Através do corpo alcançamos o mundo. Somos o nosso corpo no mundo. Nosso corpo é condição necessária para percebemos nosso campo de presença no mundo. O corpo nos situa, limita e demarca tornando possível a relação com outros corpos. A subjetividade está tanto no corpo, como na própria mente. Ou seja, somos nosso corpo com os outros corpos no mundo.

Percebemos nosso corpo não apenas como um objeto localizado no espaço. O corpo é a condição necessária para perceber, sendo esse, o campo de presença no mundo. Ele nos situa, pois nos relaciona com o espaço, tempo e outros seres. Ao mesmo tempo nos limita. Tal limite demarca, tornando possível a relação com o outro. Através dele desenvolvemos posturas.

Para Merleau-Ponty, é a história de cada um que nos constitui. Só somos quem somos, pois fomos o que fomos. O tempo é uma dimensão do nosso ser. O tempo está no nosso corpo; ele nos situa em relação ao passado pela memória, presente pela vivência e futuro pela imaginação. Para o autor, o que nos limita nos faz compreender o outro. Ser eu me possibilita compreender o não-eu. Ser finito nos faz aspirar ao eterno. Assumir que morremos nos permite viver melhor (Chauí, 2003; Merleau-Ponty, 2006).

Os corpos buscam adequação aos padrões de identidade socialmente aceitas. Tal enquadramento tem justificado as mais variadas formas de controle e disciplina que o corpo tem sofrido por mais de dois séculos. A história da criação dos corpos e identidades sociais, conforme já vimos, está ligada a produção de subjetividades. As relações entre corpo e subjetividade são maiores do que parece, pois alcança formas como nos compreendemos e somos levados a ver o outro.

Conforme as rápidas mudanças ocorridas no mundo nos últimos tempos, a indústria da moda vem diminuindo cada vez mais o tamanho dos vestuários, desde o início do século XX. Gradativamente surgem peças menores tanto para homens como

principalmente para as mulheres. Os corpos vão sendo cada vez mais expostos conforme as décadas desse século avançam. A partir da década de 1980, os corpos já estavam bem amostrados, e a famosa “geração saúde” crescia expressivamente em todas as classes sociais.

Desde então, o culto ao corpo tem tido o objetivo de corporificar “identidades” pautadas em modelos inalcançáveis, onde cada um se torna individualmente responsável pelo corpo que tem. Quanto mais considerado apropriado, maior atribuída será sua capacidade de autodisciplina e cuidado. A disciplina corporal cria corpos padronizados e subjetividades controladas. Na atualidade, quem não tem um corpo bronzeado, malhado, magro, lipoaspirado e siliconado, é visto como alguém que fracassou inclusive em outras dimensões da vida, como finanças, profissão, família, vida sentimental, amizades, dentre outras (Sant’Anna, 2001).

Isto talvez explique o aumento dos seguintes transtornos psiquiátricos, além de outros relacionados como depressão e ansiedade.

- Anorexia - perceber o corpo menos magro do que na realidade ele aparece no espelho. O sujeito se torna obcecado por dietas para emagrecer, que muitas vezes são levadas ao extremo do exagero, com o objetivo de ter um corpo idealmente magro.
- Bulimia - ingestão excessiva de alimento em um curto espaço de tempo, levando posteriormente ao vômito induzido.
- Vigorexia – perceber o corpo menos definido do que na realidade ele aparece no espelho. Isso gera obsessão e vício por práticas de exercícios físicos com o objetivo de ter o corpo idealmente musculoso e definido.

- Ortorexia – preocupação obsessiva por ingestão de alimentos considerados pelas ciências biomédicas nutritivamente saudáveis, balanceados e naturais.

As ciências biomédicas associam a obesidade à preguiça, lentidão, acomodação, falta de saúde, baixa agilidade, pequena produtividade, falta de cuidado, desleixo, dificuldade de adaptação, falta de flexibilidade, predisposição à outras doenças fatais como derrame e enfarte, exigência de cuidados especiais adaptados, problemas emocionais e falta de beleza estética. Por tudo isso ela é combatida, além de representar foco de resistência ao ritmo de funcionamento que estrutura a sociedade de controle: o biopoder.

As indústrias relacionadas ao emagrecimento, principalmente as que pertencem ao ramo da saúde e moda, movimentam cifras bilionárias no mundo inteiro em nome da “saúde e estética física ideal”. Não só as travestis idosas, como todos os indivíduos são capturados por mais essa política do biopoder. Ela gerencia corpos e vidas em nome do bem estar e da “qualidade de vida” (Foucault, 1993; Kaplan *et al.*, 2007).

Diferenças de classe, etnia, gênero e geração, historicamente criadas tendem a ser percebidas como naturais e corporalmente visíveis. Por isso mesmo, modificável por meio de técnicas de adequação corporal. É como se alguém pudesse deixar de ser pobre, “negro”, ou feminino, apenas por meio de técnicas, cosméticos, drogas e cirurgias para se adequar ao “padrão de sucesso”.

A idéia é que o corpo considerado “fora da forma” padrão é o reflexo direto de uma alma que também está “fora da forma” padrão. O processo prescrito atualmente é a busca da materialização daquilo que é considerado feminino para mulheres e aquilo que é considerado masculino para homens. O físico masculino “deve” ser forte, dominador

e definido. O físico feminino “deve” ser delicado, passivo e definido. O sujeito introjeta o controle. Passa a se controlar e se avaliar na construção do corpo esperado (Miskolci, 2006).

CAPÍTULO II

CORPO, GÊNERO SEXUAL E VELHICE

2) Revisão de literatura

2.1) Construção do corpo travesti

A espacialidade do corpo próprio é diferente da sua localização no espaço. Com o corpo se desenvolvem posturas. A experiência da sexualidade, por exemplo, é uma experiência de corpo inteiro. A sexualidade nos constitui, assim como a constituímos por meio da cultura. Por meio da linguagem pensamos. Não podemos pensar sem as palavras. Pensamento e linguagem estão juntos. A linguagem nos constitui e é constituída por nós socialmente. Ela se transforma no tempo e no espaço. Não é totalmente natural e convencional (Merleau-Ponty, 2004 e 2006).

Portanto travestis “constroem” seus corpos, por meio de um longo trabalho de “engenharia” física. Para isso, elas se baseiam na cultura e na linguagem. Procuram transformação física e social. Retiram e incorporam elementos sociais. É justamente no corpo que elas manifestam os principais dados simbólicos, daquilo que é considerado masculino e feminino pelas normas de gênero. Tais normas foram constituídas pela sociedade e legitimada principalmente pelas ciências biológicas e psicológicas (psiquiatria e psicologia). Saberes esses que insistem em naturalizar essas normas.

Segundo Bourdieu (2009) o corpo é o espaço onde a cultura está. Nele se situam os principais esquemas de percepção e apreciação do mundo, os quais são formados a partir de estruturas básicas fundamentais. Como por exemplo, as construções binárias:

baixo/alto, forte/fraco, claro/escuro, masculino/feminino, etc. A cultura é incorporada através do que o autor denomina como sendo o *habitus*. Para o autor, o *habitus* é o próprio processo de naturalização da cultura, pois é o operador lógico que promove a ligação entre o simbólico (visto como cultural) e o corpo (visto como natural).

Habitus traz em si um processo de inculcação, ou seja, interiorização da exteriorização. É um sistema de disposição durável, pois não foi produzido pelo indivíduo, sendo anterior a ele. Funciona praticamente como uma bússola, determinando as condutas “razoáveis” ou “absurdas” para qualquer agente inserido em determinada estrutura social. Além disso, é a matriz que gera sentidos. No caso do gênero sexual, o que dará inteligibilidade e sentido será a heterossexualidade. A partir dessa matriz que se justificam e se constroem corpos hierarquizados como “entidades diferentes”. No momento do agir, o ator social exterioriza uma leitura própria, fruto da interiorização da exteriorização, da situação vivida (Bourdieu *apud* Bento, 2006).

Ele ainda ressalta que não há um estrato puramente biológico do corpo, governado por leis naturais, como insistem as ciências biológicas e psicológicas. Nossa percepção sobre o corpo já é imediatamente mediada por representações e símbolos culturais que variam conforme o local e a época em questão. O corpo tanto produz, como é o cenário primeiro dos significados. Portanto, é no corpo das travestis que os símbolos do masculino e do feminino se concretizam produzindo tais sujeitos sociais (Csordas *apud* Benedetti, 2005).

Esse processo de transformação e produção do corpo travesti começa em geral por volta dos doze anos de idade. As partes dos corpos mais fáceis de se transformar inicialmente são as mãos e a cabeça. Unhas grandes e esmalte colorido ainda são bastante associados ao que é considerado, por nossa sociedade, como sendo signos do “universo feminino”. Unhas de porcelana, vermelhas, da moda, pontiagudas e

cuidadosamente ornamentadas. Aos poucos as transformações começam a acontecer. Sendo que todo o seu processo pode durar uma vida inteira.

É no rosto que a maquiagem vai começar a se manifestar. Contornos de sobrancelhas bem feitas, corretivo, base, pó compacto, cílios postiços, lápis de olho, sombra, delineador para os olhos, rímel, sombra, *blush*, brilho labial, delineador labial e batom. A maquiagem além de ser associada diretamente ao “mundo feminino” ainda tem a função de esconder a barba, considerada símbolo do “mundo masculino”.

A base e o pó compacto servem para formar uma aparência de *pele de pêssego* (lisa e macia), perfilar o nariz e disfarçar linhas de expressão consideradas típicas de um rosto masculino. O *blush* é usado para ressaltar a vivacidade dos pômulos do rosto. O batom é um dos primeiros itens a ser usado. Tanto ele como o delineador labial têm o objetivo de dar um formato mais redondo e alongado aos lábios. Para as travestis a boca vermelha é considerada um símbolo muito poderoso que pertence ao “mundo feminino”. O batom estimula com a sexualidade, sedução e sensualidade.

Os cosméticos oculares têm o objetivo de tornar o olhar mais lânguido, insinuante e alongado. As travestis ainda investem em transformar a expressão dos olhos. Tornando-os delicados, inocentes, confusos e indefesos. Lentes de contato coloridas e cílios postiços também são usados para realçar o olhar. As cores preferidas são o azul e verde.

Os pêlos são considerados grandes obstáculos na construção do corpo pelas travestis. Para elas, eles pertencem exclusivamente ao “mundo masculino”. Lutam diariamente contra sua proliferação por todo corpo, especialmente a barba. Consideram que o rosto é a apresentação inicial do corpo e deve mostrar o maior número possível de atributos considerados femininos. Muitas usam pinça arrancando fio a fio num

trabalho minucioso e paciente. Outras usam aparelho de barbear comum, embora não obtenha um resultado tão satisfatório.

Outra técnica é a depilação dos pêlos faciais através de cera depilatória. Ela também é utilizada nas pernas, virilhas, púbis, ânus, axilas, braços, costas, nádegas e peito. Algumas se beneficiam da eletrólise que é uma técnica que consiste na aplicação de uma descarga elétrica que atua na região da raiz do pêlo, fio a fio. Muitas consideram essa técnica demorada, além de deixar marcas na pele.

As travestis que tomam hormônios femininos não têm muitos pêlos. Às vezes optam por clareá-los com água oxigenada. Algumas alegam que a espessura dos pêlos fica mais fina, conforme vão ingerindo mais hormônios. Muitas já começam a tomar hormônio no início da adolescência.

Outro cuidado que as travestis têm, é com a sobrancelha e com os cabelos. Procuram contorná-las para que fiquem bem finas. Já os cabelos são bem longos, sedosos e cuidados. Elas procuram estarem sempre atualizados com técnicas, apliques, novidades, cremes, tinturas e produtos que os embelezem ainda mais. Os cabelos são amplamente usados para seduzir e mostrar poder, além de ser outro signo importante do mundo “feminino”.

Outra preocupação é com a voz. Elas forçam a voz para falar em um tom mais agudo ou em falsete. Algumas acreditam que através de ingestão de hormônios, o processo de virilização da voz pode ser suavizado. Porém, o principal método é o treino constante da voz em tom mais agudo.

Quando pensamos em travesti, geralmente pensamos em homens biológicos vestidos com roupas consideradas de mulher. Ou mulheres biológicas vestidas com roupas consideradas de homens. Muitas travestis relatam que desde criança já vestiam escondidas, roupas de suas mães ou suas irmãs. A roupa é o primeiro recurso que já

permite a aparição de características consideradas femininas, independentemente de qualquer intervenção hormonal ou cirúrgica.

Travestis chamam o processo de se vestir de *se montar*. Passam horas escolhendo cuidadosamente o modelo de roupa que irão usar. Vestimentas também são usadas como formas de se comunicar, pois transmitem aspectos simbólicos a elas associados e convencionados pelas normas sociais estabelecidas. De acordo com aquilo que se pretende transmitir, a combinação de roupas é feita. Consiste no importante processo de construção e “montagem” da travesti. Com o grupo de convivência, aprendem que certas roupas valorizam mais certas partes do corpo do que outras como nádegas, quadris, seios, coxas e pernas.

Outro item importante e indispensável para o visual são os acessórios como jóias, bijuterias, bolsas e outros. Por causa do preconceito, muitas travestis acabam criando uma espécie de comércio informal de roupas entre elas mesmas. Outras acabam desenvolvendo pequenas confecções.

Sapatos também compõem um item importante do visual. Principalmente os sapatos com salto alto. Porém, é preciso saber andar neles de maneira elegante e segura. Andar no salto requer aprendizado e experiência. Os perfumes também são fundamentais, pois auxiliam no processo de sedução e encantamento.

O estilo para a travesti é muito importante. É como se fosse um personagem que vai sendo montado à medida que vão se transformando. Além do guarda roupa, precisam se preocupar com os gestos, impostação de voz, penteado adotado, maquiagem, forma de andar, falar, pensar e se relacionar com as outras pessoas. O estilo é a forma como ela quer ser representada ou até mesmo representar.

As formas angulosas e retas originais do corpo do homem precisam ser modeladas para adquirir formas arredondadas e roliças do corpo da mulher. Isso é feito

através do uso de hormônios, próteses e silicone. Esse momento é muito importante na vida da travesti, pois aí estará decididamente “fabricando” um corpo portador de signos considerados femininos. A partir desse momento são introduzidas mudanças corporais mais definitivas e difíceis de reverter. Seios se desenvolvem, siluetas se arredondam, pêlos diminuem e os cabelos crescem adquirindo formas de mulher.

Para iniciar o processo, as futuras travestis tomam altas doses de progesterona e estrógeno por volta dos treze anos de idade. Os hormônios agem sobre o organismo, desenvolve seios, arredondam quadris, braços, pernas, afinando a cintura, diminuem o crescimento de pêlos, redistribui a gordura uniformemente pelo corpo, suaviza os joelhos, diminuem o tamanho dos testículos e do pênis, rareia a produção de sêmen. Algumas travestis alegam que os hormônios também influenciam no modo de ser, gesticular, andar, falar, sentir e pensar. O significado simbólico atribuído aos hormônios pelas travestis, é que eles suprem o que falta daquilo que é considerado feminino pelo conceito cultural.

Os efeitos colaterais alegados são: inchaço nas pernas e nos pés, retenção de água pelo organismo, diminuição do apetite sexual e da possibilidade de ereção, aumento do apetite, varizes, preguiça, apatia e irritação (Benedetti, 2005).

Outro produto fundamental utilizado na construção do corpo da travesti é o silicone. É preciso que a decisão em aplicá-los seja bem pensada. Uma vez aplicado o silicone industrial, sua retirada é praticamente impossível, pois ele se mistura aos músculos. É utilizado após o uso de muito hormônio. O silicone pode ser aplicado nas pernas, joelhos, coxas, quadris, nádegas, seios, face, boca, testa.

Os resultados são imediatos e visíveis logo no final da aplicação. Geralmente é aplicado de forma caseira por travestis mais velhas que são chamadas de *bombadeiras*. Pois bombear, para as travestis, consiste em injetar silicone. As bombadeiras são uma

das responsáveis pela construção dos novos corpos das travestis. É como se fosse uma espécie de trabalho de arquitetura e engenharia do corpo travesti (Albuquerque e Jannelli, 1995; Benedetti, 2005).

O silicone líquido não está disponível no mercado. Nem todos podem comprá-lo. Normalmente é a bombadeira que tem contato com alguns fornecedores do comércio informal. A venda do produto é considerada ilegal. Pelo fato de ser mais barato, muito do silicone que está no corpo da travesti é de uso industrial e não cirúrgico. Por causa disso, pode provocar problemas a saúde. Algumas ainda usam óleo mineral produzido para uso mecânico, tal uso era mais comum na década de 1980.

O silicone para uso cirúrgico é produzido em forma de prótese. São pequenas bolsas que contêm um gel, que quando aplicadas a determinada parte do corpo, produzem formas. São controladas pelos organismos estatais competentes. Porém, mesmo essas, podem sofrer rejeição por parte do organismo.

As bombadeiras esterilizam o silicone antes de aplicá-lo. Esse fica cerca de três dias no congelador. Algumas seringas usadas são de uso veterinário, por serem mais grossas e terem maior capacidade de armazenamento e injeção. As sessões de aplicação levam muitas horas, requer muita paciência e muita resistência à dor, pois são geralmente feitas sem anestesia. Muitas travestis que se submetem a esse tipo de método alternativo alegam vantagens. Dizem que o preço pago pela aplicação do silicone industrial é mais baixo do que a colocação de prótese com silicone cirúrgico. Relatam ainda, que a dor sofrida é o preço que pagam para atingir a beleza tão desejada.

Depois de feita a aplicação a bombadeira recomenda que a pessoa tome um antibiótico e fique em repouso uma semana para que o silicone possa se firmar ao corpo. Caso haja movimentação física o silicone pode se espalhar pelo corpo, perdendo

o formado almejado. Algumas usam até meia calça de alta pressão para poder modelar melhor o silicone aplicado. Ao comprimir a perna, a meia impede qualquer deslocamento ou deformação.

Além do silicone líquido, próteses de silicone são usadas pelas travestis para modelar os seios. Tanto a compra como a aplicação da prótese de silicone cirúrgico são mais caras. A aplicação de silicone líquido nos seios é muito perigosa, pois pode atingir o pulmão, causando a morte. É preciso usar um sutiã bem firme com um pedaço de madeira entre os seios para que eles não se misturem, formando o que as travestis chamam de “peito de pombo” ou “peito de sapo”.

Precisam tomar cuidado para que a modelagem de seus seios não seja comprometida. Exercícios físicos devem ser evitados, pois podem prejudicar a modelagem do silicone. Pancadas violentas deformam formas que o silicone produziu. Travestis mais velhas criticam as mais novas pelo uso excessivo de silicone. Na época que começaram seu processo de transformação, o que havia eram apenas hormônios.

Por fim, outro recurso usado para fabricar formas consideradas femininas são as cirurgias plásticas. No entanto, é um método caro. As intervenções preferidas pelas travestis acontecem no rosto. Elas preferem narizes mais finos e arrebitados, lábios maiores e formato de olhos mais languidos, eliminação do pomo-de-adão, redução da testa, preenchimento das maçãs do rosto e colocação de prótese de silicone cirúrgico nos seios. Outras intervenções também podem ser feitas em outras partes do corpo, conforme a preferência e a disponibilidade financeira. Já a técnica de esconder o pênis sob a roupa, quando o prendem para trás, é chamada pelas travestis de *acuendar a neca*. Isso é feito para que a região pubiana fique com a aparência parecida a de um genital de mulher. Outra técnica que valoriza o corpo é o bronzeado artificial ou natural para deixar marca de biquíni (Benedetti, 2005; Kulick, 2008; Pelúcio, 2009).

Para construir seus corpos, a travesti mais nova inicialmente acaba se encontrando no corpo da travesti mais velha. Muitas acabam se tornando “mães” das mais novas. O que aborrece as mais velhas é que as jovens em geral não admitem sua inexperiência e esnobam aquelas que abriram as portas. Travestis mais velhas orgulham-se de serem “mães” ou “madrinhas” das mais novas. Seu papel é de iniciar, proteger e ensinar a viver como travesti. Noção de mãe para as travestis está ligada ao processo de transformação.

Dentre as funções que a travesti mais velhas (como se fossem mães) desempenha em relação às mais novas (como se fossem filhas) destacamos: ensinar técnicas corporais e potencializar atributos físicos. Ou seja, ela ensina a tomar hormônios, sugere à travesti mais nova que partes do corpo devem ser *bombadas* e a quantidade de silicone a ser aplicada.

A “mãe” indica em qual bombadeira sua “filha” deve ir. Muitas bombadeiras são tidas como mães, pois “fazem o corpo”, orientando quais os cuidados com ele. Dominam técnicas que as colocam em posição de prestígio entre as travestis. Além disso, algumas travestis mais velhas ocupam lugar de cafetinas. Elas organizam a ramificada rede de prostituição entre as travestis que se prostituem.

As mais velhas em geral atuam em algumas frentes básicas. Na rua, quando organizam os a distribuição dos espaços de prostituição. Em casa, quando alugam quartos ou pequenos imóveis de sua propriedade para as mais novas. Financeiramente, quando atuam como agiotas em empréstimos financeiros para aquelas que pretendem se prostituir na Europa, ou para outros fins. Algumas travestis que estão no exterior prestam esse tipo de serviço, auxiliando as mais novas na chegada e estadia. Elas tanto exploram e maltratam como também são aquelas que cuidam das mais novas.

Basicamente, em uma casa que moram travestis que se prostituem, tanto por interesses afetivos como financeiros, se alguma travesti tiver algum problema de saúde ou de outro tipo, vai reportar diretamente a sua “cafetina” que muitas vezes é a locatária ou “mãe” da travesti. Quando isso não acontece, é a própria “mãe” que vai perceber que algo está alterado na rotina de suas “filhas”.

Muitas “mães” consideram que “fabricar” um corpo é também “fabricar” uma pessoa. Pois implica entre outras coisas, a transmissão de valores próprios da travestilidade. O código moral das travestis se constitui nos espaços onde as relações referentes à travestilidade acontecem. São formados por aqueles e aquelas que são perseguidos sistematicamente pela moralidade dos comportamentos. Não contam com leis regidas pelo Estado, que os nomeiam como cidadãos, porém não os tratam como tais (Pelúcio, 2009).

Várias razões podem levar uma pessoa a se transformar naquilo que chamamos de travesti. Segundo Kulick (2008) a vida da travesti está ancorada no desejo. Seus corpos são fabricados em função desse desejo. O desejo não é sempre sexual. Graças à transformação de seus corpos, muitas conseguem reconhecimento, afeto, carinho, dinheiro, valorização, reconhecimento, bens materiais, ascensão social, resgate dos laços afetivos com a família, amizades, prestígio, *status*, etc. (Kulick, 2008; Pelúcio, 2009).

Em sua pesquisa realizada em Salvador, Bahia em meados da década de 1990, Kulick mostrou que muitas das travestis entrevistadas associavam o desejo por homens a identificação por aquilo que foi socialmente denominado de identidade feminina. É como se aquele que nasce biologicamente homem e sente desejo por outro biologicamente homem tivesse que obrigatoriamente incorporar elementos daquilo que é popularmente considerado feminino para assim, ter a “permissão” de sentir tal desejo.

Muitas dessas travestis acreditam ser o próprio desejo homossexual em sua forma mais perfeita e acabada. Alegam que os homossexuais masculinos não são completos, pois não incorporam os elementos considerados femininos, como as travestis incorporam. Elas rejeitam as outras subjetividades homossexuais, considerando todas desonestas e presas a algum estágio inicial daquilo que elas vêem como o pleno desenvolvimento e reconhecimento daquilo que chamam de identidade homossexual. Algumas se percebem como a arquiencarnação e verdadeira expressão do objetivo final do desejo homossexual. Mais uma vez é feita associação entre sexo biológico, identidade de gênero e desejo. Tal forma de pensar está baseada no modelo heterossexista normatizador.

Para as travestis pesquisadas só existem três tipos hierarquizados de gênero, sexual: homens, mulheres e *viados* (homossexuais). As travestis se classificam como viados. O autor ainda apontou que na configuração brasileira de sexo e gênero, o critério determinante para identificar homens e mulheres parece ser o papel que a genitália desempenha no intercuro sexual. Se a pessoa só penetra, é considerada homem. Se for penetrada é considerada mulher ou viado (homossexual).

O ato de penetrar ou ser penetrado determina o gênero independentemente do sexo biológico e identidade de gênero. De maneira geral, a penetração está associada com atividade e superioridade, que por sua vez estão associadas aquilo que chamamos de masculino. Ser penetrado está associado com passividade e inferioridade, que por sua vez estão associados àquilo que chamamos de feminino. Ao naturalizar o sexo, que exige um gênero supostamente coerente a uma anatomia, algumas travestis mantêm-se atadas à matriz heteronormatizadora, uma vez que aquele seria definidor de papéis claros e legítimos. Quanto mais próximo ao ideal, maior a chance de ser aceita socialmente (Fry, 1985; Fry e MacRae, 1983; Kulick, 2008; Pelúcio, 2006).

Acompanhar a transformação dos corpos é nosso objetivo. Perceber a velhice como mais um momento em que os corpos sofrem a transformação do tempo e de suas próprias agentes. Qual será que é o impacto do envelhecimento humano no corpo definido como travesti? Quais as consequências? Quais são os efeitos?

2.2) Corpo, gênero sexual e envelhecimento

O gênero faz parte da lógica social que estabelece significado aos corpos, práticas, relações, crenças e valores. Mesmo que seja variável e diverso culturalmente. Parece fazer parte de um princípio que confere sentido à realidade que vivemos. Tanto o corpo produz o gênero, como o gênero produz o corpo em uma relação simultânea (Benedetti, 2005; Scott, 1990).

Para a filósofa norte-americana Judith Butler (nascida em 1956) o gênero não deve ser uma inscrição cultural de significado sobre um sexo pré-dado. Ele deve designar também o próprio aparato de produção no qual os sexos são estabelecidos. O sexo não está para a natureza assim como o gênero está para a cultura. O gênero é um meio discursivo cultural pelo qual uma natureza sexuada ou sexo natural é produzido e estabelecido como realidade pré-discursiva. Como se o sexo fosse anterior à cultura e atuasse sobre uma superfície politicamente neutra (Butler *apud* Benedetti, 2005).

A maior parte das travestis não se iguala às mulheres. Nem desejam isso. Elas sabem que são travestis e constituem seus corpos travestis a partir de seus corpos biológicos masculinos. Travestis em geral vivem transitando constantemente entre aquilo que foi denominado de características femininas e aquilo que foi denominado de características masculinas (Benedetti, 2005).

As travestis idosas têm um papel muito importante na construção e reprodução do gênero entre as travestis mais novas. Geralmente elas acabam “adotando” as travestis mais novas como se fossem “filhas”. Estas últimas serão “tuteladas” e “protegidas” em seu processo de construção do “gênero travesti”. Tanto a travesti mais velha como a travesti mais nova acabam resignificando o processo de reprodução social de novas travestis.

No “corpo de homem” vão sendo inscritas “marcas de mulher”, a partir de uma cuidadosa observação daquilo que é considerado feminino. Gestos, olhares, formas de falar, vestir, comportar, caminhar, sentar, rir, seduzir, pensar, sentir, amar e ser. As referências são buscadas em mulheres estabelecidas pela mídia como modelo a ser seguido. Atrizes, manequins, cantoras, artistas, divas, estadistas, *socialites* e outras figuras públicas consideradas mais do que mulheres, ou seja, *mulheríssimas* (Kulick, 2008).

O gênero é uma construção deliberada e não um processo natural. Porém há certa insistência por parte das ciências médicas (psiquiatria e psicologia) em essencializar o gênero. Tal idéia sobre essencialização se constituiu a partir de reflexões do filósofo grego Aristóteles (384 a.C - 324 a.C.), que se perguntava o que levava determinada coisa ser do jeito que era.

Concluiu que o que fazia as coisas serem o que são é a finalidade para a qual nasceram. A existência de um objeto, ente ou indivíduo para esse filósofo, significava dirigir-se a um objetivo. Para ele todos os seres são dotados de potência que por sua vez serão transformadas em ato. A potência indica a possibilidade por parte da matéria de assumir determinada forma. O ato indica a realização dessa possibilidade. Portanto, tudo na natureza tem uma causa final.

Se tudo fosse casual, não existiriam causas finais, mas somente eventos acidentais. Organismos complexos teriam se formado somente por uma feliz combinação. As regularidades dos fenômenos naturais depõem contra essa hipótese da casualidade. O fato de existirem certas exceções, isso não invalida as regras. Na natureza existe a matéria e a forma. Para Aristóteles a forma é a causa final. O finalismo está presente na natureza e na arte.

Segundo Aristóteles, deve-se instituir uma hierarquia entre os quatro significados da noção de causa que são as seguintes: causas materiais, eficientes, formais e finais. Pensemos, por exemplo, no notável mármore (causa material) da cidade italiana de Carrara, que foi transformado em uma famosa estátua (causa final) para a humanidade. Ele começou a ser esculpido pelo famoso artista italiano (causa eficiente) Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564) em 1501.

O mármore por sua vez, serviu de estrutura que determinou a realidade da futura estátua (causa formal). A estátua de mármore ficou pronta em 1503 e teve a finalidade de homenagear (causa final) *David* ou *Davi*. Ela procura mostrar o momento imediatamente anterior a batalha contra Golias, quando Davi estava se preparando para enfrentar uma força que todos julgavam ser impossível de derrotar. É considerada uma das esculturas mais importantes do Renascimento. O trabalho de cinco metros e dezessete centímetros de altura, retrata o herói bíblico com realismo anatômico impressionante. A escultura encontra-se na Galeria da Academia de Belas Artes da cidade italiana de Florença (Baumgart e Holler, 2007).

Aristóteles defendia que compreender a verdadeira causa de um evento era intuir sua essência, especificidade e necessidade. Outro filósofo que corroborou com as idéias de Aristóteles foi o alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646 – 1716). Para ele, o mundo foi criado para um determinado fim. Tudo o que existe tem uma causa final que

define o seu propósito e a sua existência. Nada acontece sem uma razão profunda suficiente. Agir para um fim e, em relação a este, avaliar os próprios meios é típico da natureza humana. Conforme a hipótese finalista, a natureza também seria movida por análogo critério de intencionalidade. O cristianismo fez do finalismo sinônimo de providência divina.

Influenciada pelo pensamento essencialista e finalista, as questões de gênero foram sendo construídas pelas normas religiosas, médicas, políticas e jurídicas. Portanto, o raciocínio estabelecido foi o seguinte: aquele que é definido como homem biológico foi feito com um pênis. Depois foi dotado de uma “essência masculina”. Sua finalidade é buscar uma mulher biológica que foi feita com uma vagina e dotada de uma “essência feminina”. A partir desse encontro, os dois estabelecerão uma relação complementar e serão os responsáveis pela perpetuação da espécie humana. Além de garantirem a continuidade da vida, estarão cumprindo com as normas religiosas e mandamentos sociais estabelecidos.

Aristóteles ainda dizia que tudo é composto de uma substância, o termo significa literalmente *o que está por baixo de*. Não possui uma existência acidental e eventual. Ela existe para si. Tem vida própria e goza de determinadas propriedades possuindo apenas uma essência. Substância e essência coincidem. Nesse caso podemos pensar na “essência masculina” e na “essência feminina”. Essas por sua vez, são compostas de comportamentos normatizados e específicos para cada gênero em questão (Abbagnano, 2007; Chauí, 2003; Nicola, 2005).

Tal forma de raciocinar ficou conhecida na filosofia como essencialismo. As essências são produzidas através de respostas dadas a seguinte pergunta: o que é isto ou aquilo? Quando se pergunta, por exemplo, o que é o gênero, a mulher, o homem, o idoso ou a travesti, está se perguntando pela definição desses entes. Para Aristóteles

apud Nicola (2005), pode-se descrever a essência como aquilo que permanece e se conserva imutável, apesar da mutação aparente. Definir a essência da vida é mais difícil do que definir a essência de um triângulo, por exemplo.

Em oposição ao essencialismo, há outra corrente na filosofia denominada de existencialismo. Essa linha de pensamento diz que o ser humano, não é um conjunto de teorias. Há uma preocupação com o sentido ou o objetivo das vidas humanas, mais que com verdades científicas ou metafísicas sobre o universo. Assim, o existencialismo foi influenciado pela fenomenologia do filósofo alemão Edmund Husserl (1859 - 1938). Tal pensamento dizia que a experiência interior ou subjetiva é considerada mais importante do que a verdade “objetiva”.

O existencialismo diz que o homem não foi planejado por alguém para uma finalidade, como os objetos que o próprio homem cria. O homem se faz em sua própria existência. Não havendo tal essência, todos são iguais e igualmente livres para se fazerem em relação a determinado contexto. Afirma o primado da existência sobre a essência. Não há afirmações gerais e verdadeiras sobre o que os homens devem ser. Um de seus principais representantes é o filósofo francês Jean Paul Sartre (1905 - 1980) que leva esse indeterminismo às suas mais radicais consequências.

Para Aristóteles, e muitos outros filósofos, a essência de ser humano era ser racional. Mas para Sartre, a pessoa deve produzir sua própria essência. A existência precede a essência. Como seres conscientes, estamos sempre querendo preencher o “vir a ser” que na realidade é a verdadeira “essência” do nosso ser consciente. Queremos nos transformar em coisas em vez de permanecer perpetuamente num estado em que as possibilidades estão sempre irrealizadas. Para Sartre só nos tornamos algo acabado, quando morremos.

O homem passa toda sua existência em um processo de devir. Estamos sempre abertos às novas possibilidades de reinvenção partindo de um determinado contexto existencial possível. Sartre chamou isso de facticidade. Ela diz respeito às resistências e objetos que a liberdade necessariamente se defronta quando cria nova situação.

Como exemplo de facticidade, podemos pensar no sexo biológico, família, país, cidade, cultura, época e condição socioeconômica que nascemos. As condições impostas pela facticidade conjugadas ao significado dado pela liberdade se combinam para criar uma nova situação. Sartre defende que não importa o que foi feito do indivíduo, e sim o que o indivíduo faz com aquilo que foi feito dele. A resistência é intrínseca à liberdade e ao humano.

Travestis nasceram biologicamente homens. Podemos pensar que esse fato remete à facticidade ou àquilo que foi feito delas. Alteram seus corpos com signos considerados culturalmente próprios do feminino. Esse fato remete à liberdade ou ao que fazem com aquilo que foi feito delas.

No entender de Sartre estamos condenados à liberdade. Cada ato contribui para definir como nos apresentamos ao mundo. Em qualquer momento podemos começar a agir de modo diferente e desenhar um retrato diferente de nós mesmos. Há sempre uma possibilidade de mudança, de começar a fazer um tipo diferente de escolha. Temos o poder de nos transformar indefinidamente, tendo sempre como ponto de partida, nossa facticidade (Sartre, 2005).

Não há nenhuma “essência” determinada que oriente *a priori*, o comportamento de ninguém. Porém, há o que Sartre chama “projeto original”. Como uma pessoa é uma unidade, e não apenas um amontoado de desejos ou hábitos sem relação, deve haver para cada uma delas uma escolha fundamental por um papel ou *script* de vida, o qual dá o significado de qualquer aspecto específico de seu comportamento. Essa escolha nem

sempre acontece de forma consciente. Saber sobre o “projeto original” de alguém demanda cuidadosa análise de sua trajetória existencial (Perdigão, 1995).

Sartre acreditava que não há nenhum deus e, portanto não há qualquer plano divino que determine o que deve acontecer. Não há um sentido ou propósito último inerente à vida humana. Logo ela é absurda. Isto significa que o indivíduo foi jogado de fato na existência sem nenhuma razão real para ser. Simplesmente descobrimos que existimos e temos então que decidir o que fazer de nós mesmos. O homem não é mais do que aquilo que ele faz de si mesmo. Se não há nenhum deus, não há nenhum padrão objetivo de valores (Giles, 1989).

Conseqüentemente, devemos estabelecer ou inventar, a partir da liberdade e facticidade nossos próprios valores particulares. Tal é o primeiro princípio do existencialismo ateu de Sartre. Sem diretrizes absolutas, nós devemos sofrer a agonia de nossa tomada de decisão e a angústia de suas conseqüências. A angústia é, então, a consciência da própria liberdade e a consciência da imprevisibilidade última do nosso comportamento.

Sartre define como “má fé” a tentativa de fugir da angústia fingindo que não somos livres. Tentamos nos convencer que as nossas atitudes e ações são determinadas pela nossa personalidade, horóscopo, situação ou por qualquer outra coisa fora de nós mesmos. Segundo Sartre, nenhum motivo ou resolução passada determina o que fazemos agora.

Cada momento requer uma escolha nova ou renovada. Mesmo que não fizermos nada, uma escolha já está sendo realizada: o não agir. Negar a liberdade é uma tomada de posição covarde, a fim de fugir da angústia da escolha, e achar o repouso e a segurança na confortável ilusão de ser uma essência acabada. Portanto, o existencialismo se contrapõe ao essencialismo, à medida que defende que não somos

determinados. Para essa corrente filosófica, podemos nos reinventar a cada momento (Abbagnano, 2007; Bornheim, 2000; Chauí, 2003).

Inicialmente, as idéias essencialistas se tornaram mais expressivas que as idéias existencialistas. Portanto, as primeiras influenciaram mais as ciências biológicas do que as ciências humanas. Logo, para as ciências médicas e biológicas, assim como todos os entes, homens e mulheres também possuem uma essência e finalidade que serão manifestadas ao longo da vida.

O filósofo inglês Francis Bacon (1561 - 1626) se preocupava com a possibilidade de evitar erros de raciocínio. Concluiu que o engano muitas vezes advinha de uma série de *ídolos* presentes no intelecto humano. Toda leitura interpretativa, ocorre a partir de um ponto de vista já estabelecido. Eles são compostos por crenças, suposições, prejulgamentos e preconceitos que condicionam a aquisição de um novo saber. A linguagem dá origem a equívocos. A mente humana tem a tendência de generalizar e formular leis com poucos exemplos (Nicola, 2005).

Logo, quem nasceu com pênis, por exemplo, só poderá desenvolver determinada forma de ser: a masculina. Travestis idosas transtornam as formas tradicionais de raciocínio sobre o que foi denominado de gênero sexual. Segundo Bacon o ser humano atribui um peso excessivo às preferências pessoais, obstruindo seu intelecto, sem que o sujeito se dê conta. Dessa forma, ele não pode receber o novo, pois já está preenchido pelo velho.

Assumir que o modelo para homens e mulheres, exposto acima, é natural e essencial, ignora que ele foi construído e convencionado para o melhor funcionamento da sociedade. Uma forma de pensar (essencialista) obstrui a outra (construcionismo social). Segundo Gergen, (1985) os estudos sócio-construcionistas focam-se nos

processos cotidianos, ou seja, como as pessoas falam, percebem e experienciam o mundo em que vivem.

A postura básica desta perspectiva é ser crítica à naturalização dos fenômenos sociais. As teorias de cunho essencialista, geralmente intrínseco nas mais diversas disciplinas, realizam suas investigações sem questionar seus objetos, concebendo-os como algo pronto. O construcionismo social também pode ser definido como uma perspectiva de observação e análise da realidade a partir de uma visão sócio-histórica, negando qualquer essência natural inerente aos fenômenos humanos.

Para Judith Butler, o modelo de gênero que obedece a uma coerência estabelecida, foi denominado pela autora de gênero inteligível. Nosso objetivo é compreender como a sociedade se organizou para atingir seus objetivos de funcionamento e quais os efeitos que tal organização provoca naqueles que são considerados rebeldes as normatizações e normalizações.

Pessoas que se enquadram nesse no modelo social têm suas existências visíveis e reconhecidas pelos demais. Para Butler (2003) gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidades entre aquilo que foi estabelecido como sexo, gênero, prática sexual e desejo. A autora ainda critica o gênero como uma modalidade de regulação de identidades e defende a ampliação do reconhecimento de formas de ser que escapem do binarismo homem-mulher, impostos pelas ciências do corpo e da mente. No item seguinte veremos mais detalhadamente como tais regulações repercutem na vida daqueles que são considerados inteligíveis e aqueles que são considerados ininteligíveis.

Vejamos como as ciências humanas trataram a questão do essencialismo naturalizado relacionado às questões de gênero. Enquanto o aparelho de ecografia passeia pela barriga da mãe, por volta do terceiro mês de gravidez, ela aguarda ansiosa

pelo resultado. Quando o médico identifica e anuncia a genitália do bebê, um conjunto de expectativas é acionado criando realidades que serão materializadas em brinquedos, cores, modelos de roupas e projetos para a futuro filho ou filha, antes mesmo de esse corpo vir ao mundo. A criança nasce com um sexo biológico definido.

É justamente por causa do seu sexo biológico, que no contato social, a sociedade vai prescrever a criança o que é próprio ao seu respectivo gênero. O que chamamos de gênero estrutura e organiza as relações de poder na sociedade. É uma relação assimétrica e hierarquizada de direitos e deveres em que homens, no geral, dominam mulheres. Ser considerado homem ou mulher pressupõe certos direitos e deveres, de acordo com a época e lugar em questão. Travestis idosas são consideradas ambíguas, são destituídas de direitos, porém continuam tendo seus deveres a cumprir. Às vezes existem parcialmente ante essa dinâmica, às vezes não existem de forma alguma (Bento, 2006; Scott, 1990).

Segundo a antropóloga norte-americana Gayle Rubin (nascida em 1949), o sistema sexo-gênero constituiria uma parte da vida social que seria *locus* da opressão das mulheres e das ditas minorias sexuais. A autora propõe uma revolução feminista profunda que libertaria não somente as mulheres, como também formas de expressões diversas. Rubin ainda discute o conceito de estratificação sexual vigente em nossa sociedade ocidental.

A antropóloga propôs uma espécie de pirâmide valorativa com as seguintes categorias a seguir: no topo está a sexualidade considerada boa, normal, natural e abençoada pela religião, ou seja, heterossexual, conjugal, monogâmica, procriadora, não comercial, somente entre os dois membros do casal, relacionamento estável, mesma geração, em local privado, sem pornografia, somente entre os dois corpos, (sem nenhum objeto de fetiche envolvido no ato), pasteurizada, mesma classe social e étnica.

Em seguida vem a sexualidade heterossexual do não casado, monogâmica, para procriação, não paga, somente entre os dois membros do casal, em um relacionamento, inter-geracional, em local privado, sem pornografia, somente entre os dois corpos envolvidos, pasteurizada, entre classes sociais e étnicas.

No meio da pirâmide está a sexualidade homossexual em relacionamento estável, em pecado, promíscua, não procriativa, por dinheiro, sozinho ou em grupo, ocasional, mesma geração, em público, com objetos fetichistas e sadomasoquista. Na base da pirâmide estão os excluídos: sexualidade considerada má, anormal, patológica, não natural e condenável, ou seja, sexo homossexual solteiro, fora do casamento, promíscua, não-procriativa, comercial, sozinho ou em grupo, ocasional ou compulsiva, entre gerações, em público, pornográfica, entre fetichistas, sadomasoquistas, transexuais e travestis (Rubin, 1999).

Portanto, travestis estão na base da pirâmide. Uma das principais teorias que trataram sobre as classificações acima citadas e o gênero sexual foi a teoria *queer*. Ela começou a ser desenvolvida nos EUA a partir da década de 1980 por uma série de pesquisadores e ativistas bastante diversificados, sendo, portanto, interdisciplinar. O termo *queer*, em português pode ser traduzido como “estranho”, “ridículo”, “excêntrico”, “raro”, “viado”, “bicha”, “extraordinário”, “esquisito”.

Sua conotação em inglês é mais ofensiva. Tratando-se de uma injúria que identifica o injuriado como “desviante”, anormal, defeituoso e impuro. O *queer* geralmente é usado como insulto. Procura denunciar no insultado “a esquisitice” estreitamente ligada à sexualidade, bem como a detectável “inadequação ao gênero”. Tal “xingamento” imputa aos assim designados certa marginalidade quanto à sua identidade sexual.

No campo teórico, o livro *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*, da educadora norte-americana Eve Kosofsky Sedgwick (1950 - 2009), publicado em 1985 pode ser tomado como um marco dos estudos *queer*. Partindo de idéias de filósofos franceses como Michel Foucault (1926 - 1984), Jacques Derrida (1930 - 2004) e Gilles Deleuze (1925 - 1995), que procuram escapar dos binarismos rigidamente estabelecidos e desnaturalizar identidades, gêneros e corpos.

As ditas minorias sexuais começaram a questionar o termo *queer*, assumindo a perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, a palavra *queer* muda de sentido e passa a colocar-se contra qualquer tipo de normatização como: “a mulher”, “o homem”, “o corpo”, “o sexo”, “a travesti”, “o idoso”. Dualidades como: sexo-gênero, masculino-feminino, ativo-passivo, homossexualidade-heterossexualidade, normal-patológico, jovem-idoso, homem-animal e natureza-cultura foram questionadas (Leite Junior, 2008; Pelúcio, 2009).

Neste sentido, um dos maiores esforços reside na crítica ao que se convencionou chamar de heteronormatividade homofóbica, defendida por aqueles que vêm no modelo heterossexual, conhecido também como heteronormatividade compulsória, o único correto e saudável. Por isso, os primeiros trabalhos dos teóricos *queer* apontam que este modelo foi construído para normatizar as relações sexuais, segundo conveniências complexas de organização social. Assim, pesquisadores e ativistas pretendem desconstruir o argumento de que a sexualidade segue um curso natural.

Heteronormatividade (do grego *hetero*, “diferente”, e *norma*, “regulamento” em latim) é um termo usado para descrever situações nas quais variações da orientação heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas e crenças sociais ou políticas. Inclui a idéia de que os seres humanos recaem somente em duas

categorias distintas e complementares: macho e fêmea. Dessa forma, as relações sexuais e maritais são naturalizadas somente entre pessoas de sexos diferentes.

Portanto, por meio da heteronormatividade cada sexo tem seu papel determinado pela cultura em questão. Além de se complementarem, são hierarquizadas. Em geral, o homem ainda é visto como o dominador, e a mulher vista como a dominada. Assim, sexo biológico, identidade de gênero e papel social de gênero enquadram a pessoa dentro de normas consideradas ou masculinas ou femininas. A ordem social na atualidade tem como fundamento a heteronormatividade. Tal padrão é considerado como sendo o único “normal” e “natural”, pois é um modelo socialmente conveniente às estruturas econômicas dominantes.

Em outros termos, a heterossexualidade é legitimada como sendo a única orientação sexual “correta”. Ela é um conjunto de prescrições que fundamentam processos sociais de regulamentação e controle. O objetivo é formar todos para serem heterossexuais e organizarem suas vidas a partir de um modelo que parece ser absolutamente “coerente, superior, lógico e natural”. É institucionalizada assim, a heterossexualidade obrigatória e compulsória (Rich *apud* Bento, 2006; Wittig *apud* Bento, 2006).

Originalmente o termo foi concebido para descrever as normas contra as quais os não-heterossexuais lutam. Rapidamente incorporou-se tanto no debate de gênero quanto no de transgênero. Também é freqüentemente usado em debates pós-modernistas e feministas. A teoria *queer* propõe-se a uma genealogia radical dos discursos que instituem a heterossexualidade como norma compulsória (Bento, 2006; Miskolci, 2009; Pelúcio, 2009).

Dessa forma, travesti idosa não está de acordo com o modelo heteronormativo. Foucault *apud* Miskolci (2009) aponta que as identidades sexuais são efeitos resultantes

da forma como o conhecimento foi organizado e produzido. Tal produção social de identidades acaba sendo naturalizada pelos saberes dominantes como a biologia, medicina, psicologia, pedagogia, direito e religião.

Conforme vimos em Foucault (1993), aquilo que foi definido como sendo “a sexualidade humana” é mais um dispositivo de dominação e regulação das relações sociais. Isso tem se dado por meio da estimulação dos corpos, revelação dos desejos, intensificação dos prazeres, formação de conhecimentos, reforço dos controles e das resistências que se encadeiam uns aos outros, segundo estratégias de poder e saber.

O que parece estar fora de um sistema de classificações já está dentro dele. Assim, o que é considerado anormal é definido baseando-se naquilo que é considerado normal pelos saberes citados. A definição de “normal” necessita da definição de “anormal” para existir. Por oposição lógica, um conceito acaba produzindo o outro.

O procedimento analítico que mostra o implícito dentro de uma oposição binária é chamado de desconstrução pelo filósofo francês Jacques Derrida (1930 - 2004). Desconstruir, nesse caso, é explicitar o jogo entre presença e ausência. O conceito de heterossexualidade é produzido a partir do conceito de homossexualidade. No entanto, esse último é considerado hierarquicamente inferior ao primeiro, pelo fato de não ter sido naturalizado pelo conjunto de saber-poder que o definiu (Derrida *apud* Miskolci, 2009).

Os estudos *queer* se propõem a compreender as práticas sociais que organizam a sociedade como um todo através da “sexualização,” “heterossexualização”, “homossexualização” de corpos desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais. Interrogação dos processos sociais normatizadores que criam classificações gerando a ilusão de que existem sujeitos

estáveis, identidades naturais e comportamentos regulares (Seidman *apud* Miskolci, 2009).

Para Miskolci (2009), a matriz essencializadora e hierarquizadora criada pela sociedade seria formada pela conexão entre etnia e sexualidade. Nela há um nó que evidencia o mesmo processo normatizador que acaba criando seres considerados mais humanos e menos humanos (seres abjetos). Os seres humanos só se tornam viáveis através de categorias socialmente reconhecidas. Portanto, segundo tal matriz essencializadora, travestis idosas, são consideradas abjetas e invisíveis, justamente por não corresponderem a nenhuma categoria considerada viável e às normas estipuladas.

A teoria *queer* desafia a sociologia a não estudar mais aqueles que rompem as normas, nem os processos sociais que os criaram como desviantes. Ao invés disso, insiste em focar nos processos normatizadores marcados pela produção simultânea do hegemônico e do subalterno. Tais estudos se preocupam em criticar os processos normatizadores. Portanto, segundo Pelúcio (2009) os estudos *queer*, procuram desvelar mecanismos de naturalização e essencialização dos termos e relações por eles significados.

Green *apud* Miskolci (2009) aponta que a maioria dos fenômenos considerados como sendo um desvio, podem ser encarados como diferenças, resultantes de processos contínuos e inter-relacionados de inferiorização. Quando se cria a categoria “outros”, justifica-se a distribuição e o acesso desigual ao poder. Diante disso, o estudo *queer* se posiciona como uma desconstrução geral da ontologia social. O reconhecimento de social mínimo, já possibilita que os sujeitos considerados *queer*, tenham suas vidas habitáveis e visíveis. Dessa forma, percebe-se que outras formas de corpos são possíveis.

A criação de sujeitos normais e naturais pelas estruturas sociais acaba estabelecendo espaços de violência social contra aqueles que serão considerados anormais e perversos. O autor ainda ressalta que sujeitos não têm experiências. São as experiências que tem os sujeitos. Elas os constituem. Portanto os processos sociais precisam ser explicados e analisados por quem pesquisa. Criticar a normalização favorece a multiplicação das diferenças. Essas por sua vez, tendem a subverter os discursos totalizantes, hegemônicos, hierárquicos e totalitários.

Em geral, o que é privilegiado como norma são relações entre pessoas do sexo biológico oposto, mesma etnia, classe social, faixa etária e voltados para a reprodução. Ou seja, travestis idosas estão fora do padrão aceito. Idéias sobre o pensamento darwinista-social, a eugenia, higienismo e formas contemporâneas de controle biopolítico marcam relações internacionais, evidenciam a conexão entre nação, etnia e sexualidade. Além disso, associam discursos variados e práticas sociais diversas no controle de suas populações (Miskolci, 2009).

Consideradas anormais, travestis idosas são pessoas que se entendem como homens biológicos. Preferem se relacionar sexual e afetivamente com homens biológicos. Fisicamente, preferem se apresentar incorporando símbolos considerados femininos pela a cultura em questão, como roupas, sapatos, acessórios da moda, maquiagem, próteses, silicones e hormônios.

Por definição das ciências médicas e por vontade própria, não desejam extirpar sua genitália, pois convivem com elas sem grandes conflitos. Apreciam seus corpos, seja pela valorização do sêmen que podem produzir e serem dotadas de um pênis. São definidas por possuírem um corpo considerado híbrido. Elas sabem que são homens. Temem a calvície, o câncer de próstata ou que silicone se aloje na bolsa escrotal ou em outras partes não desejadas.

Outra teórica fundamental em relação aos estudos *queer* e de gênero é a filósofa norte-americana Judith Butler. Ela se pergunta se existiria um sexo biológico anterior e independentemente dos significados culturais a ele atribuídos. Ou seja, haveria um sexo pré-discursivo? Para ela, não. Se o sexo for tomado como naturalmente dado, independentemente do gênero socialmente construído, nada impede que sobre o sexo masculino se inscreva o gênero feminino e vice-versa. Para ela o corpo não é neutro, ele já está inteiramente sedimentado por discursos sobre aquilo que foi denominado de sexo, gênero e sexualidade. O corpo ao surgir é imediatamente mediado pela cultura (Butler, 1993; Fausto-Sterling, 2002).

A construção social do que pode ou não ser reconhecido como um corpo, sexo, ou ser humano, é um jogo de relação entre poderes que se organizam, embatem e resistem criando assim as normas de gênero. Tal dinâmica organiza nossa percepção do mundo, moldando políticas sobre os corpos que se materializam conforme adquirem importância. A materialização das normas de gênero é oriunda de diversos campos de saberes.

A noção de dualidade sexual encontrada no corpo (ou mesmo na mente) é consequência das normas de gênero, e não causa delas. O processo de naturalização nos faz acreditar que o gênero é essencializado nos corpos. O que os especialistas do corpo tentam encontrar como “masculinidade” ou “feminilidade” é, antes de tudo, a competência esperada da performance de gênero daquele que está sendo analisado e julgado.

Tais normas organizam e justificam socialmente hierarquias, salários, terapias, tratamentos, encarceramentos, privilégios, visibilidades e legislações que ditam quais vidas “devem” continuar existindo e quais devem ser “banidas”. O sexo não é simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição daquilo que alguém é. Ele se

torna uma das normas que alguém se torna viável como existência no interior do domínio da inteligibilidade cultural. Travestis idosas são consideradas inviáveis e invisíveis, portanto sofrem exclusão e todo o tipo de preconceito por não “poderem” ser quem são (Butler *apud* Leite Junior, 2008).

Segundo Butler (2003), o gênero não é expressão do que alguém é, e sim expressão do que alguém faz. Para o gênero tornar-se manifesto e uma experiência concreta, a ação do gênero requer *performatividade* reiterada. Tal repetição é em um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente para cada gênero. É a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. O gênero não deve ser uma identidade estável ou *locus* de ação do qual decorrem vários atos.

As repetições constantes sedimentam as normas de gênero, naturalizando e criando uma condição de a-historicidade. São ficções sociais impositivas que aparecem como se fossem uma organização natural dos corpos em sexos. O gênero é construído no tempo e instituído no espaço externo determinado por meio de uma repetição estilizada de um padrão instituído de atos específicos. Está sempre sujeito a mudanças contextualizadas.

O conjunto desses atos forma aquilo que chamamos de gênero. O efeito resultante de estilos, gestos, falas, pensamentos, sentimentos, comportamentos, vestimentas, ornamentos, movimentos e costumes corporais de vários tipos formam a ilusão de que há um “eu” permanente marcado pelo gênero em questão. Logo, não há uma forma mais verdadeira de ser travesti idosa, por exemplo, mas sim, configurações de práticas que se efetivam mediante interpretações negociadas com idealizações do que a sociedade entende por “travesti idosa”.

Assim como o gênero é performático, podemos pensar que a velhice, bem como todas as outras definições em relação ao humano, também são feitas de atos performáticos reiterados como, por exemplo: “a criança”, “o adolescente”, “o adulto”, “a mãe”, “o professor”, “o estudante”, etc. A definição que nos caracteriza, determina nossos atos performáticos em relação ao papel que estamos desempenhando em determinada situação. A teoria da performance de Butler fala sobre o gênero, porém humildemente, peço licença para traçar um paralelo entre sua teoria e as demais categorias que definem o ser humano.

Assim, em determinado momento somos “o filho”, em seguida “o consumidor”, depois “o patrão” e assim por diante. A existência de cada um acaba sendo abalizada pela seqüência de atos performáticos executados. Entretanto, há especificidades em relação aos papéis que desempenhamos. Cada um irá imprimir sua marca particular aos próprios atos performáticos. Nem toda travesti idosa será igual. Embora haja aspectos comuns que as definem como tais.

Portanto, a velhice é construída no tempo e instituída em determinado espaço externo por meio de uma repetição estilizada de certo padrão instituído de atos específicos. Está sempre sujeita a mudanças contextualizadas. O conjunto desses atos forma aquilo que chamamos de velhice. O efeito resultante de estilos, gestos, falas, pensamentos, sentimentos, comportamentos, vestimentas, ornamentos, movimentos e costumes corporais de vários tipos formam a ilusão de que há um “eu” permanente marcado pela velhice humana.

Do mesmo modo, as normas de gênero e a chamada velhice nos são informadas através de vários campos como: religiões, artes, filosofias, tradições, comportamentos, tecnologias, momento histórico, espaço geográfico, moda, mídia, *internet*, propaganda, etnia, classe social, economia, política, ciências e diversos outros saberes que

organizam as relações de poder em nossa sociedade. A cada momento é estabelecido um repertório de comportamentos que padronizam a velhice e o gênero.

A noção de velhice encontrada no corpo (ou mesmo na mente) é consequência das normas padronizadas de velhice, e não causa delas. Está sempre sujeito a mudanças contextualizadas. O conjunto desses atos forma aquilo que chamamos de velhice. O que os especialistas do corpo tentam encontrar como “velhice” é, antes de tudo, a competência esperada da performance de “velhice” daquele que está sendo analisado e julgado. Dessa forma, gênero e velhice são instituídos no tempo e no espaço por meio de regulamentos sociais que os definem como tais.

Estes regulamentos vão sendo estabelecidos historicamente principalmente pelas religiões, tradições, leis e discurso biomédico. Eles servem de legitimação para que as *performatividades* sejam naturalizadas, universalizadas, neutralizadas, *atemporalizadas* e justificadas pelas ciências biomédicas. Então, o reconhecimento de características “naturais” consideradas masculinas, femininas e idosas se opera entre o mais superficial da pele ao mais profundo da mente humana.

Dessa forma é estabelecida uma relação direta entre o “verdadeiro sexo”, o “verdadeiro gênero”, o “verdadeiro idoso” e o “verdadeiro corpo humano”. Os saberes se perpetuam através de textos científicos, jurídicos e religiosos. Estabelecem quais *performatividades* serão reconhecidas e quais serão condenadas (Leite Junior, 2008).

Conforme já foi dito, as normas de gênero e velhice são constantemente atualizadas conforme o local e a época em questão. Travestis idosas questionam as normas de gênero, influenciando até mesmo em seu processo de reinvenção e modificação. Tanto o modelo de idoso, o modelo de homem, como o modelo de mulher são sempre idealizados em todos os lugares. Dessa forma, não existem cópias bem realizadas de tais ideais, justamente por serem apenas ideais.

Como não há nenhum gênero e velhice “originais”, “naturais”, “essenciais”, “universais”, “imutáveis”, “fixos”, “neutros” e “verdadeiros”, a noção de cópia de gênero e velhice perde o sentido. Nesse caso, não há como copiar aquilo que não se concretizou. Todas as variações da velhice, feminilidade e masculinidade são válidas. Eles só se concretizam enquanto *performatividades*. Para serem reconhecidos e legitimados, necessitam da aceitação social.

As que não seguirem o modelo inteligível não receberão reconhecimento como expressão “autêntica” de humanidade. As normas de gênero identificam quem deve ser considerado humano e quem não deve. Quanto maior for a expressividade performática do gênero em questão, maior reconhecimento existencial por parte do social. As próprias travestis cobram umas das outras, performances de gênero mais próximas do modelo de feminilidade idealizado (Butler, 2004; Leite Junior, 2008).

Se sociedades inventam formas de materializar e regular o sexo nos sujeitos, e elas precisam ser repetidas, podem sofrer lapsos ou torções no processo. Os corpos nem sempre se conformam completamente as normas que impõe as suas materializações. É justamente aí que os conflitos, brechas, interstícios, fissuras e disjunções que possibilitam que os sujeitos subvertam as normas de gênero como é o caso das travestis e transexuais. A invenção dos corpos pressupõe, portanto, reinvenção contínua. Portanto o gênero é múltiplo, inacabado, dinâmico, mutante e performático, pois ele varia de acordo com a época, local e cultura em questão (Butler, 2004).

Quando as travestis idosas utilizam maquiagem, vestuários, acessórios, hormônios, silicones e próteses para transformar seus corpos de homens em “outra coisa”, elas estão mostrando que podem se reinventar e se apropriar do uso de tecnologias estéticas para interferir em seus corpos independentemente das normas de inteligibilidade de gênero sexual.

Elas são consideradas pertencentes à gêneros não inteligíveis, pois símbolos (pênis) daquilo que é considerado masculino continuam existindo em um corpo que adquiriu símbolos (próteses de seios) considerados femininos. A travesti idosa expressa resistência em relação ao biopoder normatizado. Assim, ela faz de seu corpo uma obra de arte. Mesmo que isso vá contra as regras de coerência de gêneros sexuais estabelecidas. A travesti idosa desestrutura e confunde. Sua presença questiona valores que regulam o funcionamento social (Pelúcio, 2009).

Sobre isso, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 - 1900) dizia que podia haver mais verdade nos pontos interrogativos do que por trás de todas as afirmações categóricas. A travesti idosa já vem questionando as afirmações de gênero desde sua infância. Para o filósofo o medo e a preguiça impedem o homem de se escutar para alcançar sua realização. Por temerem as pressões sociais, poucos ousam ser o que são. Para Nietzsche, no homem encontram-se criatura e criador. As pessoas nada fazem pelo seu “verdadeiro eu”, mas apenas pelo fantasma do seu “eu”. Como resultado, elas vivem obedecendo a uma nuvem de opiniões impessoais sobre como “deveriam ser”.

O filósofo ainda defendia que a sociedade e o Estado não representavam a consumação da racionalidade, justiça, moral e filosofia, e sim a encarnação da mediocridade. O Estado e a sociedade impendem que o homem se realize, à medida que não permite que ele se torne consciente de existir, nem para si mesmo. O social serve apenas de andaime, sustentáculo e base para que somente uma pequena espécie seleta de homens possa realizar seus próprios objetivos, dominando assim, os demais homens.

Para ele, foi o ser humano que colocou valores nas coisas a fim de se conservar. Por isso o homem se chama homem. A palavra “homem” significa aquele que avalia, julga, aprecia e cria. Certos aspectos foram chamados de bom pelo homem, já outros foram chamados de mau. As relações de poder, conveniências locais e temporais

determinaram o que deveria ser considerado bom e o que deveria ser considerado mal pelo homem. Basicamente, o bom era tudo aquilo que aumentava o sentimento de poder. Já o mau, era tudo aquilo que diminuía tal sentimento. Segundo o filósofo, a vontade de poder (potência) foi considerada o impulso fundamental do ser humano (Giles, 1989; Lefranc, 2005).

Travestis idosas diminuem a vontade de potência, quando interferem na forma como a sociedade se organiza por meio da heteronormatividade sempre jovem. Elas são consideradas más. Roubam poder enfraquecendo o funcionamento social dito adequado, simplesmente por serem quem são. Representam um processo que se inicia na adolescência, e se arrasta ao longo de suas vidas até o momento atual. Elas são verdadeiros modelos de resistência.

Da mesma forma que o gênero, a reiteração das normas daquilo que é considerado velhice são anteriores àqueles que as reiteram. Ao serem permanentemente reiterados, materializam aquilo que nomeiam. São performativas, pois reiteram aquilo que já foi regulado. O conjunto de normas é materializado nos corpos, os quais exigem práticas estilizadas, mediante os quais se produzem generalizações. As normas de gênero bem como aquilo que é considerado velhice não se tratam de escolhas, e sim de uma coerção social que produz nos corpos das travestis idosas, um efeito naturalizado e atemporal.

A *performatividade* de gênero no caso das travestis idosas, não pode ser confundida com encenação de gênero. Nesse caso, ela reitera e materializa discursos patologizantes e criminalizantes que faz com que o senso comum as veja como formas extremadas de homossexualidade e o resultado de pessoas perturbadas e transtornadas. Seu gênero implica em sexualidade desordenada.

A crença de que há um sexo biológico que subjaz é recorrente entre as próprias travestis. Diante disso, elas se percebem como infratoras, que burlam as normas tidas como naturais. Essas últimas por sua vez se associam a forças consideradas sagradas e deterministas. Sentir-se identificada com aquilo que é considerado feminino ou ter interesse afetivo-sexual por aquilo que é considerado masculino, mesmo sabendo-se homem, é muitas vezes considerado pelas travestis como algo que se nasce com. O determinismo do ser é associado com noções do destino e da natureza, as quais conjugam forças internas e externas que seriam maiores que o indivíduo pudesse controlar.

Muitas travestis dizem que se sentem mulher, pois têm “cabeça de mulher”. Como se houvesse uma interioridade natural, essencial e “feminina” que fosse manifestada exteriormente através de um corpo considerado também “feminino”. Algumas dizem que é justamente a cabeça o órgão que elas compreendem como sede da dimensão moral de cada sujeito.

O gênero está na cabeça que por excelência é vista como instância superior. Ela pode assim dominar o corpo, adequando esse último a alma. A “cabeça de mulher” é considerada a dimensão íntima e “verdadeira” do ser. Tal cabeça pede um “corpo de mulher” que é considerada a dimensão física e social do ser. Adequando-se a “cabeça de mulher” ao “corpo de mulher” produz-se coerência social (Benedetti, 2005).

A bipartição sexual da mente seria a versão da ciência sexual do mesmo processo que ocorria no mesmo período, o surgimento do racismo moderno, que mesmo indiretamente, preconiza a existência de uma “alma branca” e uma “alma negra”. Buscar pelo sexo “masculino” ou “feminino” na mente seria como procurar uma “cor” ou “etnia” inscrita “naturalmente” na mente ou no cérebro. Resultado de

mais uma manifestação das normas de gênero que interpretam o indivíduo (Leite Junior, 2008).

Tal pensamento retoma as idéias do antigo filósofo grego Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) sobre o essencialismo. Porém, no caso das travestis, algumas alegam que sua essência “naturalmente feminina” foi colocada no corpo errado: o “naturalmente masculino”. Ou seja, sua essência deveria ter sido colocada em um corpo biológico de mulher. Representações de gênero, sexualidade e corporalidade se alicerçam na produção de uma identidade compondo uma totalidade em um corpo sexualizado.

Outro aspecto implicado na construção do gênero entre as travestis está na diferença entre aquilo que é determinado como sendo travesti e aquilo que é determinado como sendo transexual. Travestis em geral estão diretamente associadas à classes populares mais baixas, enquanto transexuais estão associadas à classes sociais mais elevadas.

Transexuais estão associadas a serem vítimas de uma doença. Pois dizem que possuem “alma feminina” em um corpo “masculino”. Travestis são associadas à perversão e safadeza. Pois, em geral, não buscam tirar o pênis e ainda o utilizam para ganhar dinheiro com a prostituição (Leite Junior, 2008; Pelúcio, 2009).

Segundo Denizart (1997), travestis esforçam-se na construção de uma engenharia erótica, capaz de dar visibilidade a atributos associados ao feminino. Feminino esse glamorizado, muitas vezes inspirados nas grandes divas do cinema, teatro, música ou no meio artístico em geral, de todos os tempos, que convive muitas vezes com atributos típicos da masculinidade (autonomia, independência, força física, valorização da honra, exacerbação da sexualidade).

Muitas travestis investem parte dos seus recursos no processo da feminização, ainda que isso se oponha ao luxo. Necessidades como moradia e alimentação são

preteridas. O luxo também aparece na esmerada produção corpórea das travestis, por meio das vestimentas, acessórios, perfumes, materializando certa “hiperfeminilidade” glamorizada. Glamour se relaciona com a vida artística, teatro, *shows* de dublagens em casas noturnas, aparições em bailes de carnaval. Ele se coloca entre a aceitação *versus* escárnio, palco *versus* prostituição, ser diva *versus* ser um “viado com peito”.

A passagem pela Europa significa ascensão social no meio travesti em geral. Além de possibilitar ganhos financeiros, pois muitas acabam vivendo da prostituição, ainda transformam parte de seus ganhos em capital corporal como próteses de silicone cirúrgico para os seios, intervenções plásticas nos corpos, principalmente no nariz, roupas de grifes importadas, perfumes caros, outros bens simbólicos, falar outros idiomas, ser *fina*, culta, viajada, cosmopolita (Pelúcio, 2009).

As travestis imprimem em um corpo determinado biologicamente masculino, símbolos considerados femininos. Assim, estão ao mesmo tempo entre a resistência e a “adequação” de gênero. Pois, quanto mais se “parecerem” com aquilo que é reconhecido como sendo “o modelo de mulher”, mais adequadas estarão. Resulta que sofrerão menos preconceitos, pois não apresentarão incongruência de gênero, normatizado pelo modelo heterossexual que regula a sociedade.

Em geral, os valores exaltados pelas travestis que se prostituem são a juventude, tamanho de pênis avantajado, traços delicados, nádegas grandes e belas. Quanto mais se adequarem aos padrões de beleza referentes às mulheres, mais prestígio terão junto à seus clientes. Em geral quem procura se relacionar sexualmente com travestis está buscando uma aparência considerada feminina de corpo, rosto, jeito de andar, falar e ao mesmo tempo, características consideradas masculinas como pênis avantajado, despojamento, insaciabilidade, grande apetite sexual e virilidade.

Tornar-se travesti exige rígida disciplina de cuidados corporais cotidianos por toda a vida. Isso leva a incorporar valores dominantes sobre como deve ser o corpo, a roupa, os gestos, as cores e acessórios para cada gênero sexual num constante processo cíclico de produção e incorporação.

Interessante paralelo é traçado entre travestis e fisiculturistas. Sabino *apud* Pelúcio (2009) acredita que as travestis estão no pólo oposto aos fisiculturistas. Fisiculturismo ou culturismo é um esporte cujo objetivo é buscar, por meio da musculação, a melhor formação muscular. Os requisitos são: volume, simetria, proporção e definição muscular. São conhecidos como pessoas super fortes. Esse esporte pode ser praticado tanto por homens como por mulheres. Exige uma série de exercícios diários para os profissionais e uma alimentação específica que não prejudique o corpo do atleta.

Há vários torneios no mundo do fisiculturismo onde o que possui mais requisitos vence e ganha o prêmio. Sua disputa ocorre em apresentações coletivas ou individuais, por comparação. Cada qual tem sua maneira de se exercitar. Os praticantes desse esporte exercitam-se de uma forma massiva para adquirir todos os músculos definidos com o objetivo de chamar a atenção de todos.

Muitas mulheres fisiculturistas não gostam que sua imagem seja confundida com a imagem das travestis ou de mulheres homossexuais. Elas se vestem com roupas consideradas femininas, porém aparentam ter um corpo excessivamente masculinizado. Seus músculos são bem desenvolvidos e definidos. Muitas gostam de reafirmar que se sentem atraídas sexualmente por homens, justamente para evitar a relação direta que o social faz entre mulher masculinizada e mulher homossexual (Estevão *apud* Leite Junior, 2008).

Tanto as travestis como os fisiculturistas associam beleza do corpo com saúde orgânica. As primeiras são consideradas opostas aos homens fisiculturistas no que se refere ao corpo e ao gênero. Enquanto os primeiros buscam “a supermasculinidade”, as travestis buscam apresentar feminilidade exacerbada. Evidente que essa busca, tanto no caso dos homens fisiculturistas como das travestis, procura sempre se adequar às normas de gênero reconhecidas pela sociedade. Embora façam uso “subversivo” das tecnologias protéticas e químicas disponíveis, não subvertem verdadeiramente a ordem binária masculino-feminino.

Porém, no caso das mulheres fisiculturistas, elas fazem a junção de elementos considerados masculinos em um corpo biológico de mulher. Da mesma forma, travestis fazem a junção de elementos considerados femininos em um corpo biológico de homem. Ambos são acusados de transgredirem as normas de gênero, justamente por fazerem a junção de elementos definidos como antagônicos. Dessa forma, mesmo que de forma lenta, dificultosa e não intencional, abrem espaço para mudanças nos padrões de inteligibilidade dos gêneros. É no interior da *performatividade* de gênero que as fissuras ocorrem, moldando caminhos para novas possibilidades e vivências (Butler, 2004; Leite Junior, 2008).

No final, o que as travestis conseguem, é formar corpos que se aproximem do idealmente normatizados. Dessa maneira terão maior chance de aceitação. O desejo de “ter um corpo” sobrepõe-se aos “riscos”, dores e sacrifícios implicados tanto na materialização do corpo das travestis como dos fisiculturistas. O objetivo é ser aceito em seu grupo, o qual reconhecerá seu *status* de travesti. Quanto mais a travesti, conhecer na carne, os efeitos dessa adesão, mais o terá na alma.

Dessa forma poderá ser no futuro uma *bombadeira* que sabe aplicar silicone e receitar hormônios. O que a confere prestígio entre as travestis. Pois conforme vimos, a

bombadeira se destaca recebendo o reconhecimento pelo seu papel fundamental na “fabricação do corpo e da subjetividade” da travesti mais nova. Em muitos dos casos ela seria uma espécie de “criadora” da travesti mais nova.

Investimentos diários e caros de produtos, tecnologia, química, cirurgias, implantes, aplicações, roupas, acessórios, jóias, sapatos, estilo, cultura, disciplina poderão promovê-la ao status de *diva* ou *européia*. Acreditam que dessa forma, quanto mais investirem nesses aspectos, mais estarão se distanciando da abjeção e da invisibilidade social. (Pelúcio, 2009).

Para Butler (2003) a marca do gênero parece qualificar os corpos como humanos. O bebê só será humanizado quando já no exame de ultrassom é revelado se ele será um menino ou uma menina. Ser reconhecido como pertencente a um determinado gênero implica a incorporação de uma série de comportamentos sociais relativos aquilo que foi denominado de masculino e feminino de acordo com a época e local. O gênero do bebê já é imposto a partir do momento que seu sexo genital é descoberto por volta do terceiro mês de gestação.

Inicialmente o sexo genital se coloca como o principal índice que irá determinar o gênero, no qual pênis é igual a masculino e vagina é igual a feminino. É justamente dessa divisão mecanicista que as travestis escapam. Não se reconhecem nesse modelo, nem são reconhecidas por ele. Mostram que o gênero pode ser construído, independente de modelos impostos.

Porém, quando fazem isso, são reconhecidas pela sociedade através do rechaço, desprestígio, invisibilidade, exclusão, preconceito, desumanização e invisibilidade. Dessa forma é como se as travestis e transexuais não existissem. Legisladores precisam assumir a tarefa de abrir um debate sobre as questões de gênero, fora do marco do

gênero binário baseado na heteronormatividade. Onde estão travestis e transexuais na legislação? São considerados doentes e passíveis de tratamento médico.

Quais são seus direitos? Se ainda são considerados doentes pelas ciências biomédicas e sujeitas a determinada “correção”, então, não existem para a lei, portanto ainda são destituídas de direitos. A patologização, em geral, coloca a travesti na condição de inferior e menos capaz, justamente por ser chamada de “doente”. Muitas travestis acabam recorrendo ao método informal para modificar seus corpos. Usam silicone industrial e tomam hormônios sem garantia de qualidade. Correm muitos riscos de saúde.

Não há políticas públicas de saúde que as auxiliem em seu processo de transformação. As únicas que ainda podem contar com tal auxílio são aquelas que são diagnosticadas como sendo transexuais e que estão em busca da cirurgia de readequação sexual. Porém, elas devem se submeter a todos os requisitos e tratamentos necessários para serem consideradas preparadas para a cirurgia. Geralmente não é um processo fácil, além de levar muito tempo.

Qual a política de inserção no mercado de trabalho? Muitas alegam que acham dificuldade em arrumar um emprego, pois há preconceito. Acabam tendo que se prostituir para sobreviver. Sofrem preconceito na infância, tanto na vida familiar, como na escola. Muitas não conseguem levar adiante os estudos. Em geral, nossas escolas se apresentam como instituições incapazes de lidar com a diferença e pluralidade. Funcionam como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade. Por causa da pressão, fogem ou são expulsas de casa no início da adolescência. A maioria delas é procedente do interior do país e migram para os grandes centros urbanos.

Dizem que há muito preconceito e falta de espaço para se desenvolverem em suas cidades natais. Por que os crimes contra transexuais e travestis repercutem pouco ou quase nada no cenário legislativo de maneira geral? Pois são considerados invisíveis. Em geral são vítimas do preconceito e da exclusão. Não é interessante para as autoridades apurarem crimes contra pessoas que são consideradas inexistentes e abjetas.

Patologização das identidades autoriza e confere poder aqueles que são considerados normais, a realizar com as próprias mãos a “assepsia” que deixará a sociedade livre da “contaminação”. As normas de gênero só conferem inteligibilidade, ou seja, existência e direito a vida, àqueles que estão alocados em “gêneros apropriados” aos seus respectivos “corpos sexuados”.

Além disso, elas possibilitam a emergência de conflitos identitários com essas mesmas normas. Portanto, o saber médico, um dos “fabricantes das normas de gênero, não descreve a natureza e sim a produz. Nenhuma formação de saber que estrutura determinado conceito é neutro (Bento, 2008).

Uma das primeiras teóricas sobre gênero sexual foi a antropóloga norte-americana Margaret Mead (1901 – 1978) que publicou em 1935 uma de suas obras mais famosas, *Sex and temperament in three primitives societies* que em português foi traduzido como: *Sexo e Temperamento*. Nessa obra, ela estudou três sociedades na Papua - Nova Guiné. A divisão sexual do trabalho e as estruturas de parentesco foram analisadas para explicar os diferentes papéis do gênero nas etnias arapesh, mundugumor e tchambuli.

Este estudo foi considerado pioneiro no assunto e proporcionou importante material empírico para questionar a rígida diferenciação entre personagens “femininos” e “masculinos”. Documentou culturas em que homens e mulheres dividiam entre si práticas consideradas exclusivamente masculinas no Ocidente (como a guerra, por

exemplo) ou outras em que a distribuição das tarefas domésticas eram exatamente opostas às usualmente praticadas nas ocidentais (Mead *apud* Leite Junior, 2008).

A separação entre “sexo” e “temperamento” remete a separação entre mente e corpo, que já estava presente nas ciências biomédicas e provavelmente influenciadas pelas idéias do filósofo francês René Descartes (1596 - 1650). Com o tempo passou a ser entendido que não só o corpo tinha um sexo como a mente também tinha. Gradualmente surge a idéia de um sexo na mente que resultará no sexo da mente. Tal forma de pensar vai formando aos poucos aquilo que vai originar o conceito de gênero (Meyerowitz *apud* Leite Junior, 2008).

É interessante lembrar que antes de Descartes, o filósofo grego Platão (428 a. C. - 328 a. C.) defendia a noção de que o homem está em contato permanente com dois tipos de realidade: a inteligível e a sensível. A primeira é a realidade imutável, igual a si mesma. A segunda são todas as coisas que nos afetam os sentidos, são realidades dependentes e mutáveis que nada mais são do que imagens das realidades inteligíveis. O mundo concreto percebido pelos sentidos é uma pálida reprodução do mundo das idéias.

O problema que Platão propõe-se a resolver é a tensão entre o filósofo grego Heráclito de Éfeso (540 a. C. - 470 a. C.) e outro filósofo, que também era grego: Parmênides de Eléia (530 a. C. - 460 a. C.). Para o primeiro, o ser é a mudança. Tudo está em constante movimento e é uma ilusão a estaticidade, ou a permanência de qualquer coisa. Para o segundo, o movimento é que é uma ilusão, pois algo que é não pode deixar de ser e algo que não é, não pode passar a ser. Assim, para Parmênides não há mudança.

Portanto para Platão, o mundo das idéias é o mundo real. Posteriormente com Descartes, o mundo das idéias foi associado à mente (alma). Já o mundo da aparência,

foi associado ao corpo (matéria). Logo, foi sendo estabelecido que “a verdade” sobre o sujeito está inteiramente localizada em sua alma. Por ter sido influenciada tanto pelas idéias de Platão como de Descartes, para as ciências biomédicas era tão importante conhecer o “sexo verdadeiro da alma” (Chauí, 2003; Nicola, 2005).

As regras de gênero são específicas e produzem efeitos constitutivos sobre a subjetividade. São regras que governam a identidade inteligível onde o masculino é superior ao feminino e a heterossexualidade é compulsória. Não é nem a expressão de uma essência interna nem um artefato de uma construção social. O gênero se torna ele próprio uma norma (Áran et al., 2007).

Antes do final do século XX no ocidente, as famílias tinham maior participação na organização dos sujeitos e suas relações. Porém, transformações econômicas e culturais ocorridas por volta da década de 1960 levaram a um processo de desconstrução das bases materiais e familiares. As relações no mundo têm se tornado cada vez mais complexas e globalizadas. Há queda no número de casamentos civis registrados, aumento de separações, taxa de natalidade declinante. As pessoas estão preferindo morar juntas a se casar formalmente.

O modelo de núcleo familiar clássico ocidental ruiu com o questionamento da hierarquia entre os sexos, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a pílula anticoncepcional, o planejamento reprodutivo, separação entre sexualidade e reprodução, divisão das tarefas domésticas e maior igualdade entre os sexos. Além disso, a progressiva redução da atenção e autoridade dos pais sobre os filhos, a formação de novos arranjos familiares, onde a mulher é a provedora, estão transformando as famílias. Os pais estão muito ocupados com suas vidas profissionais. Os filhos em geral estão sendo “educados” por babás, escolas, colegas, *internet*, jogos e programas de televisão.

A maior visibilidade dos gays e das lésbicas alterou a forma social de compreensão das relações amorosas e sexuais assim como novos arranjos familiares e parentais vêm sendo desenvolvidos. Os homossexuais em menos de um século passaram pela criminalização, patologização e despatologização de si. Embora ainda sejam considerados seres hereges pela maioria das religiões, agora lutam por seus direitos civis.

Em geral, tal “aceitação” acontece desde que suas relações amorosas se enquadrem aos modelos tradicionais de família heterossexual monogâmica. Porém o estigma social continua sobre as pessoas que não tem parceria, independente da orientação afetivo-sexual, os famosos solteiros, sem família. Os transexuais, travestis, *crossdressers*, fetichistas e sadomasoquistas continuam estigmatizados, pois além de serem quem são, são invisíveis aos direitos civis (Miskolci, 2005b).

Vamos conhecer agora a trajetória de vida de uma militante. Virginia Prince (1912 - 2009) foi uma grande ativista que lutou pelos direitos de transgêneros nos EUA. Nascido em Los Angeles e recebeu o nome Arnold Lowman. Começou a se transvestir com roupas consideradas femininas aos doze anos de idade. Graduou-se em química em 1935. Fez mestrado em 1937 e doutorado em 1939 pela Universidade da Califórnia, ambos em farmacologia.

Casou-se com Dorothy Shepherd em 1941, teve um filho em 1946. Sua esposa não compreendia seu impulso por vestir-se de mulher. Procurou um psiquiatra que a aconselhou a se divorciar, dizendo que o marido era homossexual por causa do transvestismo. Em 1953 foi proibido pela justiça de ver o filho e acusado de ser um mau pai por Dorothy.

Começou a trabalhar com indústria química associada a cosméticos. Em 1955 começa a tomar hormônio feminino. Com o auxílio da mãe de Arnold, casa-se com

Doreen Skinner em 1956. Ela havia sido filha de uma governanta que trabalhou para a família Lowman. Doreen estava ciente que Arnold gostava de se vestir de mulher. Aprendeu a compreender e conhecê-lo mais. Em 1960 Arnold funda uma revista científica voltada ao público transgênero que se chamava *Transvestia*.

Em 1962 conhece Robert Stoller (1921 – 2006), famoso médico e especialista na área da sexualidade. Doreen, porém não agüenta a pressão de ver Arnold vestido de mulher em algumas ocasiões. Ela pede o divórcio em 1966. Na ocasião Arnold morava com o filho Bent que começou a enfrentar problemas com o uso de drogas. Com o divórcio Doreen ficou com metade das ações da indústria química de Arnold.

Em 1968, aos cinquenta e seis anos de idade, já vivia o tempo todo vestida inteiramente como mulher. O nome Virginia Prince já havia sido adotado desde 1941. Poucos anos antes, em 1961, sofreu processo criminal por enviar a revista *Transvestia* por correio para alguns leitores. Foi alegado que Arnold, agora Virginia estava enviando material erótico. Porém a publicação da revista continuou até a década de 1980. A partir da década de 1960 começou a trabalhar intensamente com outros especialistas, dentre eles o doutor Harry Benjamin (1885 – 1986) pelos direitos de transgêneros, além de ajudar a esclarecer sobre tal “fenômeno” até sua morte em 2009.

Virginia relata que começou a se vestir de mulher, pois desenvolveu fetiche sexual por sapatos de saltos altos seguido por masturbação. Com o tempo foi descobrindo a “mulher interior” que habitava dentro dela. Ao longo da vida desenvolveu pensamento acadêmico a respeito do assunto. Fundou organizações para pessoas que se transvestiam (Docter, 2004).

Em seu artigo *Homosexuality, transvestism, and transexuality: Reflections on their ethiology and differentiation* faz a distinção entre homossexualidade (orientação sexual), transvestismo (comportamento) e transexualidade (alteração do sexo genital

com o objetivo de alterar o gênero). Coloca que a orientação sexual não tem necessariamente uma relação direta com a expressão de gênero. Virginia diz que ela mesma nunca se interessou por homens (Prince, 2005a).

Em outro artigo, intitulado de *The expression of femininity in the male* faz a diferenciação entre sexo e gênero. Ela defende que a socialização impõe certa identificação de gênero correspondente ao sexo biológico determinado. Com isso, todas as características consideradas do gênero oposto deverão ser reprimidas. Para ela o transvestismo masculino é a expressão da feminilidade suprimida em homens biológicos.

O verdadeiro travesti é o personificador daquilo que é considerado feminino. O objetivo é atingir a expressão total da personalidade independente do gênero. O ideal seria que todas as tarefas fossem desempenhadas tanto por homens e mulheres. Normas de gênero limitam a manifestação da criatividade das pessoas, pois elas não podem usar toda a sua criatividade. Para a autora tais normas transformam a todos e meio-seres-humanos (Bruce, 2005).

Em *Sex versus Gender*, Prince defende que o gênero pode ser performatizado independentemente do sexo anatômico. Ela diz que há grande confusão entre órgão genital e sexo performatizado. O que se busca é a mudança de gênero, não de sexo (órgão genital). Para ela o sexo está entre as pernas e o gênero está entre as orelhas.

Ela acredita que no futuro as barreiras entre os gêneros serão abolidas. As pessoas poderão transitar entre um e outro sem sofrerem preconceito. Não haverá roupas específicas para homens e mulheres. Classificações como transexuais, travestis, homossexuais, bissexuais e heterossexuais se tornarão obsoletas, pois as pessoas serão classificadas apenas como pessoas. Não haverá mais necessidade de tratá-las disso ou

daquilo. Aquilo que chamamos de androgenia será cada vez mais comum. Haverá uma fusão completa entre o que chamamos de masculino e feminino (Prince, 2005b).

Já em *Transsexuals and Pseudotranssexuals* Virginia argumenta que não quis a cirurgia de redesignação sexual, pois seu caso tratava de questões de gênero (psicossociais) e não de sexo (biológicas e fisiológicas). A sociedade machista, polarizada e patriarcal é que associa gênero, sexo e orientação sexual. Socialmente se entende que como o sexo é dado ao nascer, o gênero também deve ser.

Prince argumenta que tanto homens quanto o restante da sociedade considera se alguém é homem ou mulher por sua anatomia física. Tal idéia também foi defendida por (Bento, 2008 e 2006). Ela critica transexuais que buscam a cirurgia de redesignação sexual argumentando com sua idéia clássica de que o gênero está entre as orelhas e não entre as pernas. É como se a neovagina concedesse autorização social para que as transexuais vivessem o estilo de vida que sempre quiseram (Prince, 2005c).

Em *The “transcendents” or “trans” people*, Virginia defende que nos casamentos heterossexuais ao invés de duas pessoas inteiras se acompanharem, há duas pessoas dependentes da parte suprimida da outra, buscando assim, seu complemento. Para a autora, a mulher reconheceu antes do homem que era preciso lutar pela integração e romper as categorias estanques de gênero. Ela ainda argumenta que muitos problemas emocionais são advindos da criação e educação para se adequar ao gênero imposto, de acordo com o genital de nascimento (Prince, 2005d).

É interessante perceber que Virginia se tornou completamente aquilo que se chama de transgênero por volta dos sessenta anos de idade, ou seja, momento do processo de vida que chamamos de velhice. Foi militante, lutou por direitos e escreveu artigos e livros científicos sobre o tema. Assim como Virginia, outras pessoas consideradas transgêneros, se tornam militantes em idade avançada. No capítulo a

seguir, vamos saber sobre as vidas de algumas pessoas que chegaram à velhice como aquilo que as ciências biomédicas denominam de transgênero, do qual as travestis fazem parte.

CAPÍTULO III

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Lembrando que foi a escassez de estudos publicados sobre o envelhecimento e velhice de travestis - que muitas vezes não chegam a envelhecer - que nos levou a desenvolver a investigação proposta. Este trabalho justifica-se, igualmente, pela relevância social do tema, chamando a atenção sobre o processo de envelhecimento para o próprio grupo de travestis, bem como para os demais segmentos sociais. Para isso, faz-se necessário uma metodologia adequada.

Geertz (1989) nos lembra que ao abordarmos a cultura, o grande objetivo é ganhar acesso ao mundo conceitual em que os sujeitos vivem, para que dessa forma possamos conversar com eles.

“Métodos quantitativos e qualitativos são mais que apenas diferenças entre estratégias de pesquisa e procedimentos de coleta de dados. Esses enfoques representam, fundamentalmente, diferentes referenciais epistemológicos para teorizar a natureza do conhecimento, a realidade social e os procedimentos para se compreender esses fenômenos”.
(Filstead apud Bauer, Gaskell & Allum, 2002; p. 29)

Para a investigação proposta, a opção metodológica recaiu sobre a abordagem de caráter qualitativo. Esta opção guarda estreita relação, pelo que entendemos, com os objetivos de identificar as representações de envelhecimento e de velhice dos sujeitos da investigação. Levantar a auto-percepção do processo de envelhecimento e da velhice dos entrevistados. Estabelecer comparações entre as trajetórias de vida e as representações de velhice entre as três entrevistadas.

Ainda que os mesmos possam ser objeto de tratamento quantitativo, as especificidades da abordagem qualitativa contribuíram para a opção feita. Como afirma Bachelard, “a ciência não corresponde a um mundo a descrever. Ela corresponde a um mundo a construir” (apud. Goldenberg, 2001; p.13).

Em Goldenberg, lemos que:

A pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância. Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é processo em que é impossível prever todas as etapas. O pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado – o “possível” para ele. (2001; p. 13).

Dentre as especificidades acima mencionadas, as abordagens de cunho qualitativo buscam, de algum modo, “penetrar” e “compreender” o mundo dos sujeitos: trajetórias e histórias; sentidos, significados e representações; desejos, aspirações e projetos. Tarefa realizada a partir da “palavra” (oral ou escrita), ou seja, da relação dinâmica entre pesquisador e sujeito (emissor e receptor), por meio da fala.

A “fala” é, como afirma Minayo, um

“instrumento privilegiado de coleta de informações. [Ela] é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo [tem] a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas.” (2010; ps. 109/110).

Outra especificidade reside no fato de as abordagens qualitativas possibilitarem o acesso à intencionalidade; acesso difícil de ser obtido através de dados exclusivamente quantitativos.

É sabido que a abordagem qualitativa envolve diversos procedimentos de coleta de dados, a exemplo da “história de vida” (método biográfico) e da entrevista, em suas diversas modalidades (individual em profundidade, estruturada, semi-estruturada). Entre elas, o denominador comum de *“uma conversa a dois [...] destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistador) em temas pertinentes com vistas a este objetivo”*. (Kahn & Cannell, apud. Minayo, 2002; p. 108).

Segundo Duarte e Barros (2005) o método biográfico envolve o uso e a coleta de narrativas e documentos da história da vida. O foco desse método são as experiências vividas. Através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas.

Podemos dizer que a vida olhada de forma retrospectiva faculta uma visão total de seu conjunto. É o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado. Cabe lembrar que se deve estar ciente dos avanços e recuos, da cronologia própria, e da fantasia e idealização que costumam permear narrativas quando elas envolvem lembranças, memórias e recordações.

As entrevistas de história de vida trabalham com memória e, portanto, com seletividade, o que faz com que o entrevistado aprofunde determinados assuntos e afastem outros da discussão. O que interessa quando trabalhamos com história de vida é a narrativa da vida de cada um, da maneira como ele a reconstrói. Mais do que qualquer

outra técnica, exceto talvez a observação participante, é aquela capaz de dar sentido à noção de processo (Bosi, 1994; Minayo, 2010).

Este processo requer uma compreensão íntima da vida de outros, o que permite que os temas abordados sejam estudados do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, seus mundos, suas pressões e constrangimentos. A história de vida é, geralmente, extraída de uma ou mais entrevistas denominadas entrevistas prolongadas, nas quais a interação entre pesquisador e pesquisado se dá de forma contínua. O entrevistador se mantém em uma “situação flutuante” que permite estimular o entrevistado a explorar o seu universo cultural, sem questionamento forçado (Haguet, 1987).

O diálogo que se dá entre os dois sujeitos através da entrevista cria possibilidades interpretativas em níveis diferentes que incluem tanto a perspectiva do pesquisador, como do pesquisado. Portanto, quando o pesquisador efetuar a análise da entrevista, irá interpretar a interpretação que o próprio entrevistado atribui a si mesmo (Mercadante, 1997).

Baseando-se no objetivo dessa dissertação, foram entrevistadas duas travestis com mais de sessenta anos e outra com mais de quarenta anos. Essa última foi escolhida devido a sua importância como militante política das causas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros). De qualquer forma, cabe lembrar, desde logo, que a velhice (apreendida pelas marcas físicas do corpo) no contexto travesti, chega mais cedo. Especialmente para aquelas que acabam se prostituindo como forma de ganhar o próprio sustento (Siqueira, 2004).

Em janeiro de 2008 fui convidado para visitar uma amiga que é de Salvador. Já havia iniciado a pesquisa e soube que o Grupo Gay da Bahia se situava em um importante ponto turístico da cidade, o Pelourinho. Aproveitando o passeio turístico,

resolvi visitar essa importante organização não governamental onde tive a oportunidade de conhecer a presidente da Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros que coincidentemente, fica sediada no mesmo local.

Minha intenção era entrar em contato com o universo de travestis por meio da ONG acima situada. Não imaginava que iria conhecer imediatamente uma pessoa tão importante nacionalmente para o grupo em questão. Fiz um contato inicial e informal no primeiro dia. Voltei no dia seguinte e perguntei se ela, a presidente, uma travesti de mais ou menos quarenta e poucos anos, poderia me conceder uma entrevista que seria gravada e transcrita posteriormente. Ela concordou e realizamos a entrevista.

Antes da primeira entrevista, já havia lido algum material metodológico sobre pesquisa em histórias de vida. Porém, ainda não havia feito nenhum roteiro de perguntas, pois não imaginava que conseguiria uma entrevista tão rapidamente, durante minha viagem de férias a Bahia. Dispunha de um aplicativo no meu aparelho celular que podia gravar cerca de duas horas de conversa. Então realizei a primeira entrevista procurando focar na trajetória de vida e no tema da dissertação. Recebi algumas dicas de como acessar mais colaboradoras futuras.

Quando voltei a São Paulo, já com uma entrevista feita, entrei em contato com o Centro de Referência da Diversidade que havia sido inaugurado em março de 2008. Ali pude ter contato com algumas travestis, dentre elas a segunda entrevistada dessa dissertação. Muitas travestis me alertaram que seria difícil encontrar travestis idosas, ou por estarem ocultas, preferindo uma vida mais reclusa e discreta ou porque já haviam falecido devido ao seu contexto existencial violento. Disseram que a palavra velhice era considerada um palavrão, dentro do seu grupo.

A segunda entrevista seguiu mais ou menos o mesmo roteiro e tempo de duração que a primeira, cerca de duas horas. Pouco antes, fui instruído pelos membros da banca

de qualificação dessa dissertação a entrevistar travestis acima de 60 anos de idade. Embora a velhice atinja mais cedo o grupo de travestis, as mais velhas cronologicamente, teriam mais experiências de vida para compartilhar.

Foi então que marquei a segunda entrevista para o início de 2010. Ela foi realizada no Centro de Referência da Diversidade da cidade de São Paulo, local onde a segunda entrevistada trabalha atualmente. Era preciso mais uma entrevistada, pois originalmente eu e minha orientadora pensamos em quatro colaboradoras.

Soube por meio de assistidos pela ONG acima citada que na Praça Roosevelt, localizada no centro de São Paulo, havia uma travesti idosa, que era atriz e trabalhava para uma companhia de teatro situada no local. Comecei a frequentar os teatros e bares da região e tive acesso à terceira entrevistada. Realizamos a entrevista em um café que fica ao lado do teatro onde ela estava com uma peça em cartaz. Seguiu mais ou menos o mesmo roteiro que as outras duas e durou cerca de uma hora. Embora essa tivesse sido a entrevista mais curta, devido à disponibilidade da colaboradora, julguei que a entrevista havia sido satisfatória em relação aos meus objetivos.

Minha tarefa seguinte era buscar conhecer mais duas travestis com mais de sessenta anos, para que atingisse meus objetivos. Comecei a encontrar dificuldades para localizar travestis acima de sessenta anos de idade e que estivessem dispostas a falar. Ao saberem do assunto da pesquisa, as poucas travestis que conhecia, não desejavam participar, pois não se consideravam velhas.

Entretanto, houve uma que mesmo não concedendo entrevista disse algo interessante a ser analisado. Ela alegava que estava no melhor momento da sua vida profissional e que velhos eram aqueles que não serviam mais para nada. Além disso, ficavam esquecidos e jogados em um canto. Falou que tinha muitas coisas boas para falar, mas não gostaria de ser colocada na categoria de velha.

Ainda, finalizou dizendo que não gostaria de contar que toda a sua família já havia falecido, sentia-se solitária e não estava com nenhum companheiro no momento. Ressaltou que esses assuntos a machucavam emocionalmente e, portanto essa seria mais uma razão para não participar da pesquisa. A chegada à velhice é vista como negativa para muitas pessoas. Muitas a associam com inutilidade e abandono. Abordaremos melhor como a velhice é percebida, no capítulo seguinte.

Com o prazo para realizar as entrevistas se encerrando, ao invés de continuar buscando mais colaboradoras, pensamos então em utilizar a primeira entrevista realizada em Salvador. Embora a entrevistada tivesse quarenta e poucos anos, é presidente de uma importante organização não governamental que assiste às populações de travestis e transexuais em todo o Brasil. Penso que é interessante e relevante para o objetivo dessa pesquisa, saber o que a líder de uma organização nacional, pensa sobre a velhice desse segmento populacional. Então, a entrevista que era considerada até então piloto, foi utilizada como parte oficial da pesquisa.

As histórias de vida foram gravadas e transcritas na íntegra, respeitaram-se as regras que presidem a ética em pesquisa. Devo ressaltar que a pesquisa foi submetida ao comitê de ética da PUC-SP obtendo a aprovação que será anexada ao final dessa dissertação.

O “método biográfico” (histórias de vida) não se pauta por roteiros pré-fixados e rígidos. A coleta deve fluir de acordo com a situação da “conversa a dois” (Haguette, 1987). No entanto, alguns pontos foram propostos ao longo das entrevistas. Assim, foi solicitado que as entrevistadas discorressem sobre a infância, adolescência, idade adulta e momento atual; experiência de travesti; envelhecimento e velhice; perspectivas futuras.

Com estes itens, pretendíamos esclarecer as seguintes questões: como têm sido suas trajetórias de vida até o presente momento? Quais são seus projetos futuros? Qual o preparo que estão tendo em relação a seu processo de envelhecimento? Como estão envelhecendo? O que esperam da vida? Quais políticas públicas gostariam que houvesse que as amparassem? Como percebem os seus corpos, suas relações e suas necessidades?

Embora extenso, optei por transcrever a entrevista na íntegra, pois acredito que observando a trajetória de vida de cada colaboradora, seria possível compreender melhor o seu processo de envelhecimento. A velhice se caracteriza pelo percurso existencial e não apenas pelo momento presente que cada uma se encontra. Ela faz parte de um processo de vida.

Concluído o trabalho de campo, as entrevistas foram analisadas de modo a contemplar todos os aspectos explorados e os conteúdos apresentados. Para a análise dos dados coletados alguns autores das ciências sociais e filosofia foram alçados à condição de interlocutores teóricos. No próximo capítulo referente à transcrição e a análise das entrevistas, as perguntas foram transcritas em negrito, já as respostas estão em itálico. Ao longo da entrevista foram feitas determinadas pausas para análise. Elas foram escritas da mesma forma que o restante da dissertação.

Prefiro que as próprias entrevistadas se apresentem em suas respostas, por isso não fiz nenhum tipo de apresentação antes de cada entrevista. Ao analisar as entrevistas é fundamental saber que é justamente do presente que parte o chamado para que a lembrança responda. A memória da entrevistada depende do seu relacionamento com a família, classe social, escola, religião, profissão, grupos de convivência e de referência específica. Para Halbwachs *apud* Bosi (1994) lembrar não é reviver. Para esse autor é refazer, reconstruir e repensar com as idéias do hoje, as experiências vividas no passado.

Portanto, a lembrança não será exatamente fiel ao fato tal como ele aconteceu. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na ocasião. Isso acontece, pois não somos mais os mesmos de então. Nossa percepção mudou e com ela nossas idéias, juízos e valores.

Quando o indivíduo deixa de ser ativo na sociedade, adquire uma função própria: a de lembrar e ser a memória da família, do grupo, da instituição e da sociedade. O autor ainda nos adverte que o passado ao ser remanejado pelas idéias e ideais presente naquele que lembra, pode sofrer desfiguração, modelando o seu passado para recompor sua biografia individual e grupal, baseando-se em valores ideológicos.

O indivíduo conservará seu passado conforme for mais apropriado a ele. O material indiferente será descartado, o desagradável será alterado. O pouco claro e confuso será simplificado. O trivial será elevado. No fim forma-se um quadro, no qual não havia o menor desejo consciente de falsificá-lo.

Por fim, a publicação na íntegra ainda poderá facilitar que outros pesquisadores de diversas áreas também possam utilizá-las eticamente, conforme seus respectivos objetivos de pesquisa. Com a pesquisa concluída, espero que os dados levantados e analisados colaborem para a identificação e definição de políticas públicas que auxiliem a categoria das travestis idosas.

CAPÍTULO IV

TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4.1) Primeira Entrevistada

As travestis se assumem?

Enquanto na maturidade, maioridade, enquanto na terceira idade, quarta idade; enfim... Para todas as pessoas é bem difícil falar sobre a terceira idade, tem gente que está na terceira idade e não assume que está lá, mesmo uma mulher, por exemplo, sempre quer aparentar ser mais jovem do que realmente é. Seria interessante você perguntar para as travestis: Vocês se assumem enquanto da terceira idade? Eu tenho 43 anos e estou na segunda idade ou terceira, enfim...

De acordo com a ONU é a partir de sessenta anos...

Bom, eu estou na segunda, então é extremamente difícil para mim, quando alguém vem me chamar de tia e baiano é muito folgado, chama de tia, avó, mãe; enfim e por aí vai... Pegam intimidade imediatamente! Então, imagino que as pessoas mais velhas que eu têm mais dificuldade neste transitar. Porque se você trabalha na construção do feminino como as travestis fazem, tendo que aparentar uma figura exuberante e desejada e de bem com a vida; a velhice vai tirando tudo isto e todos estes atributos que você adquiriu na juventude. Como é uma pessoa assumir-se travesti na terceira idade com um monte de preconceitos acompanhando?

Para começar é suscitada a seguinte questão: como é investir na construção de um corpo durante grande parte da vida, porém, quando a velhice chega, como lidar com

os efeitos sofridos sobre aquilo que foi cuidadosamente construído ao longo de décadas?

Nesse trecho a entrevistada faz associação entre envelhecimento e decadência física. Conforme já foi dito, o corpo considerado jovem é valorizado em detrimento do corpo considerado idoso. Na sociedade de controle prima pelo corpo sempre jovem, sarado, magro, ágil, flexível, produtivo, consumista, independente e adaptável. O corpo velho vai contra tais ideais.

E também é importante perceber que estas travestis que assumirem este patamar de estarem na terceira idade, com cinquenta, sessenta, setenta anos; elas procurarão fazer uma inversão da condição que nós temos agora que é a da jovialidade. Para que elas pudessem se espelhar nestas que tem mais de sessenta anos seria como: Se eu consegui, vocês também podem conseguir! Se estas meninas com sessenta, setenta anos agora, já passaram por dificuldades; muitas que estão com dezoito anos, não passarão. Então, será mais fácil para esta juventude que está aparecendo agora e vai surgir ainda por mais dez, quinze anos, possa se espelhar nestas meninas como as que estão no livro: “Uma batalha pela igualdade” da Associação Igualdade do Rio Grande do Sul. Para que elas possam ler e conhecer o nosso e também o seu próprio trabalho daqui a dez anos e refletir coisas como: Já tinham travestis que iniciaram este processo e que sofreram; foram discriminadas e torturadas e ainda assim continuaram com a sua identidade travesti, não abriram mão disto e continuaram vivendo felizes. Como eu que tenho quarenta e três anos e quando cheguei aqui na Bahia em 1983, eu não tinha esta felicidade que tenho hoje, pois era muito discriminada. Talvez eu e as travestis daquela época se tivéssemos alguém ou pessoas para nos espelharmos no passado, talvez a nossa vida tivesse sido muito mais fácil.

Você está falando que a travesti de mais idade pode servir como modelo, uma referência para as mais novas?

Sim, mas ainda assim é importante você assumir a sua idade.

Você está falando sobre a travesti que já está na terceira idade ou com uma idade avançada?

É importante respeitar e reverenciar uma travesti mais velha. Quando chega uma travesti mais velha aqui na região, eu reverencio com palavras e afeto. Eu comi o pão que o diabo amassou quando cheguei aqui! Imagine você, quem chegou aqui antes de mim... Então, há a necessidade de contar estas histórias para que estas travestis novas conheçam a realidade das travestis mais velhas, da terceira e quarta idades; creio que da quarta não existam mais. Estas travestis de outrora, as precursoras, implantaram ações dentro de cada município e estado brasileiros e grande parte do que temos agora foi conquistado por estas que já foram e que estão velhinhas e ninguém traz mais para as luzes da cena.

Onde elas estão?

Sim o trabalho é este, procurar onde elas estão. Aqui na minha região tem umas quatro ou cinco travestis mais velhas que eu e elas são avessas a qualquer tipo de aproximação ou conversa, porque naquela época não havia o interesse dos acadêmicos, do governo e da sociedade como tem hoje em dia. O importante é deixar marcado para as gerações futuras, não só para os homossexuais, mas, para os jovens heterossexuais, a importância de reverenciar sempre os seus antepassados e os diversos segmentos da sociedade como nós: os travestis.

Sim! Olhar o idoso e as pessoas mais velhas como pioneiros que abriram caminhos, construíram experiências e coisas!

Eu tive que ir aqui à Avenida Sete defender uma travesti que deve ter por volta de quarenta e seis ou quarenta e oito anos, porque outra travesti não a queria na rua. Ela chegou aqui na sede dizendo: “Keila! Tem uma travesti que não quer que eu fique mais rua, reclamando que eu faço varejão!” (Varejão é cobrar menor preço pelo programa que as demais cobram). Eu penso: Uma pessoa que tem quarenta e seis e quarenta e oito anos não vai disputar com uma menina de dezoito anos. Daí, eu fui com a travesti mais velha para rua. Chamei a menina que estava causando problema, que por sinal tinha dezessete anos, e disse: Quando uma travesti mais velha aparecer aqui, você deve respeitá-la porque muitas delas trouxeram o asfalto para a Av. Sete e as árvores do Campo Grande. Este foi um modo dizer na cara da travesti mais nova a realidade e o que aquela pessoa mais velha representa! Ela era ainda mais velha que eu. Quando cheguei aqui, sofri com ameaça da polícia, chicotadas, massacres e torturas. Imagine você, a senhora mais velha!

A entrevistada coloca que as travestis idosas são importantes em relação às travestis mais novas, pois foram pioneiras. Conquistaram direitos que atualmente são gozados pelas travestis mais novas. Além disso, enfrentaram muitos preconceitos e situações de violência que as travestis mais novas não precisam mais enfrentar. Muito embora, as mais novas enfrentem outros tipos de violência.

Fica claro que para as travestis que se prostituem, a velhice chega mais cedo, por volta dos quarenta anos de idade. A competição se torna mais acirrada em relação as mais jovens. Alguns autores exploraram o papel da travesti mais idosa. Quando não podem mais viver da prostituição, muitas se tornam locatárias de quartos ou imóveis que possuem, agiotas nacionais e internacionais, profissionais da moda e da indústria do entretenimento, cabeleireiras, manicures, esteticistas, costureiras, domésticas,

artistas, comerciantes, *bombadeiras*, “mães” das mais novas, ícones, agentes de prostituição no exterior e cafetinas. Quando isso não acontece, podem acabar na miséria, viver da caridade de alguém, em um asilo qualquer ou até mesmo se tornarem moradoras de rua (Benedetti, 2005; Böer; Kulick, 2008; Pelúcio, 2009; Silva, 2007).

Você é do interior do Maranhão. Você escolheu a Bahia por alguma razão especial? Por que você não escolheu São Luís?

Sim, eu sou de Pedreiras. Eu fui muito “rechaçada” quando fui ao Jô Soares e não falei o nome da minha cidade! Vou contar a minha história bem resumidamente. Eu nasci em Pedreiras e depois quando comecei a me entender como gente, não sabia que era gay, mas, percebi que não gostava do sexo oposto, de mulheres. Aquilo tudo era muito pequeno para mim. Então, sai da minha cidade e fui para Teresina no Piauí na casa de uma prima.

Sua prima era travesti também?

Não. Chegando lá, não deu muito certo e fui embora com uma amiga. Começamos a trabalhar em casas de família e depois fomos para a praça nos prostituir. Começamos a conciliar o trabalho em casa com a prostituição na praça. Mas, lá era muito cruel, a polícia nos prendia, e nos maltratava, jogando baldes de água gelada com pedras de gelo na nossa cabeça, às duas horas da manhã! Enfim, de Teresina fomos para São Luís do Maranhão. Eu tinha feito algumas amizades e começamos a fazer um tour pelas capitais. Quando tínhamos dinheiro comprávamos passagem de ônibus e íamos para as cidades; só não íamos de carona. Chegando a São Luís, começamos a trabalhar em uma lanchonete e fazer prostituição à noite. O pessoal que trabalhava na lanchonete tinha família em Recife e falavam muito da cidade. Então, nós pegamos um ônibus e fomos para Recife. Chegando lá, começamos a trabalhar só com prostituição.

Eu até tinha vindo com o meu namorado do Recife. A minha meta e de minha amiga era chegarmos a São Paulo; mas, parei na Bahia. A minha amiga seguiu para São Paulo e eu fiquei. Estou aqui desde 1983. Mas, aqui, nos anos oitenta, já acontecia muita coisa.

Eu lembro que você comentou que muitas travestis eram levadas para as praias ao norte da Bahia e muitas ficavam com a mão uma no rosto da outra se protegendo dos cassetetes dos policiais...

Parte desta época, eu ainda estava no Recife e começava o assassinato das travestis na rua. Tinha um homem, que eu agora não me lembro o seu codinome... Ele saía matando as travestis. Eram cinco, oito, dez, travestis por semana. Aquilo me assustou muito. Eu estava acostumada com uma vida mais pacata e sossegada. Tanto em São Luís quanto em Teresina não tinha esta enormidade de assassinatos, mas em Recife tinha. Quando chegamos aqui na Bahia havia uma epidemia de AIDS, e uma grande violência da polícia civil e militar que era dizimadora. Á noite na rua as pessoas nos apedrejavam, pois achavam que mesmo não fazendo sexo com ninguém, nós transmitiríamos o vírus da AIDS para eles. A delegacia de costumes da região nos prendia e depois de três dias nos soltavam. A polícia batia, prendia e torturava. Eles nos levavam para a Praia do Flamengo, soltavam a nossa peruca na Praça da Sé, os sapatos no Campo Grande, os vestidos ficavam na Praia da Barra... Eles nos humilhavam, fazendo com que cada uma de nós beijasse na boca uma da outra. Era horrendo! Poucas pessoas conseguem vislumbrar o que acontecia conosco. Quando chegávamos à Praia do Flamengo, que era deserta, longe do centro, estávamos quase nuas e pediam para nós que formássemos duplas e brigássemos entre a gente. Aquelas que perdiam apanhavam ainda mais dos policiais. Eram dois carros, eles ligavam os faróis, um de frente para o outro e nós ficávamos brigando! E eles? Colocavam

defeitos e dizendo quem era bonita ou feia entre nós; ficavam tirando o sarro da gente! Nós começamos a desenvolver uma metodologia para nos livrarmos dos policiais. Nós não nos batíamos, ficávamos apenas agarradas umas nas outras e caímos na água. É claro que eles não queriam molhar as fardas e daí, iam embora. Daí, pegávamos aqueles restos de roupas sujas lavávamos na água do mar, íamos para a estrada e tentávamos uma carona para conseguir chegar em casa. Naquela altura, não tínhamos mais dinheiro, estávamos sem bolsa, ficávamos ao léu. Isso era cotidianamente! De duas a três vezes por semana! Mesmo pela manhã, quando saímos para a farmácia comprar hormônio, éramos presas porque estávamos de saia e era para estarmos de calça. Aqui mesmo no pelourinho, quando estávamos dormindo a polícia entrava e fazia uma corda de caranguejo, amarrando travesti por travesti e nós éramos levadas a delegacia e lá tínhamos que lavar a delegacia inteira e todas as viaturas que por sinal, nos prendiam. Terminando tudo, ficávamos presas e só nos soltavam no dia seguinte, isto, se o delegado estivesse de bom humor, caso contrário, só em dois ou três dias éramos libertadas. Eu era bem jovem quando cheguei aqui, experimentei tudo isto e foi dentro deste mundo que eu me formei. Eu via que aquilo estava errado, mas eu não tinha como olhar e não sabia como ajudar. Todo mundo era passivo diante daqueles absurdos! Nós corríamos para escapar ou ficávamos e sofríamos agressão e tortura. Várias vezes nós corríamos e escapávamos, chegando em casa e nos trancando. Nós morávamos em uma casa de um cômodo e possuíamos uma gambiarra que ligava toda a luz da casa. Para não sofrermos na mão da polícia, a primeira que chegasse já puxava um fio na eletricidade apagando a luz e assim ficava difícil para que os policiais nos achassem. No começo era fácil, mas depois eles vinham com as lanternas e ficavam dentro da nossa casa nos procurando.

A entrevistada mostra o quanto a violência que sofreu foi significativa. Passou por situações que as mais novas não passam mais. Coloca que a violência na década de 1980 na cidade de Salvador em relação às travestis que se prostituíam era maior. É como se a violência sofrida pelas mais antigas ajudasse a conquistar certo espaço de segurança que foi deixado para as gerações mais novas de travestis. Entretanto, as jovens ainda sofrem violência, porém não é mais o mesmo tipo que as mais velhas sofriam.

De acordo com a entrevistada, outra responsabilidade atribuída às travestis que se prostituíam naquela época, e ainda hoje, foi a disseminação rápida do vírus do HIV. A idéia implantada pelo biopoder era o da preservação da saúde, beleza e “vida eterna.” Portanto, o estilo de vida das travestis que se prostituíam foi encarado como uma verdadeira resistência a tal política. Trocar o dia pela noite, *baladas*, múltiplos parceiros sexuais, alta exposição a todas as doenças sexualmente transmissíveis, uso e abuso de drogas, alimentação inadequada, administração de hormônios e aplicação de silicone industrial por conta própria, condições péssimas de moradia, falta de dinheiro, desamparo social, contexto de vida violento, exclusão, enfim. Todos esses itens são contra a boa “qualidade de vida” que é uma das principais bandeiras das biopolíticas.

Nos anos de 1980, e ainda hoje, as travestis têm sido vistas como transmissoras e portadoras do vírus HIV e outras doenças, que pode matar, pois ainda não há maneira de destruí-lo completamente. Morte e doença representam resistências às políticas públicas do biopoder. Naquela época ainda não havia órgão público significativo que as defendessem. Atualmente há diversas organizações não governamentais que lutam por direitos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) (Foucault, 1993).

Por causa das diferenças entre as pessoas, criam-se preconceitos como forma de proteção e ataque contra aquilo que é considerado diferente da maioria. Isso acontece,

pois o diferente culturalmente representa ameaça à ordem estabelecida. O preconceito engloba três componentes: o afeto (sentimentos ou emoções em relação a um grupo de indivíduos) a cognição (estereótipos) e o comportamento (discriminação). O estereótipo é uma forma de organizar a percepção. Devido ao grande número de informações e especificidades, o cérebro as simplifica, pois as categoriza definindo formas de ser generalizadas. O rótulo é um tipo particular de estereótipo. Quando se rotula alguém disso ou daquilo, determinamos nossa forma de se relacionar com o rotulado. Tendemos a perceber somente o rótulo. As pessoas rotuladas tendem a se comportar de acordo com aquilo que é esperado delas (Nunan, 2003).

Travestis são estigmatizadas e rotuladas como pessoas abjetas, ininteligíveis, invisíveis, não humanas e desviantes das normas de gênero que regulam as relações sociais. O conceito de desviante está relacionado ao patológico. A idéia de desvio implica que há naturalmente a existência de um comportamento “médio” ou “ideal” (no caso, a heteronormatividade) que estaria em harmonia com o funcionamento estrutural da sociedade em questão. Só há aquilo que é considerado desvio (transexualidade), pois há aquilo que é considerado o não desvio (heterossexualidade). Não há desviantes em si. O que há são determinados grupos (heterossexuais) que acusam outros grupos (homossexuais, transexuais e travestis) de serem desviantes (Butler, 2003; Velho, 1989).

A ideologia dos não desviados e dos desviados existe porque nós a reconhecemos como tal. Determinadas ações são desejadas por todos. Há que se haver uma norma. Porém, qual é o impacto que tal norma tem sobre certas pessoas? As crenças dão subsídios às instituições, prescrevendo papéis. As legitimações são justificadas nas instituições. Criada uma realidade objetiva, há mecanismos para mantê-la. Caso haja um rebelde que não se submeta a norma estabelecida, haverá a tentativa de

aplicação terapêutica, com o objetivo de tratar para corrigir. Se não for possível corrigir, restará a exclusão ou até mesmo o aniquilamento. A exclusão social se dá através da eleição de um grupo como “bode expiatório”, que nesse caso é dos homossexuais. Conforme relato acima, tentava-se aniquilar o coletivo de travestis na década de 1980 em Salvador, por serem vistas como minoria.

Radicado no campo das ciências sociais, especialmente na Sociologia, o conceito de “minorias” refere-se, basicamente, a grupos que – independente do número – vivem em desvantagem frente a outros grupos e/ou categorias sociais, sendo objeto de estigmas, preconceitos. Ocupam, via de regra, uma posição social frente a grupos hegemônicos e socialmente reconhecidos como legítimos.

Assim, a expressão “minoria” é usada pelos sociólogos não em termos numéricos, mas por referência ao lugar ocupado nas relações de trocas sociais. Raça, gênero, etnia, idade e orientação sexual são critérios frequentemente empregados para a construção social das “minorias”. Cabe ressaltar que o fato de ocuparem posições subordinadas leva, incontáveis vezes, a vivência do abandono (legal, real ou simbolicamente), do isolamento e do desamparo. (Roso *et. al.*, 2002).

Crimes e assassinatos de travestis ainda são constantes por causa de complexas relações sociais de ódio de um grupo contra o outro, motivados pela homofobia e transfobia. O comportamento discriminatório ou intolerante pode ser direto (desde formas violentas de agressão física, xingamentos e até o desprezo) ou indireto (como recusar-se a garantir que pessoas transsexuais sejam tratadas da mesma forma que as demais pessoas consideradas normais).

Travestis são acusadas de serem violentas. Entretanto, elas alegam que recebem muita violência por parte da sociedade e por isso, respondem com violência. Tal assunto é muito complexo, digno de um estudo mais aprofundado. Nem todas são violentas. Já

as travestis em processo de envelhecimento, sofrem dupla estigmatização, a de estar envelhecendo, e a de estar envelhecendo como travesti. Representam verdadeiras resistências as políticas do biopoder, mesmo na velhice (Berger e Luckmann, 2006; Foucault, 2007). As travestis idosas são mais bem respeitadas quando tem um bom emprego, boa condição financeira, bons relacionamentos sociais e de parentesco (Siqueira, 2004).

Em 1991, eu conheci o Grupo Gay da Bahia, fui a algumas reuniões e percebi que nos poderíamos denunciar os abusos que sofridos. Cada dia um contava a sua história e aquilo servia de alento para nós. No outro dia comentávamos sobre as reuniões e até dávamos risada das amigas que tinham fugido da polícia. Eu tive os meus dois braços quebrados pela polícia. Hoje eu conto isto tranquilamente; na época era muito difícil. Mas, e aquelas que não conseguiam escapar? Ficavam fraturadas, raladas, cheias de hematomas e com o seu dinheiro roubado. Então, começamos a compartilhar as nossas histórias entre si, entre os grupos e logo encontramos parceiros dos quais poderiam nos ajudar, denunciando a violência e os abusos. Vamos combinar? Ministério e defensoria pública não funcionam para nós. A polícia é um dos segmentos mais corporativos que você encontra dentro da sociedade. Há quinze dias chegou aqui um policial querendo que uma travesti fosse identificar outro policial que estava preso por matar uma travesti. Eu disse que não e o policial afirmou que daria segurança a travesti. Reafirmei que ela não iria, pois quando voltasse para a rua, quem garantiria a segurança dela? Expliquei que ele era um policial diferente, que trabalhava para o bem da comunidade, mas dentro da corporação ele era minoria da minoria. A grande maioria é corrupta! Enfim, ele acabou concordando comigo. Não adianta! Noventa por cento da população de travestis se prostituem. É uma das populações mais vulneráveis

em todos os segmentos da sociedade. São vulneráveis pelo HIV; pois transam todos os dias com vários parceiros. Nós damos os preservativos, mas, fica difícil saber se elas estão utilizando corretamente. Elas estão sujeitas a toda a forma de violência, pois estão na rua sozinhas. Quando vão e quando vem, pois precisam pegar transporte coletivo ou van. Então, ela passa grande parte da vida neste mundo de vulnerabilidade. Quando ela consegue um status mais ou menos razoável, ela quer esquecer aquela vida.

Como é que você acha que a travesti se prepara para a velhice?

Ela não se prepara...

Diante de tudo o que você me falou e sabendo que hoje em dia com o avanço da medicina e tecnologia os idosos vivem mais e há um maior número deles no mundo; Como as travestis se preparam para a longevidade?

Hoje em dia, vemos no cotidiano, uma grande quantidade de travestis jovens que não se preparam, sendo que a média de idade delas não é muito grande. Não há travestis com sessenta anos! Com cinqüenta, você encontra uma ou outra... Uma travesti na ativa com trinta e oito ou quarenta anos você não encontra mais. Quando chegam acima dos cinqüenta anos, elas próprias se ocultam e somem completamente. O que nós estamos fazendo agora? Eu represento uma rede nacional que tem cinqüenta e duas instituições e aconselhamos todas as travestis a pagarem o INSS para que no futuro tenham uma aposentadoria. Pedimos também para que elas voltem a estudar e consigam outro trabalho ou que até mesmo tente casar a prostituição com a sua nova possível profissão. Existem as travestis que vão para Europa e ficam ricas. Voltam ao Brasil e gastam todo o dinheiro. Nós aconselhamos a não fazer isto.

Entrevistada aponta a importância de se preparar financeiramente para a velhice e a garantia de ter uma aposentadoria. Cuidar-se no presente, para poder atingir a velhice com saúde. Conscientizar as travestis mais novas sobre a importância de guardar dinheiro e contribuir para o INSS. Formar organizações não governamentais, que as amparem é uma forma de proteção.

Elas gastam muito?

Sim, chegam aqui alugam carros, fazem festas. Imagine você! Uma pessoa que nunca teve nada, quando tem acaba gastando em excesso. A gente até compreende que elas exploram um pouco este lado de “gastonas”, mas aqui nas instituições, nós aconselhamos a poupar um pouco para o futuro. Mas, o que eu falo que é fundamental é o retorno para a escola ou a inserção escolar, pois é só lá que vai se formar a cidadã. No entanto, agora, no encontro nacional de travestis que tivemos em setembro de 2008, aqui em Salvador, direcionamos várias propostas ao Ministério da Educação para criação de algumas políticas públicas para as travestis e transexuais serem inseridas na escola e também para que a escola se torne um ambiente mais favorável, respeitando a identidade de gêneros e orientação sexual; não restringindo travestis e transexuais a utilizarem coisas que elas não gostem. É preciso que elas usem seu nome social como no estado do Pará que fez uma portaria para que os travestis e transexuais utilizassem seu nome social no âmbito da escola. Uma escola que tenha esta portaria aplicada e que efetivamente respeite estas pessoas tem grande importância e merece que este modelo seja replicado em todo o nosso país. Daí não terá só uma escola X que respeite as travestis e sim todas as escolas; basta à travesti escolher qual delas se adequará melhor para os seus estudos. Eu estava falando com a Janaina nossa liderança em Campinas e ela disse que tem uma escola apelidada de “bichola”, pois

tanto diretor quanto os serventes aprenderam a conviver com as travestis. O importante é que haja escolas que respeitem todos. Não há também a necessidade de serem estereotipadas como no caso a escola de Campinas ser chamada de “bichola”. Nossa intenção é que apareçam em todo o Brasil, professores capacitados e sensibilizados, além de alunos, diretores e serventes de escola. Eu sempre quando vou dar palestras em escolas, digo que não adianta você sensibilizar só diretores e professores e não sensibilizar serventes, alunos e seus pais, respectivamente. Porque se na sala de aula o professor fala ao aluno para não discriminar as travestis e em casa não há a sensibilização dos pais deste aluno, ele obedecerá aos pais e não o professor. É um trabalho até as famílias de todos os alunos.

É um trabalho muito grande, não é?

Existem muitos projetos no Brasil tratando da diversidade sexual dentro da escola. Vários materiais estão sendo elaborados. Eu mesma sou consultora do projeto escola sem homofobia. Agora teremos cinco formações em cada região do Brasil para lidar com professores da rede pública, abordando assuntos sobre lésbicas gays e “trans”, como algo natural e dizendo que nós somos pessoas normais, pois apenas fugimos do padrão convencional heterossexual da sociedade atual. Nas instituições, pegamos as travestis e contamos que a escola está se tornando desta maneira, mais tranqüila para recebê-las e aconselhamos todas, a voltarem aos estudos e que dá para conciliar a prostituição com a escola. Fazemos este trabalho de mão dupla sensibilizando a escola e as travestis. E isto faz com que elas voltem a estudar. Muitas meninas que são militantes hoje desta causa, tinham abandonado a escola antes, mas agora voltaram a estudar.

Você acha que antes elas tinham medo e por isso abandonaram a escola?

No meu caso, eu abandonei a escola no segundo colegial porque a escola começou a se fechar de um jeito que não dava mais para ficar. Eu chegava para estudar e me xingavam! O professor deixava todo mundo me discriminar. Eu ia para a diretoria e era uma diretora mulher extremamente homofóbica. Lá era um ambiente não preparado para pessoas com estereótipo gay como eu. E agora as meninas que estão na militância vão para a escola e a primeira coisa que elas fazem quando entram, é chegar e falar com a diretoria: Somos travestis, gays, transexuais e queremos que a escola comece a nos respeitar a partir da entrada na escola, na hora da chamada e por assim vai... É um trabalho e atitude que elas conseguem só a partir de um conhecimento.

E começando também a partir do nome, não é Keila? Muitos ainda chamam pelo nome de registro...

Sim. As meninas militantes chegam à escola e fazem uma reunião com os diretores, professores e dizem: Olha! Nós somos travestis e queremos estudar! Queremos concluir os meus estudos e queremos ser tratadas na escolha com os nossos nomes sociais e não com os nomes de registro. Os meus documentos, certificados e diplomas sairão com os nomes de registro, mas, o nosso tratamento aqui na escola a partir da hora da chamada será com o nome social. Se a chamada é feita por nome e não por número, então não me chame de Carlos e sim de Keila, por exemplo.

Você acha que deveria haver uma política pública para a alteração de nome para a travesti, se ela quiser?

A deputada Cida Diogo do PT do Rio de Janeiro fez um projeto de lei que está agora no congresso nacional para unir o nome social com o nome de registro. Eu tenho meu nome de registro no RG e ao lado eu tenho o meu nome social. Algumas meninas acharam que era melhor só o nome social e ainda estamos discutindo isto. Eu acho que

é muito melhor ter o nome social ao lado do nome de registro do que somente o nome de registro, sem alteração de gênero masculino ou feminino. A deputada ficou de olhar agora na comissão de justiça da própria câmara dos deputados se será possível tirar todo o nome de registro e deixar o nome social. Eu, porém acho mais tranqüilo que você deixe apenas o primeiro nome do registro. Se nós tivéssemos a condição de alterar o nosso nome como alguns países da Europa já fazem, seria mais tranqüilo, pois deixaríamos de sofrer diversos constrangimentos como na fila do banco, para tirar documento, tirar visto. Quando fui ao médico, na hora em que chamaram o meu nome de registro cinco vezes e não quis me levantar. Daí, eu disse: Este homem que o senhor está chamando sou eu e ele retrucou: Desculpe senhora!

Mas, ele também não tinha como saber que Carlos era Keila...

Se eu te conheço intimamente você pode me chamar de Carlos, eu só não quero que o meu nome de registro seja chamado em público. A situação foi diferente, eu estava sentada no pé da porta como eu sempre faço quando vou ao médico e me conheciam. Antigamente eu ia ao médico e sempre fazia assim e quando me chamava, eu já entrava por debaixo do braço da pessoa. Depois de anos, a portaria do ministério da saúde foi publicada, e é a mesma semelhante a do estado do Pará, dizendo: Todas as pessoas com o cartão de usuário podem ser chamadas do jeito que quiserem. Nosso trabalho é sensibilizar médicos e postos de saúde para nos tratar pelo nosso nome social. Mas, mesmo assim é um constrangimento diário para nós. Eu viajo muito e não tenho problema. Na TAM e GOL não tenho problema, mas, na Webjet, quando olham para a minha identidade perguntam: Cadê o passageiro? E eu digo: Sou eu aqui! Se já tivéssemos isto alterado na nossa identidade ajudaria muito!

Tudo o que você está falando é muito importante, mas quero voltar a falar sobre educação e escola e sobre o que você disse: “Incentivar as travestis a procurarem

algo alternativo e não só a prostituição”. Mas, por outro lado existe uma sociedade que rechaça. Como ficam as travestis para desenvolverem este preparo? Elas pensam nisto?

Nós começamos a falar isto agora. Até 1990 não se falava nada sobre isto. Era a polícia que determinava! Nós começamos a falar faz pouco tempo. São apenas dezoito anos!

Ter o nome social feminino confere as travestis maior inteligibilidade de gênero conforme Judith Butler. Quanto maior for a coerência entre corpo, vestuário, aparência, comportamento e demais atributos daquilo que se espera socialmente em relação aos gêneros sexuais, maior será a aceitação por parte da sociedade (Butler, 2003).

Gays e lésbicas têm uma situação social mais confortável a ponto de suas reivindicações sofrerem menos preconceito no mercado de trabalho e na escola. A possibilidade da união civil e a criminalização da homofobia são mais prováveis de acontecer. Já para as travestis e transexuais, é importante que existam nos documentos. Assim, será o primeiro passo para lutar pelos demais direitos. A utilização do nome social em documentos de identidade é permitida em alguns estados do Brasil. Para regulamentar a questão no país, tramita na Câmara dos Deputados um projeto de lei da deputada Cida Diogo (PT), apresentado em 2008.

De acordo com o movimento, que defende o reconhecimento da identidade travesti como gênero feminino, a proposta, que cria a possibilidade da utilização do nome social ao lado do nome oficial nos documentos, ainda esbarra na burocracia e no preconceito. Além de serem casos de polícia, agora passam a ser também caso de política.

É muito pouco, não é?

As pessoas que chegam agora estão pegando um terreno bem aplainado e elas têm um pouco mais de “trânsito”. Nós só começamos a ter uma convivência amistosa com a polícia desta cidade há menos três anos. A polícia perseguia todo dia; tinha sempre um policial de plantão para nos perturbar, bater e espancar as travestis na rua. Elas também não são santas na rua, mas, não é para a polícia pegar e espezinhar. Se a polícia vê algumas erradas, pega e prende! Nós não vamos à porta da delegacia fazer protesto para travestis delinqüentes e marginais e sim para as travestis que nos sabemos que são inocentes. Não apontamos quem é marginal, isto cabe a polícia. Como trabalharíamos entregando umas e soltando outras? Isto seria totalmente um equívoco para nós. Então, estas meninas estão aprendendo a falar agora e o mais importante de tudo isto é o convívio social. Antigamente os espaços eram marcados. Havia o reduto das travestis como no pelourinho, algumas no onze de julho e mais em nenhum outro bairro em Salvador. Hoje se você circular pelos bairros em Salvador, dificilmente você não vai encontrar uma travesti. Bairros mais populares sempre têm travestis. Eu acho que isto é importante porque a sociedade começa a perceber que é natural. Uma amiga minha chegou ontem de Belo Horizonte e disse que as travestis de lá só saem à noite. De dia elas são camufladas com chapéu, camisas “largonas” e calças. Eu disse: Você tem que sair de minissaia e de blusinha. Se você tem um corpo perfeito, pode fazer isto! Você não precisa sair nua, mas, de minissaia e ainda com umas pernas bonitas? Sim! Quando nos mostramos de uma maneira comportada e decente acabamos nos inserindo na sociedade e a mesma não te aceita, mas te respeita. Antigamente, faziam abaixo assinados para que tirassem as travestis de determinado prédio ou bairro que elas fossem morar. Hoje em dia você consegue trabalhar, dormir de dia, e pela tarde ir ao mercado e ao salão se arrumar. Isto, elas aprendem por conta

própria. A nossa orientação é ajudá-las a chegar à escola, a um serviço de saúde ou a uma secretaria pública.

A entrevistada aponta a importância da postura da travesti em relação ao comportamento em sociedade. Quanto maior postura e respeito em relação às outras pessoas, menos possibilidade a travesti terá de ser alvo de preconceito. Sobre postura, retomaremos mais adiante o que isso significa exatamente.

E os desafios para a longevidade?

São os de pensar que estas meninas que agora tem dezoito anos e daqui a dez anos um dia que tenho a certeza que quero passar deste plano e não vou deixá-lo como encontrei. Eu vou viver até os cento e tantos anos e quero que muita gente venha comigo e que façamos a vigésima oitava ou a trigésima quinta parada aqui em Salvador. Quero ver várias travestis de cabelos brancos, bengalas, cadeiras de rodas, mas, que estejam lá comigo! Este é o nosso ideal de vida! Trabalhar para a nossa longevidade! Faz um tempo, chegou uma menina muito jovem aqui na região e disse que morreria aos trinta e seis anos. Hoje, ela tem trinta e seis e eu disse: Você não morreu? Acho que você tem mais pecados para pagar ainda! Daí, ela brincou dizendo que morreria com quarenta e seis e eu disse: Ótimo! Você se deu mais dez anos! Eu acho que é importante você brincar com este lance da idade e quando uma pessoa no futuro perguntar a minha idade, eu não tenha mais vergonha em dizer. Quero ser exemplo para as travestis de dezoito que me vêem com quarenta e três anos e pensam: Se ela chegou lá eu também quero chegar! Ou não, pois não querem ficar velhas, vai saber... Por isto eu detesto que me chamem de tia, me chamem de senhora ou de moça

ou até mesmo de rapaz, moço, senhor, mas, me chamar de tia eu fico louca e desço do salto na hora!

É comum associar velhice com debilidade física. A entrevistada apresenta relação ambígua em relação a velhice. Aponta ainda que ela serve como um exemplo de estímulo para as travestis mais jovens. Por que para ela é tão complicado ser chamada de tia? O que será que para ela significa ser chamada de tia?

Nesse trecho podemos notar ainda que conforme Siqueira (2004), contextos de existenciais violentos, padrão de beleza ameaçada pelas marcas do tempo, estilo de vida considerado insalubre, uso abusivo de drogas e exposição a doenças e preconceito colaboram para que muitas travestis que se prostituem não acreditem que chegarão à idade avançada.

Você me disse que a partir de certa idade elas precisam reinventar o modo de viver. Como elas podem fazer isto?

A primeira coisa é assumir-se enquanto com a idade que tem. É dizer: Eu tenho cinqüenta e três, sessenta e dois, setenta e um anos e sou travesti também!

São duas coisas que elas têm que assumir...

Sim, a idade e o ser travesti! Não vai adiantar você quando completar cinqüenta anos, tirar a peruca e assumir-se como um gay. Acredito que uma pessoa que faça isto lhe falte auto-estima para continuar a ser travesti com cinqüenta anos de idade. Parece que certas pessoas começam a imaginar que com uma idade mais avançada, não podem fazer certas coisas e entram neste padrão de começar a se heterossexualizar. Isto não é necessário para mim.

A resposta dada pela entrevistada suscita uma questão. Será que algumas travestis que começam a entrar na velhice, começam a se transformar naquilo que foi designado de gênero masculino? Essa é uma questão para se investigar em trabalhos futuros. Caso façam isso, por que isso acontece? Por que não envelhecem como travestis? Muitas vezes isso se dá, pois elas afirmam que perdem a funcionalidade como travesti. Nesse caso, ser travesti também está vinculado ao trabalho de prostituição, reiterando a máxima que diz que ser jovem é ser útil e produtivo.

Você acha que algumas travestis podem se olhar enquanto travestis como sendo apenas uma função de sobrevivência e trabalho e não um modo de vida e de ser simplesmente uma travesti? Às vezes pode ser apenas um personagem para sobreviver?

Sim pode existir! Eu estava pensando sobre isto. Quando trabalhei na Europa por quatro anos e chegava em casa para tirar todo o paramento, bijuterias e afins...

Lá é muito mais produção, não é?

Sim lá é tudo ao quadrado do que se faz aqui em termos de produção.

Onde você morou?

Na Itália? Nas cidades de Rimini, Gênova e Florença. Voltando, quando eu chegava da rua e tomava uma ducha, tudo aquilo parecia que estava descendo pelo ralo do chuveiro. Mas, quando eu acordava pela manhã, tomava outro banho e colocava uma maquiagem mais discreta, um bom óculos no rosto para esconder as olheiras e com o cabelo arrumadinho normalmente: Eu me tornava travesti. Então, nós precisamos orientar as travestis para que não achem que isto é só um paramento para a juventude, mas, que também é um paramento para a velhice! Eu agora me peguei com uma dúvida cruel: Quero fazer uma tatuagem e colocar um piercing e me perguntei se tenho idade

para fazer isto? E cada dia eu fico mais convencida que posso fazer qualquer coisa com a idade que eu tiver! Se com oitenta anos, tiver vontade de saltar de pára-quadras, vou saltar! Só não vou fazer como aquele padre louco de Santa Catarina que saiu carregado de balões e acabou morrendo! Mas, acredito que tenha muita gente como eu que faça estes questionamentos quando chegam à minha idade. Eu tenho quatro minissaias que são lindas e quando chega sexta-feira, quero dar uma volta pelas ruas, conversar com as meninas e pergunto: Gente! Será que eu tenho idade para usar minissaia? Elas falam que sim, mas eu fico na dúvida... Tiro a minissaia e coloco uma calça cigarette. Eu mesma com a grande experiência que tenho. E eu tenho uma puta experiência de vida viu?! Eu ainda fico na dúvida em como me vestir na minha idade. Eu visto, me olho no espelho, mas, ainda não tenho aquela segurança em vestir roupas mais jovens. Eu adoro calças cigarette! Um dia, estava na dúvida em usar, pois tenho a barriga muito grande e ela estava meio Saint-Tropez, mas passou um homem e disse que a minha bunda era gostosa! Então a calça funcionou! Mas, mesmo assim chegando em casa me perguntei: Como uma senhora de quarenta e três anos pode usar aquela calça? Talvez, eu não tenha a segurança em sair assim. Tipo: Vou sair assim e foda-se o mundo! Talvez seja esta a informação que temos que passar para as travestis com mais idade: Não tenham esta dúvida! Usem! Você quer pintar o cabelo de verde uma parte e azul, a outra? Pinta! Acho que se estiver bem consigo mesma estará bem com o mundo!

A resposta dada pela entrevistada mostra que determinadas roupas e comportamentos se adequariam a sua respectiva idade em oposição à outras. É como se houvesse um padrão que orientasse como a pessoa deve ser em relação a determinada faixa etária. Ela ainda frisa que tem uma “puta” experiência de vida. Percebe-se como referencia.

Assim como o gênero é performatizado, a velhice também é performatizada por meio de atos e formas de ser que foram designados pela sociedade como sendo próprios daquele grupo em questão. Assim, é esperado que o idoso se vista e se comporte de certa maneira. Da mesma forma é esperado que o homem/mulher se vista e se comporte de acordo com aquilo que foi denominado culturalmente como pertencente ao gênero sexual masculino/feminino. Os padrões não são fixos, eles variam conforme o local e a época em questão.

De acordo com Butler (2003), são determinados atos continuamente reiterados que nos dão a impressão de que há uma entidade fixa, essencial e “natural” em cada pessoa, que socialmente, chamamos de gênero sexual. Da mesma forma, arriscamos dizer que determinados atos continuamente reiterados nos dão a impressão de que há uma entidade fixa, essencial e “natural” em cada pessoa que quando atinge determinada idade, chamamos de velhice. Tanto aquilo que foi denominado de gênero sexual como aquilo que foi denominado de velhice são construídos socialmente. Para se tornar seres inteligíveis, as travestis mais velhas são pressionadas a se comportar como mulheres mais velhas.

Você apontou três questões fundamentais que poderão ser o “esqueleto mestre” da pesquisa: assumir a idade, a travestilidade e o sustento, a subsistência. O que você acha que acontece ao assumir a travestilidade? Pois muitas podem chegar aos quarenta anos muito mal resolvidas, do tipo: Eu sou transexual e não travesti!

O principal para assumir a travestilidade é conhecer cada segmento da sociedade em que vivemos e muitas se orientam pelo conceito de que muitos travestis são gays que viraram travestis. Já que vivemos em uma sociedade que é conceitual. Que há conceitos para tudo. Por que todo gay não virou travesti? Estamos trabalhando com

conceito de identidade de gênero que diz: Você não vira! Mas, você se identifica! Então, desde muito cedo é necessário dizer a estas travestis mais novas que elas são fruto de uma questão de identidade e não de simplesmente se tornarem travestis.

Você acha que elas não possuem a informação sobre elas mesmas?

Há pouco tempo não tinha esta informação e ajuda. Nem eu mesma tinha. Então, o que fazemos agora é buscar fontes de informação e passar conceitos certos sobre identidade e gênero para as travestis mais novas. Nós não impomos nada. Cada um é livre para fazer o que quer. Tanto é que se chegar aqui um homem barbudo, e disser que é transexual (de homem para mulher) o meu dever será de respeitá-lo. Precisamos primeiramente conhecer a história de cada pessoa para começarmos a orientá-la. Assim trabalharemos os conceitos e informações, sendo que muitas informações, estudos que chegam aos montes de todos os lugares até nós precisam ser filtrados. E isto leva um tempo, pois, às vezes não podemos passar aquela informação, nua e crua que recebemos para todas as meninas, pois algumas estão em estágios diferentes de compreensão e assimilação das coisas. Então, devemos trazer a informação para o nosso mundo e passar a informação exata para que elas saibam tranqüilamente que ser travesti é uma questão de identidade!

Os conceitos também ficam embaralhados na cabeça delas, pois elas cresceram em uma sociedade preconceituosa como a nossa que afasta e não dá liberdade para o autoconhecimento...

Nos arquivos dos anos setenta e oitenta, todos eram taxados de homossexuais. Esta coisa de LGBT é algo novo! Nós dizemos que não sofremos de homofobia e sim de transfobia, pois, nós os travestis, somos os únicos que colocamos o pé na rua e todos já sabem que ali é um travesti. Há raríssimas exceções, mas geralmente é assim. Para nós

o preconceito vem mais forte. Dentro do mundo LGBT existe várias especificidades. Muitos gays não gostam quando nós saímos por esta tangente, mas, seguimos o nosso caminho, andando os nossos degraus. Você pode perguntar para qualquer travesti que faz parte do movimento nacional, ela dirá que tem a necessidade de afirmar-se enquanto: “ser, viver e morrer” travesti. Não existe aquele pensamento que alguns acham: Ah... Nasci gay, vou virar gay ou travesti e daqui a pouco vou estender para transexual. A Hannah Suzart brincou e disse: Essa coisa de evoluir, então daqui a pouco nós travestis vamos evoluir para Digimon! Nós temos identidade de gênero definida, somos travestis! Não queremos pertencer nem ao gênero feminino, nem ao masculino.

A nossa sociedade binária diz: Ou você é um homem ou mulher...

Sim! Você está lá ou cá. Eu quero ser homem e mulher ao mesmo tempo! O direito é meu! Então, a sociedade agindo assim, te joga de lado; você não serve. O papa disse: O homem nasceu homem e a mulher nasceu mulher. Você não pode mudar de sexo, pois Deus não criou você assim.

E as travestis não podem nem ficar em cima do muro não é?

Será que Deus me criou? Será que ele pegou Adão lá do barro e depois fez Eva, como o cristianismo disse? Eu quero ser travesti. Eu tenho o biológico masculino e o social feminino. Aonde eu vou me encaixar, nas mulheres? Não, porque elas têm vagina. Nos homens? Não, porque o que eu tenho é só um pênis. Onde eu vou estar? Sou travesti! As transexuais se enquadram no gênero feminino direitinho porque elas querem tirar o genital masculino; ou colocar como no caso dos transexuais femininos. Eu gosto do meu genital masculino e gostaria até de aumentar um pouco o meu!

Conforme discutido exaustivamente no primeiro capítulo, as ciências biomédicas classificam as pessoas no sentido de organizar e controlar as relações na sociedade. A sexualidade humana faz parte de mais um item criado, para análise do ser humano. As pessoas que não se encaixarem completamente nas categorias definidas sofrerão preconceito e exclusão. Não serão reconhecidas como humanas. Serão definidas como aberrações não humanas desprovidas de direitos e cobradas sem seus deveres. Ambigüidades não serão toleradas. Transexuais tentam eliminar todo o tipo de ambigüidade, enquanto travestis não, por isso talvez, sofram mais preconceito.

Eu lembro que no livro de Kulick, você falou que as travestis que tinham o pênis maior eram muito mais procuradas e ganhavam muito mais dinheiro. O que você acha das pessoas que procuram as travestis? Elas querem este híbrido?

Os homens que saem com uma travesti não querem sair com um homem, eles querem sair com uma travesti. As pessoas acham, a maioria mulheres, que os homens que saem com travesti têm vontade de dar para o travesti e isto é um ledão engano. O que atrai os homens a saírem com uma travesti é aquela figura feminina com aquele “que” de masculino. Aquilo excita e os fazem ter prazer. Eles nem precisam fazer o papel de passivo. Querem pegar, tocar, e ao mesmo tempo pensam: Como uma mulher com peitos lindos, uma bunda maravilhosa, tem um pênis e funciona? Nós despertamos a curiosidade nestes homens. É mais que certo que as transexuais que fazem a cirurgia para mudança de sexo, não conseguem tantos clientes como tinham antes da operação. Quando as transexuais operam ganham vagina e viram mulher e se assemelham as mulheres nascidas biológicas. Por curiosidade, os homens podem até procurar uma transexual operada, mas, depois se cansam daquilo, pois ali não há mais uma transgressão e os homens adoram uma transgressão. Eu acho que a prostituta mulher

está mais para afirmar o masculino no homem do que propriamente dar tesão. Os homens procuram a prostituta para se firmarem como homens. Eles pedem qualquer coisa para a travesti fazer na cama. Já com a namorada, eles não pedem e têm restrições; inclusive com as prostitutas. Já com a gente, eles pedem tudo: bater, espancar, pisar, cuspir, vomitar, peidar, cagar e mijar! Eles pedem coisas que você nem pode imaginar! Para o homem que procura sexo fora do casamento, a esposa é imaculada, cuida dos filhos e etc. Coisa que as feministas rechaçam. Então, se ele procura uma prostituta é para afirmar todos os atributos masculinos e forças másculas. Ele não pode pedir qualquer coisa, pois as prostitutas também têm seus pré-requisitos. Nós não temos, podemos transgredir. Agora, quando ele quer transgredir muito chega ao ponto de transar com um cão, gato, aspirador de pó... Nos anos noventa quando fomos a Europa voltamos com cabeça mais livre; todos os nossos próprios conceitos sobre sexo caíram por terra. Começamos a querer penetrar nos nossos clientes! Até 1980 nós éramos as passivas da história. Eu fazia programa aqui em 86, atendia em média de 10 a 15 clientes por dia e eles não tocavam no meu pênis. O sexo era mecânico, eles chegavam e já nos penetravam. Acredito que os homens começaram a ser mais livres sem impor nenhum tipo de papel em relação ao sexo. Vou ser isto ou aquilo? Não importa! Na Europa não tem nada disso. Eles saem com travestis, eles transam, eles chupam, eles comem, eles dão e até mesmo trazem suas namoradas para transarem conosco e continuam se sentindo homem. Agora aqui no Brasil muitos pensam, eu um homem se sair com uma travesti e ser penetrado; Será que sou gay? Não, você não é! Você só desempenhou um papel sexual na cama que não tem nada a ver com a sua identidade ou orientação sexual. Você não vai virar homossexual só porque deu o cú pela primeira vez. Você pode questionar a sua sexualidade se isto se tornar um hábito e se você fizer constantemente, mas, se você

tem um tesão, vai lá e faça sem problemas! Hoje em dia apontamos para um sexo mais liberal. Você não vê mais absurdo em uma menina de 13 anos sexualmente ativa. Houve até um caso de um cara de 18 anos que fez sexo com uma menina de 13 sem o consentimento dela. Daí é um problema, é crime! Tem crianças com 10, 12 anos fazendo sexo, tem sim! Acho que temos que orientar as pessoas para fazerem sexo consentido e protegido, mas, esta de coisa de proibir fazer sexo, não vai funcionar nunca! Se você falar para a sua filha: Não faça sexo com um homem mais velho! Ela fará para transgredir!

Interessante perceber como a entrevistada percebe os grupos de transexuais, prostitutas mulheres e clientes que procuram travestis. Faz comparação entre os clientes do Brasil e os da Europa. Coloca que a travesti é especial e diferente por seu caráter de transgressão em relação às prostitutas mulheres. Faz alusão ao seguinte sistema vigente no Brasil:

penetrador = atividade = masculinidade = superioridade

penetrado = passividade = feminilidade = inferioridade

Coloca ainda, como o contato com a Europa foi importante para que as próprias travestis rompessem com o padrão rígido de comportamento de gênero estabelecido acima. Esse modo de perceber ainda é muito corrente na construção do gênero sexual descrito por (Fry, 1985; Fry e MacRae, 1983; Kulick, 2008).

É importante lembrar que os diagnósticos biomédicos só fazem acirrar mais ainda o preconceito não só entre as pessoas como também entre os próprios membros da comunidade dos gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis. Isso talvez se explique, pois o indivíduo estigmatizado pode mostrar ambivalência de identidade quando vê de perto que os outros membros do seu grupo, que é discriminado,

comportam-se de modo estereotipado, exibindo de maneira extravagante ou desprezível os atributos negativos que lhes são imputados. Ele não consegue nem aceitar seu grupo completamente, nem abandoná-lo. Acaba se tornando vítima do próprio preconceito (Goffman, 1988).

Então, gays considerados mais afeminados são discriminados por gays que se consideram menos afeminados e demais pessoas. Bissexuais são discriminados por todos, pois são acusados de ora gostar de homens, ora gostar de mulheres, quando não, dos dois ao mesmo tempo. Os senso médico e comum não admitem ambigüidades em relação ao desejo afetivo-sexual.

Assim como gays considerados femininos, as lésbicas consideradas masculinas são alvo de preconceito. Transexuais são consideradas loucas por algumas travestis, pois essas últimas alegam que elas nunca serão mulheres, mesmo fazendo a cirurgia de redesignação sexual. Travestis são consideradas abjetas, pois são vistas como ambíguas em relação à suas características físicas e psicológicas. As travestis, por sua vez, ainda acusam as mulheres biológicas de serem menos interessantes do que as próprias travestis. Essas últimas dizem que suas performances sexuais são melhores do que das mulheres em geral. Ainda defendem que se cuidam mais, são mais deslumbrantes e atraentes, pois oferecem algo a mais (Kulick, 2008).

Como assumir a idade e reinvenção do modo de viver?

Acho que assumir idade será mais favorável quando tivermos políticas públicas melhores.

Por exemplo?

Se há uma escola pública que te respeite e comece a usar o nome social da travesti, ela irá estudar e se formar.

Isto é como um plano B de vida para a travesti?

Sim! Se você vai a um posto de saúde e o médico te respeita isto te favorecerá também!

Se uma travesti de 80 anos... (Será que existe? Seria ótimo encontrarmos!)

Seria!

Então, voltando, se esta travesti de 80 anos fosse ao supermercado e tivesse um jeito de senhora, as pessoas não olhariam. Olha, eu até prefiro aquelas com trejeitos masculinos e femininos. Agora imagine você ela sendo assim como eu gosto... O quanto a travesti seria olhada e o quanto ela sofreria de constrangimento? O que não é comum de ser visto, as pessoas estranham! Quando começarmos a ver mais as travestis nas ruas de bengala, com seus namorados passeando e sentados na praça será natural! E não estou aqui falando de nenhuma utopia, não... Isso vai acontecer!

Não é somente a informação que vai diminuir o preconceito. O contato e a interação entre as pessoas é um importante aliado nessa tarefa. É preciso integrar para que haja conhecimento entre os grupos segregados e segregadores.

Você acha que a população de travestis ainda vai aumentar muito?

Além de aumentar, vão existir mais travestis idosas. É por isso que eu digo, é importante criar a política, por que isso faz com que as pessoas se afirmem enquanto travestis, assumam a sua travestilidade durante toda a sua existência, e não precisem em certo período parar de assumir aquela travestilidade, e se oculte dessa mente estereotipada masculina. E com as políticas públicas eficientes e constantes, as pessoas vão ter mais facilidade de assumir e de viver no mundo enquanto travesti numa sociedade que respeita, na sociedade que acata. Numa sociedade que sabe conviver com essas diferenças. Hoje não é muito comum ter bairros com professores que são

gays e que a população toda gosta? Um professor velhinho... O nosso presidente, aqui do Grupo Gay da Bahia, Luiz Mott, lá no bairro onde ele mora, todo mundo gosta, conhece e o respeitam, sabendo que ele é gay, por que ele vai à televisão toda hora dizer que é gay. E as pessoas não discriminam mais por isso. Ele vai à fila do mercado; conversa com todo mundo. E para os gays, que há tempos atrás era difícil assumir e conviver normalmente na sociedade? Isso vai ficar naturalmente mais fácil!

Porque as travestis teriam um caminho mais...

Árduo? É sempre mais difícil. Claro! Isso eu tenho falado desde o início, pra gente é sempre mais difícil. A sorte nossa hoje é que nós temos essas 52 instituições, que vão se tornar muito mais, a gente vai ter uma assembléia agora em São Paulo. Algumas instituições que estão por aí, que são ONGs fazem muito trabalho, muito trabalho mesmo, começam a colocar na cabeça dessas pessoas a importância de você assumir sua situação enquanto travesti. Pressionando o governo para efetivação e criação de política pública, para favorecer esse nosso segmento.

Não é somente a informação que vai diminuir o preconceito. O contato e a interação entre as pessoas é um importante aliado nessa tarefa. É preciso integrar. O reconhecimento existencial da possibilidade da pessoa se tornar aquilo que a sociedade chama de travesti desde sempre a tonará mais humana. Isso começa na família, escola, políticas públicas de saúde que as auxiliem no processo profissional, seguro e assistido de transformação física. Dessa forma, não precisarão recorrer a métodos clandestinos e perigosos. Não alimentarão a indústria informal.

Fisiculturistas homens obtêm certo apoio social para cultivar seus músculos e formas. Eles estão amparados por normas de gênero que dizem que o homem necessita ser forte fisicamente. Ou seja, quanto mais forte, mais masculino. Além disso, a força

física é o reflexo da força psicológica. Homens em geral não são encorajados a demonstrar emoção, embora tais conceitos estejam mudando.

Já as mulheres fisiculturistas sofrem preconceito, pois as normas de gênero dizem que mulheres não devem ter músculos grandes e definidos. Porém, as mulheres que desejam aumentar o tamanho de suas nádegas, coxas e seios receberão apoio social. É privilegiado que a mulher seja considerada *gostosa*: seios, nádegas, coxas, pernas grandes e firmes. A travesti nasceu biologicamente homem, e, portanto não receberá incentivo para transformar-se.

Em sua pesquisa realizada no início dos anos de 1980 na cidade de São Paulo, o antropólogo argentino Néstor Perlongher (1942 - 1992) faz uma etnografia bem aprofundada da prostituição viril. Ele constata que os clientes justamente buscam aquilo que nossa sociedade chama de atributos masculinos e viris. Os garotos de programa ou *michês* se apresentam como heterossexuais, másculos, ativos, machos e viris que estão fazendo sexo exclusivamente por dinheiro. Negam que sejam homossexuais e defendem que aquilo que os atraem em geral é o ganho financeiro com a prostituição. Já a travesti que se prostitui, procura manifestar aquilo que chamamos de hiperfeminilidade, porém de maneira extremada. Fazendo uma analogia, o garoto de programa seria o “travesti” do homem, assim como a travesti seria a “travesti” da mulher (Perlongher, 2008).

Voltando as políticas públicas, mais adiante, já na idade adulta, transexuais e travestis necessitarão de políticas públicas que as coloquem no mercado de trabalho, deixando a prostituição como opção e não como a única alternativa de sobrevivência. Quando atingirem a velhice, elas necessitarão de políticas públicas referentes a esse período do processo da vida como: cuidados dignos com a saúde física, mental e espiritual; preparação específica dos profissionais da saúde para lidar com travestis e

transexuais; condições descentes de moradia; oportunidades de trabalho; benefícios previdenciários adequados; direitos civis assegurados; apoio jurídico; locais de socialização; instituições de esporte, cultura, educação e lazer; formação de cuidadores habilitados para aqueles que não tiverem condições de se cuidar; organizações não governamentais voltadas exclusivamente ao processo de envelhecimento da comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros); instituições de longa permanência voltadas para as necessidades e especificidades do coletivo LGBT.

Evidentemente que as propostas de políticas específicas, acima citadas, ainda são utópicas mesmo para os idosos não LGBT no Brasil e em muitos lugares do mundo. Por melhoras nas condições de vida, nunca houve tantas pessoas longevas no mundo como há na atualidade. A sociedade ainda não está preparada para o envelhecimento.

Porém, aos poucos, conforme foram sendo implementadas, tais políticas começarão a dar reconhecimento e visibilidade a esse chamado segmento social que passará de invisível a visível e de não humano a humano. A falta de políticas públicas voltadas para esse segmento da população auxilia que haja preconceito, invisibilidade e exclusão por parte dos demais segmentos da sociedade chamados de não LGBT. Além disso, as travestis e transexuais em processo de envelhecimento requerem cuidados, legais, civis, físicos, psicológicos e sociais bem específicos, pois são considerados minoria que já pertencem a um grupo de minoria. Eles são apenas o T da sigla LGBT (Kimmel *et al.*, 2006).

O recolhimento do INSS através da prostituição como um trabalho autônomo?

É pode. Hoje já pode, e acho até com o novo código brasileiro de ocupação. Já consta lá profissional do sexo, você pode recolher nessa rubrica. Qual é o problema? Ele te aposenta quando você não tiver mais; ele te dá garantias quando você se acidentar,

quando você não tiver mais (necessidade) de trabalho. E as ONGs servem pra isso, pra começar a colocar na cabeça dos travestis que tem outras alternativas. Quando tiverem 40 anos e não puderem mais fazer prostituição, para não cortarem os pulsos e morrerem.

Você acha que muitas acabam fazendo isso?

Não, não. Eu acho que não. Essa coisa de se cortar... Bom, todas as travestis quando antigamente se cortavam, se mutilavam, era mais pra fugirem das ameaças policiais do que propriamente para se auto-agredirem. A travesti sabia que ia apanhar então, primeiro ela começava a se cortar, porque já vinha com o sangue, a ameaça do vírus HIV, e por aquela razão os policiais já se afastavam. Tinha muito disso ou então, era pra fugir mesmo. Tava presa na delegacia, e o policial não queria soltar, algumas se cortavam. E daí, ia pro hospital e do hospital para casa. Tinha todas essas artimanhas. Mas, não se cortavam pra dizer: Ah... Eu vou me mutilar porque eu quero morrer. Com travesti não aconteceu; com transexual pode até ter acontecido sim. Eu não conheço nenhuma história e não posso te relatar. Mas eu não conheço nenhuma que corte os pulsos pra morrer. Ela se corta porque brigou com o namorado, mas, não pra morrer, corta pra fazer chantagem emocional. Pra morrer mesmo acredito que não. Tem um vídeo lá em casa que é muito engraçado, uma travesti fala assim: “Eu acho tão divertido ser travesti, que se eu morresse e voltasse eu queria ser travesti de novo”. E quando ela fala isso, eu me realizo: “Ela fala que é divertido agora, porque se ela tivesse vivido na minha época, em 1983, ela não ia achar nada divertido. Era travesti porque era mesmo e não tinha de onde sair dali. Mas, agora talvez seja divertido sim, sair na rua ser desejada, poder andar tranquilamente, ir à farmácia comprar hormônio, ir ao cinema com o namorado, sair a noite num barzinho, ficar a noite na

rua desfilando e os homens pagarem. Se achar desejada e bonita! Isso seria muito tranqüilo. Hoje seria, mas, antigamente não.

As que estão já na idade (uma, duas ou três que você conhece). Como que elas sobrevivem? Quais as alternativas de sobrevivência?

Uma das que eu conheço, é aposentada. Se aposentou por idade. Se ocultou através da sua identidade masculina e vive tranquilamente. Tinha um rapaz que antes era só um amante dela.

Ela cortou o cabelo?

Cortou. Mas mesmo assim a chamo de Angélica. O nome dele é José, mas, sempre que vou visitá-la chamando de Angélica. Sempre a chamei de Angélica e vai morrer Angélica pra mim. E tem um rapaz que era caso dela e ficou como filho, e teve ainda uma mulher que está em casa, e esse rapaz toma conta também dela agora. Ele trabalha, junta o dinheiro dele com a aposentadoria dela. Juntaram dinheiro para comprar uma casa própria e conseguiram comprar um apartamento e vivem lá. A outra travesti mora aqui pertinho, tem uma casa e aluga quartos. Ela veio da Europa e conseguiu comprar um casarão que ela divide em cômodos e tá alugando. Tem uma outra que trabalha como vendedor ambulante, fica na ruas nestas festas vendendo cerveja. Todo mundo conhece, Martinha, Carlete. Principalmente essa que ainda dá pra ver. Mas, Angélica não. Ela é deficiente; teve derrame em um olho, não enxerga desse olho. Aí, ela não sai mais de casa. Mas, você pode contar nos dedos as travestis que tem hoje, com mais de 70 anos. E pergunta pra elas a idade, se tem 70. Elas vão dizer que tem no máximo 60 anos. Terão 80 e dirão 60.

A entrevistada aponta que algumas travestis ao envelhecerem podem sofrer o processo oposto de transformação ao qual se submeteram, a partir da adolescência.

Voltam a ser “homens”. Parece que nesses casos específicos, para a entrevistada, transvestilidade e envelhecimento não combinam. Ela ainda aponta algumas alternativas que algumas travestis idosas usaram para lidar com esse momento do processo de vida chamado de envelhecimento.

E a respeito daqueles 10 % que você falou, que não se prostituem, são as meninas mais novas que trilham outro caminho?

Acredito que não sejam as mais novas. Acredito que para se prostituir é necessário ter perfil.

Qual o perfil para a prostituição?

Primeiramente você precisa se despir de todos os conceitos e preconceitos. Você tem que chegar à prostituição como uma pessoa altruísta, sorridente, fagueira e ainda tem que ser bonita também. Na Europa, as meninas dizem que se tiver uma vassoura vestida ganha, se tiver o pênis avantajado, melhor ainda. Tem que saber conversar e principalmente estar muito sorridente, se você estiver na rua de cabeça baixa e as mãos para trás, não vai conseguir nada e é necessário também fazer sexo com qualquer tipo de pessoa e que seja consentido. Fazer sexo com uma pessoa menor de 18 anos? Nunca! Mas, dos 18 aos 105 anos... Tipo aquele velhinho gagá que acabou de receber a aposentadoria e quer sair com você e você ter tesão para sair com aquele homem. Não adianta você ir para a prostituição sabendo que você não vai se dar bem lá! Então, estes 10 % sejam de pessoas que não tem este perfil e não tenham outra perspectiva de vida através do seu trabalho, se bem que eu considero a prostituição um trabalho e deveria se legalizada sim!

Mais uma vez o que chama atenção no trecho acima é associação constante e direta entre velhice, aposentadoria e demência psíquica. Isso fica claro quando ela usa a expressão “velhinho gagá”. Outra associação que é comum não só pela entrevistada, como também pela grande maioria das pessoas é associar a velhice com falta de atratividade física. Ela diz que na prostituição é necessário aceitar todos os tipos de clientes, inclusive os “velhinhos gagás”. A sociedade de controle globalizada, na qual todos nós estamos inseridos, prima pelo alto investimento em corpos considerados sempre jovens, sarados, magros, ágeis, produtivos, consumistas, independentes, manipuláveis e facilmente adaptáveis às constantes mudanças (Deleuze, 1992; Foucault, 1993).

E a classificação brasileira de atuação ajuda?

Não, pois não é tido como profissão e sim ocupação. Primeiramente tem de ser reconhecido como profissão para depois ser legalizado. Não me recordo agora, mas eles elencaram várias atividades como ocupação e não profissão, mas, se pode recolher a partir disto. Exemplo: Você faz doces em casa, é doceiro, não entra na profissão como alguém que trabalha em uma delicatessen, mas, no Código Brasileiro de Ocupações. Para se prostituir é preciso talento. Aquelas que não querem trabalhar com isto são cabeleireiras, maquiadoras, costureiras e cozinheiras. Eu tenho pedido junto ao Ministério da Saúde que faça parcerias com universidades e criem um censo, principalmente, nas principais capitais brasileiras para procurar negociar um estudo e termos um dado real da quantidade de travestis e levantarmos políticas públicas mais eficientes.

Para finalizar, quais são as principais políticas públicas para tratar do envelhecimento das travestis?

Se conseguirmos a profissionalização delas, as políticas públicas virão. Se conseguirmos a aprovação no congresso nacional da mudança de registro para o nome social já será um bom começo. Para que tenhamos uma velhice tranqüila é necessário garantir em nível federal que todas as políticas públicas e portarias em relação às travestis se cumpram e se tornem leis. Não tem nada neste segmento! Nem para os gays, imagine você! Eu li em uma revista que 37 direitos são negados aos gays e favorecidos aos heterossexuais. Precisamos fazer pressão junto aos legisladores estaduais e federais para que criem leis. Enquanto não tivermos isto, as travestis que tem dinheiro: poupem! As que estão na prostituição: paguem uma previdência, recolham o INSS! Todas que tem negócio: pensem em ampliar o seu negócio. Se não pensarmos nisto, vamos acabar numa rua da vida, num asilo público como travesti e será difícil porque lá você terá regras: homem é homem e mulher é mulher. Como colocaremos um travesti neste ambiente?

Fazer um pé de meia...

Sim! Pelo menos para que tenham um lugar onde morar!

A respeito da sociedade de controle, mapear e levantar dados estatísticos também é uma forma de exercer controle sobre determinado grupo escolhido. Ao mesmo tempo em que tal grupo é trazido para a visibilidade, direitos e deveres lhe são assegurados. Suas existências vão sendo gradualmente reconhecidas, desde que se enquadrem as normas dominantes. A entrevistada ainda aponta alternativas de subsistência que não apenas a prostituição (Castro, 2009; Mansano, 2007).

E para você Keila? Qual a perspectiva para o seu futuro?

As mesmas perspectivas. Eu quero chegar aos 101 anos.

E como fazer isto? Você ainda tem uns bons anos pela frente...

Eu vivo tanto o meu presente que nem planejo o meu futuro, eu trabalho com alguns projetos e não recolho INSS como autônomo. Agora neste ano pensei em ir ao INSS regularizar esta situação e ver se posso recolher mais para que eu tenha uma aposentadoria mais rentável no futuro. Minha meta é trabalhar!

Você quer ser remunerada?

Não, meu trabalho é completamente voluntário. Eu moro de aluguel, pago R\$ 350,00 todo mês.

Onde você mora?

Eu moro aqui no centro. E não tenho nenhuma poupança, não tenho bens. Gastei todo meu dinheiro que eu tinha lá mesmo na Europa. O custo de vida lá é muito caro. E a minha situação é essa, viver o dia a dia. Eu não penso em planejar muito o meu futuro. Até porque eu moro longe da minha família, eles moram no Maranhão, e eu moro aqui com um companheiro há 12 anos e a mãe dele que faz as coisas lá em casa. Minha sogra tem 77 anos e ela toma conta da minha casa. Ela mora no andar de baixo e eu moro no de cima. Num prédio de apartamentos. Faz 12 anos que eu vivo com esse rapaz e a mãe dele está sempre junto com a gente. É a minha família aqui em Salvador. Ela é aposentada, ele não trabalha, mas faz algumas coisas de fim de semana, ganha algum dinheiro, mas é livre com o dinheiro dele. E eu me ocupo com as despesas de casa.

De onde vem a sua renda?

De projetos. Agora mesmo, eu tenho uma renda mensal de R\$ 257,00. Aí, tenho que fazer mais algumas coisas por fora para pagar o meu aluguel, e colocar as minhas contas em dia. Conta de internet, água, luz e telefone... Eu tenho que ir pra rua, rodar bolsinha. Brincadeira, eu não me prostituo mais. Eu vou uma vez ou outra na rua,

conversar com as meninas. Agora, se aparecer um programa eu faço. Mas, eu faço outras coisas e ganho um dinheiro. Alguma consultoria, algum grupo que vem aqui fazer alguma coisa de trabalho na ANTRA. A gente vai vivendo dessas coisas. De aventura e de bicos...

Como muitos brasileiros. Não é só uma realidade dos travestis.

É muito difícil você não ter uma renda. Uma renda no final do mês, que vai suprir todas as suas necessidades. Você não sabe se nesse mês você paga, se nesse mês você não paga. É muito complicado. Mas, enfim, é a vida, eu vou fazer o que? Você tinha falado de dois livros. Um eu já comprei: “Toda feita” do antropólogo Marcos Benedetti e o outro: “A Batalha pela Igualdade: Prostituição de Travestis em Porto Alegre”. Uma tese do Alexandre Böer. Sim, a batalha foi uma tese que o Alexandre Böer fez, entrevistando travestis das décadas de 60 e 70 em Porto Alegre; acho que custa R\$ 28,00 e ainda tem também o livro: Travesti de Don Kulick.

A pergunta fez a entrevistada refletir sobre o seu próprio futuro. Embora ela tivesse condições de orientar outras travestis, não pensou em seu próprio. Parece que viver o presente é uma constante na vida da travesti que se prostitui. Elas não pensam muito no futuro. Não planejam, pois muitas acreditam ou mesmo não desejam chegar à velhice. Contextos de existenciais violentos, padrão de beleza ameaçada pelas marcas do tempo, estilo de vida considerado insalubre, uso abusivo de drogas, exposição a doenças e preconceito colaboram para que muitas travestis não acreditem que chegarão à idade avançada (Siqueira, 2004).

4.2) Segunda Entrevistada

Tais, eu queria saber primeiro de você; que você contasse um pouquinho da sua vida. Onde você nasceu?

Eu nasci no interior de Minas Gerais em uma cidade chamada Várzea da Palma. Fiz meu ensino fundamental lá, e depois fui para o Rio de Janeiro na adolescência e depois estudei também na adolescência num colégio particular e depois sai de casa e parei os meus estudos.

Mas, quando você foi para o Rio, você foi sozinha ou com família?

Não... Eu tinha a minha tia... Porque, é assim... A minha cidade é muito pequena e na época só tínhamos o ensino primário que a gente chamava na época, então quando a gente ia pro ginásio, essa coisa toda, a gente ia pro Rio de Janeiro, e nós ficávamos com a nossa tia e continuávamos os nossos estudos ali no Rio de Janeiro. Aí, depois tinha o ensino médio e faculdade, e eu não fiz nada. Eu me envolvi com um homem que era bem mais velho que eu e fui morar com ele.

Isso aí era mais ou menos... Você tinha quantos anos?

Eu tinha dezesseis anos, dezessete.

Daí, você se envolveu com ele no Rio?

No Rio. Eu já morava no Rio de Janeiro. Daí, ele montou uma casa pra mim; ele era um homem casado e eu fiquei escondida numa rua que era no meio do quarteirão da casa da minha tia e que meus irmãos, todo mundo morava e eu fiquei bem protegida porque eu era de menor e ali morando com ele eu comecei a tomar hormônio e a me transformar.

Com dezesseis?

Comecei a me transformar em travesti depois de dezenove anos pra vinte. Eu gostava

muito dele, mas era uma relação mais de filho e pai né?

Quantos anos ele tinha?

Uns quarenta anos na época, e depois eu comecei a fazer um curso de costura na época e conheci um rapaz que era da minha idade e comecei a namorar com ele, e aí o Paulo descobriu e a minha vida começou a ficar meio tumultuada com dois homens e assim... Eu não decidia porque eu era sustentada pelo Paulo e não tinha como largar o Paulo e morar com o outro que tinha dezoito anos e tava servindo o exército.

Ele montou uma casa pra você, o Paulo? Uma casa para vocês dois; e ele continuou casado?

É assim, ele tinha a família dele e ficava comigo até onze horas; ele era advogado. Aí eu comecei arquitetar, planejar me separar dele. Eu precisava ser independente né? Eu não sabia fazer absolutamente nada. E nesse meio tempo eu conheci, comecei a fazer amizade com um cabeleireiro e daí a gente resolveu que ia fazer faxina para eu ganhar dinheiro e começar a me libertar do Paulo. Aí o primeiro lugar que eu fui foi essa cabeleireira que mandou...

Você já tinha uns vinte aí?

É! Eu fui ser faxineira nesta boutique. Daí a mulher me achou muito bonita e botou pra ser vendedora. Fiz sucesso como vendedora imediatamente, só que ela vendia atacado. Eu é que vestia as roupas para mostrar para os donos de boutique, normalmente ela tinha muitos clientes aqui de São Paulo e teve um cliente daqui de São Paulo que me conheceu e ele ficou apaixonado por mim profissionalmente e eu vim embora com ele para São Paulo. Fiquei na casa dele e trabalhava pra ele. Virei manequim de prova e fiquei em São Paulo. Depois aconteceu assim, como eu era travesti e tinha aquela coisa: “Aí você é travesti e te dou emprego!” Aí eu fiquei numa situação, assim... Explorada mesmo. Depois eu trabalhava como manequim de prova pra ele e depois ia

para o Shopping Ibirapuera vender e fiquei nesta coisa assim três anos. Aí apareceu uma nova gerente na loja do Ibirapuera e ela sabia da minha documentação, e assim as mulheres do Shopping Center Ibirapuera fizeram um abaixo assinado alegando que eu era homem e usava banheiro de mulher e me botaram para fora do Shopping Ibirapuera. Daí eu voltei a trabalhar na confecção só, mas eu tava acostumado com outro status. Eu como vendedora ganhava muito dinheiro. Aí eu voltei para aquela situação no show room e ia vendendo também na loja na Augusta, só que esta loja não vendia tanto. Aí, eu comecei a sair à noite. Aqui em São Paulo eu tinha um amigo que era do Rio também. Ai, ele dizia: “Vamos para Angélica, na Angélica você curte e ainda ganha dinheiro. Aí eu fui e comecei a sair com homens, homens de dinheiro, essa coisa toda. O que era bem diferente a situação da travesti naquela época do que é agora.

A entrevistada coloca que foi explorada por ser travesti. O preconceito pode gerar a invisibilidade. O ser não é visto em toda a sua integridade. Não é respeitado como pessoa, pois é considerado um não humano. Outra situação que reflete isso foi o abaixo assinado que mobilizou as mulheres do Shopping Ibirapuera a expulsá-la de lá, pois seu nome civil não estava de acordo com sua aparência física. Butler (2003 e 2004) fala sobre a inteligibilidade do ser. A travesti não corresponde às normas de gênero. Dessa forma é invisível e, portanto alvo de abusos e abaixo assinados para excluí-la.

Como era naquela época?

Pelo menos eu vivi um mundo bem glamoroso. Eu pude escolher os homens com que eu saia e eu só fazia isto no final de semana. Eu trabalhava com moda, a roupa era feita no meu corpo; as peças piloto, então eu tinha roupas, roupas e roupas para eu vestir.

Você era manequim?

Eu era manequim. Daí eu ia e ganhava o dinheiro dos homens. Às vezes, tinha homem que me dava assim... O meu salário passou a ser irrisório né? Eu mantinha o meu salário por causa do status do emprego, essa coisa toda, mas na verdade eu não precisava mais do meu...

Salário!

Salário. Mas, a história de ter tido um abaixo assinado e me botado para fora do Shopping. Aquilo me deixou ressentida e ali eu comecei a tomar consciência da minha posição na sociedade. Até então eu vivia cercada por um mundinho que me protegia e a minha vida era fácil. Ninguém sabia que eu era travesti e era uma vida nula. Não era minha vida real, não era a travesti que estava ali, era uma moça bonita; aquilo ficou ali como uma advertência. Aí conheci uma menina que vinha para Paris, aí comecei a ter contato com ela através de cartas e essas coisas todas. Em Paris já estava tendo aquele boom de botar silicone no corpo e aí elas ganhavam muito dinheiro. Elas eram pouquíssimas e elas sempre falavam: “Vem embora, vem embora!” Eu to contando bem resumidamente assim... E eu fui embora para Europa. Ali eu pude estudar... Eu sou de uma família que fala latim, francês, porque o brasileiro estudava, falava francês antigamente e eu já tinha uma escola dentro da minha casa com os meus irmãos, minhas irmãs mais velhas, e eu já falava francês.

A entrevistada percebe que era considerada marginalizada perante a sociedade brasileira da época, por ser travesti. Foi buscar maior inteligibilidade e reconhecimento de existência, mesmo através da prostituição na Europa.

Quantos irmãos você tem?

Nove.

Nove o quê?

Três mulheres e seis homens, inclusive eu né.

Sim eu entendo! Em qual posição você está dos nove?

Eu sou o penúltimo. Depois de mim, tem uma irmã e depois tem duas irmãs que são bem mais velhas. Hoje em dia eu chamo a minha irmã mais velha de mãe, porque ela que cuidou de mim. Minha mãe tinha muito filho e disse: “Tá bom vou ter mais um filho mais vocês que vão cuidar”. Então, toda a responsabilidade é a minha irmã que tinha e que prometeu para a minha mãe que cuidaria de mim. E eu prometi que cresceria a chamando de mãe e o meu irmão mais velho de pai. E eu faço isto até hoje!

Interessante... E os do meio, irmãos...

São meus irmãos. Nós temos a diferença de um ano quase de um para outro e isto era normal antigamente e as famílias eram numerosas. Meus sobrinhos têm uma diferença de idade bem pouca também. Meus sobrinhos são mais jovens do que eu seis anos. A família é bem unida.

Os seus irmãos mais velhos são bem mais velhos?

São... Nem tão mais velhos... Nossa diferença é de um ano. Nossa! Minha mãe teve um filho a cada ano!

Seriam uns dez anos...

A minha irmã que eu chamo de mãe ela é mais velha do que eu acho que dez anos, e como são pessoas que são criadas no interior, com alimentação, ar puro; são pessoas muito bem conservadas, bem saudáveis.

E eles estão lá?

Sim. A minha família vêm aqui, os meus sobrinhos vêm aqui. Eu não tenho muito talento para voltar né na minha trajetória... O único retorno que eu fiz foi da Europa para São Paulo. Assim mesmo porque os meus patrões ficavam em cima de mim. Eles

iam todo ano para Europa. “Ai ! Vamos! O Brasil não é mais como antigamente”. Aí tem a coisa da Roberta Close... A cabeça do povo hoje, você volta a trabalhar, e eu voltei para trabalhar na Shadow Indústria Comercial e Representação de Roupas Ltda. Eu voltei para trabalhar com eles, fiquei e depois eu também tinha uma amiga que nós temos muita afinidade. Ela estava ficando alcoólatra, ela morava na Europa também, só que ela tinha o hábito de beber e ela se transformou numa alcoólatra e eu vinha para Europa e podia me dar o luxo, e eu vinha para o Brasil e tinha um emprego. Quando eu cansava do meu emprego eu podia voltar para Europa.

O emprego aqui era com roupas, com manequim, com moda?

Sim. Aí nós resolvemos comprar um restaurante na Vila Matilde para minha amiga porque na verdade eu não precisava disto aqui. Eu tinha um emprego...

Para dar um negócio para ela...

Aí ela não precisa voltar para Europa porque a desculpa que ela dizia que ela bebia porque era na Europa. Ela veio e a gente comprou o restaurante e tudo, mas mesmo assim depois de quinze dias ela voltou e não segurou a barra; e eu fiquei né porque tinha despesa, tinha toda coisa que eu tinha gasto e tudo e eu fiquei trabalhando de repente num mundo na Vila Matilde, lá na Praça da Toco. Depois de uma vida glamourosa nas passarelas que eu fazia a feira da moda, a FENIT e tudo, eu fui parar num botequim, servia almoço...

Isso aí é mais ou menos com trinta anos?

Por aí assim, ou mais...

Trinta e poucos...

Trinta e poucos, quarenta que eu já tinha por aí assim... Porque eu já tinha badalado horrores na Europa. Minha passagem pela Europa não foi assim como eu falo. Eu fiz estudo, eu fui para Itália, estudei no Dante Alighieri na Itália também. Mas, eu no

fundo no fundo, eu batalhei muito, curti muito, eu tive uma vida aqui como na Europa muito glamourosa. Só que eu sempre tinha uma sensação de que estava muito vazio, muito fútil e eu não tinha essa formação de futilidade. Eu sou de origem Kardecista e a gente tem outros valores que eu tinha aprendido na minha casa e tudo isso acho que à medida que o tempo ia passando, essa coisa me chamava. Aí, eu comecei a freqüentar a Federação Espírita do Estado de São Paulo e a trabalhar e em seguida. Eu não agüentei o restaurante, vendi e fui trabalhar como voluntária, e nesse meio tempo veio aquela coisa da AIDS e em São Paulo, aquela coisa meio complicada para os homossexuais. A AIDS sendo chamada de peste gay, mas começou pro lado dos homossexuais e ao ponto que o hospital Emílio Ribas, os médicos, enfermeiros abandonaram o Emílio Ribas com medo que estavam, e que peste era esta e tinham pavor do contágio e tudo. E a gente tinha na época uma travesti a Brenda Lee que era uma cafetina, só que as meninas, as travestis que trabalhavam com ela começaram a cair doentes e ela começou a cuidar das meninas na casa dela e a vida fez com que ela transformasse a casa dela numa casa de apoio e abrigava. Aí veio a interferência do Governo e tudo, financeiramente e ela começou a receber na casa dela não só as travestis, mas os portadores que não tinham para onde ir. Eu fui trabalhar como voluntária lá, trabalhava de tudo, mas eu não tinha nenhum curso de enfermagem e eu fui aprender ali na teoria e tudo. Chegou um momento que eu precisei de um curso porque eu estava integrada naquela coisa e descobri que era aquilo que eu gostava. Aí eu trabalhei com ela e a gente trabalhava numa situação assim, as pessoas que se viam com AIDS, elas iam para casa da Brenda esperar a morte chegar, como se fosse um depósito, esperando a morte chegar.

Como era a casa?

A casa era assim, a Brenda administrava a casa e a gente tinha o apoio dos médicos

que aí começou a fundar o Centro de Referência da Diversidade, o CTA, Centro de Testagem e Aconselhamento em DST/Aids que existe até hoje que começou lá na rua Antonio Carlos. E aí era assim a gente levava os pacientes muito acamados pra lá para fazer o tratamento e traziam de volta. Aí tinha um médico o Dr. David, que vinha e fazia como se fosse os exames naqueles pacientes acamados que ficava muito pesado; o governo deu ambulância pra gente. Eu fiquei um tempo assim me sentindo uma faxineira dos corpos e aquilo estava me deixando muito frustrada e eu parei com isto. Fui para Europa para ver o que tava rolando. Eu tinha amigos na Alemanha que estavam doentes. Aí eu fui para Alemanha, daí eu já não fui para Alemanha com a vida glamourosa. Eu fui para Alemanha, procurei médicos que falam português muito bem formados, estagiários, enfermeiros, tudo... porque eles são muito profissionais estes alemães. E o governo na Alemanha oferecia toda a sustentação para as pessoas que quisessem ficar com os seus doentes em casa porque o doente em casa fica numa situação muito mais confortável e daí eu comecei a cuidar destas pessoas e fazia aquela troca assim eu cuidava da pessoa doente com ajuda de médicos e enfermeiros e ganhava casa e comida porque eu ficava na casa dos doentes. E daí eu estudava também e eu comecei a fazer um trabalho numa escola que tinha uma professora de alemão que ela falava francês e eu conversava com ela em francês e nós tínhamos na época assistente social de toda América do Sul, estudando e aprendendo todo esse manejo social na Alemanha e eu comecei a fazer assim, eu trabalhava com elas e fazíamos trabalhos de redução de danos e preservação, preservativos, essas coisas todas com as prostitutas da América do Sul que trabalham nos cabarés na Alemanha. Era um trabalho meio penoso para você conviver com meninas bêbadas nestes cabarés porque elas ganhavam dinheiro vendendo, fazendo os clientes beber, mas elas também bebiam. E aí eu fiquei assim como uma assistente social e fazia a tradução. E aí

comecei ficar conhecida no meio da saúde, no meio social em Hamburgo e aí surgiu à oportunidade de eu conhecer os médicos sem fronteiras da França que trabalhavam na África, tudo... E eu fui para Togo e Côte d'Ivoire na Costa do Marfim. Ainda não tinha medicação...

Interessante perceber como a entrevistada reinventou sua vida a partir daquilo que é praticamente imposto, como única forma de se sustentar economicamente no meio das travestis: a prostituição. Conforme vimos no primeiro capítulo, onde há controle, há resistência (Mansano, 2007). Embora tenha se prostituído, mesmo que seletivamente, dizia que a prostituição não a preenchia existencialmente. Foi se instrumentalizar e trabalhar com pacientes portadores do vírus HIV em São Paulo, Alemanha, Togo e Costa do Marfim. A impressão passada pelas ciências biomédicas, religião e outros segmentos da sociedade era que o vírus HIV afetava amplamente a comunidade LGBT. Muitas pessoas do próprio meio se mobilizam para ajudar. A doença vira símbolo de “peste gay”. Os homossexuais se tornam “bode expiatório” e são acusados de serem os únicos a portar e disseminar a doença. Havia a crença cultural de que o vírus surgiu entre os homossexuais, portanto esses foram os responsáveis pelo contágio dos ditos não homossexuais (Nunan, 2003; Pelúcio, 2009).

Foi antes do Coquetel?

Foi em 1997, eu tava na Alemanha e daí surgiu o primeiro coquetel que era um comprimido imenso deste tamanho assim que você tinha que quebrar em vários pedaços pro paciente tomar. Isto já era o coquetel. E aí assim, foi um boom, nossa senhora! O povo começou com esperança neste coquetel. Surgiu como uma vacina e tinham histórias de pessoas na Alemanha que estavam muito bem que tinham

recobrado o peso, o apetite e toda essa coisa, e aí já fiquei sabendo daqui também. Aí eu vim embora, sabendo que tinha toda esta bagagem, experiência, mas eu não tinha estudo de enfermagem. E eu queria vir para o meu país. Mas a minha intenção era que quando eu fui para Europa foi ver o que eles estão fazendo que o nosso país ainda não está. Só o trabalho, a política social na Europa, porque tem política social, principalmente na área da saúde tudo... Daí eu vim, voltei pra Brenda e comecei a fazer o curso de auxiliar de enfermagem.

Ela era viva ainda?

Não. Nisto que eu estava na Alemanha, ela foi assassinada. Mas a Casa da Brenda continuou.

Continuou?

Aí eu vim e voltei a trabalhar lá e fiquei trabalhando lá. Eu voltava para Europa, ia e vinha, e depois eu cheguei à gerente administrativa na Casa de Apoio Brenda Lee, mas aí começou um atritozinho por questões de segurança porque tinha a diretora presidente e como eu era uma pessoa assim muito conhecida de todo mundo da Casa da Brenda pelo pessoal que freqüentava... Eles procuravam a mim e ela começou a se ressentir, começou a criar situações e... Eu tava muito cansada e eu tinha um ritmo de trabalho assim e eu precisava parar.

E você recebia dinheiro ou era voluntária?

Eu era voluntária e tudo... E quando eu passei a ser a gerente administrativa eu comecei a receber um salário de R\$ 800, 00 reais, mas não tinha carteira assinada, não tinha nada. Mas nesse meio tempo eu fui chamada por este pessoal, do Pela Vida. Porque quando eu trabalhava na Casa da Brenda, o Grupo Pela Vida fazia, fazem até hoje umas reuniões chamadas Chá Positivo que era uma interação social. Aí eu trazia as meninas na Casa da Brenda e ia nessas reuniões. Então, eu fiquei conhecida aqui no

Grupo pela Vida que hoje é o nosso patrão. Aí, eles me telefonaram pra minha casa e me perguntaram se eu não queria fazer as provas e tal para eu trabalhar aqui e eu fui, passei nas provas e vim trabalhar aqui e to trabalhando aqui até hoje. E aí não exerço mais a enfermagem porque o horário não permite.

Então, me fale o que você faz aqui...

Eu faço assim, na verdade eu sou contratada para recepção. Eu sou recepcionista. Mas, eu sou uma recepcionista que acabo sendo o braço de todo mundo; porque primeiro que eu sou a fundadora daqui né? Não tem mais ninguém de antes. E hoje eu faço arte terapia com os usuários. Aí, eu vim trabalhar aqui. Eu faço arte terapia com os usuários e tenho uma abordagem muito boa com o pessoal de rua com dependência química e às vezes, quando tem algum curso de fábrica de sabonete , tudo... Eu vou assim, dez minutos antes do final da aula tem uma mini palestra com os usuários com aquela orientação assim de inclusão social, como se conduzir numa entrevista, como se apresentar, como se comportar, enfim, na sociedade, essas coisas...

Aqui é um centro de inclusão social né?

Sim! E eu sou uma ponte muito boa porque como eu sou travesti; tenho uma projeção muito boa em qualquer meio né, da minha experiência de vida, de todas essas coisas, de conhecimento, de todos os níveis da sociedade, eu tramito muito bem no submundo e também, como podemos dizer, no mundo...

Da alta sociedade...

Da sociedade. Porque nós trabalhamos com pessoal que não é reconhecido pela sociedade porque os seus deveres são cobrados, mas eles não têm direitos porque eles não têm abrigo ou assistência de qualquer natureza. O nosso trabalho aqui podemos dizer que é um trabalho pioneiro. Nós temos uma proposta em cima de profissionais do sexo, dentro de toda a natureza de GLBTT, sendo travestis, sobretudo, sendo os mais

penalizados pela sociedade, e nós oferecemos esses cursos que chamamos de geração de renda. São cursos rápidos para que eles possam, no mínimo, observar que há possibilidades virem a ser, além de profissionais do sexo e perceber que há outras possibilidades de sobreviver e viver, dependendo da sorte...

Você falou que começou nesta indústria da moda trabalhando com isto e foi para Europa conhecendo pessoas. Você chegou a fazer algum trabalho relacionado com...

Relacionado à moda não. Na Europa, por exemplo, estes problemas que eu tinha aqui na escola e aí na Europa toda a oportunidade que eu tive, eu fui estudar. O mundo da moda não me dizia nada mesmo porque eu ia correr atrás da moda? Eu ia ganhar o que até conseguir notoriedade? Então assim para eu sobreviver na época, eu era estudante e os meus patrões na época conheciam o Ministro da Cultura, que a gente não podia tirar dinheiro daqui para me manter como estudante na Europa. Eles não aceitavam. Através do Ministro da Educação o meu patrão conseguiu que eu recebesse do Brasil US\$ 300 dólares para viver na Europa. Eu ganhava mais que US\$ 300 dólares por dia, mas eu tinha que ter esta prova de renda porque eu era estudante e para a polícia de estrangeiro eu era estudante. Mas na verdade eu estudava e me prostituía não àquela prostituição pesada, mas com uma abordagem mais refinada, com clientes mais sofisticados. Eu não me matava como prostituta, mas eu vivia uma vida bem folgada financeiramente.

Você não se prostituía sete dias?

Eu tinha clientes que me levavam para jantar e pagavam a noite. Na Europa pinta isto. Muita dama de companhia. Mesmo em bares, tem bares que muitas moças trabalham como dama de companhia sem sexo.

Isto, na França? Esta sua experiência foi na França?

Na França e na Europa em geral. Na Alemanha eu não fiz, não foi assim. Na Itália eu fui, só me prostitui.

O que você estudou na França?

Eu fui para Sorbonne e estudei literatura francesa. Aí eu conheci um rapaz italiano, fui para a Itália com ele e comecei estudar italiano. A minha meta era esta, estudar literatura italiana. Era tudo muito fácil, dinheiro e tudo, então a gente não se sacrificava por uma série de coisas. Quando você tem um berço e valores esta coisa da prostituição não te faz feliz. Aí eu voltei para a minha vida de enfermeira e eu estou agora aqui.

O que você acha que te levou a prostituição?

Obrigatoriamente eu tive que me prostituir.

É o que você tinha para sobreviver. US\$ 300 dólares não são nada...

É ridículo! Precisa ser muito alienada para viver com US\$ 300 dólares na Europa, porque como pagaria moradia, comida, todas essas coisas.

É caríssimo né?

Mas, eu desconhecia a existência desses US\$ 300 dólares porque pra mim, eles não valiam nada, eu ganhava muito. Aí quando você é mais jovem tudo é diferente. Aí a coisa era muito fácil por um lado né? Mas, eu sempre tive vontade de voltar para o Brasil e eu sempre tive vontade de conhecer outras coisas. E eu gosto dessa situação, dessa conscientização social; eu gosto de viver essa situação... A política, a economia... Sabe aquela coisa? A evolução do homem, você vive no meio, você vê as diferenças sociais e vai filosoficamente formando conceito de vida e você começa a ler e você pode ler mais. Eu frequento sempre a Federação e nós lemos sempre estudos de filosofia e é muito abrangente. Depois pelo seu próprio interesse você vai pegando livros, você vai lendo e de repente você é uma autodidata. Quando você tem um despertar social.

Na sua opinião, o que você acha que leva as pessoas, as travestis a se prostituírem ?

Eu não acho. Eu tenho certeza. O que leva uma pessoa a se prostituir porque é claro que há pessoas que tem talento e até gostariam de se prostituir, mas é uma exceção. O fato das pessoas se prostituírem é a falta de opção de sobrevivência, não tem outro meio. Tanto é que hoje em São Paulo, não posso dizer nem Brasil, São Paulo está oferecendo possibilidades muito frágeis. Você vai aprender a fazer bijuteria ao invés de se prostituir?

Não dá dinheiro!

Depois que se acostuma a ganhar x por noite. Só que a prostituição vem acompanhada de cafetão, de traficante e quando você não tem uma visão do todo; quando você vê você está envolvida com tudo isto e está acontecendo por aí, o crack que está aí. Nós estamos vivendo uma situação que até então não existia. Travesti mendigo, travesti debaixo da ponte. São Paulo e Rio de Janeiro eram glamour e agora a coisa mudou. A AIDS, a informática mudou a visão da prostituição. A tendência da sociedade é acabar com a prostituição porque o sexo agora é muito livre. Eu tenho pela informática, pela sala de bate papo e pelo MSN.. Eu sou um rapaz homossexual, eu quero um parceiro; eu sou travesti eu boto uma peruca, pinto a minha boca e tudo eu faço da minha casa de graça. Então, um homem que quer fazer coisas com este travesti, este pretendo travesti, ele não vai pagar um na rua que corre muitos riscos inclusive né? De violência, de roubo, de toda esta coisa... Hoje em dia a prostituição do travesti, a prostituição do ser humano, ela vai mudar de aspecto. Isto pelo menos eu te garanto porque esta prostituição de ficar em pé na rua aos poucos vai acabando.

E está muito violento agora né?

Muitos travestis que estão começando a virar travestis agora têm outra visão. Os professores são orientados a tratá-la como mulher. Não tem mais esta violência.

Mesmo o bullying... Porque quando a menina é travesti na escola, o bullying e todas estas coisas não acontecem, o que acontece com o gayzinho, o viadinho, a bichinha. Para os adolescentes que pegam a bichinha é horrível. Mas com a travesti já muda de figura porque a travesti tem a fama de que sabe se defender. Então, as pessoas lidam com a travesti com certo medo e de certa forma isto é bom porque isto protege a travesti das violências.

Embora a prostituição tenha sido vista como uma atividade hierarquicamente menor em sua vida, a entrevistada relata que ganhou muito dinheiro com ela. Reforça a idéia que muitas travestis atualmente não acabam encontrando outras formas de sobrevivência além da prostituição. Embora novas oportunidades profissionalizantes estejam surgindo para as travestis, elas ainda são muito frágeis financeiramente. Com a prostituição, ganham muito dinheiro, muito embora sofram muitos riscos.

Ainda ressalta a importância de ter estudado e desenvolvido trabalhos sociais. Destaca que prefere estar engajada em trabalhos que envolvam políticas públicas voltadas para evolução do ser humano. Compara como o contexto de prostituição das travestis tem mudado muito nos últimos anos.

Como você vê a relação das travestis mais novas e as da sua geração?

Eu me relaciono maravilhosamente bem com as travestis jovens. Talvez eu tenha um olhar maternal, isso é da minha natureza, este olhar maternal, independente da minha idade, eu sempre fui assim. Eu sempre fui capaz de amar muitas pessoas ao mesmo tempo e quando você ama isto é uma questão de energia, isto emana de você. A pessoa que se aproxima de você, se sente aconchegante com você. Isto é uma das coisas que faz eu ter sucesso no trabalho social. Porque elas percebem que há alguma coisa

diferente em mim; certa dignidade. Eu sou travesti, sou feminina e as pessoas me dizem que sou muito bonita até hoje. Isto não rende uma história de rivalidade porque eu já sou uma senhora. Mas elas têm um bom referencial, pois elas passam a querer ser como eu e isto é muito gratificante.

Você acha que isto funcionaria como modelo?

Como ícone. Nós tínhamos outro coordenador aqui que dizia que eu era um protótipo, o ideal da travesti porque as pessoas me seguem inconscientemente... Desde as unhas, a maneira da mão, o jeito de se vestir, e eu sou muito sóbria, muito clássica! Sou muito diferente deste universo de prostituição porque a travesti é focada neste negócio da sensualidade. Então, quando elas se deparam com uma travesti tão clássica, tão diferente, mas ao mesmo tempo elegante e bonita; é o que elas querem para elas, ser bonitas e elegantes. A beleza é como uma flor, ela é resplandecente, mas de pouca durabilidade e a elegância, à medida que você vai envelhecendo você vai ficando mais sábia, vai ficando mais elegante e você vai adquirindo consciência da sua elegância e você se esmera. Daí quando eu sei que posso servir e for uma orientação para outras pessoas serem, eu me esmero muito nisto de uma maneira contrária. Cada vez eu sou uma pessoa mais simples na maneira de se vestir, bem discreto com roupas que eu prefiro que sejam bem cortadas que tenham um bom caimento no meu corpo e numa aparência simples. Você vê que eu não uso maquiagem, mas eu tenho atitudes maneiras como a impostação da voz. Em todas estas coisas você tem que ser o modelo. Então, hoje em dia eu sou um modelo ideal. Não um modelo que vende roupa e sim um modelo que vende conceito. Vende não, mas que passa conceito e modo de vida. Eu nunca imaginei que eu chegaria isto e observo com muita felicidade que eu sou lentamente eu percebo as minhas cópias. E isto me faz muito feliz as minhas cópias. As minhas cópias na maneira de puxar o cabelo, da unha, e às vezes tem gente que até quer imitar a

boca, botam silicone, mas não importa. O que importa é que as pessoas observam com lado bom da vida. Acaba que é gratificante é confortável e de maneira gratificante. Eu faço uma coisa que eu gosto e que é muito sutil o resultado, mas que eu percebo o resultado. Não há uma vaidade nisto, mas uma gratidão porque no fundo eu sou uma privilegiada; não preciso de holofotes e percebo o reflexo da minha conduta nas pessoas e isto é muito importante pra mim. Hoje eu posso dizer que a vida não passou por mim inutilmente e eu estou direcionando de uma maneira e se eu puder ficar aqui ou num outro lugar que tenha este foco de inclusão social, eu vou sempre ser um modelo, sem ditar, apenas exemplificando. As pessoas me pegam como exemplo e isto é muito bom, é durável, é pra sempre. São conceitos que a gente cria sem precisar rivalizar, a gente cria um estilo sem perceber que está criando.

Então você está falando que isto é muito mais que uma beleza física?

Aí outra coisa que é muito interessante é que pra estas meninas é que eu escuto às vezes a conversação delas é que uma travesti com trinta anos elas acham que é velha. E de repente elas deparam comigo e percebem que não é nenhum terror e se você souber envelhecer porque aqui com os garotos, eu sou muito abordada e eles disputam a tapa para conversar comigo. Então, elas percebem que eu estou com sessenta anos, mas os rapazes deixariam de sair com elas para ir comigo porque não deixa de ser um status sair com uma mulher mais velha, elegante. Eu sou uma pessoa que entra em tudo o que é lugar e sou muito respeitada. Graças a Deus eu tenho esse lado bom em mim que não sei se é o olhar que eu me imponho e a minha presença se impõe naturalmente.

A entrevistada se percebe atualmente como ícone. Aponta que o amor que emana de si acaba atraindo as pessoas. Diz que sua atitude reflete um exemplo a ser seguido pelas travestis mais jovens. Pois passa um conceito ao invés de vender uma

imagem. Percebe que as mais novas a “copiam” inconscientemente. Sua conduta se reflete nas demais pessoas. Diz que é muito mais importante a elegância e a forma de agir do que a beleza física, que é passageira.

Então você está falando que independe da pessoa ser travesti, homem ou mulher e sim depende da pessoa, da atitude da pessoa?

Você não inventa uma pessoa. Estas coisas vão acontecendo muito naturalmente. As criaturas nascem e são levadas para as coisas. Eu já falei para você que sou Kardecista e que acredito em reencarnação, eternidade do ser. Não há coincidência, tudo é muito bem estudado, projetado e não há erros. Você já prestou atenção que não há erros no Universo? Os erros do planeta Terra são causados pelo homem. O universo é perfeito. A única coisa erradinha nessa maravilha toda somos nós. Nós temos o tempo, a eternidade para reparamos os nossos erros para aprender, evoluir, enfim para chegar naquela coisa de amar. Eu amo muito a vida, eu amo muito as pessoas. Eu falei de mim pra você muito artificialmente. Eu iria falar para você por muito tempo para me anunciar. Então, eu não entrei em detalhes que são dolorosos, mas eles aconteceram e não foi só glória e nada destas coisas. Essas coisas negativas não foram notáveis na minha vida. Apenas me serviram para esperar o que vai acontecer de bom amanhã. Então, eu sempre fui muito altruísta, sempre amei o mundo e nunca fui uma pessoa rancorosa. Eu sempre compreendi muito bem a vida. Eu sempre fui uma pessoa muito madura, mesmo quando fui muito jovem. Eu entendia as pessoas, nunca pretendi que as pessoas me entendessem. Mas, eu sempre senti necessidade de entender as pessoas porque é muito mais fácil quando você entende as pessoas você começa a compreender e a aceitar o preconceito. A conduta que não é ideal e que você queria para você, a maneira que você gostaria que fosse tratada, essa coisa toda... Mas, ao

mesmo tempo você vai criando, vai levando para as pessoas, quase sem palavra nenhuma, você faz com que as pessoas te respeitem e te tratem como você gostaria de ser tratada. São moedas de troca. Não acredito que você vai me tratar mal se eu for elegante com você, se eu for cortês com você.

E isto desde sempre né?

Desde sempre. Se bem que eu tive uma casa bem harmônica e nos éramos muito cortezes uns com os outros, mas tudo muito simples. Sem nenhuma pretensão, mas a gentileza sempre foi uma coisa normal na minha vida. Eu me lembro muito perfeitamente disto. Os meus pais, entre eles dois, era uma relação amistosa, dedicada.

Eles são vivos?

São. Os meus irmãos são muito delicados, os meus sobrinhos são muito delicados, sobretudo comigo, eles são mais delicados ainda. Isto é uma questão de geração em geração. Nos grandes centros, talvez essas coisas não sejam praticadas como seria o ideal.

Se perdem...

Mais acontece o seguinte: eu não posso me perder. Eu sou atenta com todo mundo aqui. Não quero dizer que deixo todo mundo, uma zona. Tudo é muito disciplinado, todo mundo tem horário para ir no computador, cada uma tem direito a meia hora e eu vejo o que está sendo visto no computador. Eu faço este discurso de disciplina; a necessidade... Eu não quero ficar dizendo que você tem que sair do computador. Você tem que se conscientizar que o seu direito é igual ao do seu irmão. Se você ficou trinta minutos, eu não preciso mandar você sair, deixa o outro e quando todo mundo tiver tido seus trinta minutos, todo mundo recomeça de novo. Então, agora eu estou conseguindo que eles se resolvam eles mesmos no computador. Isto é bobo? Não, não é! Ali o cidadão começa a conhecer os seus limites, seus direitos, essas coisas todas e

começa agir como tal e isto é um ganho para sociedade.

Isto é uma lição de vida né?

Uma lição para vida. Você começa a respeitar, a ter paciência, esperar o seu momento. Eles estão na rua porque não se adequaram aos pais, ao lar, essa coisa toda... Então, aqui eles têm uma liberdade, mas com muita conversação que é o que os pais deveriam fazer. Os pais não conversam com os filhos. Eu me lembro que eu era criancinha e a minha mãe recebia na casa dela, e a minha cidade era pequena e tinha uma rua que ali aquelas meninas não iam para o resto da cidade e as pessoas não iam para este lugar que era um prostíbulo ali. Mas, a minha mãe recebia estas mulheres pelo fundo do quintal que era um quarteirão todo. E a minha mãe oferecia medicação, orientação e de como elas deveriam se comportar.

O que a sua mãe fazia?

Minha mãe fazia muito assim... Minha mãe era uma dona de casa, mas que fazia roupinha para crianças pobres.

Ela já era ligada ao social?

Ela não tinha consciência da atitude ainda dela socialmente, mas ela fazia isto espontaneamente. Eu cresci assistindo isto. Teve um momento na minha vida que eu costurei. A Federação faz muito isto. Eu moldava milhões de roupas para crianças que eles mandavam cortar e trabalhava de enfermeira e isto me realizava. O que é isto? Isto é berço! Nossa! Me orgulho muito do meu berço! Tudo o que eu sou hoje; sou uma pessoa feliz por causa do meu berço! Meu pai, minha família; um alicerce muito forte!

Sua relação com seu pai era boa?

É lógico! A minha relação com a minha família é muito boa. Tanto é que se eu não vou à minha casa, minha família vem aqui. Eu saí de casa, não foi a minha família que me botou pra fora de casa.

A entrevistada se refere a rotina do seu trabalho que auxilia na inclusão de populações vulneráveis socialmente, principalmente os profissionais do sexo. Muitos garotos de programa, travestis e outros vão ao Centro de Referência da Diversidade (CRD). Lá encontram assistência em programas que os incluem socialmente, pois são considerados marginais pela maioria da sociedade. Podem utilizar a *internet* dentre outras atividades.

Desde 2008, a meta do CRD é oferecer diversas atividades como oficinas profissionalizantes com foco em geração de renda. O centro conta ainda com psicólogos, assistentes sociais e dará também apoio jurídico. A iniciativa é resultado de uma parceria da Prefeitura da Cidade de São Paulo e as Secretarias de Assistência e Desenvolvimento Social, Trabalho, Cultura, Participação e Parceria, Relações Internacionais e as subprefeituras da Sé e da Mooca com a União Européia e as Ongs Grupo Pela Vida e Nós do Centro. Desenvolver uma fonte de renda que não seja exclusivamente através da prostituição, pode ser uma alternativa para enfrentar o processo de envelhecimento, já que a idade limite para se prostituir, dificilmente passa dos cinquenta anos de idade.

A entrevistada diz que através de um bom exemplo e berço recebidos de sua família, manifesta a gentileza e cidadania que servirão de exemplo para que outras gentilezas e senso de cidadania também sejam manifestados por outras pessoas em seu local de trabalho. Relata que seu exemplo refletirá nas populações vulneráveis que são assistidas pelo CRD.

Você saiu para estudar no Rio?

Fui para estudar no Rio, mas no Rio eu era adolescente e tinha o apelo sexual, essa coisa toda e conheço um homem lindo de quarenta anos, e o que você acha que eu ia

fazer? Ali, Paulo foi um pouquinho inconseqüente porque ele poderia ter dado um jeito de fazer a coisa. Quando você tem dezesseis anos nos anos sessenta, você quer tudo. Eu nunca imaginei que iria arranjar um homem, um namorado que tinha carro que me levava para passear.

E você ainda naquela época não tinha feito a transformação?

Não, eu tinha cabelo curtinho. Foi com ele que comecei a ter peito, essa coisa toda e deixar o cabelo crescer. Ele foi que me comprou o meu primeiro vestido, a minha primeira saia. Me lembro até hoje do medo de sair de saia e fui ao teatro com ele assistir: “Liberdade para as Borboletas”. Você já ouviu falar dessa peça?

Não.

Ela é belíssima, ela tem um humor muito inteligente, mexe e vira esta peça volta em cartaz. De Jorge Dória, “Liberdade para as Borboletas”. É linda, linda, linda esta peça e trata, inclusive, da homossexualidade. E esse homem; eu tinha uma leitura muito focada na sociedade. Lá na minha casa pintava um Émile Zola e Hermann Hesse, e o Paulo começou a trazer pra mim, Oscar Wilde, um escritor homossexual que não era permitido em todas as casas na época. Eu comecei a ter contato com estes outros escritores, Nietzsche. Eu comecei a ter contato com este tipo de escritores de filosofia ainda adolescente porque o Paulo era advogado, era muito culto, era português também. Eu tive muita sorte na vida de conhecer pessoas assim. Os meus patrões que me trouxeram pra aqui, eram um casal gay e o Soares era advogado e também professor de matemática da Unicamp em Campinas e esse homem era assim... Ele era muito culto e tudo o que ele lia, ele trazia pra mim. E a gente fazia muito debate porque ele me achava muito inteligente e sempre achava que eu tinha que estudar advocacia. A coisa da moda não dizia nada pra ele. Ele era administrador da loja. O Carlos que era estilista e fazia todas as coisas. O Soares era um advogado, um matemático, um bom

advogado. O sonho dele era que eu me transformasse em advogada. Ele achava que eu deixasse a coisa de travesti porque ele era advogado e argumentava e a gente discutia muito e me cutucava para ver a minha verve, essa coisa toda. Ele dizia que eu era advogada nata. Muito embora eu sou uma pessoa que goste de justiça, mas acho que minha vida seria sempre assim no social.

O existencialismo diz que o homem não foi planejado por alguém para uma finalidade, como os objetos que o próprio homem cria. O homem vai se fazendo em sua própria existência. Não havendo tal essência, todos são iguais e igualmente livres para se fazerem em relação a determinado contexto. O filósofo francês Jean Paul Sartre (1905-1980) defendia que não importa o que foi feito do indivíduo, e sim o que o indivíduo faz com aquilo que foi feito dele (Giles, 1989; Perdigão, 1995; Sartre, 2005).

A entrevistada aproveitou aquilo que vinha ao seu encontro de uma forma única e própria. Segundo seu relato, foi se tornando uma pessoa autodidata, sofisticada e elegante. Acredita que sua educação familiar e seu contexto existencial influenciaram em suas escolhas ao longo do seu processo de vida.

E como você acha que começou esta coisa da travesti? Você se inspirou em quem e como foi acontecendo?

Eu sempre... Eu gosto de ser muito honesta comigo e acho que tudo tem um tempo. Eu acho que tenha sido por isso. Como nada é por acaso, eu penso será que já nasci assim e meus irmãos não? Como minha irmã costurava para crianças e eu tinha oito anos. Não, eu era bem bebezinha e às vezes ela me chamava para ver a roupa, ver a altura e acho que teve uma vez que ela botou um vestido em mim para medir a minha altura e tudo, e eu perguntei se aquilo era pra mim, se eu ia tomar banho e vestir aquele vestido

e ela disse: Vai sim! E quando foi no final do dia eu tomei banho, esperando aquele vestido e o vestido não veio. A porta da minha casa era de areia, não tinha calçada, e eu saí do banho e rolei na areia, mas eu já criava caso pra cortar cabelo porque as crianças daquela época tinham os cabelos bem curtos, mas eu já criava caso para cortar os cabelos, já não aceitava.

É uma coisa que vem?

Uma alma feminina. E hoje já é cientificamente provado pelo cromossomo y e x, essa coisa toda. Você sabe que você tem isto no seu cérebro. O homossexual, o heterossexual. Não é uma doencinha - Ai preciso tomar hormônio ou preciso ir no psiquiatra, qualquer coisa assim para ter cura. Isto tá no seu DNA.

E você lá no Rio se inspira em quem ou no que?

Antigamente eu não me inspirei em mulheres glamourosas, eu sempre me inspirei em mulheres fortes, mulheres inteligentes. Eu sempre admirei inteligência. Porque inteligência é uma beleza eterna e a vida me provou isto. Se eu tivesse sido... Eu não era nem bonita, eu sempre fui muito elegante. Tanto é que o fascínio que o meu patrão tinha por mim ao ponto de ter coragem de me jogar numa passarela representando a grife dele que na época era ele Lino Ventura nos anos setenta aqui em São Paulo. Imagina o poder que eu já tinha sobre as pessoas.

Como chamava a grife?

Shadow Indústria Comercial e Representação de Roupas Ltda. Eu tenho carteira assinada até hoje. Eu sempre ouvi duas coisas, eu sempre ouvi muito que eu sou muito sensual e que sou muito elegante até hoje. Eu adoro escutar isto porque se eu fosse bonitinha, eu já não seria mais hoje. Agora elegante, eu posso ter cem anos que posso ser elegante. Não sei se sou inteligente, mas pelo menos eu sou muito informada, procuro me informar muito. Será que isto é inteligência? Acho que sou muito intuitiva.

E das mulheres inteligentes que você falou de quem você gostava, da sua época?

Indira Gandhi, Golda Meir. Elas eram mulheres horrorosas, mas eram mulheres que...

Horrorosas quem dizer fisicamente?

Horrorosas fisicamente porque elas eram ousadas, fabulosas e corajosas para época.

Irmã Dulce não tinha nada de sexy. Eu nunca iria imitar estas mulheres na maneira de se vestir. Mas, a conduta, a posição da mulher. Tanto é que eu sempre fui uma travesti, no meio das travestis com esta conduta. Eu nunca quis ser a glamourosa. Eu acho que a glamourosa é detonada no final da passarela. Agora a mulher que abre a boca e fascina e cativa oportunidade... Quando eu fiz trabalho na Federação com duas mil pessoas e fui aplaudida de pé. Eu sei que eu tenho uma verve, um poder de atrair com meu discurso. Eu sou uma boa oradora. Inteligência... As pessoas são inteligentes ou burras? Você acredita em pessoas burras? Eu acho que não existem pessoas burras eu acho que elas não tiveram acesso as coisas. É claro que uns aproveitam mais, o livro que lê. Eu me inspiro muito, não vou dizer para você que sou uma pessoa original. Mas eu busco as minhas fontes. Se eu for apresentar um trabalho, eu vou fazer uma pesquisa antes. Isto é meu, é intuitivo. Mas eu sei que eu tenho uma facilidade, uma oratória assim (estala os dedos) que às vezes você não entende nem o que estou falando, mas você fica fascinado como o todo que acompanha esta coisa... faz parte do jogo, faz parte da sobrevivência, faz parte de toda aquela coisa da inclusão social que a gente precisa, para você se arranjar e se safar se não você dança.

Uma coisa que você falou dentre as demais coisas interessantes eu vi uma que eu quero esclarecer mais...

Agora que admirei muito a Jacqueline Onassis. Era uma mulher elegantíssima, mas muito clássica, muito discreta na maneira de se vestir, mas ela é um ícone de elegância até hoje. Uma jornalista muito inteligente. Entre Marilyn Monroe e Jacqueline

Kennedy, eu me transvesteria de Jacqueline automaticamente.

A entrevistada acredita que há uma essência masculina e outra feminina que se manifesta nos aspectos biológicos do ser humano. Assim, alguns podem ser dotados de uma essência feminina e um corpo biológico masculino e vice versa. As ciências biomédicas foram influenciadas pelas idéias essencialistas em detrimento das idéias existencialistas. Quando a entrevistada cita pessoas, comportamentos, atitudes e condutas de determinadas pessoas que a inspirou, ela não percebe que está performatizando um gênero.

Segundo Butler (2003), o gênero não é expressão do que alguém é, e sim expressão do que alguém faz. Para o gênero tornar-se manifesto e uma experiência concreta, a ação do gênero requer *performatividade* reiterada. Tal repetição é em um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente para cada gênero. É a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. O gênero não deve ser uma identidade estável ou *locus* de ação do qual decorrem vários atos. Portanto ele não é natural e sim construído socialmente.

Mais uma vez a entrevistada ressalta a importância de ser ter uma postura e elegância diante da vida para não “dançar”. Destaca que a maneira de se comportar e de se colocar em sociedade através de uma “boa verve”, lhe garantiu respeito e reconhecimento.

Você tinha falado do glamour, da vida na Europa que as meninas tinham. O que chama de glamour daquela época?

Eu não convivia com as travestis. Glamour pra mim é que eu era um garoto que nasci no interior de Minas Gerais e que de repente eu tinha homens riquíssimos que eu

pegava na porta da minha casa para levar a teatros, restaurantes, essas coisas todas; com casaco de pele, com sapato porque eu fazia sapato sob medida na Suíça. Isso é glamour! Não aquele glamour de boate, de espetáculo e sim o glamour de uma vida sofisticada, às vezes materialista, mas com muita elegância. Aí, elegância eu falo de vestido que eu tinha dinheiro para comprar, essa coisa toda. Aí entra o glamour.

E elas? Quando você as via?

Lamentavelmente, as meninas eram muito centradas no corpo, aquela coisa de botar silicone no corpo e ir para o Brasil comprar casa pra papai, mamãe e depois os familiares tomavam a casa delas e elas não se preocupavam muito e nós tínhamos possibilidade. Qualquer lugar da Europa que nós entrávamos na época já éramos tratadas como mulher na escola, nos hospitais, tudo essas coisas... Então, eu não acho que elas não souberam de maneira nenhuma aproveitar isto porque eu cheguei a ganhar US\$ 1300 dólares em duas horas. Era muito dinheiro na época e era uma coisa assim de você não acreditar. E essas meninas, elas estragaram tudo isto com a conduta, a selvageria e todas essas coisas lamentavelmente. Eu vim embora porque como eu era muito sofisticada e me adaptei mesmo a vida sofisticada, eu não iria ficar na Europa sendo vista como mais uma porque de certa maneira eu tenho uma vida aqui incluída na sociedade.

Aqui você já teve que trabalhar na prostituição?

Não. Eu fiz michê, mas o contexto era outro porque era homem bonito, carro bonito, ia à casa dele que na época me dava 5 mil cruzeiros. Com o meu salário, quatrocentos e cinquenta cruzeiros, eu dava para comprar um pacote de cigarros. Mas eu lembro que eu comprava para as meninas que trabalhavam na máquina de confecção, na costura porque eu não precisava daquele salário. Era bem divertido. Agora eu não via aquilo como trabalho eu via como uma diversão.

Mas assim, mesmo na hora de cobrar era divertido?

Era assim, na hora de cobrar eu nem precisava cobrar, eles vinham e me davam como presente.

Eles falavam isto?

Um homem rico sabe o que quer uma mulher rica né? Olha pra minha mão tem um brilhante e no meu pé eu estou com um scarpin de grife igual ao que as mulheres deles usam e sabem mais ou menos o preço disto né? Então, eles não iriam me oferecer um dinheirinho que não desse para eu manter o meu status. É isto que as meninas não têm.

As de hoje?

E a maior parte daquelas de ontem. Então você vale enquanto pesa na prostituição porque você está vendendo o seu corpo. Então um homem refinado quando sai comigo ele não vai me oferecer um dinheirinho porque ele sabe imediatamente que eu sou uma pessoa refinada e você tem que se pôr no alto. Na Europa eu aumentava o meu preço e sempre falava que o meu preço era mais. Mas, o mínimo, eu vou sair, vou para uma noite é 3000 francos. Eu estava com brilhante no dedo, com Chanel no meu corpo, um scarpin sem salto fino porque eu não me vestia de puta de maneira nenhuma.

Você disse que se apresentava como uma pessoa glamorosa para poder ser equivalente...

Sim!

Uma coisa que eu queria perguntar e achei interessante é que você falou da sua relação com as travestis jovens. Quero saber como você vê de uma maneira geral as travestis mais velhas em relação às novas?

As travestis mais velhas eram muito mais preparadas do que as de hoje. Muito embora vá acontecer agora uma transformação bem rápida porque estas meninas agora têm orientação social. Elas vêm aqui e vê a “Taíszinha” que é transexual e assistente

social, que se formou aqui no Brasil, então elas não são tão burras assim. Elas vão vendo que a prostituição não está muito satisfatória, tá pobre. Mas, aí quando você vai tomar outra direção fica muito bagunçado e é o que está acontecendo agora: as meninas drogadas, embaixo da ponte, e existem meninas que não querem isto e vão fazer um movimento diferente e as jovens de hoje tem muito mais possibilidades inclusive de transformação com hormônios, cirurgias plásticas e tudo mais acessível à tecnologia em favor da beleza delas. Então, uma beleza aliada ao conhecimento, cultura; elas percebem quando estou fazendo numa entrevista, conversando com uma pessoa. O que estes rapazes e homens ficam conversando tanto comigo? Porque eles me escutam, então eu devo ter muita coisa pra dizer. Eu falo para elas, eu leio muito, estudo muito e o que acontece com elas? Elas começam a despertar. Tem que cuidar da aparência sim, mas tem que cuidar do intelecto também e vocês hoje tem possibilidades que eu não tive; na minha época não tinha e eu cheguei a ser agredida por professor de matemática no primário.

Foi?

Foi. Eu fui empurrada para fora da sala e ele não gostava de mim. É claro que isto não era dito abertamente. A atitude dele era porque eu era muito mariquinha e ele era muito machista, homofóbico, estas coisas... Eu tive muita dificuldade em matemática por isto que eu sempre puxei para literatura porque a matemática me detonava.

A entrevistada relata que as travestis da atualidade estão tendo mais oportunidades de crescerem e serem menos alvo de preconceito e exclusão. Reafirma que em sua época tudo era mais difícil. Isso corrobora com outras falas da entrevistada anterior que dizia que as travestis mais antigas sofreram uma trajetória mais árdua que as mais novas, por serem as pioneiras.

Ainda destaca que de sua época para a atualidade a prostituição de travestis foi ficando cada vez mais comum, vulgar e decadente. Diz que o tipo de prostituição que havia na sua época, era mais sofisticada e elegante. Refere que mesmo na época que se prostituía na Europa, algumas travestis já começaram a ter uma conduta considerada inadequada que inclusive a envergonhava. Isso também pode ser visto na dissertação de mestrado de Siqueira (2004). As travestis mais velhas da sua pesquisa consideram que as mais novas são até certo ponto vazias e fúteis, pois apresentam preocupação excessiva com a aparência física, são usuárias compulsivas de drogas e acomodadas com a prostituição.

E você fez alguma transformação e o que praticamente tinha na sua época era o hormônio. Você fez alguma atualização?

Eu coloquei uma prótese de peito que eu detestei, era grande e quando eu voltei para o Brasil eu tirei porque voltei a ser manequim da Shadow e coloquei uma pequena.

Que é o silicone cirúrgico né?

Sim!

E hoje em dia tem as meninas que usam o industrial. O que você acha disto?

É uma temeridade porque de repente você pega uma louca. Muitas morreram... Em médio a longo prazo, este silicone é agressivo. Ele na verdade não é aconselhável injetar esse silicone no corpo. A prótese é diferente porque a prótese você teve um problema você vai a um cirurgião e tira e acabou o problema. Já o silicone que é injetado no seu corpo na sua cara, e ele mistura com a carne e tudo, e depois para você tirar não tem como.

Você conhece o Fofão? (apelido dado a uma “travesti” que é frequentemente vista fazendo divulgações culturais nos semáforos da região da Avenida Paulista em São

Paulo. Seu rosto parece ter sido deformado pela intensa aplicação de silicone).

Conheço. Ele vem sempre aqui.

Você sabe da história dele?

É um grande cabeleireiro, um grande maquiador que começou a se deslumbrar e a colocar silicone na cara e que se transformou e ficou horrível e ele teve um distúrbio mental, emocional mesmo. Parece que era ele e um amigo. Os dois tiveram um caso e traiu ele. É uma história meio horrorosa.

Eu queria saber como você vê seu momento atual? Você já falou várias coisas de quanto é importante de você começar a se perceber enquanto ícone, enfim, como você vê seu momento atual hoje em dia?

Eu acho que eu na área social poderia ser mais aproveitada, mas aí é aquela coisa. Eu não tenho diploma em área social. E depois me questiono que toda vez que eu penso em fazer uma faculdade; eu não tenho mais esta coisa física de trabalhar de dia e enfrentar uma faculdade. Não quero mais me sacrificar, quero me acarinhar. Eu já trabalho aqui já está bom demais. Eu não vou enfrentar uma faculdade, eu já convivo com uma assistente social e eu não me sinto nem um pouco diminuída. Sem querer parecer muito pretensiosa, mas a gente tem que... Hoje em dia eu observo que o diploma... Te deixa inoperante. Você se baseia no seu diploma e não expande o seu ser. Limita. Então, o problema do diploma é este. Hoje em dia eu não preciso mais ficar mostrando nada pra ninguém, mas eu gosto de mostrar pra mim a quantas andam e onde eu estou como cidadão, conhecimento e até onde eu ainda sou interessante numa roda de conversa com tipo de gente eu posso manter uma conversação e ser interessante. Isso é inclusão social. Hoje eu me vejo como um cidadão incluído na sociedade porque eu busquei isto. Por isto que eu falo que a gente não pode criar cobranças com ninguém e cada ser é um ser e cada um tem as suas maneiras de chegar lá. E uma coisa você pode ter

certeza: tudo é movido por aquela coisa da sorte. Agora, querer é muito bom, sonhar. Eu sempre falo assim: sonhar é muito importante porque os seus sonhos acabam se realizando. Eu sempre fui muito sonhadora, e a coisa da passarela, do desfile, essa coisa toda, foi um sonho de infância que eu falava que eu ia fazer e aconteceu. Então, eu já acredito no sonho.

O que é a sorte?

Sorte, por exemplo, eu saí de casa e vim para São Paulo e estou aqui.

Você diz o que aconteceu em relação a sua trajetória?

Sim. Mas eu também poderia ter caído em outro universo. Eu sempre procuro aproveitar e tem a coisa da humildade, entendeu? Eu não sou prepotente e deixo às vezes as pessoas até acharem que estão me enganando. Eu acredito muito em mim e em Deus, sobretudo.

Quais são os seus planos para o futuro?

Eu não tenho.

O que é o futuro para você?

Quem me dá garantias para o futuro? Seria muito cansativo planejar o futuro. Eu nunca planejei o futuro. Eu sempre deixei que as coisas acontecessem.

Tanto na fala da entrevistada como da entrevistada anterior não aparece planejamento em relação ao futuro. Sua trajetória de vida parece ter sido de acordo com as oportunidades que lhe apareciam.

Você conhece outras pessoas da sua geração? O que está acontecendo com elas?

Como elas estão vivendo?

Conheço. Eu tenho um universo próprio. Às vezes como eu tenho este trabalho com o

pessoal todo, eu gosto muito de me recolher... na minha casa, livro, ler... Essas coisas todas... Eu não tenho uma vida social, uma vida noturna, eu nunca gostei disto nem quando eu era jovem, agora muito menos. Então, existe umas coisas... Eu já disse para você, a minha vida é pautada em outros valores. Eu não sinto necessidade, nem espécie de nenhuma badalação, badalação me cansa.

E as pessoas que você conhece? Da sua geração, o que você sabe delas?

Eu sei que elas não sabem falar delas.

Elas não sabem falar delas?

Talvez não. Eu talvez seja muito exigente. A gente fica assim em um contato, mas um contato meio assim, artificial. Quando eu quero falar outras coisas, eu tenho que falar com outro tipo de gente. Tem gays, tudo; aí a coisa flui melhor do que com as travestis.

Mostra que há uma necessidade de recolhimento nesse momento atual da vida. Acha mais interessante as pessoas que não são travestis da sua geração. Mostra dificuldade de se relacionar com as travestis da sua idade, alegando que o contato é superficial e que elas não sabem falar de si. Tais situações também aparecem na dissertação de mestrado de Siqueira (2004) sobre travestis na velhice.

O que você acha que para a sua geração possa existir em políticas públicas?

Tudo de maravilhoso. Nós estamos começando política agora...

O que você sugere?

Acho que estamos indo no caminho certo que você não pode fazer um futuro de uma nação analfabeta. O primeiro que você tem que oferecer é o despertar de informações, depois acompanhada uma boa escola técnica onde você possa descobrir os seus talentos e exercer. Então, aqui o Centro é um grão de areia jogado no Universo, mas as

coisas do mundo são formadas assim. Você começa no micro e vai pro macro. Nós estamos no caminho certo, é por aí que a inclusão social se dá por conhecimento. Então, você tem que ensinar para depois incluir estas pessoas na sociedade. Vai ser agora imediatamente? Não! Mas, eu já vislumbro um futuro comum e muito natural entre os três sexos, que existe os três sexos, ou de repente, esse três sexos serão desmantelados e vai haver a bissexualidade natural mesmo. Talvez, seja isto. O futuro é bissexual.

Não vai mais haver esta separação...

Essa separação tão doentia, e a coisa vai fluir muito naturalmente, onde travesti vai viver na sociedade muito naturalmente. Porque o travesti é um cidadão como outro qualquer, só que ele gosta de salto alto e de vestido. E tem uns que se submetem à cirurgia, trocam de sexo, ficam sem pau são mulheres e têm a ilusão que serão aceitos na sociedade porque tudo é a questão de ser aceito. Isto vai dar postura e ela não vai precisar mais de se mutilar. Coloca o seu salto, passa a sua maquiagem bonita e tem prazer sexual. Toda a pessoa que tem prazer sexual é feliz.

A fala acima corrobora com o que outros teóricos já falaram. A primeira é: no futuro haverá a fusão dos sexos e quebra da barreira entre os gêneros (Prince, 1973). A segunda é: transexuais se operam para serem aceitos e estarem mais de acordo com as normas de gênero (Bento, 2008). Aponta ainda a educação como base para o surgimento de políticas públicas voltadas para esse segmento da população.

O que é ser travesti para você?

Essa pergunta já foi me feita tantas vezes...

O que vem agora no momento? Não precisa ter uma definição bonitinha, científica.

O que é para você, agora; neste momento?

Sabe qual o problema da humanidade? Tem o heterossexual e eu não sei de quando ele se apossou da idéia de que o normal é heterossexual e de que o resto é não conta. Então, o resto tem que se explicar, por exemplo, eu tenho que me explicar o que é ser travesti, o que é ser homossexual... E o que é ser heterossexual?

É uma pergunta interessante. O que é ser heterossexual?

Então, eu estou te respondendo esta pergunta com outra pergunta. Quando você responder a esta minha pergunta, com certeza terei achado a resposta para a sua pergunta. Porque as pessoas... O heterossexual, a sociedade que é constituída de “heterossexual”, são donos da verdade, das coisas, do poder e nós temos que dar explicações... O que eu quero dizer para você é que ser travesti é tão normal quanto ser heterossexual. Eu sou travesti, eu acredito que não tenha que me explicar pra ninguém. Porque todas as explicações que eu precise que alguém me dê, eu me faço a mim mesma, e eu nunca senti necessidade de que ninguém me explicasse porque eu sou travesti. Eu me basto, eu estou bem comigo. Eu sou normal. Respondeu?

A fala da entrevistada vai ao encontro das explicações de grandes teóricos que definem a sexualidade como uma construção social que organiza as relações de poder em sociedade. A heteronormatividade foi convencionada como “essencial”, “natural” e “correta”, pois está baseada na forma como está estruturada as relações sociais, políticas e econômicas em nossa sociedade (Bento, 2008; Foucault, 1993; Leite Junior, 2008; Pelúcio, 2009).

Respondeu! Na outra semana você estava falando coisas muito interessantes sobre envelhecimento, sexualidade. Você poderia retomar estas idéias que as pessoas com os Viagras da vida e tal; as pessoas com mais idade estão tendo uma vida sexual

mais longeva e ativa...

Por incrível que pareça envelhecer é uma preocupação da sociedade porque o cidadão que vai vivendo ele vai vendo a velhice nos outros não nele. Então, aí já fica difícil responder. Eu, por exemplo, o mês que vem eu faço sessenta e um anos, mas eu não me vejo como as outras pessoas de sessenta anos; não me vejo como uma sexagenária; não me sinto como uma sexagenária. Eu tenho uma vida sexual ativa, não que eu a procure, mas eu sou procurada. Tá bom pra você, uma mulher de sessenta anos, uma travesti que é muito assediada felizmente. Então, eu tenho uma vida muito plena; eu posso dizer que eu tenho uma vida sexual plena porque eu sei o que quero, eu conheço muito mais o meu corpo. Uma relação sexual hoje vale por tantas que eu tive na minha juventude. Hoje eu sei o que é uma relação sexual. Hoje eu escolho, eu digo não, eu digo sim porque eu sei o que eu quero, eu sei o que me agrada, o que me dá prazer. Isto é relação sexual. Relação sexual para as pessoas que têm medo da velhice... Só as pessoas burras têm medo da velhice, eu nem chamo de velhice, chamo de maturidade, porque a maturidade é encontro dos seus apanhados ao longo da vida, aí você faz um buquê de flores gloriosas se você tiver sensibilidade e prestado atenção na sua vida, ao longo dela.

E se você tiver colhido flores também?

Naturalmente quando você distribui flores, você colhe flores. Eu acredito que me esforcei muito para distribuir flores. Eu sempre fui muito amorosa, eu sempre amei a vida em primeiro lugar. O resto é derivado da vida. Eu amo tudo. Acho que isso me faz uma pessoa plena aos sessenta anos.

Você falou uma coisa interessante: Eu não me sinto como as outras pessoas sexagenárias... Como são essas outras pessoas sexagenárias?

Como eu poderia falar das outras pessoas sexagenárias quando eu não gostaria que

elas falassem de mim, não sentem os meus sentimentos, os meus anseios, os meus desejos, as minhas angústias, os meus medos... Nós somos individuais e podemos trabalhar em equipe os nossos sentimentos mais profundos, sobretudo com relação à sexualidade.

A gente sabe que na vida existe padrão para tudo né? Você acha que existe padrão para a velhice?

Quando você não tem sensibilidade de viver a sua vida para outro. Eu sou uma pessoa muito altruísta, tudo o que eu construo, se é que eu construo, eu construo pensando no próximo. Construir só quando são coisas boas pra mim. Então, quando você vive os seus interesses enquanto sexualidade. Você é travesti, o que o meu vizinho vai pensar, quando você tem esta pequenez na sociedade, não só a velhice, mas a sua vida fica muito difícil. Eu não posso viver agradando ao mundo. Eu vou conseguir agradar o mundo, quando eu realmente me agradar. Eu acho que eu agradei a minha volta porque eu sempre me agradei e as pessoas que eu tenha desagradado, talvez nem saiba quais foram porque deve ser uma pessoa que não tenha passado nada de bom.

Eu estava ouvindo tudo o que você falou e você falou muito de elegância, uma coisa que me marca muito, estilo e postura durante a vida inteira. Não é só na idade de sessenta anos ou mais, não é isto?

Por isto que eu falei de construção. Um dos tópicos fundamentais é a sua elegância porque quando a pessoa é elegante, é elegante enquanto está nua porque as outras elegâncias, o estilo de vestir, isto tudo vem do seu ser, vem do seu íntimo, do seu foro íntimo porque você vai construindo a imagem e tem momentos que as pessoas te olham e te acham uma pessoa elegante, independente de como você está vestido porque se você não é uma pessoa elegante na sua conduta, a roupa não te faz elegante. O seu olhar, o seu tom de voz te faz uma pessoa elegante. Quando você tem estes predicados

você vai olhar e ter senso crítico. Dificilmente, você vai deixar de ser uma pessoa elegante. Você vai ser simples, discreto e você sabe que não precisa de excessos. Eu procuro isto na minha vida. Eu já sou tão habituada que as pessoas me acham elegante e agradeço muito a Deus por isto porque eu sempre fiz muita questão de ser elegante. Elegante para mim é nunca negar um sorriso para quem quer que seja. Aí começam as relações, o sorriso é o cartão de visitas, o sorriso com os dentes e nós brasileiros estamos caminhando pra isto e para o brasileiro que é tão sorridente possa ter um sorriso bonito. Existe um sorriso que vem da sua alma é espontâneo e existe aquele sorriso esteticamente falando que é muito importante para sociedade que cobra tanto da gente e dá tão pouco.

Outro aspecto que você abordou que eu achei muito tocante foi o de chegar à idade sendo um ícone e atravessar a vida sendo um ícone.

Toca a mim principalmente porque é muito gratificante porque eu sempre procurei desesperadamente ser bom e quando chego ao final do meu dia, e eu to longe de ser perfeita, porque gente perfeita é um pé no saco, eu acho que não fiz nada. De repente, você escuta de uma pessoa e esta pessoa não estava falando comigo e falando de mim num contexto de uma reunião que eu era um caso a parte, um modelo, não sei o que ela usou se falou que eu era um protótipo ou qualquer coisa assim, ele usou um termo muito técnico que eu fiquei espantada e depois disse que eu simbolizava o ideal de qualquer mulher, qualquer travesti na minha conduta, na minha maneira de me vestir e que as meninas iam muito na minha cola e que era muito importante que eu permanecesse neste centro de referência sobretudo por isto. Era o meu ideal e eu gosto de fazer... Eu estou num momento agora aqui muito bom pra mim que eu sou professora de arte terapia. Eu fico interagindo o dia inteiro com as meninas. A gente conversa muito, a gente brinca muito, e eu percebo que vou desfazendo aquele linguajar que elas

têm o hábito de usar e começam a usar termos que eu aplico nas minhas conversações e isto é muito gratificante você vê-las mudando inconscientemente pelo fato de estar comigo e isto cada vez mais me acarreta uma responsabilidade na minha maneira de ser com elas.

O que você sente em relação a isto?

Eu já tive este despertar que sou assim e agora eu vejo isto como uma responsabilidade maior. Agora eu estou muito mais atenta a mim, embora eu tenha sido muito crítica comigo mesma, e eu não estou mais criticando porque eu não quero ser mais maldosa comigo e agora eu estou numa fase de me acarinhar muito e observar a minha conduta porque é muito importante que você embeleze a sua volta e que você desperta nas pessoas a idéia de embelezar. Somos nós que criamos o nosso mundo, o entorno, todas essas coisas, nossas situações. É bom e é engraçado. Outra coisa que não dá a respeito de envelhecer é: à medida que você vive você tem que descobrir que todo o dia que você aprende com os outros e de como as inspirações que você tem naquele momento inspiram as pessoas: “Eu não pensei isto antes”. Então, você vai vivendo e vai se descobrindo e redescobrindo e descobri que vale muito a pena viver. Você aprende a viver e viver é muito glorioso.

Então, eu poderia entender que o envelhecimento seria algo relacionado a parar?

E quando você falou assim: Por isto que a gente não pode envelhecer, a gente está sempre aprendendo e todo o dia é um dia para aprender, e envelhecer significa parar.

A idéia de envelhecer fica retida na sua aparência, mas o seu cérebro, o seu ser, o seu espírito, ele se renova a todo instante para aquele cidadão e cidadã que procura aprender a todo tempo não envelhece nunca. Quando você tem o espírito ansioso para aprender e você não tem medo das rugas que possam aparecer no seu rosto, pois elas

não bloqueiam seu status social, a sua atuação social. A prova disto é você teria voltado para me entrevistar. Você teria voltado se eu não tivesse nada para te dizer e fosse linda com vinte anos? Voltou por quê? Porque talvez fosse interessante me entrevistar. Você envelhece só quando não dá frutos. Quando você dá frutos, dá sombra, você não envelhece, pois todo mundo quer desfrutar dos seus frutos e da sua sombra. Quando as pessoas não querem que você envelheça, elas deixam de ver os seus traços e começam a ver a luz que emana do seu ser.

Você está falando que a pessoa vai transcender desta coisa física e do rótulo?

A nossa sociedade é muito cheia do rótulo. Eu observo muito e observo o dia inteiro os jovens e elas se preocupam muito com a minha idade porque elas sabem que eu não sou da idade delas e que sou uma senhora, mas ao mesmo tempo que senhora é esta que fascina né? Qual a sua idade? Me dê a idade que vocês quiserem porque eu me dou a idade que eu quero e a resposta fica no ar e elas não ousam aprofundar a idéia porque não é interessante que eu diga a minha idade .

A idade é um rótulo.

Eu não alimento mais na sociedade um rótulo. Na Europa as pessoas se relacionam muito diferente com esta coisa da idade.

Como eles se relacionam lá?

Um homem de vinte anos sair com uma mulher de trinta anos é o máximo! Eles não estão nem aí para uma garotinha, eles querem uma mulher e é chique ter uma mulher e elas não são tão acessíveis assim. Aqui, às vezes as pessoas gostam de mim, mas tem que provar para sociedade; porque quando você prova pra você, você vive os seus anseios e não precisa provar nada para a sociedade pegando uma menininha. Isto é subcultura e quando você desenvolve intelectualmente e culturalmente, as coisas ficam assim como adereços né? O que você tem para me oferecer quando o que importa para

you are the years you have not yet lived and do not know how to make use of the years you have already lived. I throw away all the years I have lived.

Você diz que a árvore que não envelhece é a árvore que tem sombra e acolhe, e tem frutos bons para que as pessoas possam colher. E a árvore velha? Como ela é?

I don't know how she is! (Laughs) I only see the good side of life, I believe that she is like that, empty... Deprived. Without the inner seed that gives you shine and the leaves that shine, you have nothing to offer, so you wither and die.

Daí não tem folhas, não tem frutos, não tem nada? É uma árvore seca?

If in your youth you did not harvest anything, you need to reach the end of your journey, look at your hands and have something. I spent my whole life loving and I spent looking for love. When you do not love anything, it is obsolete, now when you love everything it is fabulous and what destroys it is dispensable.

Destaca que a velhice é sempre vista no outro. Não se reconhece como tendo a idade que tem. Justifica que faz coisas que uma pessoa da sua idade (sessenta e um anos) não faria. Diz que é procurada sexualmente. Tem uma vida sexual plena, pois se conhece mais atualmente e sabe escolher melhor o que quer.

A velhice muitas vezes é associada a um conjunto de performances que são desempenhadas caracterizando uma pessoa de velha. Assim como vimos através de Butler (2003), que o gênero é performatizado, peço licença para traçar um paralelo com sua teoria e colocar que a velhice, bem como todos os atos que desempenhamos em sociedade, são também performatizados.

A entrevistada relaciona que ser procurada sexualmente não faz parte do repertório de atos que se espera de uma pessoa sexagenária. Por isso, talvez, não se sinta uma sexagenária. Culturalmente é comum imaginar que com a chegada do

envelhecimento, não haverá mais atrativos sexuais, pois nossa sociedade é baseada na juventude eterna, no corpo definido e sarado. Ser procurado sexualmente significa ser atraente. Portanto, pessoas atraentes não são consideradas velhas.

Ela substitui o termo “velhice” pelo termo “maturidade” e define esse período de seu processo de vida como sendo o encontro com os apanhados ao longo da vida. Considera que esses apanhados são flores que serão transformados em um lindo buquê. Para isso, é preciso ter sensibilidade para prestar atenção aos apanhados feitos.

Apointa a importância de viver de acordo com os próprios anseios ao invés de viver o anseio do outro. Isso deve acontecer não só na velhice como em qualquer tempo da vida. Diz que foi se tornando travesti para se agradar e não para agradar o outro. Acredita que quando se agrada primeiro, tem condições de agradar o outro em seguida. Viver a própria verdade ao invés da verdade do outro. Onde há o controle do outro, há também a resistência própria. Não há poder sem resistência, nem resistência sem poder (Mansano, 2007).

Destaca a importância de ser um ícone para que as travestis mais novas, mesmo que inconscientemente a siga como modelo. Ressalta que não podemos envelhecer, pois estamos aprendendo coisas novas com os outros e consigo mesmo. Provavelmente a entrevistada associe envelhecer com parar de aprender. Logo, não envelhece quem está sempre aprendendo. Portanto, ela não se considera envelhecendo. O constante processo de aprendizagem funcionaria como algo que vai impedir que as pessoas vejam as rugas que surgem em seu rosto. Outra fala importante a ressaltar é que não adianta ser linda com vinte anos de idade, se não tiver nada a dizer. Aqui, associa-se beleza com juventude e sabedoria com velhice. Como se a compensação por ficar “velha” e “feia” fosse a aquisição de sabedoria.

Envelhecer, segundo a entrevistada, também está relacionado a falta de

produção. Ter algo a oferecer impede que as pessoas envelheçam ou sejam vistas como velhas. Isso se dá através da comparação que faz entre uma árvore que pode oferecer frutos e sombra e outra que é sem folhas, frutos e seiva interior. O primeiro tipo de árvore irá atrair muitas pessoas que não irão querer que esta árvore não envelheça. Já o segundo tipo de árvore será solitária e seca.

A idéia do envelhecer também aparece associada à aparência. No entanto, o cérebro, o espírito e o ser não envelhecem nunca. Ou seja, há uma separação entre a mente e o corpo. Tal maneira de pensar foi sendo instaurada ao pensamento ocidental através do filósofo grego Platão (428 a.C. - 348 a. C.) e reiterada pelo filósofo francês René Descartes (1596-1650). Dada tal separação, o corpo (finito) é aquele que envelhece, enquanto que a mente (infinita) pode permanecer imune ao envelhecimento.

Segundo a entrevistada, o indivíduo pode evitar o envelhecimento, quando se faz interessante através de sabedoria, amor, acúmulo de experiências, exemplos a serem dados, conduta adequada e elegância na maneira de se comportar. Relata que na Europa não há preconceito em relação à idade e que inclusive é *chique* um rapaz mais novo sair com uma mulher mais velha.

Esse amor que você fala é o amor uma pessoa e outra pessoa ou o amor por tudo?

Quando você ama, você ama a vida e o amor é uma coisa sem porquês. O amor é incondicional e não conheço alguém que ame incondicionalmente. Você conhece? Nós queremos algo da pessoa amada em troca e isto não é amor incondicional. Eu acho muito difícil amar uma pessoa como deveríamos amar. Eu amo a vida, eu amo o universo, eu enteneço com as mínimas coisas que fazem parte do todo. Será que eu amo um rapaz ou amo algumas coisas do físico dele que me completam fisicamente? Mas, eu acho que só vou amar quando eu sentir que não tenha necessidade de saber o

por que ele não veio ontem ou porque chegou atrasado. Isto é um sentimento de domínio. O amor não gera estes sentimentos, o amor gera paz, gera tranqüilidade, então enquanto eu souber que ele tá feliz, isto será o bastante e não vou precisar saber o porquê ele chegou atrasado, o porquê ele não veio.

Então, aproveitando isto tão bonito que você tem uma vida sexual ativa. Você está em um relacionamento?

Eu estou. Sempre tive. Eu acho que nunca vou deixar de ter um relacionamento porque sempre mistura as coisas e de repente de uma amizade vira um relacionamento... E os meus companheiros sempre dizem que eu sou a culpada que eu sou muito envolvente e eu adoro ouvir isto. Sou super vaidosa, e sou comodista; prefiro uma relação sexual tranqüila de parceiros que conhecem os meus defeitos. Estou falando de defeitos físicos porque você acha que sou uma perfeição aos sessenta anos de idade. Se bem que eu me acho maravilhosa. Tudo bem que eu não tenho o corpo de quando eu tinha vinte anos, apesar de que eu mantenho o meu peso no manequim. Sempre acho que a pele perde aquela firmeza, aquele brilho. Daí, eu prefiro o meu parceiro que me conhece e que desfrute da minha entrega. Eu sou muito completa, muito inteira na minha relação. Eu prefiro me relacionar quando eu posso me dar realmente e você não pode se lembrar que você tem estria ou a bunda dura. O corpo é apenas veículo da nossa comunicação.

Fala sobre o próprio corpo que envelhece e o quanto é importante estar com alguém que a aceite na cama, pois aos sessenta anos não tem mais o mesmo corpo que tinha quando era mais jovem. A aceitação do outro facilitará que ela se aceite e se entregue mais na relação sexual. Ou seja, a beleza e a juventude por si só parecem ser suficientes para se aprovar. Quando se é mais velha, é preciso algo além do aspecto físico do corpo.

Com esse que você falou, você está há quanto tempo?

Não sei. Se lembrar do tempo, vou lembrar do outro. Deve fazer assim uns onze anos.

O relacionamento de onze anos é linear?

Ele é linear porque desde que ele começou, ele nunca parou e não é aquela vida a dois que eu moro junto.

Você tem este tipo de vontade?

Acredito que é mais cômodo pra mim.

O que?

Que ele tenha a independência dele e eu a minha.

Você está satisfeita assim?

Imagine você onze anos com um homem na mesma casa. Eu sou muito independente. Por eu ser muito independente eu não sei lidar com pessoas com muitas dependências e eu acho que seria um desastre que depende de mim afetivamente. Tenho medo de ser indelicada, de machucar, eu ai acabar me machucando. Do jeito que está, tá ótimo.

Se vocês morassem juntos, o que você chamaria de dependência? Como você vê os relacionamentos dependentes?

Como eu sou uma pessoa madura, eu tenho aquela coisa que as pessoas já vêm a mim com certo incesto na história. Eles são mais novos que eu e eles vêm até o pai, a mãe, sobretudo, mas também a parceira sexual. Eles são menos seguros do que eu. Eles acham que sou uma mulher muito segura, muito forte que eu sei que eu emano porque embora eu adore ser frágil.

Então você está satisfeita?

Estou. Você me pergunta isto muitas vezes. É muito engraçado isto. Eu não estou te repreendendo, nem nada, mas as pessoas acham e criaram a idéia de rejeitar o

homossexual, então eles sentem uma necessidade de que o homossexual diga que não está bem. No fundo, no fundo eles queriam que disséssemos: eu não estou bem! Eu não sou bem comigo porque você me rejeitou, mas à medida que o homossexual está dando a cara à tapa e que está todo mundo saindo do armário, você vai descobrir muito assustadoramente que o número de heterossexuais é muito menor que vocês imaginam. Por conseqüência, o número de pessoas felizes é muito menor que você imagina porque as pessoas felizes são as que ousam ser como eu, íntegra, ela internamente. Ou ela aceita como eu sou ou tchau! Foi isto que eu sempre fiz porque eu sou cidadão que constrói, um cidadão que doa, um cidadão como os outros cidadãos heterossexuais do mundo. Porque eu só não entrei no sistema sou excluída. Meu talento não é aproveitado, a minha inteligência não é aproveitada. Onde será que está este defeito? Será que está em mim? Ou nesta limitação que o heterossexual tem de ver a vida? Sou uma pessoa normal, já tirei dez nas provas, já tirei zero na escola como todo mundo. Já pintei quadros lindos que eu tinha talento para pintar, já cantei. De repente se eu quisesse ser cantora, eu teria ido bem. Eu teria ido bem em muitas coisas, e não fui bem e me dou o luxo em dizer que foi em relação a algum impedimento da sociedade porque se a sociedade tivesse me deixado ser quem eu sou eu teria criado muito mais, teria dado muito mais.

Você falou que você acha que poderia ser mais bem aproveitada na área social. O que você quer dizer com isto?

Em todos os âmbitos da sociedade, como cidadão eu deveria ser mais bem aproveitada. Eu não seria pária. Eu tenho criatividade, inteligência, eu tenho capacidade de aprender. Não vou negar para você, eu tive muita dificuldade por eu ter uma atitude feminina diante da vida. Teve muito preconceito. O defeito não foi meu. O defeito foi dos professores.

Começa lá na escola, né?

Sim, pois disseram que eu tinha que ser padrão. Quem disse que eu tinha que ser padrão porque eu não inventei o meu ser, eu só ousei porque tiveram muitos que se suicidaram ao longo da vida e que criaram famílias mentirosas e infelizes porque não ousaram em dizer não ao sistema, eu vou por ali e fim de papo, e eu fui por ali, quebrei a minha cara. Estou com sessenta anos e valeu a pena sim querido! Eu fiz o que tinha que fazer, e você não sabe o prazer que eu tenho de sair com o meu salto alto o meu bom tailleur e ver que os homens viram todos para me olhar e as mulheres de vez em quando porque não? Valeu a pena eu ousar do que ter entrado no sistema, enfiado bigode de mentira na minha cara, ter falado grosso que seria possível, coçar o saco que faz parte da indumentária masculina.

Por causa do preconceito social a entrevistada alega que sofreu dificuldades. A entrevistada anterior também aponta que as dificuldades da travesti começam na escola, depois na família e em seguida na sociedade como um todo. Sua aparência não condiz com as normas de gênero e o nome social não corresponde com o nome de batismo. Por conta disso, elas já são consideradas seres abjetos e destituídos de direitos. Para saber mais sobre o processo de preconceito que a travesti sofre desde a infância ver (Benedetti, 2005; Bento, 2006; Kulick, 2008; Pelúcio, 2009; Silva, 2007).

A entrevistada considera que é mal aproveitada em relação a suas capacidades, por ter tido uma atitude feminina diante da vida. Diz-se vítima de transfobia. Coloca que a pessoas esperam que aqueles que são excluídos socialmente estejam sempre se sentindo mal, o que afirma não ser o seu caso.

Butler (2003) reflete sobre as pessoas que não se enquadram as normas de gênero sexual estabelecidas quando fala em seres não inteligíveis. São consideradas não

humanas e inexistentes. Dessa forma, é mais fácil ser alvo de preconceito e exclusão. As potencialidades não são vistas, o que é visto é só o estigma (Nunan, 2003).

Agora para gente finalizar você teria alguma mensagem para deixar? Este trabalho será publicado e você teria alguma mensagem para deixar para as pessoas, a sociedade, ou para as travestis ou para quem quer que seja sobre você para o mundo?

Eu não gosto de deixar norma de vida para ninguém porque isto é muito perigoso. O destino existe cada um tem o seu. É muito importante que a pessoa viva com ética, sobretudo ética em relação a si próprio e você não pode mentir para você. Respeite o seu semelhante, o seu momento, o seu tempo porque é muito importante. Você não pode pretender que aos sessenta anos uma pessoa de vinte anos entenda você. Mas, você aos sessenta anos, de preferência, deve procurar entender uma pessoa de vinte anos e amar, sobretudo.

Muito obrigado pela entrevista! Desculpa por alguma pergunta atravessada que eu fiz, mas é que muitas vezes eu estou aqui representando a sociedade.

Muitas vezes não. Você é a sociedade também. E eu estranhamente, também sou. O ser humano é inesgotável. Enquanto a gente está conversando a gente está aprendendo. As perguntas que eu fico respondendo me pergunto: Será que eu consegui entender? A gente vai trocando idéias.

E como foi para você ter dado a entrevista?

Para mim foi uma autodescoberta.

Depois que o gravador foi desligado ela exclama:

Ufa! Agora já posso me despir do meu melhor modelo!

Relata que estranhamente também faz parte da sociedade. Conforme vimos em

Mansano (2007), onde há controle, há resistência. Embora seja vista como uma resistência em muitos aspectos, ela precisa se submeter ao controle em outros aspectos. Portanto, todo poder é uma relação entre o controle e a resistência.

Depois que o gravador foi desligado afirma que já podia “se despir” do seu melhor modelo. Talvez essa atitude sugira que em uma entrevista, por mais a vontade que a entrevistada esteja, por várias razões, ela tomará algum cuidado em dizer o que diz. Dificilmente será totalmente natural. A própria situação de entrevista pode gerar inibição. A lembrança pode ser modificada, de acordo com a necessidade atual daquele que lembra (Halbwachs *apud* Bosi, 1994).

4.3) Terceira Entrevistada

Eu queria que você falasse da sua vida, de você. Fale um pouquinho. O que você quis falar...

Pelo que eu sei nasci oito mesinhos. Eu nasci com oito meses pelo o que contou meu pai. Eu me dava mais com o meu pai do que com a minha mãe. E pelo o que me conta é que eu quase morro porque não tinha incubadora na época em que eu nasci; então faz parte de uma coisa mais espiritual a minha vida porque a minha mãe desesperadamente... Isso foi o que quando eu vim, passei uma turnê pela América Latina e tinha que passar obrigatoriamente por Havana para continuar viagem para outra turnê que iria fazer para Sul América, e logicamente a ver o meu pai, meu pai era oculista e fui no consultório dele, a falar com ele e ele falou: “Você tem que ver a sua mãe, a sua sobrinha, a sua família!” Ele me chamava de fofo porque naquela época eu ainda não estava tão transex, ainda não tava... Yo era um ator. E meu pai falava assim: “Precisa você esquecer esse rancor que você tem da sua mãe, porque sua mãe, mesmo que você não queira deu você a sua vida. Sua mãe pegou as fraldas (minha mãe tinha seios grandes) e ela botou você com as fraldas aqui entre os seios para dar o calor do corpo dela para você poder sobreviver”.

Serviu como se fosse uma incubadora...

Exatamente. Yo era como um rato. Eu vi fotografias minhas. Eu era deste tamanho. Eu vi, parecia um macaco, um macaquinho, um rato, sabe? Era uma figura estranha.

Prematuro né?

Exatamente. Então aí, minha mãe vendo que não adiantava e mesmo o calor do corpo dela não estava dando certo. Tudo isto me contando o meu pai e que eu deveria tirar este rancor que eu tinha da minha mãe porque ela tinha me dado a vida duas vezes e

que tinha parido duas vezes; problemas hormonais, mulher né? E que meu pai que caminhava, caminhava e saiu do hospital e deram um ultimato pra mim porque não estava respirando direito e acho que vai morrer. Você tem de se conscientizar que esta criatura não vai viver. Eles foram caminhando do hospital e pelo o que me contam e hoje não sei se existe mais, não existe mais eu já perguntei, me falaram que não existe este hospital e se chamava Maria Auxiliadora.

Mas era em Havana?

Sou Havaneira! Aí, ela caminhou, caminhou, foi até perto do mar – isto meu pai me contando: “Tire este rancor!!!” Essas coisas de pai defendendo a minha mãe né?

Você tinha quantos anos aí?

Eu estaria para dezesseis anos para dezessete nessa época. Eu comecei muito cedo no teatro. E aí, disse o meu pai – tudo isto contando o meu pai. Levamos você até o mar e principalmente entrando na areia, na pouca areia que tinha naquela praia... Ela olhou para o mar e falou estas palavras que vou te dizer: “Yemanjá! Salva o meu filho!” e me ofereceu a Yemanjá! Eu me emocionei muito com isto que o meu pai falou. Aí, eu falei para ele, Tá bom pai! Eu iria ver a minha mãe em casa de minha irmã que eu também não me dava com esta irmã.

Você tinha irmã? Tinha mais irmãos?

Tinha muito mais. Yo sou a caçula.

Quantos filhos tinham?

Morreram dois, ficaram oito. E eu tenho muitos sobrinhos, filhos de todos os irmãos. Muitos! Muitos! Muitos! Bom, então falei, eu vou, vou em agradecimento. Você me fala tanto de minha mãe. Eu comprei um presentinho para a minha sobrinha Maggie, a filha da minha irmã que dizem que já faleceu. Depois conto o porquê. Tinha uma latinha de dólar, então tá valendo. Então, comprei uns presentes com os dólares que tinha, tomei

um táxi e fui até o bairro que morava a minha irmã. A maioria das casas em Cuba, em Havana e os prédios não são muito altos, são pequenos. Os únicos prédios que tem altos, altos, altos são os hotéis. Mas, as casas mesmo, o cidadão havaneiro moramos em ...

Casas pequenas...

Sobrados. Daí eu subi, bati na porta e saiu uma empregada com aquelas toquinhas que usam as empregadas.

Um uniforme, tinha uniforme...

Minha irmã adorava. Era muito metida à chique! Por causa da família de meu pai. A família do meu pai era muito bem de vida, a maioria dos irmãos do meu pai, inclusive isto é um orgulho que eu tenho é que o irmão do meu pai foi o ícone do teatro cubano em Havana e até hoje tem um nome.

O nome dele é?

Sergio Acebal. Aquela mulher me olhou de em cima embaixo e viu uma mulher... E falou um momento, fechou a porta e foi chamar a minha irmã. Minha irmã não gostava de mim e dizia que eu era muito marica, muito pintosa. Eu era marica natural, não era aquelas (desmunhecando). A minha fisionomia você vê. Eu não tenho cara máscula. Naquela época mesmo andando de homem, eu não tinha cara máscula. Não precisava fazer assim para dizer que eu era. Quando minha irmã ficou sabendo que era eu, a empregada falou é assim, assim, assim, é marica! Ihhh! Minha irmã falou já sei quem é! Mande entrar pela porta de serviço. Yo fiquei puta!!! Mas eu respondi pra mim: calma! A minha mãe saiu. A minha mãe saiu, mas ela não abriu a porta, ela ficou assim, com a metade do corpo para dentro e a metade para fora. Foi aí que eu fiquei mais puta!!! Comecei a xingar, comecei a puta que pariu! E eu sou bicha, sou maravilhosa, sou uma estrela e viajo países e vou continuar viajando e vai tomar no cú!

Toma! Esse presente é para a minha sobrinha! Tchau! E ela não sei o que... E eu, nunca mais fales comigo!!! Fui embora. Já tinha despedido do meu pai. Eu fazia uma dupla, eu com uma mulher. Fazíamos dois programas de televisão em Havana. Fizemos mais uns quinze dias que seria de teatro e embarquei para o Panamá. Isto foi no fim de 1954 para 1955. Veja quantos anos que já sou profissional. Daí fui para o Panamá, já tinha despedido do meu pai, não tinha falado nada com a minha mãe e começou a minha carreira de viagem que comecei mais e aí que comecei a minha experiência de vida. Foi passando-se os países e fui viajando. De Panamá fui Nicarágua, fiz teatro em Nicarágua. América do Sul; do Brasil para baixo, muito pouco, muito pouco... Está um pouquinho melhor Costa Rica, Guatemala porque na minha época não era nada agradável, mas eu fiz, tinha que trabalhar e queria ter conhecimentos teatrais e você para ser alguém, você tem que trabalhar. Daí, fui viajando e fiz treze países da América do Sul até chegar no Brasil. Cheguei no 1958 no Brasil quando estava Juscelino Kubitschek; ôôô Brasil.... me apaixonei pelo Brasil. Quem me trouxe para o Brasil foi Walter Pinto do Teatro de Revista. A Rogéria sabe isto porque a Rogéria me conheceu nesta época. Fiz com Walter Pinto dois anos. Teatro de Revista com Eva, J. Maia e o Teatro Rival quando estreou o Teatro Rival com Costinha, o cômico. As vedetedes todas da época. Trabalhei com muitas estrelas. Conheci a Consuelo Leandro, fiz amizade com a Consuelo Leandro, depois mais tarde trabalhei com ela. Foi se passando os anos, aí veio a maldita da ditadura do Brasil. Aí acabou-se o teatro e cada um fazia o que podia para sobreviver. Todo mundo sabe o que aconteceu no Brasil com muitos atores, com os artistas, sobretudo. Aí tive que me virar feito uma cadela velha.

A entrevistada relata sua complicada relação com a mãe e sua irmã que não a aceitavam da forma como era. Pessoas consideradas não inteligíveis socialmente em

relação às normas de gênero são vítimas de preconceito, principalmente na família. Elas são consideradas seres abjetos, invisíveis e não humanos. Tais histórias de exclusão são comuns na vida de outras travestis e transexuais.

Mas você nesta época ainda não tinha feito a sua transformação? Como foi e quando?

Foi em 1958. Eu fiz. Havia uma cúmplice da minha mãe no Brasil, então, ela sempre me ameaçava porque eu sempre no carnaval no Rio, eu morei oito anos no Rio. Morei oito anos. Então, mesmo que eu viajava, vinha para São Paulo, fazia televisão em São Paulo, fiz Recife, Bahia, enfim, ela não me deixava em paz, ela sabia que eu gostava de me vestir de mulher e eu sempre me vestia no carnaval. Aí eu conheci a famosa Coccinelle. Francesa! Essa Coccinelle era amiga de um transformista e trabalhou comigo e com o Walter Pinto e se chamava Ivanah. Tu deve conhecer essa história de Ivanah, foi famosa em São Paulo.

Conheço a de Coccinelle. Até a cito na dissertação.

Coccinelle me conheceu por intermédio de Ivanah e Ivanah falou assim para Coccinelle, “olha Córdoba é super transexual, tem cabeça de mulher e a fisionomia também”, e Coccinelle pegou abriu a bolsa dela, a pochete e me deu hormônio. Foram os franceses que descobriram os hormônios. As transex francesas sempre foram as mais perfeitas do mundo. Era uma coisa! Olha! Coccinelle... Jean Bella... La Bambi que era amante daquele ator francês, como se chama? Aquele que fez muito filme? Ai como é o nome dele? Me esqueço de vez em quando o nome... Ela foi amante dele e era transex.

Alain Delon?

Alain Delon. Foi amante dele. Ela fez um filme com ele. Bambi! Ela era linda! É que Coccinelle se sobressaiu porque sempre tem uma que fica mais estrela que a outra.

Eram todas lindas, a Jean Bella era perfecta. Como se chamava? E a Rogéria trabalhou ali também. Não me lembro qual o nome da boate; uma boate pequenininha... Le Carrousel de Paris! E então, yo comecei a tomar hormônio. Como era de menor ainda, a amiga da minha mãe apareceu no país, queria me levar para Cuba porque ficou sabendo que eu tinha um romance com um homem que essa filha da puta pegou e ligou para a minha mãe e disse: “Ai... Seu filho está com um homem!!!” E a minha mãe ficou louca!!! “Não, não! O meu filho viado, não!” Então, ela foi atrás de mim para encher o meu saco! Como eu briguei com a minha mãe e eu tinha medo do que a minha mãe ia fazer comigo, entende? Me ameaça muito!

Essa senhora, deixa eu ver se eu entendi. Ela era muito amiga da sua mãe? Era como se fosse uma comadre, uma...

Puxa saco do caralho!!! E eu estava com dezenove anos ainda e na minha época até os vinte um, você é de menor. Nos anos 50 aqui no Brasil, até 60, 70. De uns anos para cá que é maior, mas não é! Pra mim não é! Os vinte e um! Mas fizeram essa lei; os políticos; os meninos tenham voto. Para ganhar voto!

Depois diminuiu para dezesseis até! Facultativo, mas foi!

É, pois é! Depende do que eles fazem! Isso politicamente! Então, comecei a me transformar em mulher! Não foi de repente. Estava esperando cumprir vinte e um. Pero, um dia, eu fiquei dois anos tomando hormônio. Foi em 1958 eu já estava com seios já! Não muito grande. A mim nunca me cresceu muito grande, não tenho seio muito grande; eu nunca tive, me entende? Um belo dia ela me abriu a blusa: “Ai você tá com teta! Ai... vou falar para tua mãe!” Olha, pode falar para minha mãe. Está faltando muito pouco tempo para eu ter os vinte e um. Estava com vinte já! Ela: “Você está louco! Bicha, você está louco!” Bicha louca do cú da cabeça, ela falava, como boa cubana né? Eu to louca do cú, da cabeça, mas eu tenho a minha cabeça louca de

mulher! “Mulher sou eu!” Ela falava... Sempre falava isto pra mim! “Mulher sou eu com buceta!” Mas, a buceta minha tá aqui! (aponta para a própria cabeça). Quando eu cumpri os vinte e um, você vê, ela ficou doente. Ela não podia trabalhar. Eu me escrevia com o meu pai. Meu pai sempre me escrevia e minha mãe mandava as cartas dela sempre dentro das cartas do meu pai e eu não respondia pra ela, eu respondia pra meu pai.

E aí a puxa saco ficou doente?

Porque ela fez um aborto. Ela ficou grávida de um cara aí que não sei que caralho é e não me interessa, nunca me interessei dos amantes dela. Fez um aborto e passou mal. Eu tava no Teatro Rival e Carlos Gil que agora faleceu, e que ultimamente estava de figurinista na Globo, ele foi fundador do Le Girls do Brasil.

E a Rogéria participou?

E eu também! Aí, ela falou assim pra mim: “Olha, Córdoba! Você não está mais assim para entrar em cena. Você parece uma mulher macho! Todo mas é mulher? Homem? Uma mulher vestido de homem?” Tava muito feminina para entrar. Eu apenas cantava. Para entrar cantando você tem a voz muito feminina quando você fala e cantando é pior. Por que você não se veste de mulher?” Porque eu tenho contrato com Américo Leal, dono do Rival. Eu te faço a roupa, você compra um aplique. Eu sei usei meio o cabelo como aquela peruca que eu usei hoje, meio assim usava. Você usa um aplique, eu te penteio, você se maquia muito bem; entra em cena e faça o mesmo que você faz de homem faz de mulher, normal, vestida de mulher fica melhor! E foi o que eu fiz. De repente, ele me fez a roupa em uma sexta-feira e eu não disse para ninguém, ninguém do teatro, nem mesmo o nosso querido que já morreu que é o pai da Ângela. A Ângela Leal é filha dele. Ele deixou o Teatro Rival para ela e para a filha dela, a neta dele, a Leandra Leal. O Leal estava sentado na primeira fila com um empresário que tinha

casino em Manaus. Eu entrei e o Leal fez assim (assustado) e se encolheu na poltrona. E o homem: “Ai! Que mulher é esta! Que sensualidade! Que bonita!” Imagine... Eu era mais jovem e com vinte um anos era um escândalo! Se ainda com a idade que eu tenho todo mundo fala que eu sou bonita, imagine naquela época. Ele: “Ai! Que mulher grande!” E não se atrevia dizer que eu não era mulher.

Desculpa eu perguntar... Você pode falar a sua idade?

Eu tenho setenta e dois anos. Siete dos años querido... Aí, aconteceu que o cara queria me levar para Manaus, aí o Leal tinha que falar, ele: “Olha! Não é mulher...” O cara: “Como?” “E é a primeira vez que entra em cena. Eu contratei com uma dupla, a dupla ficou doente e ficou ele sozinho”. “Ai! Ela é maravilhosa!” É a primeira vez que estou vindo de mulher e o Leal não sabia como falar porque tinha como falar porque dois anos trabalhando com ele e eu sempre entrando de homem. Então, primeira vez ele ficou surpreso. Bom, tá bom, vão levar e levamos na companhia, e o cara queria me foder de todo o jeito. Não estava nem aí que não era mulher, mas queria porque pensava que era uma glória, uma gostosa e era. Era gostosa. Eu tinha um camarim sozinha. “Bicha, você é atrevida!” Eu respondi, Eu queria ser mulher Leal há muito tempo! “Que nome você vai usar? Porque eu não posso de anunciar como Felipe D. Córdoba. Tem que mudar o nome para mulher. Maria?” Eu, não! Eu te trago. Tira o cartaz o nome masculino, segunda-feira eu venho a cá e te trago o nome que vou usar de mulher. Ai, ai, ai. Eu não esqueço nunca mais da Aline, já falecida. “Ai, ai, ai. Essas bichas são todas loucas; essa louca vai fazer o que? Você vai usar que nome?” Eu disse, calma! Eu morava com uma bicha que era amigo meu de muitos anos que era costureiro, era uruguaio e eu sempre gostei de estudar teatro. Eu lia muito e eu tinha a mitologia grega que me roubaram inclusive. Aí eu falei para José, que é falecido também. Bicha, eu vou começar a fazer teatro de mulher. “Como?” Ele me viu

chegando de mulher e no prédio o porteiro ficou assim (assustado); ele sabia que eu era bicha, mas, de repente, de salto alto e de mulher entrando no prédio, todo mundo ficou assim né? Eu entrei linda, aí o José: “Você veio pela rua assim de mulher?” Eu falei sim! “Tu é atrevida, só no carnaval que as bichas se vestem de mulher!” Eu vou andar de mulher! “Ai! Felipe!” Tira que eu vou tirar este nome! Yo vou usar outro! Abri e comecei a ler a filosofia e disse: olha tem Electra, bailarina; é lindo Electra. Posso usar Córdoba ainda? “Claro!” Porque eu tenho um nominho em teatro por causa de Felipe D. Córdoba porque Córdoba tem que ficar! Electra? Não gostei... Fui vendo as deusas do Olimpo. Mas aí, uma das páginas vi incesto, Phedra. Eu olhei e aquilo (explosão). A minha espiritualidade, já que me deram para Yemanjá e é ela que me domina, e eu falei assim: Phedra! “Tu tá louca?” Tô! Olha como é forte: Phedra D. Córdoba! “É Forte! É seu nome que irá abrir meu caminho de novo ainda para o teatro! E nasceu Phedra D. Córdoba em 1958 no Rio de Janeiro. E, depois viajei para Manaus, fiquei dois meses em Manaus abalando Paris! Dava muito! Os homens todos queriam me comer! Eu dava! Gozei muito! E a Phedra que está lá está aqui agora! Essa é a minha história!

Para se tornar inteligíveis aos requisitos culturais, muitas transformistas que trabalhavam no *show business* e teatro de revista da época acabavam se transformando através de hormônios ou mesmo cirurgia. Muitas eram consideradas ambíguas em relação ao que as ciências biomédicas definem como sendo pertencente ao gênero “correto”. Ter fisionomia considerada de mulher em um corpo biológico de homem é tido como ambíguo e passível de correção pelas próprias transexuais e travestis.

Quanto mais próximas estivessem do gênero que estavam representando, menos eram rechaçadas. Tanto é que ouve da amiga da mãe que ela (entrevistada) não era

mulher, pois não tinha vagina. Mais uma vez há referência ao que Butler (2003) denominou de gêneros coerentes ou inteligíveis.

Outro aspecto abordado foi que no Brasil antes da década de 1960 em geral, os homens só se vestiam de mulher no carnaval. Caso fizessem isso fora desse contexto, poderiam ser presos. A revolução sexual da década de 1960, cirurgias de redesignação sexual e o aparecimento dos hormônios femininos contribuíram para que lentamente aquilo que chamamos de transexuais e travestis, fossem surgindo lentamente nos grandes centros urbanos. Por razões complexas, muitas acabaram se voltando para o mercado da prostituição (Green, 2000; Trevisan, 2000).

No final do trecho acima a entrevistada diz que a Phedra que estava lá, está aqui agora. Para o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), é a história de cada um que nos constitui. Só somos quem somos, pois fomos o que fomos. O tempo é uma dimensão do nosso ser. O tempo está no nosso corpo; ele nos situa em relação ao passado pela memória, presente pela vivência e futuro pela imaginação (Chauí, 2003; Merleau-Ponty, 2006).

E de 1958 para cá?

Porra!!! Fiz muito show, cinema! Só parei um pouco na época da repressão querido!

Ah, então isso que eu ia te perguntar. Como que era?

Repressão eu tive...

Você tava falando que no teatro...

No teatro eu tava fazendo com Jofre Soares. Você lembra de Jofre Soares?

Sim!

Marcos Granado que era da TV Tupi, eu fiz a Corcunda de Notre Dame do famoso francês né? Sabe quem é né? Fiz a Cigana Esmeralda do Corcunda no Teatro das

Nações. Aí, cismaram com peça, diziam que era comunista e acabou! Militar era tudo metido a santo, só que na verdade eram tudo putanheiro!

Mas o fato de você ser trans, eles não implicavam contigo?

Não podiam implicar porque eu sempre tive pessoas que me defendiam. Eu soube me defender muito bem. Yo era uma puta fina! Sabe como é? Eu sabia vender o meu corpo e queria que me pagassem muito bem e me pagassem bem até na política! E foi o que eu fiz!

E o fato de você ser cubana, isto já te comprometeu?

Todo mundo me protegia. Yo tinha um chefe de polícia do Rio de Janeiro que era meu amante. Ele vivia comigo e me comia muito! Eu gostava dele, ele gostava de mim. Ele me protegia!

Pode se dizer que ele foi um amor que você teve...

Não, não, foi!

Foi o grande amor da sua vida?

Foi amor, mas ele era muito perigoso porque todo o policial, sobretudo delegado de polícia são perigosos, muito perigosos! Eles matam quando eles não querem e dão tiro; eles são policiais e são corruptos até hoje querido... Agora está pior, qualquer militarzinho mata! Imagina os delegados... Ele me mandava muito, ele queria me mandar, ele queria me governar. Eu sou de um signo, de uma personalidade que não gosto que me mandem. Você já notou como eu sou? Sou difícil! Difícil de falar comigo. Eu sou uma pessoa muito difícil; sou problemática. Não tenho problema nenhum psicológico. É que eu sou muito orgulhosa, não sei o que me nasce de dentro para fora! Tem pessoas que não gostam de mim por causa disto no teatro. Têm muitos que me admiram porque a personalidade minha é muito forte e eu chego em um lugar e eu domino. Tem pessoas que com isto não gostam e acham que eu quero me sentir. Acho

que isto meu, nasceu comigo. Eu acho que sei lá, vamos acreditar que foi que minha mãe me deu para uma rainha e minha cabeça está muito em rainha. Mas, eu não me sinto uma rainha, é que eu ajo como ela. Eu quero e eu tenho que sair com o meu. Eu sou lutadora, eu lutei muito. Eu vou mudar de sexo, e mudei! Aos trancos e barrancos, eu mudei! Quando eu falei no Rio de Janeiro para as pessoas que eu iria usar Phedra D. Córdoba e que esse nome era um nome forte e as pessoas começaram a tirar sarro de mim. Olha lá a louca!

Você falou uma coisa interessante que a buceta está na cabeça. Está mesmo na cabeça?

E está na cabeça e acabou!

Eu lembro que quando conversei com você há um tempo você falou que na época a operação era uma castração e por isto você nunca fez.

Sabe o que acontece Pedro? Eu estive com algumas operadas e eu cheguei a um cálculo que nós podemos ser e nos sentirmos mulher e que a gente nunca vai ser mulher. Podemos nos sentir mulher, ser muito feminina, não ser uma bichinha. Você tem que saber sobreviver e levar a sua vida e ter personalidade para encarar isto. Eu encarei muito fortemente isto! Eu me defendi com a minha própria defesa. Veja bem, uma coisa que eu vou dizer pode até se dizer que é loucura minha. Tem muita travesti que vai atrás de mim que elas me imitam e querem ser mulher por minha causa. Teve várias aqui. Cláudia Wonder não! Cláudia e eu éramos amigas. Eu digo das novas. A Maria Clara, essa que se operou há pouco tempo. Ela é mulher por minha causa! Ela disse: “Quando eu vi você e vi sua reportagem”. Ela aí, você pode ser como ela! Você nunca vai ser igual a ninguém amor... Eu sempre falo isto para a Maria Clara até hoje! Não imites a ninguém, seja você mesma! Tenha a sua própria personalidade. Não vá no caminho das outras, porque eu não sou igual a você, eu não penso igual a você, eu ajo

diferente de você. Eu trabalhei diferente a você. Eu tive que enfrentar muita coisa que você não enfrentou e não vai enfrentar! A não ser que você vá para a Europa e seja puta como muitas fazem. Que você vai ter que jambrar! Mas assim ela é funcionária pública, ganha um ordenado e foi operada porque tinha dinheiro. Entraste num cinema e mostrou a buceta porque foi operada. Eu já não. Isso há pouco tempo que eu falei isto para ela aqui. Eu não! Veja bem, eu fui isso, isso, isso, isso, yo entrei em cena, me vestia de mulher e o meu contrato não era como travesti, era como ator, bailarino e cantor. Entrei! Falei: vou! Meu nome vai ser marca! E você está seguindo o meu caminho porque você viu uma reportagem que um amigo teu falou: “Aaaaa! Phedra! Olha ela aí!”. Não me imite, não seja igual a mim! E eu abri um caminho para vocês. Eu não abri porque eu quis. Eu não sou Cláudia Wonder! Falei bem assim pra ela. “Ai! Phedra!” Eu não sou Cláudia Wonder! Eu não defendo ninguém! Eu defendo o meu! Posso ser até egoísta, eu falei! Sinto tanto... Se vocês querem o meu caminho, o problema é de vocês!

Então, você não se considera um ícone?

Yo no! Eu me considero uma lutadora que lutou por si para viver a vida que eu queria ter. Yo sou feliz bicho, muito feliz! Não tenho dinheiro, mas eu me visto bem! Como bem, me mantenho bem e tenho muita gente que gosta de mim como eu sou! Tenho amigos, entende? Por que? Porque os amigos os que eu tenho são verdadeiros porque vêem o meu modo de ser e que não sou hipócrita que eu tenho um caráter reservado, mas que quando sou amiga, sou amiga. Isso faz que o ser humano que tem uma visão um pouco mais aberta e espiritual vê que eu sou sincera e que sou autêntica. Eu sou autêntica, entende? Eu nunca quis ser miss de nada! Nunca! E no Rio quando eu comecei de mulher e já andava há três anos. “Ai! Vamos! Desfila! Desfila!” E eu: não! Não é a minha coisa. Você vê sou amiga íntima da Roberta Close. E a Roberta falava:

“Desfila!” E eu: não gosto disto! Ui... Quero ser miss! Não tenho esta coisa de miss! Eu tenho uma coisa da terra! A Elke Maravilha que me diz que eu sou muito terra! Eu sou muito aqui! Quero aqui, não quero uma coroa. Isto que eu gosto, entrar em cena e fazer aquilo e ver a reação do público, e no final eu olho assim, para o público e digo: Essa sou eu!

E falando em teatro que você gosta tanto, você nessa peça que agora a gente viu; você fez o papel de idosa que está em uma cadeira de rodas, catatônica por causa da morte do marido e do abandono de um filho. O que essa idosa faz você pensar sobre a sua vida? Ele mexe com você em alguma coisa?

Ah... Não pode mexer não! Psicologicamente não mexe tanto quanto a outra que eu fiz; aquele era uma esotérica. Essa sou eu uma esotérica que vê as coisas que vão acontecer, e eu olho para a pessoa e detalho a alma que a pessoa tem. Eu tenho coisas assim que eu vejo e falo coisas que vão assim acontecer não sei por que cargas d'água. E porque eu não trabalho esta espiritualidade minha? Aí, eu teria de ser escrava da vida, uma igreja... No candomblé é uma igreja, não é exatamente uma profissão, como se diria é você ser devota daquilo. Eu não quero ser presa a nada. Olha como eu sou!

Você tem a sua própria fé?

Tenho!

Sua própria maneira...

Meus próprios sentimentos. O que existe e o que não existe. Aí me perguntam, o que mais me toca é pensar. Eu to vendo uma novela. Essa novela está sendo escrita por algum médium.

A novela espírita da Globo?

Sim! Escrito nas Estrelas! Me toca muito porque tem algo. Mas a mim eu tenho uma espiritualidade com um certo respeito. Eu respeito isto muito. Meu pai me contou uma

coisa quando eu estava em Havana antes de eu começar a viajar. Ele não acreditava em espiritualidade. O cubano é muito de candomblé , a santeria que eles chamam.

Tem muita influencia africana lá?

Sim! Demais, demais; muita força! E meu pai não acredita, e depois de um belo dia, ele me contou a morte de um outro tio meu, irmão dele, que morreu tuberculoso, era nos anos 40, 50, tuberculoso naquela época já ia embora. Hoje em dia se cura, naquela época todos esses tipos de doenças eram fatais! E ele disse que tava com irmão dele e conversando e disse que o irmão dele pediu, Horácio, nome do meu pai, me levanta um pouco. Meu pai botou o travesseiro e ele praticamente sentado; meu pai era muito bom irmão e muito bom pai. Era completamente... Eu não posso julgar a minha mãe porque eu tenho um caráter meio parecido com o dela, mas acho que meu pai tinha uma alma muito limpa. E essa novela que está acontecendo agora, tá acontecendo uma coisa parecida eu com o meu pai. Nós temos que ter tido alguma outra coisa em outra vida porque é um amor tão grande que às vezes, eu penso assim, agora com idade que tenho agora Yo incestar com meu pai e meu pai era incesto comigo porque era um amor que se tornava quase sexual.

E seu pai não se importava com nada?

No!

Ele te aceitava completamente?

A mim, completamente. Nunca me criticou quem me criticava era a minha mãe. Minha mãe não queria de jeito nenhum. Ela se cortava um braço para que eu fosse macho.

E ele já tinha outros filhos homens?

É! Tem até hoje um no meio que ninguém sabe se ele era ou não era. Pra mim era gay. Mas, como na minha época era tudo... Tampavam! Mas, eu sabia que ele era! A gente se cheira.

No trecho acima a entrevistada diz que nenhuma cirurgia de redesignação sexual vai torná-la mulher. Complementa colocando que se a vagina torna alguém mulher, então sua vagina está na cabeça. Tal argumento vai ao encontro do que a ativista Virginia Prince disse. Contrariando as normas de gênero estabelecidas, que dizem que o gênero deve estar em total congruência com o sexo, Virginia defendeu que o gênero está entre as orelhas e o sexo está entre as pernas (Prince, 1973).

Não se considera um ícone, nem militante, nem *miss*, nem modelo, muito embora diga que grande número de travestis e transexuais a seguem porque querem. Considera-se feliz, pois se percebe como alguém que lutou para ter a vida que queria ter. Disse que acabou abrindo caminho para as outras, mesmo que sem querer, pois defendendo exclusivamente o que era dela mesma, automaticamente defendia o que era das outras. Argumenta que soube se proteger, quando se envolvia com pessoas que podiam defendê-la. Em alguns momentos foi o que chamou de uma “puta de luxo”, o que garantiu sua sobrevivência na época da ditadura militar no Brasil. Atualmente, constata que tem amigos sinceros que a aceitam como é. Disse que o que sempre quis fazer faz até hoje: o teatro.

Agora para a gente finalizar, a sua vida é muito rica e ensina muito. Eu queria que você falasse como você vê as travestis de hoje? As novas, a relação...

Que cheguem como nós. A Rogéria, eu, a Cláudia Wonder. Elas praticamente seguem nós, praticamente seguem nós. Porque como nós já abrimos o caminho praticamente para elas. Rogéria, Cláudia e eu já lutamos por elas.

Sim! Então tá tudo fácil para elas?

Exatamente! Tá demais fácil entende? Nós éramos as únicas que se pintavam na

televisão, reportagens e no teatro e pra aqui pra lá. Agora estou vendo na televisão. Hoje mesmo, vi no programa da Eliana uma mulher linda, tida como a... Um monte de drag e travestis ali no programa dela! Imagina na nossa época? Nós íamos, mas era uma coisa assim, com muito cuidado porque para que não aconteça nada. Hoje em dia... Putz...

Fácil né? Você falou que hoje você se considera uma pessoa muito feliz.

Sou!

Você faz plano para o futuro, você pensa no futuro?

Não pelo amor de Deus! Com a idade que eu tenho eu sempre penso que hora que vai ser que eu...

Vai morrer?

É a única coisa que me deixa meio encolhida, mas eu faço assim Epa! Não, não e não! Porque senão vou ficar muito down, muito... Vou mudar a minha fisionomia, não... O dia que chegar a minha hora e que eu veja os espíritos chegando e que eu saiba que estou indo embora, me dá um time para que eu. Eu quando eu vou ao candomblé, já falei isto para alguns médiuns: quero ir embora tranqüila! Aí o pai de santo falou assim: “Você? Você até vai saber a hora que você vai morrer...” Eu fiquei olhando assim e disse pai tomara que seja verdade porque tenho respeito. “Não tenhas medo porque você vai ter uma saída daqui, limpa.” Tomara, tomara porque eu vejo tantas pessoas sofrerem para irem embora.

E Phedra, como você vê a velhice das travestis?

Pois é! Triste...

Como?

Triste!

Triste?

Muito triste...

Você acha que elas não se preparam, não pensam?

As que se preparam espiritualmente... É que a maioria pensa no seguinte, pensa em ir para Europa, ficar rica, a aparência... Ir para Europa, ficar rica, ter um carro, um apartamento e um bofe. Eu já não penso assim!

Como você pensa?

Não! Não penso! Você acha que yo tivesse pensado na Europa já não tinha saído há muito tempo? Eu tive muito tempo. Teve pessoas que me deram o dinheiro até para eu ir embora! Eu sou tranqüila. Eu nunca fiz mal a ninguém e nunca meti a língua em ninguém, tipo eu sou a estrela. Tem duas travestis comigo aí na peça que são perigosas, e estou trabalhando com elas porque não tenho medo das perigosas. Yo as enfrento! E elas tem que baixar a cabeça porque elas vêem que não sou covarde! Entende? Eu to! Eu faço assim... Oi meu amor! Gosta de trabalhar comigo? Puta que pariu, uma estrela! Porque eu sou, só com uma palavra em cena que você já mostra quem você é. Eu quando entro em cena já mostrei quem eu sou. Só minha entrada, fica todo mundo... O que é aquilo? Você viu? Você gostou da entrada?

Vi, vi! Claro!

Entra todo o público e começam a se mexer. Quando eu entro em cena fica todo mundo (cara de espanto). E você acha que eu não vejo? Quando estou assim eu to vendo todo mundo.

Você falou da morte. Você pensa que você ou você não pensa sobre ela? Ou são coisas que você não pensa? Ficar como essa senhora da peça que você interpreta, na cadeira de rodas e catatônica por causa do marido e do filho que a abandonou...

Tem alguma coisa do tipo?

Bom...

Em relação ao seu final...

Péra, péra, péra! Eu vou te dizer como estou analisando a D. Soledad, o nome dela. Eu estou analisando a D. Soledad que é completamente diferente a mim. Eu nunca ficaria catatônica por causa de filho, de homem, de ninguém porque eu nunca deixei na minha vida, eu decair como ser humano, nunca! Eu nunca deixei ninguém botar um rótulo de viado... Quando ia dizer.. Repete o que você está falando! Ninguém! A pessoa não terminava a frase. Sempre! Então, eu me respeitava então me respeitam. Então, que mais eu posso querer? Então, o que eu mais posso querer se os grandes diretores do Brasil falam de mim, me cumprimentam, fazem assim pra mim e me beijam a mão? Isso para mim é normal, porque eu me acostumei, eu fiz o meu caminho, o meu caminho foi esse! E me fiz respeitar com toda minha vida e não estou dizendo idade agora. A minha vida inteira eu me fiz respeitar por homem, pelo cara que eu estava trepando. Muitas vezes eu falava assim: Olha bem! Você tem dois caminhos para ir ali com uma mulher, ter buceta e ter filho, como você me quer? Eu sempre fui tão dominante que eu falava isto com homens que eles ficavam com medo. Olha bem! Você está me escolhendo você vai enfrentar tudo o que eu já enfrentei. O homem que teve caso comigo nunca foi cafetão, foram melhores do que eu. Tinham posses e trabalho. Eu era menos do que eles. Nossa! Eu andei com o delegado de polícia geral do Rio de Janeiro. Ele estava estudando para ser juiz. Esse advogado era um homem que sabia falar, mas, eu fiz isto com ele. Quando ele me conheceu no baile dos enxutos no carnaval e botou o olho em cima de mim; ele estava com os outros policias dele. Ele me pegou e botou num carro dele e eu falei assim, nunca me esqueço: Sabes o que eu sou né? “Claro é um...” Não falou... “É um...” Disse: uma! Vivi dois anos com ele. E quando ele começou: “porque isto, porque aquilo, você tem que fazer! Tu é mulher!” Si! Mas, não me mandes! Eu posso ser sua mulher, sua amante, você me dá, mas, me dominar, não! Quando eu vi

que ele estava muito perigoso, eu peguei e ó! Me mandei do Rio, fiquei um ano sem voltar para o Rio. Eu mandava o dinheiro do meu aluguel daqui pra lá! Eu fui para o candomblé que sempre freqüentei, sempre! E quando eu falei com mãe de santo de Oxum, que já faleceu, ela que fez o meu buri e eu deitei pro santo nessa época. Eu falei, eu quero que este homem encontre uma mulher e case. Quando ele me viu e veio aqui já estava casado e com filho. “Phedra!” e eu, olá, como tu tá? “Nossa... Você está linda como sempre! Olha meu filhinho!” Aaaah! Que bom! Casou! Eu fiquei feliz porque assim ele levou a vida dele e eu pude seguir o meu caminho e vida.

Muito bem! Agora para finalizar mesmo. Isso vai ser publicado e eu queria saber se você tem alguma mensagem, alguma síntese de tudo o que você viveu e queria passar para as pessoas... Algo... É claro que ao longo da sua entrevista você já falou muita coisa. O que te vem agora, se não vier agora não tem problema...

Me vem que nós temos que olhar para nós mesmos. Olhar para nós mesmos e se policiar. Qual o defeito que eu tenho? Qual a qualidade que eu tenho? E tratar de não fazer mal a ninguém. É o que eu posso dizer. A vida é muito bonita, vamos saber viver, ai que maravilha, não? Então é o que eu posso te dizer!

Então, eu te agradeço pela entrevista, peço desculpas por alguma pergunta.

Não tenho medo de nenhuma que você me fez. Achei que era minha vida mesmo...

Sim era isso que eu queria saber!

E ainda não te contei tudo!

Sim! Porque também nem daria em uma hora...

Veja bem eu saí de minha casa com dezesseis anos em 1954... até 2010! Puta que pariu né? É muita coisa!

Só de Brasil quantos anos?

Cinquenta e dois anos! Cheguei dezoito! Dezenove, vinte, vinte e um... Fiz vinte um

aqui e continuei até hoje aqui. Olha que viajei pra caramba! Já fui para Europa duas vezes e me falaram: “Você ficaria aqui em Paris?” Ahhh Paris é maravilhoso, mas Brasil... Sabe o que é? Vou dizer o por que! Putaria existe em todo o lugar que em Brasil também tem e que eu também trabalhei em puteiro e não sei por que deu esta ilusão desta terra. Os Orixás que tem aqui parecem que são muito meus! É Yemanjá que é cultuada! Isso que ela que me fez ficar a cá. É Oxum! É Ogum! É Xangô! Todos os meus Orixás que eu tenho na minha linha são daqui! E sempre quando vou ao candomblé, eles me chamam. Quando o pai de santo incorpora, toda a vez que vou ao candomblé que não sou conhecida. Eu tenho a minha frequência e também vou a outros lugares para ver. Eu sou tão viva que eu quero ver se é verdade aquilo que me falam, então, vou a outro lugar para ver se é a mesma coisa que me falam. Eu fui em uma em Araçatuba, Araçatuba, não! Sorocaba! Vamos ir agora! Vou com a peça. Tem um cabeleireiro meu que está lá. Ele é de São Paulo, mas está lá; abriu um salão e tá ganhando melhor do que aqui. Aqui é muito grande e tem muitos salões. Ele é o rei lá! “Como você é ator vou te levar em um pai de santo”. Chego lá, o pai de santo incorpora, vem pra cima de mim e me pega e começou a falar comigo. “Minha filha você sabe o que você tem na cabeça?” Não sei... “Olha é um babalô que te protege e te completa a sua saúde!” e fui vendo que tudo que falaram aqui, saiu lá com outro pai de santo, com outra pessoa que não me conhece e que falou. Aí, eu vi que é verdade. Aquele pai é legal, viu bicha... “Ai Phedra, ele falava e você fazia assim com a cabeça! Tá falando tudo para ela o que falou”

Phedra, muito obrigado! Parabéns pelo espetáculo!

Cita o baile dos enxutos, que ocorria no carnaval do Rio de Janeiro, na década de 1950 e 1960 e contava com a presença de muitos travestis. Atraíam a presença de

diferentes camadas sociais. Em geral, só era permitido que homens se vestissem de mulher, nessas ocasiões. Havia concursos de fantasias que ocorriam nos teatros ao redor da Praça Tiradentes na cidade do Rio de Janeiro. Os bailes migram da região central para a Zona Sul. Muitos transformistas surgem no universo do entretenimento e do *show business* em cabarés e boates. A maioria era ligada ao teatro de revista e filmes de chanchada. Apareciam como belas e elegantes. Porém, nas décadas de 1960 e 1970, com o advento do feminismo e a revolução sexual, há um aumento significativo do número de travestis que não eram ligadas aos musicais. Elas começam a se prostituir nos bairros cariocas da Lapa, Centro e Copacabana (Green, 2000; Silva, 2007).

Diz que as travestis de hoje seguem o exemplo dela e de outras veteranas como Rogéria e Claudia Wonder. Fala que foram as pioneiras e tiveram coragem de abrir caminho para as atuais. Esse argumento também é encontrado nas duas entrevistadas anteriores.

A entrevistada não faz planos para o futuro. Esse aspecto também foi encontrado no relato das duas entrevistadas anteriores. Fala que sabe que pode ter uma morte a qualquer momento por causa da idade que tem. Apenas deseja que sua passagem seja tranqüila. Um abatimento surge quando pensa sobre a morte, mas logo ela se recupera e continua sua vida. Diz que as atuais não pensam na velhice, só pensam em viver o momento.

Talvez isso se dê, pois não há políticas públicas que as amparem. Sendo assim, suas existências não são reconhecidas. Elas acabam se tornando invisíveis, pois segundo Butler (2003) são consideradas gêneros ininteligíveis. Portanto, improvisam suas vidas e tentam viver o possível do imediato, já que não contam com garantias futuras.

Ressalta que conseguiu sobreviver graças a seu respeito próprio que fazia que os outros a respeitassem. Disse que sempre se colocou como uma mulher e nunca como

um viado. Socialmente a mulher é mais inteligível do que o *viado* (homossexual) ou a *travesti*. Bento (2006) destaca que quanto mais próxima do gênero feminino a transexual estivesse, mais aceita seria. Porém, a entrevistada considera-se uma artista acima de tudo. Falou que não se deixava dominar por ninguém e gostava de ser livre, característica também encontrada, na entrevistada anterior.

4.4) Análise das entrevistas

A pergunta inicial que a primeira entrevistada deixa para ser respondida é se as travestis se assumem na velhice. Fala que as travestis passam grande parte da vida investindo na construção daquilo que a sociedade chama de feminino desejável. Com a chegada da velhice, os atributos físicos não são mais considerados belos. Esse é o grande impacto que acomete a vida das travestis que envelhecem. Visto que muitas acabam se sustentando através da prostituição.

Destaca que as travestis mais velhas devem servir de espelhos e modelos para as mais novas. É importante que as últimas conheçam a trajetória das mais velhas. Dessa forma, elas reconhecerão que se gozam de alguma liberdade e certo espaço na atualidade, isso se dá graças as mais velhas que “abriram” o caminho. É importante que as mais novas vejam as mais velhas como precursoras. Tal fala também é encontrada entre as outras duas entrevistadas.

A primeira entrevistada coloca que travestis mais velhas tendem a se ocultar. A velhice não é valorizada, inclusive entre as travestis. É como se a travesti perdesse a função. Então, acabam desaparecendo. Há relatos de algumas que envelhecem e voltam a se vestir como homens. Passam por uma espécie de “*des-transformação*”. Outras acabam assumindo outros trabalhos como: costureiras, maquiadoras, bombadeiras,

cozinheiras, cabeleireiras, cafetinas, locatárias, agenciadoras, artistas, etc.

Fala que é importante que as travestis se reúnam em ONGs para se fortalecerem. Acredita que seja fundamental que as travestis mais novas contribuam com a previdência social para que possam ter uma renda na velhice. Acha que elas também precisam voltar a estudar, pois dessa forma aumentarão suas chances de conseguir outros trabalhos que as amparem na velhice. Diz que se houvessem políticas públicas que reconhecessem as travestis desde a mais tenra idade até a velhice, algumas não precisariam se ocultar quando envelhecessem. Lembra que ainda há muito a ser feito.

A literatura antropológica nos adverte que tanto a velhice como o gênero sexual são duas categorias que são revestidas de significados sociais de acordo com a época e o local em questão. Geralmente são categorias naturalizadas, essencializadas e universalizadas. A partir da segunda metade do século XIX na sociedade ocidental, a velhice é associada à decadência física e a ausência de papéis sociais (Debert *apud* Siqueira, 2004).

Travestis idosas que se prostituíam vão sendo consideradas decadentes conforme envelhecem. Logo, perdem sua função na sociedade. Pois sua fonte de trabalho, que é o corpo, não é mais considerado atraente. Beleza e jovialidade se relacionam com produção e atividade. Já o envelhecimento está associado à feiúra, falta de produção e dependência. Portanto a travesti que se prostitui é considerada idosa quando seu corpo não é considerado mais atraente. Conforme a primeira entrevistada, isso acontece por volta dos quarenta e poucos anos de idade.

Beauvoir (2003) faz um estudo comparativo entre tratamentos destinados aos velhos de várias sociedades, em diferentes locais e tempos específicos. A autora constata em sua obra clássica que este pode variar entre respeito em algumas sociedades ditas tribais primitivas à indiferença nas chamadas sociedades industriais desenvolvidas.

Nessas últimas, o velho que não mais produz e se reproduz é relegado ao estado de total inutilidade. Entre a sociedade Navajo, situada no noroeste do estado do Arizona, EUA, há grande elo entre saber e poder mágico. Os mais velhos dessa sociedade são vistos como os detentores de tais características. São reverenciados, respeitados e considerados.

Já as travestis idosas são consideradas abjetas mesmo antes do seu processo de transformação. Atravessam a vida como abjetas. As que atingem a velhice são verdadeiras sobreviventes. Muitas vezes precisam se prostituir para garantir a sobrevivência, quando mais jovens. Suas vidas são marcadas por marginalidade, perigos, doenças, violência, exclusão, drogas e exposição a diversos tipos de risco de morte. São consideradas invisíveis ao longo de toda sua existência, portanto desprotegidas. Portanto, suas chances de atingirem aquilo que chamamos de velhice, são pequenas. Quanto mais o tempo passa para elas, mais invisíveis vão se tornando devido ao acúmulo de preconceito. Ser homossexual, travesti e idosa.

A segunda entrevistada diz que embora ao longo da sua vida seus interesses fossem sempre voltados para a área social e aos aspectos espirituais, confessa que ganhou muito dinheiro com a prostituição. Parece que há certa resistência em assumir a prostituição como atividade vantajosa tanto para a segunda entrevistada, como para a terceira. Fala que atualmente as oportunidades (cursos profissionalizantes) que se configuram nos grandes centros urbanos, são frágeis para as gerações atuais de travestis. Justifica dizendo que o dinheiro que elas ganham com a prostituição é consideravelmente maior do que com outras profissões que possam desenvolver.

Ressalta que no local onde trabalha é vista como um ícone, protótipo e modelo de vida. Percebe o reflexo de sua conduta no comportamento das travestis mais novas que são assistidas pelo Centro de Referência da Diversidade de São Paulo. Acha

importante ser um modelo sem ter que ditar o que deve ser feito, apenas exemplificando. Acredita que a vida não passou inutilmente por ela. Diz que foi criadora de conceitos que nunca envelhecem e que expressam seu estilo de vida. Conta que as travestis mais novas se deparam com ela e percebem que não é nenhum terror envelhecer como travesti, se souberem como.

Considera que é importante ter tido uma boa educação familiar, berço e contato com pessoas eruditas. A partir daí pôde construir sua vida criando um estilo próprio e exemplar para as gerações mais jovens. Inspirou-se em mulheres consideradas inteligentes e pioneiras, que expressam conduta elegante voltada para o bem estar social da humanidade. Declara que é preferível ser considerada elegante em suas atitudes do que elegante apenas por sua beleza física. Não adianta ser linda aos vinte anos de idade se não há nada de construtivo a dizer. Parece que para ela, a idade pode trazer sabedoria e experiências que devem ser compartilhadas.

Não se considera uma sexagenária. Fala que temos a tendência de ver a velhice nos outros. São os outros que envelhecem, pois afinal ela relata que executa atividades que pessoas de sua idade não executam. Diz que é procurada sexualmente até hoje. Sugere que pessoas da sua idade não são procuradas sexualmente da mesma forma que ela é. Percebe-se como alguém que desperta interesse, pois as pessoas gostam de conversar com ela e estar ao seu lado. Diz que com a idade passou a se conhecer melhor, principalmente em relação a seu corpo. Sabe escolher melhor quando está em uma relação sexual.

Com o passar do tempo foi adquirindo maior qualidade na vida sexual e em outros aspectos da vida. Ser mais seletiva em relação aquilo que querem nesse período de seu processo de vida, também foi observado na dissertação realizada por Siqueira, (2004), que estudou o envelhecimento de travestis. A entrevistada ainda aponta que o

período que está vivendo prefere chamar de maturidade e não a velhice. Possivelmente isso acontece por causa do conjunto de significados negativos que a velhice é composta em nossa sociedade ocidental.

Considera que a velhice é caracterizada pelo encontro com os seus apanhados ao longo da vida. A meta é reunir todos esses apanhados e fazer um buquê de flores gloriosas. Para isso, é preciso ter sensibilidade para perceber as flores que são colhidas durante o percurso. Para ela, continuar aprendendo evita que envelheçamos. O aprendizado é um antídoto contra o envelhecimento. Declara que quando aprendemos não envelhecemos.

Reforça que o conceito de envelhecimento fica restrito muito na aparência física das pessoas. Afirma que ser interessante não permite que as pessoas vejam as rugas que aparecem no rosto. Logo, as pessoas não querem que o envelhecimento apareça naquele que é considerado interessante. Dessa forma, ela descreve que a pessoa será como uma árvore com seiva brilhante, folhas, flores, sombras e frutos onde todos irão querer desfrutar. A árvore velha é seca, sem folhas, seiva, brilho, flores, frutos e vazia. Será, portanto, solitária. Faz parte da cultura ocidental, associar velhice à solidão, abandono, exclusão e falta de beleza e atratividade.

Já a terceira entrevistada fala de sua experiência de artista. Conta sua trajetória desde Cuba, onde nasceu até chegar ao Brasil em 1958. Sofria homofobia na família, principalmente por sua mãe. Fala de sua transformação, carreira artística como transexual e envolvimento com pessoas influentes que puderam defendê-la. Relata que nunca quis ser um ícone ou modelo para ninguém. Disse que acabou defendendo a si mesma e conseqüentemente acabou abrindo caminho para as gerações mais novas. Reconhece que acabou servindo de modelo, embora não desejasse.

Associa velhice com morte. Diz que não quer sofrer para partir, porém

considera-se tranqüila em relação a sua morte, pois recebe amparo da religião que acredita: o candomblé. Assim como a terceira entrevistada, muitas travestis que viveram no mundo artístico acabam envelhecendo como artistas. Não se reconhecessem na categoria de travestis nem de prostitutas, e sim como artistas.

Passamos agora a compreender um pouco mais sobre o envelhecimento e as falas acima citas. A velhice nem sempre teve o significado que tem atualmente. Ela varia conforme a época e o local em questão. É uma construção social. Até a metade do século XX os estudos sobre o envelhecimento eram relacionados basicamente ao campo das ciências biomédicas. Acreditava-se que era um processo comum a todos, dissipando qualquer diferença de etnia, gênero, classe social, período histórico, localidade, etc. Com o advento dos estudos por parte das ciências humanas, ampliou-se a compreensão sobre os velhos. O envelhecimento não é natural e igual a todos. Ele é específico e deve ser contextualizado.

A velhice era prestigiada em Esparta, nas oligarquias gregas e em Roma até por volta do século II depois de Cristo. Os jovens e os adultos confiavam e se apoiavam nos idosos quando as sociedades eram tradicionais, estáveis e hierarquizadas. Porém, em sucessivos momentos de revoluções e mudanças permanentes, os jovens substituíram os idosos no comando e nos papéis sociais prestigiados.

Durante a Idade Média a quantidade de idosos não era muito numerosa. Aqueles que sobrevivessem dependiam da solidariedade da família, a caridade pública de senhores feudais e da Igreja. Com o surgimento do capitalismo comercial, por volta do século XVI na Europa, e posteriormente a revolução industrial, os idosos tornavam-se cada vez mais dependentes. Eles precisavam se adequar às novas configurações de funcionamento da indústria e do comércio.

Ao longo do processo, a era agrícola foi superada, a máquina foi suplantando o

trabalho humano, uma nova relação entre capital e trabalho se impôs. Novas relações entre nações se estabeleceram e surgiu o fenômeno da cultura de massa, entre outros eventos. Essa transformação foi possível devido a uma combinação de fatores, como o liberalismo econômico, a acumulação de capital e uma série de invenções, tais como o motor a vapor. O capitalismo tornou-se o sistema econômico vigente. A fase da aposentadoria e o encerramento da produção no mercado de trabalho foram associados à velhice. Os corpos já não produziam tanto quanto em relação a sua juventude. Como continuavam a viver, precisavam ser aposentados, até que a morte chegasse.

As relações socioeconômicas ocorridas a partir da Idade Moderna na Europa começam a definir que a vida não será mais um processo e sim dividida em etapas. A fase chamada de infância surge por volta do século XIII separando-se da vida adulta. A infância caracteriza-se por extrema dependência e formação educacional. A chamada adolescência surge como fase intermediária entre a infância e idade adulta no século XIX. A chamada idade adulta caracteriza-se pela produção máxima de lucros e a reprodução da espécie. Já a velhice recebe a designação de período da degeneração, dependência e prejuízo. No sistema capitalista o ser humano passa a valer o quanto produz. O velho não é visto nem como produtor, muito menos como reprodutor e sim como um parasita inútil.

Para organizar melhor as relações sociais, os diversos ramos da ciência organizaram as idades nas chamadas: cronológica, biológica, social e psicológica. A idade cronológica marca a data de nascimento em anos, meses e dias. Ela nem sempre caminha junto com a idade biológica que é determinada pela interação entre fatores genéticos, ambientais, mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo.

A idade social relaciona-se às normas e crenças, estereótipos e eventos sociais

que controla as pessoas através do critério de idade. A idade social contém o relógio social que determina o que as pessoas numa determinada época histórica, certo grupo social deve ou não fazer. Exemplo: idade de ir à escola, de sair da escola, de escolher uma profissão, de começar a trabalhar, de se casar, ter filhos, de se aposentar, de não usar mais um determinado tipo de roupa, etc. Em geral as pessoas seguem o relógio social, que organiza a sociedade para um determinado fim. A nossa diz respeito ao consumo e a produção. Porém, há aqueles que “desobedecem” o padrão estabelecido. Executam determinadas atividades que são consideradas próprias de outra faixa etária. Exemplo: casar-se, quando “deveriam” estar se tornando viúvos (Debert, 2004; Mascaro, 2004).

Finalmente, a chamada idade psicológica é influenciada por comportamentos decorrentes de transformações biológicas, normas, expectativas sociais e componentes de personalidade, sendo, portanto, algo individual. Porém, para efeitos de estudos populacionais, controle e políticas sociais, a Organização das Nações Unidas considerou em 1985 a população acima de 60 anos de idade como idosa. De acordo com esse órgão internacional é em torno dessa idade que se acentuam as mudanças biológicas típicas de tal fase, a aposentadoria e descompromissos com alguns papéis tradicionais estipulados, também ocorrem (Mascaro, 2004). Dividir a vida em períodos que ditam padrões de comportamento é uma forma de controle da espécie através das biopolíticas (Foucault, história da sexualidade).

Por causa da sociedade de controle, já descrita no primeiro capítulo dessa dissertação, o que é valorizado na atualidade é a juventude. Esta simboliza força, adaptabilidade, criatividade, produtividade, consumo, esperteza, agilidade, versatilidade e rapidez. As chamadas adolescência e idade adulta se confundem. Todos buscam permanecer nos vinte e cinco anos de idade para sempre. O horror à velhice nasce da

sociedade narcisista e do culto ao eu magro e sarado. A velhice é vista como uma ameaça aos atributos admirados e valorizados.

Conforme vimos no primeiro capítulo, o poder não vem apenas do cultural e do capital, ele vem também do culto ao corpo e do enorme consumo que isso gera, alimentando diversos ramos dos mercados ligados a saúde, economia e política. As marcas do corpo interpretadas como marcas de velhice são associadas a marcas de velhice que também surgem na mente. É como se o corpo fosse o reflexo direto de algo que também está acontecendo na mente, ou seja, corpo em decadência será igual a uma mente em decadência (Mercadante, 1997).

O tempo da produção e do consumo segue muito rápido. Não incluem o passado e muito menos as memórias. Projeto de vida e velhice são incompatíveis com as biopolíticas da sociedade do controle. A velhice, em geral, é culturalmente associada com morte iminente e a decadência física. Porém, vem adquirindo importância devido ao aumento do número de idosos. Esta faixa da sociedade está sendo normatizada através do consumo e de padrões de comportamento que lhe são impostos. Para a antropologia o importante é compreender os mecanismos que tornaram a velhice uma categoria social (Almeida, 2003).

Os modelos de velhice valorizados são representados por idosos que enfrentam desafios, fazem projetos para o futuro, mantêm uma agenda completa de atividades, mostram-se criativos, joviais e relutam em se aposentar. Parece que o modelo tradicional de velhice que pressupunha o idoso em casa, aposentado, doente, decadente, isolado e aguardando a morte chegar, está mudando rapidamente. A sociedade de controle impõe que os modelos tradicionais se alterem para se adequar a produção e ao consumo sem limites.

O autoconceito que cada um constrói a respeito de si geralmente está associado

aos papéis que desempenha na sociedade. Com a chegada do envelhecimento o indivíduo é submetido a algumas perdas como aposentadoria e viuvez. Portanto, os modelos da velhice bem sucedida implicam em ocupar o sujeito com muitas atividades para que esse não sinta a perda de determinados papéis.

Outro aspecto a ser ressaltado é que a sociedade de controle procura adequar o sujeito aos ideais de consumo, produção, juventude eterna, corpo sarado, agilidade, independência e atividades constantes. Os idosos são obrigados a se comportar como jovens para serem aceitos. As experiências de vida dos mais velhos não são valorizadas, pois ninguém “pode” mais envelhecer. As transformações fisiológicas inerentes ao corpo humano por causa da ação do tempo são disfarçadas pelas indústrias da moda, cosméticos e todos os demais ramos da saúde.

O envelhecimento está sendo reinventado ao ser capturado pelas novas exigências da sociedade atual. Um novo mercado de consumo é criado prometendo a eterna juventude através de um novo vestuário, formas de lazer, estilos de viver, relação com o corpo, família e amigos. Não há espaço para o modelo clássico de velhice que é representado por doenças, decadência física, dependência e finitude. Portanto, essa “nova” velhice aparece agora transvestida de termos como “terceira idade”, “melhor idade” e “maior idade”. São novas categorias construídas socialmente, que incluem novos consumidores que não desejam se perceber como idosos padrões.

Esses novos conceitos sobre o envelhecimento sugerem que esta é uma fase da vida que reflete a continuidade de um processo e não mais uma etapa final. Quem está nessa fase, é visto socialmente como aquele que está aberto a novos aprendizados, desafios e experiências. Como exemplo, podemos citar a faculdade voltada para a terceira idade. A velhice clássica causa prejuízos às biopolíticas, já a terceira idade gera lucro, pois prega o envelhecimento saudável, produtivo, desejável e aceitável (Debert,

2004; Mascaro, 2004; Mercadante, 1997).

O modelo de velho, durante muito tempo foi construído a partir do oposto ao modelo de jovem. Muitos idosos não se reconhecem nesse modelo, pois o envelhecimento é singular. Negar o modelo estabelecido para que todos envelheçam da mesma forma, inaugura outra forma de envelhecer. Travestis já são consideradas diferentes desde a infância. Atravessam a vida como pessoas singulares que envelhecem singularmente (Mercadante, 1997).

Siqueira (2004) em sua dissertação sobre envelhecimento de travestis levantou dentre suas entrevistadas que apesar de estarem vivendo uma fase mais tranqüila e com melhor qualidade de vida na velhice, salientam que não foi fácil chegar à idade que chegaram. A autora entrevistou cinco travestis entre 59 e 79 anos de idade e que são moradoras da cidade do Rio de Janeiro. Elas relatam que envelhecer com dignidade como travesti não é para qualquer uma. Chegar à velhice como travesti, ainda representa uma posição de *status* perante o seu grupo.

O estudo também ressalta que elas se sentem satisfeitas por serem confundidas com senhoras. Talvez isso ocorra, pois não são vistas mais como pessoas ambíguas. Porém, não basta serem confundidas como senhoras. O importante para essas entrevistadas é constatar que por terem vivido da prostituição, atualmente são senhoras bem sucedidas que escaparam da contaminação do HIV, compulsão pelo uso e abuso de drogas, violência e preconceito. Dizem que transitam por todos os meios sociais, são respeitadas no local onde moram. Ressaltam que cada um envelhece de uma forma e que é difícil generalizar o envelhecimento mesmo entre elas. Costumam se engajar em militância política e auxílio em relação aos problemas do grupo pelo fato de se considerarem pioneiras e experientes.

Reforçam que traçaram seus caminhos de forma original no sentido de

conquistar algum espaço, à custa de muita luta. Ainda contam que servem de espelho e exemplo para as mais novas. Estimulam que essas últimas se engajem na militância, desenvolvam senso de cidadania e auto cuidado. Por outro lado acabam reduzindo seu círculo de amizades e selecionam melhor os contatos estabelecidos. Ainda frisam que apesar da idade, ainda são procuradas sexualmente e desejadas. Finalizam aconselhando que é importante que as mais novas se preparem para a velhice, pois esse período é muito difícil no Brasil, especialmente para aqueles de baixa renda e travestis. Os mesmos achados também foram encontrados entre as entrevistadas dessa dissertação.

Já vimos que envelhecer é sentido socialmente como perda e doença. As ciências investem no controle desse processo atuando nas estruturas microscópicas moleculares das células responsáveis. Os idosos se tornaram objeto de poder e de produção de saber que acabam por controlá-los ditando como eles “devem” viver sua velhice.

Não devemos tomar os valores como dados, mas sim interrogá-los. Procurar saber que relação de forças os produziu, seu sentido e efeitos. É preciso problematizar os valores impostos (Tótora, 2006).

Deleuze e Foucault influenciados por Nietzsche distinguem os sentidos entre ética e moral. Por ética são entendidas aquelas regras facultativas que avaliam o que fazemos e dissemos em função do modo de existência que isso implica. Ética implica no uso da liberdade. A moral é composta por regras coercitivas que julgam as ações com base em valores referenciais, que variam conforme a época e o local em questão (Deleuze *apud* Tótora, 2006).

Os sujeitos se produzem por meio das relações de poder e das formas de saber. O poder é uma relação de forças. Toda força tem o poder de afetar e de ser afetada. As resistências se dão no âmbito dessa relação. A subjetivação escapa às formas de sujeição ou resistência no interior da relação de poder e acaba constituindo-se em uma relação

consigo mesmo, que resulta em formas singulares de existência e subjetivação.

Foucault compreendia estética da existência, como um modo artístico de viver que não segue códigos estabelecidos. Na sociedade greco-romana, a produção do sujeito também estava relacionada ao processo de envelhecimento. Era preciso viver para ser velho, pois só então o sujeito se completaria. Atingir a velhice constituía o objetivo da vida. Portanto, não fazia sentido atribuir um modo específico de vida para cada fase. A vida é processo e não uma fase seguida da outra. Logo, ser velho tornava-se um privilégio: o de ter desfrutado uma longa existência. Não havia o que descobrir. Era preciso se tornar, construir-se a cada instante. Ficar com os próprios desejos e não com os desejos dos outros.

Cada um atribuiria um modo específico de existência. A ética residia no cuidado de si traduzido em práticas e regras facultativas. As práticas que orientavam o cuidado de si tanto na cultura grega como na romana eram diversas. Elas excluía qualquer fórmula universal. Ao cuidar de si, o indivíduo teria condições de cuidar do outro. Se ele poderia governar a si mesmo, então poderia governar uma cidade. Uma pessoa que não consegue se autogovernar acaba sendo escrava de si mesma.

Para o filósofo romano Lucius Annaeus Sêneca (4 a.C – 65 d.C), o momento do gozo de si está reservado àqueles que se prepararam, ao longo da existência, para desfrutar a sabedoria de si na velhice. Criar expectativas é estar sempre na situação de falta. Prazer é estar satisfeito com o que se tem. É ter o senso do limite próprio. Desfrutar do prazer com serenidade em seu justo limite, atingindo a ataraxia e imperturbabilidade do espírito, seja por ausência de preocupações, ansiedades e instabilidades.

O objetivo é fazer o uso sábio e regrado dos prazeres. Para isso é preciso atender aos desejos naturais, ignorar os desejos superficiais e eliminar as paixões. A ataraxia é

basicamente o triunfo da razão do homem. É um estado de espírito onde o homem deixa de temer o divino, a dor e principalmente, a morte. O período do processo de vida chamado de velhice é uma oportunidade para consolidar a autogestão. Envelhecer é um acontecimento digno. Negar a velhice é não ser digno do que acontece. É importante perceber o envelhecimento como um contínuo processo de desenvolvimento e não de espera pela morte.

Na atualidade, o culto ao eu e aos excessos do prazer são estimulados gerando um estado de carência permanente. Já na antiguidade greco-romana, não se atingiria a sabedoria de si sem o combate das paixões e apetites exagerados. O cuidado de si tem o objetivo de se produzir e atingir o próprio modo de ser. A velhice era caracterizada pela plenitude de uma relação acabada consigo (Foucault *apud* Tótor, 2006).

Em nossa cultura atual, que valoriza a juventude, o excesso de prazeres e o culto da felicidade como sinônimo de ausência de sofrimentos, doenças e dores, tornar-se velho é sinônimo de aberração. O tempo é visto como algo linear em direção à morte, tendo a velhice como fase final. Ninguém quer envelhecer. Portanto, através das biopolíticas, as ciências biomédicas se apropriam das estruturas microscópicas do corpo, com o objetivo de prolongar a vida e evitar a morte. É estabelecida a regra de congelar a juventude para todas as idades cronológicas, aniquilando assim, as singularidades (Tótor, 2006).

Conforme já visto, o filósofo grego Aristóteles (384 a.C - 324 a.C.) defendia que tudo era criado para uma determinada finalidade. Os seres apenas existiriam com o objetivo de realizar suas essências. Os valores morais foram transformados em essência natural, inerente a todos os seres. Logo, através da prática e realização dos valores, se chegaria à essência do ser. Porém, conforme vimos através do existencialismo, o homem constrói sua própria essência a partir de sua existência. A existência precede a

essência e não o oposto.

A moral se traduz em leis, normas, códigos e regras que têm a pretensão de controlar os riscos e o inesperado. Para isso toma por base valores que são naturalizados e considerados acima do bem e do mal, atingindo igualmente a todos. Muito embora saibamos que a moral varia conforme a época e o local em questão. Ela tem como meta regular as condutas, substituindo a potência (o que se pode ou não fazer) pelo dever (o que se deve ou não fazer).

A lei carrega um sentido moral, seu princípio é o dever e seu efeito a obediência. Os modelos são reproduzidos e tidos como universais. Exemplo: modelo de velhice e de gênero. Travestis idosas não se encaixam nem no modelo de gênero e muito menos no modelo de velhice.

A ética não se pauta pelo dever e sim pelo conhecimento por meio dos modos de existência que são experimentados nos bons e nos maus encontros. São regras facultativas que orientam as ações. Nelas, o sujeito pode inventar seu modo de ser, fazendo da existência uma obra de arte. Conforme observamos nas entrevistas realizadas acima, a trajetória de vida de cada uma delas se baseou em uma ética própria em detrimento de uma moral estabelecida. Cada uma adotou seu próprio estilo de vida desde muito cedo. Por conta disso, enfrentaram muito preconceito e exclusão.

Para o filósofo holandês Baruch Spinoza (1632-1677), a potência de um corpo varia baseado no seu poder de afetar e ser afetado. O bom encontro se dá quando um corpo se compõe com outro e aumenta sua potência de agir, produzindo afetos de alegria. Nos maus encontros os corpos não se compõem, pois um corpo acaba por subtrair a potência de agir do outro corpo, produzindo afetos de tristeza. As paixões tristes são provocadas pelos indivíduos que desejam nos governar. O único modo de saber se o encontro será bom ou não é experimentar.

É preciso estar de posse da potência de agir. Por isso não sabemos o que pode um corpo. Enquanto não se sabe o que pode um corpo, arrisca-se nos maus encontros. Em geral os indivíduos ficam nos maus encontros, pois acabam se submetendo a moral do que “deve” ser feito, não se permitindo experimentar. O importante é saber o que podemos fazer conforme nossa potência, arte e sabedoria de produzir bons encontros. Livres de preceitos morais o indivíduo terá condições de avançar para uma ética do envelhecimento. A velhice pode nos proporcionar a arte de produzir bons encontros. O tempo passa a ser vivido em sua intensidade e não em sua extensão cronológica.

Devido às experiências já vividas, arriscar-se nos maus encontros na velhice, torna-se cada vez mais improvável. Envelhecer pode trazer alegria ao estarmos de posse do nosso processo de agir. O ritmo e a velocidade de nossas ações são cadenciados pelo grau de intensidade e da potência de que somos capazes. Desta forma, a velhice não é mais encarada como um estado de carência ou perda, mas como o vivenciar de um modo de vida singular (Deleuze *apud* Tótor, 2006).

Para que a velhice de cada um se afirme, é preciso destruir os valores morais que obstruem o livre fluxo da vida. Negar e destruir são condições para se afirmar. Quando se diz sim a vida, é preciso ter audácia para dizer não aos valores morais existentes do “dever ser” que sujeitam os corpos aos jogos de poder dos códigos morais. É preciso aprender a envelhecer para criar novos modos de existência para que a velhice deixe de ser apenas uma fase cronológica pré-estabelecida de padrões de comportamento a serem seguidos. Para isso, constrói-se em atitude para fazer a vida recriar-se a cada instante como se fosse o derradeiro dia. Viver o infinito da vida, no finito de cada instante.

Em *Assim falou Zaratustra* o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) através de seus aforismos filosóficos, fala sobre o percurso de um novo começo para a afirmação da vida. Trata-se das transformações ocorridas pelo espírito do homem que se

torna camelo, leão e por fim, criança.

Transformar-se em camelo representa ajoelhar-se para carregar todos os valores morais e a culpa do mundo. É o “dever ser” contido nos valores morais. Em geral somos formados culturalmente para sermos sempre camelos. Tal como o camelo caminha carregado de mantimentos para o deserto, o homem caminha para o seu próprio deserto carregado de moralidades sociais. O vazio do deserto auxilia no processo de criatividade. Lá ocorre a segunda transformação quando o camelo vira um leão. Tem condições para se tornar o senhor e criador de seus próprios valores. Não será mais servo dos valores alheios.

É preciso destruir valores antigos para criar outros. Para isso é necessária muita força, luta e coragem para ir à cata do grande dragão que representa os valores morais vigentes. O “tu deves” do dragão deve ser vencido pelo “eu quero” do leão. É necessária a força do leão para abrir caminho para a liberdade do inventor. Para criar novos valores o leão sofre outra transformação e se torna a criança, que representa o devir. Essas fases não são cronológicas e, sim experimentáveis a cada instante em que se vive. Elas são parte de um processo contínuo. Liberar-se do peso das imposições morais é o caminho para produção do sujeito ético em sintonia com a sua existência (Nietzsche *apud* Tótorá, 2006).

Travestis idosas aprenderam desde pequenas que os valores morais vigentes não se misturavam bem com elas. Diminuíam sua potência de agir. Enfrentaram desde cedo o dragão da moral social na família e escola. Usando a metáfora de Nietzsche, foram camelos que se refugiaram no deserto, transformando-se em leas que dizem não à heteronormatividade. A partir de então, se transformam em crianças, pois precisam inventar seu próprio modo de viver que é baseado no cuidado de si. Atravessam a vida como artistas e criadoras de suas próprias vidas. Impuseram ao mundo seu jeito de ser,

porém se fazendo respeitar, a custo de muito esforço.

Nietzsche (1999) ainda nos lembra que “matar Deus” simbolicamente é libertar-se das cadeias do sobrenatural. É ser capaz de viver sem esperanças na imortalidade da alma e a existência de um paraíso eterno. O que impressionava o filósofo era como a crença em Deus e na providência parecer diminuir o valor e o significado do homem, levando a desvalorização desse mundo e da vida terrestre em nome de uma possível vida futura de glórias eternas.

Para ele, não se trata de estabelecer ou não, a existência de Deus e de uma vida além dessa. A expectativa da perfeição em outro mundo fez com que os homens se conformassem com as imperfeições desse. É importante não insistir o tempo todo nessa hipótese, pois ela tira o foco da busca de sentido nessa realidade que estamos. Para isso, é preciso viver e aceitar esta vida na sua totalidade, incluindo a velhice e a morte, com todas as suas alegrias e vicissitudes.

O pensador nos adverte que ser digno daquilo que nos acontece é enfrentar a vida sem revoltas, nem negando ou dissimulando as situações. Para atender ao mercado, a velhice está se transvestindo de juventude e disfarçando a realidade. As biopolíticas não permitem que as pessoas fiquem doentes ou envelheçam mais (Giles, 1989).

Para o filósofo, o homem atualmente está em uma situação de passagem incerta. Se há um abismo a ser percorrido, então o homem é a ponte entre as duas margens. Ele é um meio de passagem e não o destino. Atravessar esse abismo envolve risco pessoal e auto-superação. Ao invés de querer entender o significado do mundo, o novo homem consegue impor ao mundo os seus próprios significados e valores morais. Inverte o modo convencional de pensar. Isso é o que as travestis idosas têm feito, desde tenra idade (Nicola, 2005).

Elas percebem que ao chegarem à velhice, se conhecem mais e podem escolher

melhor em diversos aspectos de suas vidas. Dizem que com a idade puderam aprimorar melhor a elegância e a sofisticação para lidar com a vida. Consideram-se mais sábias e verdadeiras batalhadoras, pois alegam não ter sido fácil ter chegado à idade que chegaram com dignidade. Procuram evitar as “más misturas”, justamente por saberem aquelas que aumentam ou diminuem suas potências de agir. São verdadeiras sobreviventes que estão aí na velhice. Suas trajetórias de vida servem como exemplo de luta e construção de uma ética e estética própria de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos, há padrões estabelecidos que respondem a uma determinada forma de organização econômica e social. O que nos importa é saber qual é o impacto que as normas de gênero têm sobre as travestis que atravessam a vida e atingem a velhice.

Seus corpos foram apropriados pelos saberes religiosos, jurídicos e científicos determinando como eles deveriam se comportar. Ao invés de viver o que pode um corpo, são pressionadas a viver o que “deve” um corpo. O trajeto que descreverei não tem a intenção de estabelecer uma regra. No entanto, diante da bibliografia especializada consultada e dos relatos obtidos, pôde-se perceber que os percursos e a dificuldades enfrentadas são parecidas para a grande maioria delas.

Desde pequenas começam a perceber que não estão em um bom encontro em relação ao que é estabelecido. Conforme dados levantados e presentes em diversas passagens dessa dissertação, a exclusão da travesti já começa na família, justamente por não se adequarem as regras sociais. Podem até mesmo sofrer violência por parte de seus familiares.

Acontece um mau encontro que diminui sua potência de agir. O próximo desafio vem na escola. O nome social que elas desejam usar combinado com a aparência são elementos para que sejam rechaçadas na escola, tanto pelos colegas como professores e demais funcionários. Muitas relatam que por causa disso, não conseguem terminar os estudos.

Ao mesmo tempo, saem de casa ou são expulsas, encontrando nas travestis mais velhas a referência para construir seu modo próprio de ser. Travestis mais experientes

terão um papel importante na vida das mais novas. Ajudarão a construir os novos corpos, estilos de vestir e formas de ser das novas travestis.

Devido à dificuldade de encontrar um emprego, por causa da aparência, aliada a baixa escolaridade, acabam se prostituindo para sobreviver. Precisam modelar seus corpos de forma quase que clandestina e arriscada, pois não contam com políticas públicas de saúde que as amparem. Isso exige altos investimentos, pois quanto menos considerado ambíguo e atraente for o corpo, menos discriminação e maiores os ganhos financeiros.

A condição de seres patológicos que são colocadas facilita que a sociedade não as veja como humanas e sim como seres abjetas. Em sua maioria, são consideradas aberrações, sujeitas a tratamento, punição ou até mesmo extermínio. Desde cedo seu drama como não humanas já começa e se arrasta até quando conseguirem sobreviver.

As que conseguiram driblar os riscos inerentes ao contexto existencial de marginalidade, precisam adotar estratégias. Para isso, seguem um estilo próprio de existir. Não há como generalizar sua forma de lidar com as adversidades da vida. Cada uma terá seu jeito próprio. Além de ter sobrevivido, chegar à velhice é também sinônimo de referência, exemplo e alerta para as mais jovens.

Ser travesti na atualidade não é o mesmo que ter sido travesti antes da década de 1960. Se um homem saísse na rua vestido de mulher, geralmente era preso. Não havia hormônios nem silicone. Porém, mesmo assim, muitas podiam ser travestis durante os bailes de carnaval. Outras se tornavam artistas, o que possibilitava que pudessem ser mais travestis em um contexto de artes cênicas. As prostituições eram veladas e sutis, conforme acompanhamos nos relatos de vida de duas de nossas entrevistadas.

Após as revoluções sexuais ocorridas no final do século XX no mundo, os conceitos de família e gênero sofreram profundas transformações. A travesti passou a

ter mais espaço. Saiu da clandestinidade e começou a se prostituir nas ruas dos grandes centros urbanos. Assim como os jogadores de futebol, muitas saíram de contextos socioeconômicos mais humildes. Como prostitutas, galgaram espaço nos grandes centros até chegarem ao exterior. Lá, precisavam ganhar muito dinheiro em curto espaço de tempo, para que pudessem ter um futuro.

Quando não pudessem mais viver do corpo, já seriam consideradas velhas. Para as travestis o conceito de velhice está vinculado ao trabalho que desempenham como prostitutas. Enquanto trabalham são úteis, produtivas e, portanto jovens.

Conhecer suas trajetórias de vida possibilita identificar quais são os pontos mais críticos onde não há qualquer amparo existencial. Elas são grandes improvisadoras, visto que não são reconhecidas como pessoas humanas. Precisam inventar suas vidas de forma original. Como não “existem” perante a lei, estão sujeitas a todo tipo de violência e aniquilamento. Quem as defenderá?

Essa pesquisa detectou que é preciso haver políticas públicas que as amparem, começando pela família e escola. Depois necessitarão de políticas de saúde que as auxiliem em seus processos de transformação corporal para que não tenham que se arriscar clandestinamente com silicone industrial e ingestão hormonal desregulada. Em seguida está outro grande desafio: sua profissão e meio de sobrevivência. Ocupações onde não precisem se arriscar a doenças e violências. E que se assim for, que seja por escolha e não por ser a única forma de sobreviver.

Por fim, as políticas públicas continuarão amparando suas velhices, pois se adequarão às necessidades específicas de cada travesti que envelhece. Embora sujeitas aos mecanismos de controle, as políticas públicas dão reconhecimento e condição de existência para as travestis.

Existir por meio de políticas públicas, as retira da situação de marginalidade e violência. Alegam que muitas vezes são violentas, para se defender da violência que sofrem por serem invisíveis.

Vemos que o assunto é muito complexo e que há muito ainda o que ser feito. Estou satisfeito com os resultados desse estudo, pois o primeiro passo já foi dado: começar a conhecer quem elas são. Trazendo-as a visibilidade, teremos melhores condições de traçar políticas específicas que as amparem desde tenra idade. Convido todos os pesquisadores interessados nesse assunto a continuar esse trabalho gratificante e desafiador.

ANEXOS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- ALBUQUERQUE e JANELLI, **A princesa: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995
- ALMEIDA, Vera Lúcia Valsecchi de. Velhice e Projeto de vida: possibilidades e desafios. In: **Velhice, envelhecimento e complex(idade): Psicologia, subjetividade, fenomenologia, desenvolvimento humano**. CÔRTEZ, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth F; ARCURI, Irene Gaeta (Orgs.) São Paulo; Vetor, 2005 p. 93-110.
- ÁRAN, Márcia *et al.* “Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler”, In: cadernos pagu 28, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acessado dia 30/08/2010
- BARTON, Ben F., e BARTON, Marthalee S. “Modes of Power in Technical and Professional Visuals”. In: Journal of Business and Technical Communication 7.1, 1993 138-62.
- BAUER, Martin *et al.*, **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis: Vozes, 2002
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003
- BENEDETTI, Marcos **Toda feita – O corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005
- BENTO, Berenice **A reinvenção do corpo**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006
- BENTO, Berenice **O que é transexualidade?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2008
- BERGER, Thomas e LUCKMANN, Peter **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004
- BERGER , Thomas e LUCKMANN, Peter **Construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2006
- BOURDIEU, Pierre **Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2009
- BORNHEIM, Gerd **Introdução ao filosofar**. São Paulo: Editora Globo, 1994
- BORNHEIM, Gerd **Sartre – Metafísica e existencialismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000

- BOSI, Ecléa **Memória e sociedade – Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1994
- BRUCE, Virginia “The expression of femininity in the male”. In: EKINS, Richard e KING, Dave **Virginia Prince. Pioneer of transgendering**. Binghamton, NY: The Haworth Medical Press, p. 21- 27, 2005
- BUTLER, Judith **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. New York: Rutledge, 1993
- BUTLER, Judith **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- BUTLER, Judith **Undoing gender**. New York: Rutledge, 2004
- CASTRO, Edgardo **Vocabulário Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009
- CHAUÍ, Marilena **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2003
- DEBERT, Guita Grin **A reinvenção da velhice**. São Paulo: EDUSP, 2004
- DELEUZE, Gilles **Conversações : 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992
- DELEUZE, Gilles **Empirismo e subjetividade**. São Paulo: Editora 34, 2001
- DENIZART, Hugo **Engenharia erótica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998
- DOCTER, Richard **From man to woman**. Northridge, California: Docter Press, 2004
- DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.
- FAUSTO-STERLING, Anne “Dualismos em duelo”, cadernos pagu 17-18, 2002, p. 9-79
- FOUCAULT, Michel **História da sexualidade I – a vontade de saber**. São Paulo: Graal Editora, 1993
- FOUCAULT, Michel **Em defesa da sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000
- FOUCAULT, Michel **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2007
- FOUCAULT, Michel **Arqueologia do saber**. São Paulo: Forense Universitária, 2008a
- FOUCAULT, Michel **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal Editora, 2008b
- FOUCAULT, Michel **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008c
- FOUCAULT, Michel **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Editora, 2008d

- FRY, Peter **Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985
- FRY, Peter e MCRAE, Edward **O que é homossexualidade.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983
- GEERTZ, Clifford **Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989
- GERGEN, Kenneth Movimento do Construcionismo Social na Psicologia Moderna. *American Psychologist*, v.40, n.33, p. 266-275, março, 1985.
- GILES, Thomas **História do existencialismo e da fenomenologia.** São Paulo: EPU, 1989
- GOFFMAN, Erving **Estigma.** Rio de Janeiro: LTC, 1988
- GOLDENBERG, Miriam **A Arte de Pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 2001
- GREEN, James **Além do carnaval.** São Paulo: UNESP, 2000
- GUATARRI, Félix e ROLNIK, Suely **Micropolítica – Cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 2005
- HAGUETTE, Teresa **Metodologias qualitativas em pesquisas sociais.** Petrópolis: Vozes, 1987
- KAPLAN, Harold *et al.*, **Compêndio de psiquiatria.** Porto Alegre: ARTMED, 2007
- KIMMEL, Douglas **Lesbian, gay, bisexual and transgender aging.** Research and clinical perspectives. New York: Columbia University Press, 2006
- KULICK, Don **Travesti. Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008
- KYOKAI, Bukko Dendo **A Doutrina de Buda.** Tóquio: Fundação para propagação do Budismo, 1982
- LEFRANC, Jean **Compreender Nietzsche.** Petrópolis: Vozes, 2005
- LEITE JUNIOR, Jorge **Das maravilhas e prodígios sexuais.** São Paulo: Annablume/Fapesp, 2006
- LEITE JUNIOR, Jorge **Nossos corpos também mudam. Sexo, gênero, e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico.** São Paulo: Tese de doutorado em Ciências Sociais. PUC - SP, 2008
- MANSANO, Sonia Vargas **Sociedade de controle e linhas de subjetivação.** São Paulo: Tese de doutorado em Psicologia Clínica. PUC - SP, 2007
- MASCARO, Sônia de Amorim **O que é velhice.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1997

- MERCADANTE, Elisabeth Frohlich **A construção da identidade e da subjetividade do idoso**. São Paulo: Tese de doutorado em Ciências Sociais. PUC - SP, 1997
- MERLEAU-PONTY Maurice **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Editora, 2004
- MERLEAU-PONTY Maurice, **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WSF Martins Fontes, 2006
- MINAYO, Maria Cecília *et al.* **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2002
- MINAYO, Maria Cecília **O desafio do conhecimento**. São Paulo: HUCITEC, 2010
- MISKOLCI, Richard “Vivemos uma crise das identidades de gênero?”. In: Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú-MG. CD Encontro Anual da ANPOCS, 2005. v. 1.
- MISKOLCI, Richard “Corpos Elétricos: do assujeitamento à estética da existência”. In: Revista Estudos Feministas, v. 14, p. 681-693, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300006&lng=en&nrm=iso Acessado dia 30/08/2010
- MISKOLCI, Richard (Org.) e SIMÕES, Júlio Assis (Org.). “Dossiê Sexualidades Disparatadas” In: cadernos pagu n.28. 1. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007. v. 1. 284 p.
- MISKOLCI, Richard “A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização”. In: Sociologias. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009. n. 21 p.150-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf> Acessado dia 30/08/2010
- NICOLA, Ubaldo **Antologia de filosofia ilustrada. Das origens à Idade Moderna**. São Paulo: Editora Globo, 2005
- NIETZSCHE, Friedrich **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 1999
- NUNAN, Adriana **A Homossexualidade: dos preconceitos aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro, Caravansarai, 2003.
- PELÚCIO, Larissa “Três Casamentos e algumas reflexões: nota sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem” In: Revista Estudos Feministas, v. 14, p. 522-534, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a12v14n2.pdf> Acessado dia 30/08/2010
- PELÚCIO, Larissa **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009
- PERDIGÃO, Paulo **Existência e liberdade**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1995

- PRINCE, Virginia “Homosexuality, transvestism and transsexuality: Reflections on their ethiology and differentiation”. In: EKINS, Richard e KING, Dave **Virginia Prince. Pioneer of transgendering**. Binghamton, NY: The Haworth Medical Press, p. 17-20, 2005a
- PRINCE, Virginia “Sex versus Gender”. In: EKINS, Richard e KING, Dave **Virginia Prince. Pioneer of transgendering**. Binghamton, NY: The Haworth Medical Press, p. 29-32, 2005b
- PRINCE, Virginia “Transsexuals and Pseudotranssexuals.” In: EKINS, Richard e KING, Dave **Virginia Prince. Pioneer of transgendering**. Binghamton, NY: The Haworth Medical Press, p. 33-37, 2006c
- PRINCE, Virginia “The transcendentals or trans people”. In: EKINS, Richard e KING, Dave **Virginia Prince. Pioneer of transgendering**. Binghamton, NY: The Haworth Medical Press, p. 39-46, 2005d
- PERLONGHER, Néstor **O negócio do michê**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2008
- ROSO *et al.*, “Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais e de gênero”. In: *Psicologia & Sociedade*, vol. 14, n. 2 Porto Alegre, julho/dezembro de 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822000200005 Acessado dia 30/08/2010
- RUBIN, Gayle “Thinking sex: notes for a radical theory in the politics of sexuality”. In: PARKER, Richard e AGGLETON, Peter, (orgs.) **Culture Society and sexuality: a reader**. London and New York: Routledge, 1999
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi **Corpos de passagem**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2001
- SARTRE, Jean Paul **O Ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 2005
- SCOTT, Joan “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16 (2), jul 1990, p. 5-20
- SILVA, Hélio **Travestis: entre o espelho e as ruas**. Rio de Janeiro: Rocco; 2007.
- SIQUEIRA, Mônica Soares. **Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.
- TREVISAN, João Silvério **Devassos no paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- TÓTORA, Silvana “Ética da vida e o envelhecimento” In: CÔRTE, Beltrina *et al.*, **Envelhecimento e velhice: um guia para a vida**. São Paulo, Vetor, 2006
- VELHO, Gilberto **Desvio e divergência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989